

KASSIANA BRAGA

**A SENHORA DONA DA MEMÓRIA: AUTOBIOGRAFIA E MEMORIALISMO EM
OBRAS DE ZÉLIA GATTAI**

Assis

2016

KASSIANA BRAGA

**A SENHORA DONA DA MEMÓRIA: AUTOBIOGRAFIA E MEMORIALISMO EM
OBRAS DE ZÉLIA GATTAI**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista, para a obtenção do título de Mestre em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade).

Orientador: Wilton Carlos Lima da Silva

Assis

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

B813s Braga, Kassiana
A senhora dona da memória: autobiografia e memorialismo em obras de Zélia Gattai / Kassiana Braga. - Assis, 2016.
208 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.
Orientador: Dr Wilton Carlos Lima da Silva

1. Gattai, Zélia, 1916-2008 - biografia. 2. Memória na literatura. 3. Mulheres na literatura. 4. Autobiografia na literatura.
I. Título.

CDD 809.89287

Dedico a presente dissertação à minha mãe, querida Sonia Maria Souza Braga, mulher de grande luta e exemplo de força que sempre me incentivou e apoiou em minhas escolhas para trilhar a caminhada acadêmica.

Ao meu querido pai José Carlos Ferreira Braga (in memoriam) grande homem, e o responsável por me ensinar e instigar o gosto pela leitura e a curiosidade pelo conhecimento histórico.

AGRADECIMENTOS

A presente dissertação é fruto de alguns anos de pesquisa que se iniciou na Iniciação Científica no período da graduação e veio a se desenvolver no mestrado. Agradeço primeiramente, ao professor e orientador Wilton Carlos Lima Silva pela orientação atenta, e pelo apoio e incentivo à pesquisa. Aos professores, Lúcia Helena Oliveira Silva, Milton Carlos Costa pelas sugestões e apontamentos importantes em meu exame de qualificação.

Sou grata aos professores Tania Regina de Luca e Áureo Busetto que ministraram as disciplinas da pós, nos auxiliando com reflexões teóricas e metodológicas que enriqueceu e contribuiu muito para com o desenvolvimento do texto da dissertação.

Devo agradecer também as amigas e amigos Vanessa Pironato, Danieli Mennitti, Benedito Inácio, pela amizade, companheirismo, além das trocas teóricas, e dos momentos em que compartilhamos os nossos medos e angústias. Agradeço pelos momentos de alegria, e dos papos nos intervalos das aulas, ou em outras ocasiões quando era possível.

Sou grata a amizade de Rosiele Silva Pereira e Eugênia Kaça Zilioli, o carinho e a hospitalidade em suas casas, quando precisei de abrigo em diversas ocasiões quando viajava para Assis para cumprir os compromissos com a pós - graduação.

Agradeço as amigas conterrâneas, Camilla Carbinatti, Maurren Moraes e Carla Righe Silveira pela amizade, o incentivo e a força que me deram nessa caminhada acadêmica. A querida amiga Denise Montan, também sou grata pelo incentivo e força de sempre.

Aos meus irmãos, Carlos Braga e Wellington Braga agradeço pela força, pelo amor, carinho, respeito e incentivo as escolhas da irmã caçula. A meu irmão Cristian Braga (in memoriam), o meu maior exemplo de força e superação.

Aos sobrinhos, Karla Naomy Braga e Charles William Braga por acreditarem no trabalho da tia. E a pequena sobrinha Maria Eduarda Braga pela alegria que nos proporciona.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pelo apoio financeiro que foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa.

- Pode ser cisma minha, mas acho que os meus amigos, quando souberam que eu estava escrevendo um livro, ficaram apreensivos. Acho que eles tinham receio que eu fizesse uma imitação de Jorge. Os que não eram meus amigos, provavelmente, estavam me gozando, porque o preconceito existe. Sempre acham que as mulheres de homens famosos são burras e idiotas. Eu por exemplo, se estou com Jorge em algum lugar, procuro ficar na sombra, porque as pessoas têm interesse em falar com ele. Daí a impressão, talvez de burrice. Mas essas pessoas não sabem que existe amor, afinidade, troca de ideias, intercâmbio de sensações, e que ficar apagada é uma opção. De certa forma, as coisas mudaram muito para mim depois de Anarquistas. Já não sinto mais o pé atrás, e nem me ignoram tanto quanto antes, como aconteceu muitas vezes... (JORNAL GAZETA, 1984, p. 01).

Referência: ZÉLIA GATTAI, a autora de “Anarquistas, graças a Deus”. A Gazeta, Vitória, 14 de maio, 1984. Caderno 2, p. 1.

BRAGA, Kassiana. A Senhora Dona da Memória: Autobiografia e Memorialismo em obras de Zélia Gattai. 2016. 208 f. Dissertação f. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2016.

RESUMO

A presente pesquisa consistiu nas análises de cinco obras memorialísticas da escritora Zélia Gattai: *Anarquistas graças a Deus* (1979), *Um Chapéu para a Viagem* (1982), *Senhora Dona do Baile* (1984), *Jardim de Inverno* (1988) e *Città di Roma* (2000).

A autora adentrou ao campo literário tardiamente aos 63 anos de idade, pois antes de ser escritora desenvolveu o trabalho como revisora e datilógrafa do esposo, Jorge Amado, desde *Seara Vermelha*, publicado em 1946, além de dedicar-se a arte fotográfica a partir do exílio europeu (1948-1952), atividade que desenvolveu por toda a sua vida.

A pesquisa, teve enfoque no memorialismo da autora a partir do final da década de 1970 até o final do século XX, aborda tanto a prática da construção de si em seus textos autobiográficos quanto um mapeamento da construção de sua memória, a partir de alguns documentos e periódicos, o que acredita-se permite caracterizar em sua trajetória o protagonismo que lhe permitiu adentrar alguns espaços pouco ocupados por mulheres, e a realizar-se profissionalmente, afirmar-se para além do papel de esposa de um ilustre escritor.

Palavras Chave: Zélia Gattai, Memorialismo, Autobiografia, Construção de si.

BRAGA, Kassiana. Lady's Memory: Autobiography and Memorialism in the books of Zélia Gattai. 2016. 208 f. Dissertation f. Dissertation (Master's in History). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2016.

Abstract:

This research consists of the analysis of five memoirs by writer Zélia Gattai: *Anarchists, Thank God (Anarquistas graças a Deus)* (1979), *A Hat for a Voyage (Um Chapéu para a Viagem)* (1982), *The Lady of the Ball (Senhora Dona do Baile)* (1984), *Winter Garden (Jardim de Inverno)* (1988) and *Città di Roma* (2000).

The author entered the literary field late, at 63 years of age, because before becoming a writer, she worked as a proofreader and typist for her husband, Jorge Amado, since *Red Field (Seara Vermelha)*, published in 1946, other than dedicating herself to the art of photography, which she took up during the european exile (1948 – 1952), an activity she pursued throughout her whole life.

The reasearch, focused on the memorialistic aspect of the author, going from the late nineteen seventies to the end of the twentieth century, addresses both the construction of the self in her autobiographic texts and a mapping of the construction of her memory, with the help of some documents and periodicals, which we believe will allow us to characterize, in her trajectory, the prominence that allowed her to penetrate spaces rarely occupied by women, and to be professionally accomplished, establishing as more than the wife of an illustrious writer.

Keywords: Zélia Gattai, Memorialism, Autobiography, Construction of the self.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Zélia Gattai antes de ser escritora

Figura 2- Zélia Gattai antes de ser escritora

Figura 3- Jorge Amado e o amigo Alfredo Machado

Figura 4- Caricatura apresentando a disputa para a vaga na ABL entre Joel Silveira e Zélia Gattai

Figura 5- Angelina e Ernesto Gattai

Figura 6- Dealma e Arnaldo Gattai

Figura 7- Piquenique em Santos, 1913

Figura 8- Zélia e os irmãos

Figura 9- Zélia no grupo escolar

Figura 10- Livrinho escrito por Paloma Amado em comemoração ao aniversário da mãe Zélia Gattai

Figura 11- Livrinho escrito por Paloma Amado em comemoração ao aniversário da mãe Zélia Gattai

Figura 12- Capa do livro Reportagem Incompleta

Figura 13- Entrevista de Zélia para o jornal do Brasil. 06. Mai.1982

Figura 14- Fotografia de Zélia Gattai e Jorge Amado, primeira foto com dispositivo automático

Figura 15- Fotografia dona Eulália, Jorge Amado e João Amado

Figura 16- Fotografia da filósofa Anna Seguers e Jorge Amado

Figura 17- Fotografia de Nanci Caymmi, Dorival Caymmi e Jorge Amado

Figura 18- Fotografia João Jorge Amado, Cecília, Paloma Amado e Mariana

Figura 19- Capa do livro Códigos de família

Figura 20- Capa do livro Jorge Amado – um baiano romântico e sensual

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Obras de Zélia Gattai

Tabela 2- Algumas traduções dos livros da autora

Tabela 3- Premiações da escritora Zélia Gattai

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 ESCRITA(S) DE SI, ESCRITA(S) DO MUNDO: ALGUNS APONTAMENTOS.	18
1.1 O <i>Boom</i> (auto) biográfico.....	18
1.2 (Auto)biografia, memória, ficção e testemunho em Zélia Gattai	29
1.3 De esposa à autora: a busca por um “lugar ao sol”.....	32
1.4 Um memorialismo no feminino.	61
2 ZÉLIA GATTAI: TEMAS DE UM MEMORIALISMO.	73
2.1 O anarquismo na bagagem	73
2.2 O Estado Novo.....	92
2.3 Jorge (sempre) Amado e o Brasil.	97
2.4 O exílio europeu (1948-1952).	101
2.5 Utopia e realidade política: crítica ao stalinismo.....	129
3 A MENINA ATREVIDA: A CONSTRUÇÃO DE SI	150
3.1 “Eu nasci com a estrela”: as origens.	150
3.2 Esposa e guardiã da memória.....	160
3.2.1 Datilógrafa e revisora.	160
3.2.2 A Fotógrafa.....	167
3.2.3 A Fundação Casa de Jorge Amado.	174
CONCLUSÃO	186
ANEXOS	189
FONTES:	193
PERIÓDICOS:	194
BIBLIOGRAFIA.....	196

INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado, intitulada *A senhora dona da memória: autobiografia e memorialismo em obras de Zélia Gattai* está dividida em duas partes. Tendo como intuito apresentar as investigações que foram realizadas, levando em conta os procedimentos teórico-metodológicos aplicados, as temáticas discutidas ao longo da pesquisa bem como as discussões historiográficas recentes acerca da temática e a segunda parte está constituída pelo primeiro capítulo pretendido para a dissertação, intitulado *Escritas de si – escritas do mundo – (Auto) biografia e escritas afins: alguns apontamentos teóricos*, dividido em quatro itens.

Inicialmente, o objetivo desta pesquisa foi discutir as principais referências teóricas atuais relacionadas às escritas de si como a biografia, a autobiografia e os seus subgêneros como o diário íntimo, os testemunhos e as memórias, recuperando em importância o período em que esses relatos de vida começaram a ser valorizados como fonte histórica no Brasil, a saber, a década de 1970.

Tomamos como fontes de referência as cinco publicações da escritora Zélia Gattai, produzidas no período entre 1979 e 2000, compreendendo historicamente as publicações no contexto do *boom* biográfico brasileiro. O intuito principal foi o de analisar a sua escrita autobiográfica e as particularidades do seu memorialismo, as temáticas abordadas, os objetivos de sua escritura, bem como os aspectos editoriais, sociais e econômicos referentes ao processo de suas publicações no Brasil e no exterior.

Em se tratando de uma *literatura híbrida* o memorialismo da escritora é composto pela escrita autobiográfica, quando centrada em si, sendo biográfico por contemplar as histórias coletivas das pessoas com quem teve contato ao longo de sua vida como familiares, seu esposo, pessoas comuns e notáveis como poetas, filósofos, artistas, entre outras pessoas.

Dentro de um momento de abertura literária para os gênero biográfico lançou sua primeira publicação, *Anarquistas graças a Deus*, no ano de 1979 juntamente com os lançamentos de outras escritoras do período, mudando o quadro literário composto majoritariamente por homens; na ocasião, logrou um espaço importante no campo das letras, expandindo seu público leitor, inclusive o feminino. Esta sua primeira publicação está imbricada em um contexto de muitas mudanças de ordem econômica, editorial, social e cultural, atingindo a condição feminina em diversos campos, do pessoal ao profissional.

Situando-se no momento de abertura política ocorrida no Brasil no final da década de 1970 que permitiu a publicação de uma literatura mais engajada, os escritores e escritoras do período, inclusive Zélia, não sofreram as consequências ocorridas anos antes com seus pares, quando a ditadura civil militar controlava suas publicações, fiscalizando-os e prendendo os responsáveis, censurando os seus livros que tinham conteúdo político ou que contestavam o poder vigente. Deste modo, o período fora propício para o lançamento de obras com temáticas voltadas ao passado triste e cruel representado pelo período do regime militar, entre outros momentos da história brasileira; foi então que cresceu o número de lançamentos de ex-militantes de esquerda, literatos e literatas com uma consciência política mais apurada, expondo suas vivências, denunciando os abusos que vivenciaram, construindo memórias individuais e coletivas na medida em que iam tecendo suas narrativas.

O final da década de 1970 foi marcado por um crescimento editorial significativo, onde os editores começaram a investir em equipamentos modernos, aumentando o número de funcionários, vendendo livros com intuito puramente de atendimento ao mercado consumidor; o livro era visto como mercadoria, um produto pronto para a venda. Esta lógica passa a ser adotada pela Editora Record, para a qual Zélia Gattai publicara, lançando no Brasil e no exterior, livros de vários gêneros literários, destacando homens e mulheres como Jorge Amado, Zélia Gattai, Lya Luft, entre outros importantes escritores brasileiros.

Ao focarmos a publicação literária de uma escritora brasileira não podemos deixar de observar também as publicações das mulheres do período, uma vez que ocorrera um aumento expressivo de lançamentos devido à emancipação feminina tão pleiteada pelo movimento feminista e pelos movimentos sociais. A partir deste dado, analisamos a *escrita de autoria feminina* debatida na década de 1970, tentando compreender se há uma escrita particularmente feminina que venha a distinguir-se da escrita masculina.

Por meio dos elementos destacados podemos perceber a trajetória pessoal e profissional da autora, assim como as peculiaridades de suas obras, levando em conta o *boom* biográfico do momento, o aumento das publicações femininas e os fatores sociais, econômicos, culturais e editoriais que estão intimamente relacionados à pesquisa em questão. Para tanto, extraímos a partir da análise de seus livros e dos periódicos escolhidos mais a bibliografia referente aos temas levantados, um panorama sobre a escrita de si e a produção editorial feminina no Brasil.

Deste modo, buscamos responder ao nosso intuito primordial e testar a hipótese de que há nas obras de Zélia Gattai um memorialismo, ou seja, trata-se de uma literatura híbrida

por contemplar aspectos autobiográficos, biográficos e construções de memórias das inúmeras pessoas que abordou em suas publicações.

O desenvolvimento da pesquisa, no que se refere à questão metodológica, se deu a partir da análise sistemática dos elementos textuais e editoriais por meio de alguns periódicos (jornais e revistas) coletados na Fundação Casa de Jorge Amado (FCJA), situada na cidade de Salvador-BA, que abordam a trajetória de vida ou mesmo a obra da escritora em questão. Completam também este rol de fontes analisadas as cinco obras da escritora: *Anarquistas, graças a Deus* (1979); *Um chapéu para viagem* (1982); *Senhora dona do baile* (1984); *Jardim de inverno* (1988) e *Città di Roma* (2000).

Por meio da análise das fontes literárias e também dos periódicos mapeamos em um primeiro momento a trajetória de vida bem como as peculiaridades de sua escrita autobiográfica, biográfica, testemunhal e memorialista. Tais informações coletadas são pautadas pelo contexto histórico e editorial desde o início de sua carreira em finais da década de 1970, mais precisamente no ano de 1979, quando publica sua primeira obra. Deste modo contamos com algumas informações coletadas no meu projeto de Iniciação Científica¹ e em referências bibliográficas pautadas no debate teórico sobre as escritas de si, além do *boom* biográfico e autobiográfico brasileiro e sobre as questões relacionadas à emancipação feminina durante a década de 1970.

Faz-se necessário estabelecer como tais informações foram coletadas e como foram desenvolvidas na dissertação. Desse modo, estabelecemos de forma geral a estrutura do texto da presente dissertação que está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo intitula-se *Escritas de si – escritas do mundo – (Auto) biografias e escritas afins: alguns apontamentos teóricos* e está dividido em quatro itens: O *boom* (Auto) biográfico; (Auto) biografia, memória(s), ficção e testemunho em Zélia Gattai; De esposa a autora: a busca por “um lugar ao sol”; e, por último, O memorialismo feminino.

No primeiro capítulo apresentamos uma discussão teórica, referente aos vários tipos de escritas de si possíveis, como a biografia, a autobiografia, os diários, bem como os testemunhos, levando em conta o momento em que tais relatos de vida foram considerados

¹ Projeto de iniciação científica intitulado *A senhora dona da memória: autobiografia e construção de memórias em dois livros de Zélia Gattai: Anarquistas graças a Deus (1979) e Um chapéu para viagem (1982)*, desenvolvida no período de 2010 a 2012 sob orientação do Prof. Dr. Wilton Carlos Lima da Silva, docente da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, campus de Assis, fomentada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ).

objetos e fonte de estudos para os historiadores e cientistas sociais no Brasil no contexto do *boom* biográfico e autobiográfico ocorrido a partir da década de 1970.

Em um segundo momento o foco concentra-se na análise das particularidades da escrita de Zélia Gattai, na busca por compreender como ela tece sua narrativa e expõe suas lembranças e quais os temas que abordou ao longo de suas páginas, enfatizando quais foram as pessoas que a partir de sua escrita ajudaram-nas a construir as suas memórias.

No terceiro item do capítulo buscamos pelo entendimento da representação dada a ela em alguns periódicos veiculados no país antes e depois de tornar-se uma escritora consagrada, destacando a sua trajetória de vida, os papéis sociais cumpridos, o seu trabalho como revisora auxiliando seu esposo, bem como o início de sua carreira até a conquista da Academia Brasileira de Letras, levando em conta o período em que esteve inserida e as transformações que ocorreram na vida das mulheres de seu tempo com a luta pela emancipação feminina.

No quarto e último item analisamos o aumento de publicações femininas no mercado editorial e o motivo que ocasionou essa mudança, levando em conta as questões de ordem econômica e social, bem como a luta do movimento feminista e dos movimentos sociais que estavam a todo vapor na década de 1970. O intuito é perceber algumas particularidades dessas escritoras que adentraram o campo literário, publicando suas obras autobiográficas, biográficas, os seus romances, contos, entre outros gêneros literários a partir das seguintes indagações: *Quem são essas escritoras? O que publicam?* Neste sentido, a partir da análise do quadro social e das publicações femininas poderemos perceber algumas mudanças na condição da mulher no que se refere a sua vida pessoal e, sobretudo, profissional.

O objetivo central deste capítulo é analisar a construção das memórias que a escritora produziu de si e de outras pessoas a partir de sua narrativa, pontuando os indivíduos que conheceu ao longo de sua vida, dentre eles importantes intelectuais, pintores, poetas e poetisas, filósofos e pessoas com as quais se debruçou a tecer suas histórias, contando suas vidas, seus anseios, medos e alegrias. Por meio de sua narrativa analisaremos o intuito de sua escrita memorialística, bem como o legado que gostaria de deixar para a posteridade sobre a sua experiência em diferentes países, no contato com estrangeiros, costumes e hábitos de vida distintos, bem como regimes políticos autoritários na Europa, histórias de vida tristes, conflitos sociais, problemas de ordem material que ela própria passou, entre outros assuntos.

No segundo capítulo *Zélia Gattai: temas de um memorialismo* analisamos a forma que se reinventa por meio de sua narrativa. No primeiro item intitulado *Anarquismo na*

bagagem, o objetivo central foi o de discutir o anarquismo como manifestação política, tema recorrente em dois livros sobre os quais nos debruçamos, quais sejam: *Anarquistas graças a Deus* (1979) e *Città di Roma* (2000). Com a análise destes dois livros conseguimos mapear os assuntos que abordou a construção de si a partir de sua descendência italiana, em que além de narrar, seleciona algumas fotografias no lançamento de 2000 organizando o sentido que pretendeu dar a sua existência a partir dos referenciais ideológicos dos seus antepassados.

Levamos em conta, como se construiu em sua narrativa se posicionando como uma mulher que tem uma ascendência italiana e que teve acesso desde sempre aos bens culturais proporcionados pelos pais e avós.

No segundo item, o *Estado Novo*, analisamos esse tema em que se mostra bastante presente em suas obras desde o primeiro lançamento e também nos últimos. Trata-se de narrar a história do pai Ernesto Gattai que fora preso no final da década de 1930. Desse modo, a autora se debruça a discutir esse momento de tensão que o pai e seus familiares vivenciaram nesse contexto.

No terceiro item, intitulado: *Jorge (sempre) amado e o Brasil* discutimos ao longo das páginas a construção biográfica do esposo Jorge Amado pela escritora que explora a sua trajetória pessoal e profissional, enquanto escritor consagrado e como político extremamente militante.

No quarto item, intitulado: *Exílio Europeu (1948-1952)*: trataremos sobre o exílio do casal Amado na Europa em meados da década de 1940. Esse tema carece de um capítulo específico, uma vez que é recorrente em suas obras, sobretudo em: *Um chapéu para viagem* (1982), *Senhora dona do baile* (1984) e *Jardim de inverno* (1988). Desse modo, analisamos tais obras em que se debruça a relatar a experiência do exílio na França num primeiro momento e depois na Tchecoslováquia. Desse modo, a partir de sua narrativa pudemos mapear o contexto histórico, a sua rede de relações e a do esposo, bem como as viagens que fizeram a vários países.

No quinto item intitulado *Utopia e realidade política: crítica ao stalinismo* analisaremos as suas vivências fora de seu país de origem. O objetivo foi o de analisar as obras em que a sua narrativa ganha um aspecto mais “politicado” informando sobre os acontecimentos dos quais participou, sobre suas aspirações ideológicas, suas preferências políticas, o seu modo de ver e compreender o mundo a partir de suas próprias experiências com o contato com realidades inimagináveis até então, no que diz respeito ao tão idealizado

por ela, por seu esposo e por seus companheiros de ideais: o *sonho socialista*. O foco foi o de perceber como Zélia tece a sua narrativa informando suas frustrações frente a alguns acontecimentos que fizeram com que a ela, entre muitas outras pessoas, mudasse o modo de perceber alguns modelos políticos que já não mais correspondiam aos seus valores, rompendo com ideologias antigas e mudando a forma de ver e sentir o mundo, abrindo um novo campo de visão sobre as questões relacionadas à política e, sobretudo, à própria vida humana nos meados da década de 1940.

No terceiro capítulo intitulado: *A menina atrevida: a construção de si* analisamos a sua construção autobiográfica a partir das suas aspirações pessoais e os temas abordados. Nesse momento, o foco foi o de perceber a forma que a autora se constrói e os ofícios que desenvolveu ao longo de sua vida a fim de alcançar o seu tão almejado “lugar ao sol”.

Desse modo, levamos em conta no segundo item: *Datilógrafa e Revisora*, o seu outro lado profissional em que se debruçou a ajudar o marido em seu trabalho literário, datilografando e revisando as suas obras desde o lançamento de *Seara Vermelha* no ano de 1946. No terceiro e último item, intitulado *Fotógrafa*, analisamos a trajetória de Zélia Gattai enquanto fotógrafa, atividade que começou a desenvolver por pura distração durante o exílio europeu e que vai continuar praticando ao longo de sua vida, fotografando o esposo, os seus amigos e familiares. Nesse último capítulo ainda, nos debruçamos a discutir a Fundação Casa de Jorge Amado (FCJA), inaugurada em 1987, sendo o acervo em que está a maioria dos documentos como os livros, os manuscritos, correspondências, postais, entre outros materiais do escritor Jorge Amado. Além disso, nesse espaço também se encontra a maioria das fotografias produzidas por Zélia que serão discutidas ao longo da presente dissertação.

1 ESCRITA(S) DE SI, ESCRITA(S) DO MUNDO: ALGUNS APONTAMENTOS.

1.1 O *Boom* (auto) biográfico

A partir da década de 1970, no Brasil e em outros países, houve um considerável aumento do número de publicações no mercado editorial de livros com caráter

autobiográfico e biográfico, embora de predomínio na literatura considerada masculina mais que na feminina, mostrando uma ampliação da representação literária e social, uma vez que as publicações anteriores a este período orbitavam em maior quantidade em torno das escritas de literatos.

O gênero da autobiografia é focado na narrativa individual, na história de uma vida construída a partir das lembranças do sujeito. E abrange também outras categorias de escritas de si, organizadas em subgêneros, que são os diários, o autorretrato, os testemunhos, as memórias e as correspondências, também denominadas pela teoria literária de “literatura confessional” ou “literatura íntima”. Além das narrativas de si há também a biografia, outro gênero que tem sido muito discutido em diversas áreas preocupadas com a temática da narração das experiências de vida, como coloca-nos Dosse (2009):

Gênero híbrido, a biografia se situa em tensão constante entre a vontade de reproduzir um vivido real passado, segundo as regras da mimese, e o polo imaginativo do biógrafo, que deve refazer um universo perdido segundo sua intuição e talento criador. Essa tensão não é, decerto, exclusiva da biografia, pois a encontramos no historiador empenhado em fazer história, mas é guindada ao paroxismo no gênero biográfico, que depende ao mesmo tempo da dimensão histórica e da dimensão ficcional. (DOSSE, 2009, p. 55).

Dosse (2009) defende que os gêneros que versam sobre a escrita de si formam um campo complexo, cheio de conflitos entre a imaginação e o real, entre a verdade e a ficção, que devem ser levados em conta em qualquer análise do relato, como documento histórico ou mesmo literário, uma vez que não há possibilidade de se contar uma vida com plena correspondência ao vivido, pois quando se conta recorre-se à memória, que é falha, passível de erros. Deste modo, é a narrativa uma síntese do real e se as pessoas recorrem à imaginação para contar é com o intuito de escrever uma história de vida organizada cronologicamente, com começo, meio e fim como também nos aponta Bourdieu:

Essa vida organizada como uma história transcorre segundo uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até seu término, que também é um objetivo. O relato seja ele biográfico ou autobiográfico, como o do investigado que se “entrega” a um investigador, propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica (quem já coligiu histórias de vida sabe que os investigados perdem constantemente o fio da estrita sucessão do calendário), tendem ou pretendem organizar-se em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis. O sujeito e o objeto da biografia (o investigador e o investigado) têm de certa forma o mesmo interesse em aceitar o postulado da existência narrada (e implicitamente, de qualquer existência). Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar

sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência, estabelecendo relações inteligíveis, como a o efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário (BOURDIEU, p. 184).

Essa organização “coerente” não consegue dar conta do vivido, que é muito mais complexo e fragmentado, ou seja, essa tentativa de escrever uma vida linear seria uma ilusão biográfica.

Em nossos dias, tais modalidades de escritas têm sido investigadas por historiadores, literatos e cientistas sociais, entre outros, abrindo um leque de possibilidades para pesquisas dentro do tema, pois as várias formas de narrativas do eu são tidas como fontes que nos permitem uma leitura do social e diferentes interpretações acerca da produção narrativa de quem se debruçou a escrever sobre si ou sobre outrem.

No campo historiográfico essas investigações foram, e tem sido possíveis, devido a uma abordagem inovadora para esses novos objetos a partir do século XX e às mudanças teórico-metodológicas concernentes a disciplina histórica. Tal perspectiva fez com que os objetos, os métodos, bem como as teorias fossem ampliados de modo que as escritas de si, de cunho biográfico ou autobiográfico começassem a ser investigadas com mais interesse, incorporando contribuições da teoria literária, da psicologia, da sociologia, da antropologia e da filosofia.

Dentro deste conjunto, cada um dos gêneros apresentados possui as suas particularidades no que se refere aos objetivos de sua produção, na forma de sua escrita e nas experiências dos indivíduos abordados, sendo inúmeros e distintos os fatores que motivam os indivíduos a escrever a sua trajetória de vida, o que envolve, muitas vezes, questões de ordem pessoal, coletiva, intelectual, de gênero ou mesmo política.

A escrita de si, por vezes, pode ser praticada com um intuito mercadológico, em tom testemunhal, no sentido de querer relatar algum fato que se vivenciou, registrar um acontecimento que se julgue importante para conservar uma lembrança, ou mesmo, reparar alguma identidade machucada. A escrita autobiográfica seria um método de formação, pois narrando o ser humano aprende a documentar sua experiência no passado e no presente.

Na mesma perspectiva, no sentido de escrever com intuito documental, a autobiografia é a prática mais bem acabada do arquivamento, que é ordenada em uma narrativa que determina o sentido que o autor pretende dar a sua vida. Sendo assim, arquivar a própria vida é pôr-se no espelho, “é contrapor à imagem social a imagem íntima de si

própria, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência.” (ARTIÈRES, 1998, p. 11).

O fragmento anterior nos desperta a noção de que toda escrita biográfica ou autobiográfica nunca é publicada sem algum motivo específico; há sempre uma intencionalidade, uma motivação, não sendo em hipótese alguma uma publicação neutra, sem motivos concretos. A prática da escrita individual, biográfica, autobiográfica, ou mesmo a escrita de um diário ou um testemunho são práticas subjetivas, que inevitavelmente constroem memórias individuais, coletivas ou mesmo esquecimentos a partir das lembranças de quem se propôs a narrá-las:

A biografia enquanto relato é o resultado de memórias (ou mesmo esquecimentos) coletivas, individuais e sociais, constantemente negociadas e processadas, com vínculos com mitos, saberes, fazeres e tradições que se corporificam a partir de relações particulares com o tempo e o espaço, que não são simplesmente atos de resgate, mas de reconstrução do passado a partir de referenciais atuais. (SILVA, 2014, p. 3).

Os relatos de vida têm sido investigados há algumas décadas por estudiosos como Georges Gusdorf e Philippe Lejeune, François Mauriac, Paul de Man, Leonor Arfuch, Sabina Loriga, Alba Olmi, entre outros, que também se debruçaram a compreender a autobiografia e os seus subgêneros.

Para Lejeune (2008) a autobiografia seria uma narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando evidencia a sua história individual, e em particular na história de sua própria pessoa focando, sobretudo, a sua personalidade, que segundo ele, se difere das memórias, do romance pessoal, do diário, entre outros gêneros.

Ao debruçar-se sobre o gênero autobiográfico elencou algumas particularidades que o caracteriza, como a relação entre o autor, o narrador e o personagem, ou seja, o pacto autobiográfico, tendo como grande importância o nome próprio do autor assinado em seu livro, afirmando a sua autoria e um contrato social com o leitor:

É nesse nome que se resume toda a existência do que chamamos de autor: única marca no texto de uma realidade extratextual indubitável, remetendo a uma pessoa real, que solicita, dessa forma, que lhe seja, em última instância, atribuída a responsabilidade da enunciação e todo o texto escrito. Em muitos casos a presença do autor no texto se reduz unicamente a esse nome. Mas o lugar concedido a esse nome é capital: ele está ligado, por uma convenção social, ao compromisso de responsabilidade de uma pessoa real, ou seja, de uma pessoa cuja existência é atestada pelo registro em cartório e verificável. (LEJEUNE, 2008, p. 23).

Na concepção de Lejeune sendo a autobiografia a narrativa que conta a vida de um determinado autor, deverá ocorrer uma identidade entre esse autor e o narrador de quem está sendo relatado.

Apesar das particularidades dessas escritas de si, muitas vezes elas se entrecruzam, por isso o limite entre um tipo de escrita e outra é bastante tênue.

Segundo Remédios (1997) “[...] o diário íntimo diferencia-se da autobiografia quando se observa a perspectiva de retrospectiva, pois há menor distância temporal e espacial entre o eu, o vivido e o registro desse vivido pela escrita.” (p. 14). Em sua concepção, não existe no diário o pacto entre o autor e o leitor, o que o distancia ainda mais da autobiografia.

Uma das características centrais do diário é a prática de anotação da data no dia em que ocorreu a escrita; na ausência deste registro datado, este documento torna-se uma simples caderneta, segundo o autor. Além disso, de uma forma geral, “há sempre vestígios dentro dele, como flores, folhas soltas, desenhos, grafismos, entre outros objetos, o que seria uma forma de fixar o tempo em seu momento de origem.” (LEJEUNE, 2008, p. 260).

Na escrita de um diário, como aponta Hervot (2013) o intuito é narrar os momentos e as lembranças de um dia ou acontecimento específicos e, pelo autor, não há preocupação com o futuro nem mesmo em ser um escritor (a):

Em resumo, o diário está ao alcance de todos: em algum momento da vida, o sujeito escreve sobre os acontecimentos de sua existência, sem com isso, ser necessariamente um grande escritor. Esses escritos nem sempre se tornam uma verdadeira obra no sentido literário da palavra. Constituem, muitas vezes, apenas fragmentos de uma vida nos quais seu autor se contenta em fixar alguns instantes da memória sem se comprometer profundamente com o futuro, isto é, expondo a realidade autossuficiente do indivíduo em seu estado primitivo. (GUSDORF apud. HERVOT, 2013, p. 108).

Neste sentido Gusdorf (apud. HERVOT, 2013) dialoga com Lejeune (2008), pois ambos defendem que na escrita do diário existe um interesse em publicar informações a respeito de si no momento de sua escrita, não levando em conta o futuro; a ideia é registrar os sentimentos e acontecimentos que se vivenciou. Contudo, o objetivo não é de apenas registrar, é também de fixar o tempo, desabafar, pois o diário “torna-se um espaço propício para expor os sentimentos, as lamentações, as decepções, as melancolias, tristezas e alegrias, sendo um refúgio ‘milagroso’ que contribui muito para o equilíbrio individual e a paz social.” (LEJEUNE, 2008, p. 262).

Essas motivações que levam à escrita de um diário, como exposto anteriormente, são complexas e giram em torno de interesses vários, sendo fragmentário, necessitando de uma

elaboração secundária quando é destinado à publicação. “Nasce, sobretudo, como resposta a motivações frequentemente complexas e com funções particulares e variadas.” (OLMI, 2006, p. 76).

Em um viés pautado no autoconhecimento Olmi (2006) entende a escrita de um diário como um ato cognitivo capaz de fazer com que o sujeito que escreve se reconheça para, a partir disso, assumir um ponto de vista a respeito de si ou mesmo a respeito de sua vida. “Pode voltar-se para o exterior e registrar reflexões políticas, históricas, sociais, morais ou outras.” (SOUZA, 1997, p. 127).

Para Gusdorf (apud. HERVOT, 2013) são importantes as divergências entre os gêneros, uma vez que eles partilham da mesma perspectiva no sentido de ser uma escrita individual:

[...] vale notar que para Gusdorf, as fronteiras que separam os gêneros não são precisamente delimitadas, nem rigorosamente fixas. E tal não tem importância, já que o interesse maior do crítico recai sobre a manifestação da humanidade que os textos do eu expressam. Todos têm o mesmo objetivo: revelar o ser. Por essa razão não se excluem, bem ao contrário, se complementam. (HERVOT, 2013, p. 109).

Na leitura desta autora não importam as distinções em que se separam os subgêneros que compõem o gênero autobiográfico; a questão pontual é que eles representam e revelam de maneiras plurais o indivíduo, pois se trata de escritas de si, escritas que traduzem as particularidades que os unem nesse aspecto.

Conforme aponta-nos Gomes (2004) os livros de caráter biográfico e autobiográfico denotaram expressiva publicação no Brasil e em outros países desde a década de 1980, sendo que nas décadas anteriores também já havia livros do gênero, embora não fossem escritos com a mesma intensidade. Nesse sentido, o autor entende que foi neste período que começou a se lançar tais livros que versavam sobre as ditas “escritas de si”, pois havia tanto um público muito interessado em escrever e ler sobre as histórias de vidas de pessoas ilustres, como é o caso da publicação dos livros sobre a vida de Lima Barreto e de Luís Carlos Prestes, “quanto um público com grande interesse em pesquisar tais trajetórias de vidas, em menor grau, no âmbito acadêmico.” (GOMES, 2004, p. 7).

Naquele momento, a princípio, Gomes defendia que antes da década de 1980 ainda não eram frequentes as pesquisas históricas a partir desses tipos de escritas, uma vez que ela ainda não era considerada uma fonte privilegiada, sendo pouco vista como um objeto histórico. “No entanto, as pesquisas relacionadas a tais assuntos começaram a ser mais valorizadas quando se constituíram centros de pesquisas e documentações com o intuito de

guardar e de preservar os documentos privados, de pessoas ‘ilustres’ e ‘homens comuns’.” (GOMES, 2004, p. 10). Homens comuns se referem àqueles homens que não possuíam uma trajetória de relevo do ponto de vista político, econômico e social; no entanto, estes também foram alvo de pesquisas. Os interesses, antes deste período, giravam em torno dos homens renomados e notáveis como políticos, grandes literatos, reis e rainhas, sendo a história sempre vista de cima para baixo, e não ao contrário, como pontua Dosse:

A biografia, durante muito tempo, se limitou a transcrever o percurso de homens ilustres, deixando de lado o homem comum, tributário das decisões dos poderosos. A crítica desse privilégio concedido aos estratos superiores da sociedade gerou uma historiografia que reorientou seu olhar para as massas e as lógicas coletivas. A escola dos Annales contribuiu em muito para essa reavaliação dos mudos da história, daqueles que nela só deixaram traços indiretos (DOSSE, 2009, p. 297).

Diante de tal situação, os historiadores tiveram que acrescentar novos objetos, fontes e metodologias às suas pesquisas, levando em conta a grande questão subjetiva da interpretação que existe nos tipos de escritas de si.

Em outra perspectiva Sarlo (2007) contrapõe-se a concepção de Gomes (2004) no sentido de que o interesse da escrita de si e as novas abordagens, bem como os usos dos novos objetos historiográficos, surgiram com mais intensidade a partir da década de 1990 por conta da constituição dos arquivos. Para Sarlo (2007), as mudanças teóricas e metodológicas começam a aparecer anteriormente, em meados das décadas de 1960 e 1970, a partir dos estudos culturais e da sociologia da cultura:

Tomando-se em conjunto essas inovações, atual tendência acadêmica de bens simbólicos que propõe a reconstituir a textura da vida e a verdade abrigadas na rememoração da experiência, a revalorização da primeira pessoa como ponto de vista, a reivindicação de uma dimensão subjetiva que hoje se expande sobre os estudos do passado e os estudos culturais do presente, não são surpreendentes. São passos de um programa que se torna explícito, porque há condições ideológicas que o sustentam. Contemporânea do que se chamou nos anos 1970 e 1980 de “guinada linguística” ou muitas vezes acompanhando-a como sua sombra, impôs-se a “guinada subjetiva”. (SARLO, 2007, p. 18).

Sarlo (2007) aponta-nos que a partir dessas mudanças internas aos estudos culturais, os historiadores e cientistas sociais investigaram as histórias de vidas das pessoas comuns da sociedade e os seus conflitos de ordem social e psicológica. Nesse sentido foram analisados o campesinato, as festas populares, as questões que envolviam a loucura, a criminalidade, a possessão, a bruxaria, dentre outros assuntos:

A década dos anos 1970 assistiu à irrupção de novos sujeitos coletivos com seus próprios modos de ser no cenário latino-americano (mulheres, homossexuais, minorias étnicas, refugiados etc.). E encontrou sua expressão no auge da fala de si. (FRANCO, 2005, p. XI – tradução livre).²

Conforme aponta-nos Sarlo (2007), “as pessoas comuns começaram a ser ouvidas e percebidas como sujeitos históricos, capazes de protagonizar negociações, transgressões e variantes.” (p. 16).³ Neste período houve intensa preocupação em refletir sobre os documentos testemunhais (testemunhos) surgidos a partir do término das ditaduras-militares na América Latina, prática muito comum em países como a Argentina, o Chile e o Uruguai. Neste contexto, esses testemunhos revelam as escritas de pessoas que participaram ou que tiveram algum contato ou algum familiar que havia vivenciado algum tipo de violência, exílio, prisão, sequestro, tortura ou morte ocasionada por militares.

Tais documentos não foram escritos apenas no período da ditadura militar na América Latina; também durante e após os regimes totalitários como o nazismo e o fascismo algumas pessoas também escreveram suas memórias, relatando e denunciando o que haviam passado. Sarlo (2007) os entende como instrumentos políticos capazes de mostrar as atrocidades que o Estado foi capaz de fazer contra os homens e mulheres que lutavam contra o seu poder, além de fazer com que este seja responsabilizado legalmente por seus atos:

O testemunho possibilitou a condenação do terrorismo de Estado; a ideia do “nunca mais” se sustenta no fato de que sabemos a que nos referimos quando desejamos que isso não se repita. Como instrumento jurídico e como modo de reconstrução do passado, ali onde outras fontes foram destruídas pelos responsáveis, os atos de memória foram uma peça central da transição democrática, apoiados às vezes pelo Estado e, de forma permanente, pelas organizações da sociedade. Nenhuma condenação teria sido possível se esses atos de memória, manifestados nos relatos de testemunhas e vítimas, não tivessem existido. (SARLO, 2007, p. 20).

Sendo a sua grande defensora, Sarlo considera os testemunhos como o único documento que foi capaz de reconstruir o passado dentro de alguns países da América

² La década del 70 vio la irrupción de nuevos sujetos colectivos con sus propias agendas en el escenario latinoamericano (mujeres, homosexuales, minorias étnicas, desplazados, etc). Y halló su expresión en el auge del testimonio. (FRANCO, 2005, p. XI).

³ Beatriz Sarlo discute em *Tempo passado - cultura da memória e guinada subjetiva* alguns trabalhos que deram voz a “personagens” comuns; é o caso de Michel de Certeau, que pesquisou sobre alguns operários e as suas estratégias em conseguir certos benefícios mesmo em meio ao poder do patrão. Cita também o trabalho de Richard Hoggart que escreveu *The uses of literacy*, escrito no final da década de 1950, sobre a organização da casa operária. Nesse trabalho, ele faz uso das lembranças de sua infância e adolescência.

Latina, uma vez que outros documentos foram destruídos pelos próprios militares, a fim de eliminar as provas contra suas atividades violentas.

Apesar da divergência supracitada, é possível compreendermos que tanto Gomes quanto Sarlo estão coerentes em relação a suas análises, pois houve, sim, uma mudança metodológica e teórica em relação às fontes pesquisadas e uma mudança de perspectiva dentro da sociedade após os regimes ditatoriais, o que possibilitou um elevado número de publicações autobiográficas, memorialísticas e testemunhais, interessantes tanto para quem as produziu quanto para os leitores que nutriam grande interesse em relação a esses gêneros literários. Essa mudança se deu a partir das novidades metodológicas históricas e também dos estudos culturais e da sociologia da cultura século XX adentro, como bem salientou Beatriz Sarlo. Thompson (apud. MOTTA, 2000) acrescenta-nos:

Também favoreceu o boom das biografias e das autobiografias o fato de terem se transformado em um tipo de fonte bastante atraente para os historiadores e cientistas sociais especialmente aqueles filiados à história social voltada para o coletivo e o cotidiano –, uma vez que, através da técnica de história oral, puderam se revelar uma importante via de acesso aos “despossuídos”, abrindo a perspectiva de dar voz aos figurantes mudos da história, de tornar “eu” quem era ninguém. Ou seja, através do testemunho dessas histórias pessoais, puderam ser revelados os detalhes da vida cotidiana e dos costumes e hábitos dessa população “silenciosa”. (THOMPSON apud. MOTTA, 2000, p. 11).

Em alguns países da América Latina as publicações de caráter testemunhal foram uma prática muito comum após as ditaduras militares, diferentemente do que se passou no Brasil, em que não houve uma tradição deste tipo de escrita e sim de uma literatura “engajada”, pautada em escritos biográficos, autobiográficos ou mesmo em outros gêneros literários. Bizello (2005) aponta-nos que este é o caso, por exemplo, dos livros do escritor Caio Fernando de Abreu, que embora não tenha escrito em um viés autobiográfico debruçou-se a escrever contos, retratando o seu exílio em Londres e alguns eventos tristes que vivenciou:

Em “London, London ou ajax, brush and rubbish” são narrados instantes da vida de um indivíduo em Londres, cidade onde, exilado, trabalha como faxineiro esperando o retorno ao Brasil. Como se vê, o título resgata uma das experiências mais emblemáticas da trajetória de Caio Fernando de Abreu: o exílio na cidade inglesa durante o qual trabalhou como faxineiro. “Garopaba mon amour” narra instantes de repressão e de preconceito contra um grupo de jovens hippies, homossexuais e drogados numa praia de Santa Catarina. (BIZELLO, 2005, p. 04).

No Brasil, foi no campo da literatura, com a escrita de livros, biografias, autobiografias, contos e romances que muitos militantes conseguiram se posicionar, relatando suas vivências políticas e pessoais. “Uma das grandes derrotas sofridas pelo movimento da ditadura foi não conseguir impedir que prisioneiros, os que sobreviveram, deixassem de pensar e testemunhar através dos livros que escreveram sobre aquela época.” (HOHLFELDT, 1997, p. 36).

Nesse sentido, essas temáticas relacionadas à ditadura brasileira têm sido ainda discutidas e investigadas atualmente por conta da criação da Comissão da Verdade no ano de 2012. Essa comissão tem coletado testemunhos de inúmeras pessoas que de uma forma direta e/ou indireta foram vítimas do regime.⁴ O intuito dessa comissão é de “fazer a justiça que até agora não foi feita”, punindo os responsáveis pelos crimes bárbaros que ocorreram na ditadura civil militar, como o crime de tortura, estupro e homicídio cometido aos estudantes, desaparecidos políticos, militantes de esquerda, dentre outros envolvidos com tais questões no período:

O ato mnemônico faz-se num terreno minado, no qual as recordações são nebulosas. O esquecimento da tortura e dos assassinatos dos militantes políticos e inocentes civis é exemplar. Em todo o Cone Sul a sociedade civil conseguiu rever e conciliar-se com essa época de arbítrio e violência. Entre nós, nenhum tribunal foi criado para avaliar a extensão dos crimes cometidos, o país brilha na sua excepcionalidade (ORTIZ, 2014, p. 126).

Rago (2013) lançou um livro intitulado *A aventura de contar-se - feminismos, escritas de si e invenções da subjetividade*, baseado em depoimentos de algumas feministas que foram presas por militarem contra a ditadura militar, como Crimeia Schmidt de Almeida e Maria Amélia de Almeida Teles, fundadoras da União de Mulheres de São Paulo; a filósofa e teóloga feminista Ivone Gebara, autora de diversos livros e antiga assistente de Dom Helder Câmara, no Recife, por 17 anos; a líder do Movimento Autônomo das Prostitutas e fundadora da grife de roupas *Daspu*, Gabriela Silva Leite; a socióloga feminista e professora da Unicamp, Maria Lygia Quartim de Moraes; a antropóloga e historiadora Norma Telles, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e a historiadora

⁴ O livro intitulado “Ditadura Militar de democracia no Brasil: História, Imagem e Testemunho” organizado por Maria Paula Araujo, Izabel Pimentel da Silva, Desirree dos Reis Santos versa também sobre os testemunhos no contexto da Ditadura brasileira. Livro disponível no site eletrônico: http://www.historia.ufrj.br/pdfs/2013/livro_ditadura_militar.pdf

Tania Navarro Swain, da Universidade de Brasília (UnB), editora da revista digital feminista *Labrys - estudos feministas*.⁵

Com essa iniciativa de Rago, podemos perceber que ainda há no Brasil um intuito de querer investigar e compreender a partir dos depoimentos de sobreviventes da ditadura este momento histórico até então nebuloso.

Retornando ao *boom* de publicações de livros com caráter biográfico e autobiográfico na década de 1970, foram publicados também nesta época muitos livros de engajamento político em tom testemunhal; é o caso dos livros *O que é isso companheiro?* de Fernando Gabeira, *Os carbonários*, de Alfredo Sirkis, *Em câmera lenta*, de Renato Tapajós e muitos outros mais.

As décadas de 70 e 80 vão ser o período de edição dos seis volumes das memórias de Pedro Nava (Baú de ossos, Balão cativo, Chão de ferro, Beira-mar, Galo das trevas e O círio perfeito), que vai se apresentar como a grande obra memorialista da literatura nacional, não só por revisitar todos os temas das obras nacionais anteriores no gênero como pela diversidade de recursos linguísticos e discursivos utilizados pelo narrador. (SILVA, 2014, p. 3).

É neste íterim de “explosão” de publicações que a escritora Zélia Gattai lançaria *Anarquistas graças a Deus* no ano de 1979, aos 63 anos de idade, contando com imensa bagagem de experiência de vida, recordações e sentimentos guardados que conseguiu exteriorizar a partir de sua literatura. Foi uma de tantas outras escritoras que se debruçaram a narrar sobre a sua história de vida e também de outras pessoas.

Diante do exposto, podemos perceber que os gêneros biográficos e autobiográficos e afins constituem uma complexidade própria porque há, por parte de quem escreve uma biografia, a tentativa de mostrar uma realidade vivida, por isso a importância de se levar em conta que tais escrituras têm um fundo ficcional, literário e imaginativo, o qual deve ser analisado, comparado e exposto a reflexões. Quem nos aponta a esse respeito é Dosse (2009):

Para o historiador, a redação de uma biografia presta-se a toda sorte de desvios. Convém manter distância do sujeito em geral que lhe é simpático e que, por isso mesmo, o arrasta a uma adesão não apenas intelectual, mas não raro afetiva e passional. Existe, pois, uma “ilusão biográfica” de que é bom desconfiar. (DOSSE, 2009, p. 208).

⁵Informações extraídas do sítio eletrônico *Mulheres Socialistas – Secretaria Nacional de Mulheres*. Disponível em: <http://www.mulheressocialistas.org.br/ent_det.asp?det=14> Acesso em: 14 Out , 2013.

Desse modo, devemos levar em conta que em qualquer escrita de si existe uma pretensão de “resgatar o vivido”, relatando uma história de vida que se mostra coerente com começo, meio e fim. No entanto, bem sabemos que nesses relatos existe apenas uma representação de uma trajetória pessoal que não consegue dar conta do todo do indivíduo. Há nesse sentido, uma distância temporal do relato em relação ao passado lembrado e o tempo presente da escrita. Nesse sentido, a escrita se configura em um ato de construção de si, a partir das aspirações de quem se propõe a escrever sobre a sua vida. Tal prática, muitas vezes, é cheia de invenções, lacunas e contradições, no entanto é também uma forma de defesa pessoal ou de ataque a terceiros, além disso, é um modo de autorreinvenção, capaz de protagonizar mudanças em relação à imagem do indivíduo, aproximando mais da maneira que gostaria de ser visto.

1.2 (Auto)biografia, memória, ficção e testemunho em Zélia Gattai

Zélia Gattai, escritora, filha de imigrantes italianos, paulistana, nascida em 2 de julho de 1916, falecendo em 17 de maio de 2008, por conta de problemas de saúde. Foi esposa de Aldo Veiga, membro do PCB (Partido Comunista Brasileiro), casamento que acabou não dando certo. Teve três filhos: Luís Carlos Veiga, do primeiro casamento, João Jorge Amado e Paloma Amado.

Por descender de uma família anarquista, acabou aprendendo sobre essa ideologia, participando de reuniões proletárias em sua infância. Em sua fase adulta conheceu muitos artistas e intelectuais dos quais acabou tornando-se amiga, como Rubem Braga, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Paulo Mendes de Almeida, Carlos Lacerda, Vinícius de Moraes, dentre outros. Em 1945 conheceu o escritor Jorge Amado em um congresso de escritores que participou em São Paulo, o que resultaria em um relacionamento de 50 anos.

Antes de tornar-se escritora exercia a função de fotógrafa, apreciava fotografar seu esposo e familiares; essa prática também era uma tentativa de arquivar sua vida, por isso registrava os momentos importantes, festas, eventos políticos e literários. Sua relação com o escritor baiano sempre esteve relatada nas páginas de seus livros; Zélia sempre foi companheira e o ajudava com suas publicações. Era ela que datilografava, desde *Seara vermelha* (1945):

Desde “Seara Vermelha”, escrito em 1945, que procuro ser útil a Jorge. Na parte material, é claro. Há muitas formas de se ajudar a um artista, na fase da criação. No meu caso, procuro ser-lhe útil com minha presença. A elaboração de um livro dá um trabalho enorme, mais do que se possa imaginar. Além da parte de criação propriamente dita por vezes Jorge necessita de uma ou outra informação: por exemplo; como se vestiam os engenheiros em 1918, no ato da formatura. Mobiliza a mim e a amigos para obter tais dados. Mirabeau Sampaio é campeão dessas informações. (A TARDE, 1969, p. 3).

Junto a Jorge Amado exilara-se no ano de 1948 dada a participação do escritor do Partido Comunista, que neste momento havia sido colocado na ilegalidade; a saída era deixar o Brasil por motivo de segurança. No exílio, morou na França e na Tchecoslováquia, no Castelo de Escritores, adquirindo grande experiência de vida; conheceu outros países, contatando línguas e culturas distintas, conheceu políticos, artistas e intelectuais renomados, conforme comenta-nos Diègues (1970):

Zélia já correu mundos e muito difícil seria dizer quais os países que mais a impressionaram. A ela interessa talvez mais do que paisagem, a geografia humana. Na China ela e Jorge estiveram duas vezes, foram à Índia e ao Ceilão, Paquistão, Birmânia e Ásia Central. Pode haver coisa mais esplendorosa do que Samarkand a terra das “Mil e uma noites” com as cúpulas de seus templos em azul e ouro? comentou ela. A igreja de São Basílio, na praça vermelha de Moscou, o Museu da Hermitage, em Leningrado? O parque Saint James em Londres? A pequena aldeia de Óbidos, em Portugal? Veneza e Florença, terra de seus pais? Perugia, a cidade medieval italiana, que conquistou sua filha Paloma? E a Suécia, a Dinamarca e a Noruega, terras de gente bonita e saudável, terra de liberdade e democracia? (DIÈGUES, 1970).

A prática de ler e datilografar, além do acesso às inúmeras culturas e línguas diversas, fora importante para a sua própria produção literária posteriormente. Apesar de Jorge Amado ser um romancista por excelência e ela uma memorialista, este contato com a literatura, com a imaginação do autor, com a sua forma particular de escrever e de produzir seus romances, além das suas próprias vivências pessoais, familiares, sentimentais, e, sobretudo a sua sensibilidade humana, contribuíram muito para que ela absorvesse conhecimentos, experiências e se tornasse em uma escritora reconhecida aos 63 anos de idade.

Zélia tinha uma sensibilidade imaginativa, facilidade para lembrar e criar as suas narrativas, talvez por ter crescido ouvindo as histórias de seus antepassados, sobre sua vinda ao Brasil, suas dificuldades e a adaptação a uma terra desconhecida.

Sua primeira publicação *Anarquistas graças a Deus* (1979) foi bem vista pelos críticos e pelos leitores de uma forma geral, recebendo vários prêmios durante e depois de ser uma escritora consagrada. Tal obra fora traduzida em diversos países e transformada em

minissérie pela TV GLOBO e pela RETEQUATRO de Milão, uma adaptação de Valter Georges Durst e direção de Valter Avancini.

Escreveu dezessete livros, sendo dez de caráter memorialista, quatro de literatura infanto-juvenil, dois romances e uma fotobiografia, com uma média de produção de um livro a cada dois anos, sendo que alguns deles foram traduzidos em diferentes idiomas (alemão, espanhol, italiano, francês e russo⁶).

Em 2001 Zélia Gattai foi eleita para a Academia de letras da Bahia e de Ilhéus ocupando a cadeira numero 13, nesse mesmo ano candidatou-se a uma cadeira na ABL (Academia Brasileira de Letras) e elegeu-se, ocupando a cadeira de número 23, antes ocupada por seu esposo. No ano de 2002 tomou a posse, ou seja, trata-se de uma escritora, memorialista “tri acadêmica”.

A escritora conquistou um espaço de grande importância literária, rompendo com certos preconceitos e dificuldades, tornando-se uma escritora conhecida e reconhecida por seu talento, pela diversidade e extensão de sua obra, o que, inclusive, se traduziu em visibilidade e reconhecimento.

Caracterizamos a sua obra como memorialística a partir da constatação de que sua escrita não se restringe ao individual, vai além, contempla o coletivo, a narração das histórias de pessoas comuns e ilustres conhecidos. A sua escrita ao mesmo tempo em que tem caráter autobiográfico, quando centrada em si, é também biográfica, num sentido mais social, quando divulga acontecimentos cotidianos, eventos políticos e as particularidades de certos “personagens” dos quais conta as suas histórias.

Seus livros não são divididos em capítulos, sendo composto por divisões temáticas tais como “Nono Gattai registra a filha” (GATTAI, 2002, p. 9) “Maria Negra dá à luz” (GATTAI, 2009, p. 198), “O samba da jararaca” (GATTAI, 1988, p. 40), escritos geralmente em textos curtos com o intuito de mostrar ao leitor o tema que será abordado em suas páginas.

Apesar de ser a autora e narradora, posiciona-se como personagem, com o emprego de alguns verbos como “nasci” e “cresci”, atestando o pacto autobiográfico. O seu eu possui múltiplas facetas, “podendo ter sua pluralidade reduzida, pela primeira, segunda ou terceira

⁶Consultar as publicações da escritora Zélia Gattai na página 190. Algumas traduções na página 191-192. Prêmios, homenagens e premiações consultar página 193.

pessoa. Seguindo a lição de Lejeune é, na verdade, um diálogo de múltiplas instâncias.” (LEJEUNE apud. SOUZA, 1997, p. 135).

O intuito é o de contar sobre a sua vida, a sua personalidade, levando em conta a trajetória pessoal, seus sentimentos, medos, frustrações, alegrias e tristezas, construindo a partir de sua narrativa uma identidade como mulher e como uma escritora cheia de lembranças e uma rica bagagem de experiências.

Há também um objetivo claro em sua escrita que é registrar o que viveu, contemplando tanto os momentos bons de sua vida, quanto os eventos que não foram fáceis, como problemas políticos, sociais, de ordem material, dentre outros assuntos que trata em seus textos. Neste sentido, como coloca Artières (1998), essa prática de arquivar sua vida a partir de sua escrita autobiográfica tem como objetivo principal criar uma identidade como escritora e se fazer reconhecida pelos pares:

Mas essa exigência do arquivamento de si não tem somente uma função ocasional. O indivíduo deve manter seus arquivos pessoais para ver sua identidade reconhecida. Devemos controlar as nossas vidas. Nada pode ser deixado ao acaso; devemos manter arquivos para recordar e tirar lições do passado, para preparar o futuro, mas, sobretudo para existir no cotidiano. (ARTIÈRES, 1998, p. 14).

Nesse sentido, suas memórias constituem-se em arquivos para que a sua identidade seja reconhecida e as lembranças de si mesma e das de outras pessoas sejam divulgadas, preservadas e transformadas numa espécie de "ensinamento" coletivo, fazendo com que uma série de acontecimentos sejam mal vistos e jamais vivenciados socialmente.

Em seus livros são citadas poucas datas, à medida que se lembra de alguns acontecimentos vai narrando, construindo uma memória individual quando narra sua própria história, e memórias sociais, quando relata a vida de seus pais, amigos, entre outras experiências. “Sua narrativa se ocupa de relatar tempos históricos distintos; há o tempo presente da narrativa e o tempo lembrado das memórias do passado, de modo que o presente dirige o passado assim como um maestro a seus músicos.” (SARLO, 2007, p. 49).

Por vezes Zélia coloca-se em sua narrativa, mesmo que implicitamente, na posição de testemunha, atestando eventos dos quais participou ou mesmo ouviu falar, dos quais toma para si a responsabilidade de divulgar episódios para que não sejam esquecidos. Por isso em seus livros há uma repetição de temas que faz questão de recuperar, e que são lembrados a cada livro novo, na tentativa de transmitir, de registrar, de denunciar e “imortalizar” certas lembranças que julga importante.

É nesse sentido que a sua obra torna-se literatura híbrida, porque é composta por gêneros literários distintos, contemplando a autobiografia, a biografia e a construção de memórias internas à uma literatura que é essencialmente ficcional, pois não há como garantir, colocar à prova, a autenticidade do que está a ser narrado. Como pontua Amaral (2010) “relembrar o passado não possibilita o recuperar da ação no tempo, pois a cada lembrança revivida pela memória, o passado remodelado passa a fazer parte do presente atuante.” (p. 16).

Sua autobiografia, conforme podemos extrair de Ramos (2002), situa-se na fronteira entre o relato narrado como sendo verídico inserido em um campo ficcional, e o da construção literária:

Na solidão da escrita, colheu instantâneos de histórias que gostava de contar. Fez-se escritora. Contou seus contos familiares. Como quem conta um conto aumenta um ponto, o vivido ou presenciado pareciam mais vivos na escrita quando refeitos, quando aumentados num ponto aqui e apagados num ponto adiante. Assim, a memorialista transitou suavemente entre lembranças da memória, astúcia da ficção. (RAMOS, 2002, p. 47).

O seu memorialismo é uma fonte histórica que pode ser cruzada, analisada e comparada com outros documentos, sendo possível pensar a partir de sua escritura alguns elementos sociais, político-econômicos e culturais dos quais são retratadas, sobretudo, referências aos agentes sociais que vai relatando nas relações entre as pessoas, as distinções sociais, os posicionamentos políticos, em seus sentimentos, anseios, alegrias e escolhas. Como coloca-nos Carneiro (2002) “ao escrever suas memórias, Zélia deixou-nos um importante legado: o do registro histórico.” (p. 2).

Os temas discutidos em seus livros são plurais, variando desde assuntos cotidianos, como hábitos alimentares, passeios, diálogos entre as pessoas, além de histórias engraçadas e até mesmo assuntos mais “sérios”, como questões de ordem política, social, cultural e econômica, discutindo ou abordando assuntos como a guerra fria, a guerra civil espanhola, o holocausto, o exílio, o fascismo, as prisões, a tortura, as relações diplomáticas, as injustiças, a desigualdade social, os congressos literários, o socialismo, o stalinismo, o anarquismo, a imigração italiana no Brasil, o Estado Novo, questões relacionadas ao gênero como o divórcio e a virgindade, dentre outros assuntos.

Suas obras contemplam a sua própria infância, adolescência e fase adulta, concede voz aos sujeitos desconhecidos, pessoas comuns, como Maria Negra, a sua babá, seus parentes, vizinhos, seus irmãos, pais, sogros, amigos, além de pessoas renomadas, como

alguns intelectuais, pintores, artistas, poetisas e filósofas que conheceu ao longo de sua vida, em suas viagens e eventos que participou ao lado de seu esposo.

1.3 De esposa à autora: a busca por um “lugar ao sol”.

Antes de tornar-se escritora lançando o seu primeiro livro em meados da década de 1970, Zélia era representada como uma mulher “comum”, que cumpria o papel esperado para a mulher socialmente, o de esposa exemplar e mãe zelosa, que estava sempre em auxílio ao marido em suas tarefas domésticas e também em seus projetos profissionais, acompanhando-o em suas viagens, congressos literários, feiras e compromissos políticos, agindo de acordo com os valores tradicionais da época.

Era conhecida como “Zélia Amado”, sendo retratada nos periódicos (jornais e revistas) como uma mulher ideal, exemplo de esposa companheira, dedicada, que tinha todos os atributos necessários para estar ao lado de seu esposo, o consagrado escritor baiano, Jorge Amado. Em certa ocasião de entrevista ao jornal “O Globo”, foi representada com a seguinte manchete: “Zélia, talvez anjo para Jorge Amado”⁷, demonstrando a representação que se tinha de sua figura feminina naquele momento, sempre atrelada a uma esposa virtuosa e de grande valor:

Acompanhava-o D. Zélia, sua maravilhosa companheira “sem a qual” diz o próprio autor, “sou incapaz de fazer qualquer coisa”. Fizemos algumas perguntas àquela mulher incrível, que define carinhosamente seu marido como “Pomba sem fel”. Por que “Pomba sem fel?” – Porque ele é de uma bondade única: incapaz de dizer não. Não consegue recusar seja lá o que for a seja lá quem for. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1976, p. 5).

O termo “anjo” relatado na manchete trazia como simbologia uma mulher angelical, de gestos delicados, sensível, construções de uma imagem feminina extremamente valorizada pela sociedade de seu tempo: era a mulher almejada dos anos dourados.

Zélia acompanhava seu marido em seus diversos compromissos literários, profissionais e políticos e também gostava de se definir como fotógrafa, trabalho que valorizava e que enfatizava em todas as entrevistas que concedia. Além deste ofício, que muito estimava, era também sua revisora e datilógrafa, desde que o conheceria.

Em manchete de outro jornal da mesma década, fora representada da seguinte maneira: “Zélia Amado, musa, esposa e ‘Amélia’ de um imortal”, o que demonstrou, mais

⁷ Folha de São Paulo. São Paulo, 05/11/1976.

uma vez, como a mídia representava os valores esperados da sociedade e da mulher do período, utilizando até mesmo o termo “Amélia”, sinônimo de um perfil de mulher ideal: submissa, de posicionamentos “corretos”, atenta às necessidades de seu esposo, zelosa com os afazeres domésticos e com a criação de seus filhos:



Figura 1: Zélia Gattai antes de ser escritora. Jornal A Tarde, BA, 29 jan.1977.

Além de ser representada como Amélia, em manchete no jornal Gazeta de Alagoas na década de 1970 fora considerada uma mulher dedicada:

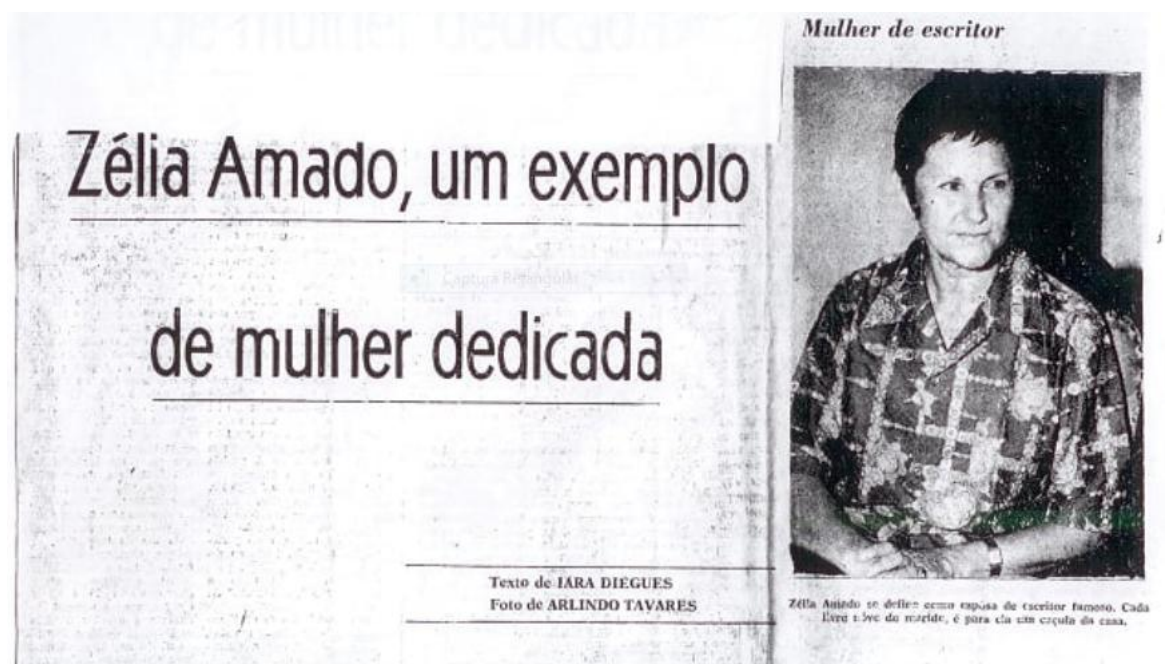


Figura 2: Zélia Gattai antes de ser escritora. Jornal Gazeta de Alagoas, AL, maio 1970.

Na organização da vida cotidiana a ambos cabiam-lhes os papéis sociais que lhes eram atribuídos: Jorge como provedor da casa e da família e Zélia como a esposa ideal.

Quando estreou seu primeiro livro, em 1979, continuara a ser entrevistada pelos jornais e revistas de grande circulação da época no papel de esposa ideal, mas também, agora, como escritora. Neste mesmo ano concedeu uma entrevista ao jornal “O Globo” sob a manchete: “Zélia Gattai Amado – Com a graça de Deus e a benção de Jorge” em que divulgava seu trabalho literário:

Nesta entrevista, relatou sobre o seu livro, sua vida pessoal e sua relação com Jorge. Apesar de o foco ser o lançamento de *Anarquistas graças a Deus*, os temas relacionados ao seu papel social de mãe, de dona de casa e de esposa cuidadosa, e os referentes à sua atividade como revisora, datilógrafa e fotógrafa, foram igualmente abordados:

Dona de casa ela o é, mãe de três filhos: João Jorge, Paloma e Luiz Carlos. Embora não se sinta diminuída, não se satisfaz com este único papel, e por isso exerce amadoristicamente a fotografia, com laboratório instalado em casa. Além de fazer pesquisas com os livros de Jorge Amado, como no caso de *Farda, fardão, camisola de dormir*, em que fatos históricos precisavam ser mencionados com precisão. (O GLOBO, 1979, p. 4).

A este mesmo veículo, comentou ainda sobre o processo pelo qual passou ao escrever suas memórias, bem como o incentivo que recebeu de seu esposo e filhos para lançar a sua publicação, a primeira de muitas que viriam posteriormente:

Nunca tinha pensado em escrever um livro, não sou literata. A ideia surgiu quando eu contava histórias a meus filhos. Paloma pedia que eu passasse para o papel os casos da minha infância e adolescência. Assim, nas horas vagas, em que Jorge não me dava para bater à máquina, comecei a escrever. Durante muito tempo ele não soube dessa minha atividade. Até que um dia mostrei-lhe um conto de 15 páginas. (O GLOBO, 1979, p. 4).

Este seu primeiro trabalho foi bem visto pelos críticos da época, recebendo vários prêmios, como o de “Revelação Literária” no ano de 1980, pela Associação de Imprensa.

Nos anos seguintes, recebeu elogios por este e por outros trabalhos que escreveu e que foram editados no Brasil e no exterior. Os temas das entrevistas não giravam mais em torno de sua vida pessoal e do seu romance com o escritor famoso; o foco passou a ser a sua própria obra, os assuntos abordados em suas memórias, como a imigração italiana e os seus costumes, o exílio na Europa e os regimes totalitários, além da qualidade destas memórias, assunto bastante recorrente nos periódicos das décadas seguintes, uma vez que Zélia sempre se trazia comparada com esposo, de carreira já consolidada.

Seu ofício de corretora e datilógrafa era sempre alvo de reflexão e de questionamento por parte dos seus entrevistadores, da mídia em geral, dos escritores da época, bem como dos seus leitores, que sempre enalteciam o escritor baiano pela sua capacidade literária. A grande indagação da época era se ela tinha competência neste campo ou se somente estava no mercado por conta de ser a esposa de Jorge Amado. O jornal “A Tarde”, em trecho de relato de 1984, ilustra-nos esta preocupação:

Agora, testemunhando sua brilhante e vitoriosa carreira, lembro que tive um momento de hesitação ao saber que Zélia escrevia suas memórias para lançá-las em livro. Não é que duvidasse de seus méritos, de sua inteligência e sensibilidade. Mas afinal era realmente muito atrevimento (como diria D. Angelina) escrever uma estória e ainda por cima a própria estória, sendo mulher do mais famoso contador de estórias deste país. Aos primeiros capítulos, porém, respirei aliviada. Quem estava ali não era a mulher de Jorge Amado, a companheira que todos aprenderam a amar e admirar, mas Zélia Gattai, com seu nome próprio e sua geografia distinta. Realmente uma escritora. E talentosa, graças a Deus. (A TARDE, 1984. p. 2).

O excerto relata bem as indagações referentes ao trabalho da escritora, que muito fora discutido e avaliado. De modo geral, desde o início, apesar das comparações, fora bem estimada por seus pares, recebendo reconhecimento pelo fato de ter uma importância memorialística e por seus livros serem um importante documento histórico, uma vez que, a partir deles, foi possível perceber as relações entre as pessoas em outro tempo, assim como a

forma em que viviam e pensavam, bem como permitiu a compreensão dos costumes, dos eventos políticos e da sociedade daquela época, como reafirma Ramos (2002):

Os livros de Zélia Gattai constituíram-se em material de inestimável valor histórico e factual, devido à própria fonte: a mulher de Jorge Amado, a companheira de militância política no Partido Comunista Brasileiro, sua companheira de andanças; tendo participado, juntamente com Amado, dos principais acontecimentos do Brasil e do mundo no século XX. (RAMOS, 2002, p. 39).

A própria autora refletia sobre as inúmeras dúvidas e preconceitos que algumas pessoas nutriam sobre o seu talento e competência nas entrevistas que concedia aos jornais e revistas do momento, demonstrando sua posição de mulher firme e “senhora de si” no que diz respeito a sua carreira literária, relatando ainda a sua união madura, de cumplicidade, amizade e de troca intelectual com seu esposo. De forma geral, as pessoas a viam, antes de se tornar escritora, como uma mulher ignorante, desprovida de inteligência e que tinha o intuito de copiar a Jorge. Em relato a “A Gazeta” de 1984, Zélia transparece esta preocupação:

- Pode ser cisma minha, mas acho que os meus amigos, quando souberam que eu estava escrevendo um livro, ficaram apreensivos. Acho que eles tinham receio que eu fizesse uma imitação de Jorge. Os que não eram amigos, provavelmente estavam me gozando, porque o preconceito existe. Sempre acham que mulheres de homens famosos são burras e idiotas. Eu, por exemplo, se estou com Jorge em algum lugar procuro ficar na sombra, porque as pessoas têm interesse em falar com ele. Daí a impressão, talvez de burrice. Mas essas pessoas não sabem que existe amor, afinidade e troca de ideias, intercâmbio de sensações, e que ficar apagada é uma opção. De certa forma, as coisas mudaram muito para mim depois de Anarquistas. Já não sinto mais o pé atrás, e nem me ignoram tanto quanto antes, como aconteceu muitas vezes... (A GAZETA, 1984).

A sua obra traz particularidades que a distingue da escrita de seu esposo. A maioria de seus livros é autobiográfica e aborda suas memórias de infância, adolescência e fase adulta, além de discutir os acontecimentos e as vivências de seus familiares, amigos, entre eles, filósofos, poetas e as pessoas com que conviveu ao longo de sua vida. Diferentemente de Jorge Amado, romancista por excelência, o trabalho de Zélia é memorialístico, composto pela escritura autobiográfica e biográfica, como reforça-nos uma nota do “A Tarde” (1985):

Embora se apresentando apenas como livros e “memórias”, as histórias autobiográficas de Zélia Gattai são altamente tributárias da crônica, tanto na sua leveza saborosa quanto no seu estilo fluente e oral. Após “Anarquistas Graças a Deus” – obra de estreia quando a autora já a caminho dos 60 anos – e “Um chapéu para a Viagem”, o terceiro volume de memórias de Zélia, “Senhora Dona do Baile”, recentemente editado em Portugal, confirma de novo o que atrás sublinhei. Mas, ainda mais do que os anteriores, constitui, na sua singeleza despreziosa,

não só um significativo testemunho humano, como mais um muito interessante documento para o conhecimento de uma época a alguns títulos marcantes, para várias gerações. Julgo aliás, que as memórias – tantas vezes fundamentalmente crônicas de tempos e acontecimentos idos e vividos, como no caso de Zélia – e as crônicas tantas vezes memórias do tempo presente e de um cotidiano filtrado pela singular visão do cronista – serão as mais das vezes material importante para o historiador que se não fique pelos registros mais visíveis, ou aparentes, da realidade que pretende estudar. (A TARDE, 1985, p. 6).

Zélia, a cada livro novo, abria espaço no campo literário, mostrando a si própria e aos veículos informativos do período sua capacidade como escritora, quebrando os tabus existentes acerca de sua imagem social. O reconhecimento foi adquirido com a publicação de novos livros, assinados com o sobrenome de solteira, “Zélia Gattai”, para furtar-se à custa de seu esposo, pelo fato de ser ele um homem importante, tanto pelo talento literário quanto por sua militância política. Em seu discurso de posse da cadeira 23, na Academia Brasileira de Letras (2002), Zélia argumenta:

Pedindo desculpas a Jorge, abdiquei de seu nome de casada, nome que tanto prezo, assinando o livro com o de solteira. Não quis andar de muletas escoradas por tão famoso marido. Se o livro agradar pensei, que tenha sucesso pelo que ele valha, não por outro motivo qualquer. (PORTELLA, 2002, p. 9).

Certificando desta maneira a sua capacidade e o seu talento, trata-se agora como “Zélia Gattai”, e não como “Zélia Amado”:

Talvez a prejudique o fato de ser mulher de Jorge Amado, porém aquele que conseguir vencer o preconceito e se debruçar sobre as páginas urdidas por Zélia Gattai descobrirá a criadora autônoma de uma arte literária que flagra com requintado humor e encantadora influência a matéria mesma da vida. Uma vida intensamente vivida e deliciosamente assimilada em páginas que pulsam sob voltagem de uma generosa humanidade. (JORGE, 1992, p. 2).

Vale ressaltar, que em inúmeras entrevistas faz questão de afirmar que fez uso do sobrenome do pai para não ter que ser reconhecida por conta de ser esposa de um escritor consagrado. Desse modo, buscou certa autonomia para adentrar ao espaço editorial como Gattai e não com o sobrenome Amado. Ou seja, trata-se de uma mulher que quer ser reconhecida pelo próprio talento e pela própria personalidade, o que demonstra que apesar de ser grande companheira de Jorge Amado, almejava o lugar para si.

A figura de Zélia traz-nos um duplo movimento: o de manutenção dos valores tradicionais de seu tempo (mãe, dona de casa, esposa) e também de ousadia em relação ao esperado pela figura feminina, ao não permitir associar seu pensamento ao de seu marido. O

período experimentado por ela é de transformações quanto à fixidez dos papéis de gênero, e sua atitude caminha no sentido interposto pelos movimentos sociais que eclodiam com o empoderamento de vozes pouco ouvidas naquele momento.

Deste modo é que as mulheres vão se transformando, sensibilizando-se de si, adotando novas referências de conduta, ocupando cargos profissionais antes não permitidos, inserindo-se nas universidades, na vida política, na literatura, no cinema, no teatro e em outros campos, ações impensáveis nos tempos anteriores.

No contexto das décadas centrais do século XX o papel de contestação da mulher foi fundamental; esta se percebeu em um novo lugar, refletindo se havia para ela um espaço autônomo na sociedade, que não girasse em torno do velho estigma, o de ser mãe, dona de casa, zeladora do lar e do bem-estar da família.

Posteriormente, muitas indagações fizeram-se presentes na literatura, nas revistas e nos jornais, dentro outros fatores, fruto das reivindicações do movimento feminista que pleiteava liberdade, igualdade de direitos, igualdade jurídica, liberdade sexual, pretendendo a mulher decidir sobre o seu corpo e sobre o seu futuro, frente à dominação de uma cultura eminentemente masculina:

É diante do quadro de desigualdade de status e poder gerado pela supremacia da cultura masculina que o movimento feminista, em linhas gerais, questionará a ordem estabelecida pela organização patriarcal, esse modelo único que nega a pluralidade representada pela voz feminina. (SILVA, 2009, p. 13).

Tendo em vista que nas décadas anteriores os discursos e a produção literária estavam focados no universo masculino e em menor grau na escrita feminina, essas mudanças sociais foram muito significativas para as mulheres. É neste ínterim de contestação que os movimentos políticos e feministas começam a se perceber como sujeitos históricos, capazes de protagonizar uma mudança na sociedade extremamente patriarcal⁸ e moralista de até então. À medida que vão saindo desse encarceramento e assumindo sua atividade de sujeitos, sua inserção no cânone literário também se realiza, além de outros ofícios, desde o pessoal ao profissional. Rossini (2014) comenta-nos:

⁸Entendemos o conceito de patriarcal na perspectiva de Joan Scott (1995) como uma representação de poder que extrapola o grupo familiar, ou seja, há de ser levado em conta que o poder não é algo centralizado, unificado e coerente. Ele não se encontra somente dentro do poder da família como é recorrente na historiografia das décadas anteriores, mas no ambiente de trabalho, nas relações entre as pessoas, por isso a necessidade de historicizá-lo levando em conta às suas especificidades bem como o tempo que está sendo analisado. Informações disponíveis no site eletrônico:

<<http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/SCOTTJoanGenero.pdf>> Acesso em: 20. Nov, 2014.

Transportando-se este pensamento para o campo literário e pensando-se a condição do gênero feminino, cumpre salientar que, historicamente, antes do surgimento das primeiras manifestações literárias de autoria feminina, o sujeito detentor do direito ao discurso - e, assim, do poder - era do sexo masculino, branco, de classe média alta, e as representações até então erigidas se davam unicamente por esta perspectiva social, atestando o silenciamento e invisibilidade até então reservadas ao sexo feminino. (ROSSINI, 2014, p. 295-296).

É devido a essa reflexão sobre si, sobre o social, numa perspectiva individual, autônoma, como agente histórico, que a mulher começa a tomar novas posições no campo do trabalho, do casamento e da sua sexualidade, libertando-se gradativamente das amarras patriarcais; inserindo-se em novas atividades, conquistando novos espaços, direitos, posições políticas, profissionais, literárias e acadêmicas, impensáveis nas décadas anteriores. Não podemos desconsiderar, contudo, que em outras décadas sempre ocorreram às mulheres que de algum modo reivindicaram seus direitos, ocupando inclusive cargos no campo literário, mesmo sendo essa uma atividade tipicamente masculina, como nos trazem Prado e Franco (2012):

A atuação feminina na vida literária, educacional e artística brasileira no século XIX foi efetiva e constante. Graças às pesquisas históricas mais recentes, nomes esquecidos e vozes abafadas ou excluídas voltam à cena, conferindo legitimidade e visibilidade às atividades intelectuais e políticas de mulheres que, de fato, participaram da vida pública do Brasil no passado. (PRADO; FRANCO, 2012, 194).

Na década de 1950 as mulheres começaram a se inserir com maior vigor no mercado de trabalho, atuando em escritórios, no comércio e em outras diversas profissões como as de professora, médica, vendedora, assistente social, enfermeira, entre outras. No entanto, como inteira-nos Bassanezi (2002):

[...] eram nítidos os preconceitos que cercavam o trabalho feminino nessa época. Como as mulheres ainda eram vistas prioritariamente como donas de casa e mães, a ideia de incompatibilidade entre casamento e vida profissional tinha grande força no imaginário social. Um dos principais argumentos dos que viam com ressalvas o trabalho feminino era o de que, trabalhando, a mulher deixaria de lado seus afazeres domésticos e suas atenções e cuidados para com o marido: ameaças não só à organização doméstica como também à estabilidade do matrimônio. (BASSANEZI, 2002, p. 624).

Essa inserção no mercado de trabalho deu-se devido ao aumento quantitativo da classe média brasileira com o fim da segunda guerra mundial, em que as mulheres tiveram grande participação, influenciando a emancipação feminina das mulheres brasileiras. “Neste

sentido, o país assistiu otimista e esperançoso ao crescimento urbano e à industrialização que conduziram ao aumento das possibilidades educacionais e profissionais.” (BASSANEZI, 2002, p. 608).

Apesar da abertura para que as mulheres ocupassem alguns tipos de ofícios profissionais, a moral sexual diferenciada permanecia e o trabalho da mulher era cercado de preconceito e visto como subsidiário ao trabalho do homem.

No entanto, seria somente com a luta feminista na década de 1970 que certas reivindicações tomariam maiores proporções, alcançando de modos distintos todas as camadas sociais, da elite até os setores menos abastados economicamente, fato que não ocorrera com na luta feminista do século XIX, uma vez que a concepção de mundo daquelas mulheres era distinta. Como nos aponta Soihet (2012) “exigir daquelas militantes um questionamento que só viria à tona de maneira significativa na sociedade da década de 1970 parece ser um exercício sem sentido em termos históricos.” (SOIHET, 2012, p. 232).

No contexto da década de 1970 começa a aparecer no “cenário” social o feminismo considerado de “Segunda Onda”, como um grupo que tinha como intuito refletir sobre as demandas das mulheres, tais como o direito de acesso ao espaço público, a liberdade sexual, bem como a sua emancipação pessoal e profissional. “Era constituído apenas por mulheres que se reuniam em suas casas ou lugares públicos como, cafés, bares e escritórios, se contrapondo ao machismo existente.” (PEDRO, 2012, p. 241).

Segundo Pedro (2012) “um dos primeiros [grupos] que se tem notícia surgiu em São Paulo, formado por intelectuais (algumas eram professoras universitárias) que tinham entre 30 e 38 anos de idade. (p. 241 - adaptado). “Além deste, surgiram outros grupos em outros estados como no Rio de Janeiro no ano de 1972, dotando o nome de Grupo de Reflexão, durou até o ano de 1973.” (PEDRO, 2012, p. 242).

O feminismo brasileiro neste momento tinha interesses específicos; não surgiu refletindo apenas sobre as indagações e aspirações femininas: uma grande preocupação girou em torno também dos problemas relacionados à ditadura civil militar que ocorria no Brasil. Geralmente eram discutidos assuntos relacionados à literatura feminista, além de questões sobre o corpo e o prazer sexual. No entanto, como aponta-nos Oliveira (2013) “o centro de sua discussão desde 1964, início do período militar, foi marcado por contestações ao poder vigente. A maioria concentrava-se em grupos de reflexão de caráter informal, constituído, sobretudo, por mulheres intelectualizadas e de classe média.” (p. 20).

Tal movimento foi responsável por profundas mudanças sociais, na forma de pensar e de agir das mulheres. “Causou impacto tanto no plano das instituições sociais e políticas, como nos costumes e hábitos cotidianos, ao ampliar definitivamente o espaço de atuação pública da mulher, com repercussões em toda a sociedade brasileira.” (ALTHUSSER apud. SARTI, 2004, p. 36).

Neste contexto de exercício do poder militar esses grupos diversificados de mulheres resistiram ao regime, reivindicando melhorias de ordem material e social, tal como recupera-nos Oliveira (2013):

Os feminismos que ressurgiram no Brasil em meados de 1970, depararam-se com um cenário político marcado pelo regime ditatorial e pela resistência das esquerdas. Muitas feministas deste período estiveram engajadas nos grupos políticos e, portanto, trouxeram para o debate as concepções marxistas, assim como as experiências enquanto presas políticas exiladas ou o envolvimento com outras lutas sociais. (OLIVEIRA, 2013, p. 13)

Assim como na universidade, a participação de mulheres nos movimentos de esquerda mais radicais, como a guerrilha, era pequena, mas marcante. “O fato é que sua participação já representava as mudanças dos papéis sociais da mulher.” (CAVALCANTE, 2011, p. 68).

O impacto da atuação reivindicatória feminista também se fez sentir na imprensa com a criação de periódicos direcionados ao público feminino; foi o caso do jornal “Brasil mulher” lançado em 1975. No ano seguinte fora publicado o “Nós mulheres”, editado por ex-exiladas:

A partir do final dos anos 70, o tema “mulher” pouco a pouco passa a ser considerado objeto legítimo de pesquisa acadêmica, assim como assunto de jornais e revistas especializados. Começava a delinear-se, entre nós, um novo campo de trabalho crítico na maioria dos casos, identificado com o desenvolvimento do pensamento teórico feminista que emerge, com força total, na Europa e nos Estados Unidos, a partir dos movimentos contestatórios da década de 1960. (HOLANDA apud. TEIXEIRA, 2011, p. 286).

Esses jornais tinham como propósito divulgar suas ideias e chamar novas adeptas ao grupo. Pedro (2012) recupera-nos:

Maria Amélia de Almeida Teles, por exemplo, levava exemplares do Brasil Mulher para bairros da periferia de São Paulo onde havia clubes de mães e discutia seus artigos em 18 desses clubes, formando grupos de reflexão. A feminista Maria Lygia Quartim de Moraes também usava o periódico Nós Mulheres em discussões em clubes de mães em São Paulo. (PEDRO, 2012, p. 248).

Percebemos deste contexto que as mulheres vão ocupando os espaços que antes eram tomados apenas por homens, adentrando a imprensa, criando grupos de reflexões, escrevendo em jornais, revistas e também publicando livros de maneira mais intensa.

Em termos acadêmicos, essas mudanças referentes à vida das mulheres, a sua participação na vida política, bem como a dominação masculina e a desigualdade entre sexos são temas investigados pelos estudos de gênero desde o período das décadas de 1970-1980, “percebendo grande influência das preocupações e metodologias de pesquisa da já atuante *História das mulheres*.” (PINSKY, 2009, p. 162).

No campo historiográfico os estudos de gênero surgem permitindo sequências e rupturas com as histórias das mulheres, conforme Silva (2014):

Nos anos 80 a história social das mulheres se consolidou como uma tendência de maior envergadura, tendo surgido trabalhos importantes que buscaram resgatar as experiências femininas, a fim de dar conta de histórias esquecidas e silenciadas por uma disciplina muito pouco atenta as distinções do masculino e do feminino, omissa à percepção de que a categoria “homem” excluía uma parte significativa da humanidade. O florescimento da história das mulheres foi importante e deve ser celebrado como uma etapa particularmente significativa da humanidade na luta pela igualdade, no âmbito mais geral, e de forma mais particularizada, no âmbito da disciplina, tanto por ter introduzido temas novos e instigantes (família, maternidade, sexualidade, vida cotidiana) quanto pela validação de novas fontes documentais (romances, processos criminais, cartas, diários pessoais, fotografias, oralidade, memória). (SILVA, 2014, p. 128-129).

Tais estudos tinham como intuito compreender, a partir de uma perspectiva de processo histórico, como se davam as relações entre homens e mulheres em um contexto em que o homem exercia um forte domínio geral sobre o sujeito feminino. Os primeiros estudos foram desenvolvidos por feministas norte-americanas. “A palavra gênero indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual.” (SCOTT, 1994, p. 72 – adaptado). Deste modo, o sexo estaria localizado no plano natural e biológico e o gênero no plano social e cultural, na perspectiva de que “o gênero não se refere apenas às ideias, mas também às instituições, às estruturas, às práticas cotidianas, aos rituais e a tudo que constitui as relações sociais.” (TEIXEIRA, 2011, p. 280).

Contribuindo com sua reflexão, em uma perspectiva cultural e social, Joan Scott, historiadora norte americana, teórica pós-estruturalista, lançou no final da década de 1980 o texto: “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, considerando o termo gênero como uma categoria analítica, uma abordagem nova, distinta daquela que se fazia até então pelos historiadores. Segundo ela, “devemos examinar atentamente nossos métodos de análise, clarificar nossas hipóteses de trabalho, e explicar como a mudança ocorre.” (SCOTT, 1994,

p. 85). Além disso, “deve ser levada em conta a experiência feminina e a masculina no passado, bem como a conexão entre a história passada e a prática histórica presente.” (SCOTT, 1994, p. 74).

Neste sentido, defende que devemos buscar o lugar da mulher dentro de sua interação na sociedade. “Para buscar o significado, precisamos lidar com o sujeito individual, bem como com a organização social existente e articular a natureza de suas inter-relações, pois ambos são cruciais para compreender como funciona o gênero.” (SCOTT, 1994, p. 86). Enfatiza, ainda, que não devemos entender o poder social como coerente, unificado e centralizado, mas compreendê-lo na perspectiva trazida por Foucault, “como constelações dispersas de relações desiguais discursivamente constituídas em ‘campos de força’ sociais.” (FOUCAULT apud. SCOTT, 1994, p. 86). Neste sentido, o gênero implica em quatro elementos inter-relacionados:

Para compreender melhor tal construção Joan Scott indica quatro elementos que funcionam de maneira articulada embora não obrigatoriamente ao mesmo tempo: símbolos culturalmente disponíveis (de representações múltiplas e contraditórias); os conceitos normativos (que são expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas, jurídicas e colocam em evidência as interpretações limitantes dos símbolos e suas contradições, definidos por oposições binárias, de forma categórica entre o feminino e o masculino); as instituições e organizações sociais (família, mercado, sistema político, sistema educacional, sistema de saúde, que divulgam e reafirmam conceitos) as identidades subjetivas (vinculadas ao indivíduo, na construção do sujeito, definindo sua forma de reagir ao que lhe é apresentado como “destino”. (SCOTT apud. COSTA, 2009, p. 19).

À luz destas discussões é que analisamos a trajetória de vida da autora Zélia Gattai, buscando compreender como ela se posicionou dentro da sociedade de papéis sociais definidos, buscando compreender como lidou com as inúmeras relações de poder em que atuou, quais foram suas escolhas e anseios e quais as mudanças que ocorreram em sua vida durante sua trajetória, fruto de suas reais aspirações, “[...] levando em conta os seus aspectos pessoais e profissionais, bem como a sociedade em que estava inserida, tentando compreender como o gênero funcionou em suas relações sociais.” (SCOTT, 1994, p. 74).

Scott (1994) propõe várias definições para o termo gênero, primeiro definindo-o como um elemento constitutivo de relações baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos. “Ele também enfatiza um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é determinado por ele, nem determina diretamente a sexualidade.” (SCOTT, 1994, p. 76). Além disso, o gênero seria uma forma primária de dar significado às relações de poder. “As

mudanças nas organizações das relações sociais, neste sentido, correspondem sempre às mudanças nas representações do poder.” (SCOTT, 1994, p. 86).

Zélia Gattai estreou sua primeira autobiografia em um contexto de mudanças significativas do ponto de vista social e cultural, o que nos mostra que ela rompeu de certo modo com os padrões estabelecidos socialmente, participando dessas mudanças, não se restringindo ao seu papel de mãe e de esposa exemplares. Almejou mais, começou a trabalhar para Jorge Amado na década de 1940 quando o conheceu no I Congresso de Escritores. Separada de seu primeiro esposo Aldo Veiga, militante do Partido Comunista, acabou unindo-se ao escritor, sendo a sua companheira até o final de sua vida, construindo um relacionamento sólido de cumplicidade, respeito e ajuda mútua.

Assim é que podemos perceber que, mesmo em meio a uma sociedade patriarcal, rompeu com alguns valores e comportamentos tradicionais para a época, desde que começou a participar de eventos literários, comícios, ou mesmo quando se separou do seu primeiro marido, em um momento em que ainda não havia a Lei do Divórcio no país. “Como era chamado na época, o desquite era a única possibilidade de separação oficial dos casais nos anos 50, mas não dissolvia os vínculos conjugais e não permitia novos casamentos.” (BASSANEZI, 2002, p. 636 - adaptado).

Por estas épocas, a separação era uma atitude vista socialmente com muita rejeição, ainda mais em relação às mulheres, pois o matrimônio, de acordo com a moral cristã, em nenhum momento poderia ser desfeito, sendo o casamento sinônimo de união para a vida toda. A discriminação social era tão intensa que as mulheres que rompiam seu casamento eram vistas como má influência para as “bem casadas”, conforme coloca-nos Bassanezi (2002):

A conduta moral da mulher separada estava constantemente sob vigilância, e ela teria de abrir a mão de sua vida amorosa sob o risco de perder a guarda dos filhos. Estes já estavam marcados com o estigma de serem frutos de um lar desfeito. Apenas para o homem desquitado o controle social era mais brando, o fato de ter outra mulher não manchava a reputação. (BASSANEZI, 2002, p. 236).

Diante disso podemos entender como os valores estabelecidos socialmente controlavam a vida das mulheres que tinham comportamentos “desviantes”, contrários à moral vigente. A separação, além de ser vista como fruto de uma liberdade feminina exacerbada, era a grande responsável por enfraquecer a “solidificada” instituição familiar. O medo da perda da guarda dos filhos por conta de novos relacionamentos levava as mulheres

a abrir mão de sua liberdade a fim de poder criá-los, sendo estes também socialmente vistos com aversão.

No entanto, mesmo em meio a tal atmosfera de imposições morais, as separações ocorriam e novas configurações de relacionamentos iam surgindo, não atendendo aos padrões estabelecidos. Bassanezi (2002) resgata que:

[...] a proporção de mulheres que se declararam separadas nos censos demográficos cresceu entre as décadas de quarenta e sessenta. Também tornou-se mais comum a situação de casais de classe média e alta que procuravam levar uma vida normal e legitimar socialmente no exterior ou por procuração - mesmo sem um respaldo legal ou religioso. (BASSANEZI, 2002, p. 637).

Zélia, de maneira gradativa, foi quebrando certas barreiras, rompendo com o patriarcalismo, estabelecendo-se em um novo relacionamento com o escritor baiano, construindo uma nova família, apesar das limitações jurídicas referentes ao divórcio no período. Trata-se de uma mulher que, a partir de uma reflexão sobre si e sobre a sociedade em que se inseria, caminhou em busca de sua emancipação como mulher, conquistando posteriormente, uma série de benfeitorias no campo pessoal e profissional, tornando-se escritora tardiamente, mas contando com enorme experiência de vida.

No ano de 1978 oficializou o casamento com Jorge Amado, época em que já vigorava a Lei do Divórcio, após 33 anos de união com o escritor, sendo o Divórcio (lei criada em 1977) um divisor de águas com relação ao casamento civil no Brasil. “Esse remédio jurídico só foi concretizado após muitas lutas por seus defensores.” (CORTÊS, 2012, p. 260).

Um dado relevante sobre o seu divórcio é que a escritora, em todos os seus livros, fez questão de não relatar sobre o assunto, talvez pelo fato de tratar-se de algo delicado para ela. Certa vez, em *Città di Roma* (2000, p. 171) apenas comentou que seria esta uma “página virada” em sua vida, por isso o silêncio a respeito. Possivelmente, não quis discuti-lo em suas obras por se tratar de um assunto particular, visto com bastante preconceito no período em que o viveu. Falar sobre ele seria uma forma de dar margem a comentários, discussões e posicionamentos morais por parte das pessoas que entrassem em contato com sua literatura; não pronunciá-lo seria uma forma de se preservar e zelar pela sua relação com Jorge Amado.

Como não bastasse, quando no exílio na França, fez o curso de Língua e Civilização Francesa na Sorbonne (1948-1949), outra prática feminina não comum para a época, pois as mulheres ocuparam as universidades no Brasil posteriormente, nas décadas de 1960 e 1970.

O processo acelerado de urbanização - iniciado uma década antes e intensificado a partir dos anos 1970, fez das mulheres personagens visíveis em diversos espaços públicos. “Entre outros, a presença feminina aumentou nas universidades e nos empregos formais [...]” (PEDRO, 2012, p. 240), o que demonstra a preocupação da autora com sua formação intelectual e o quanto aproveitara as oportunidades que teve durante toda sua vida no Brasil e nos países em que morou ou que pode conhecer.

Conseguiu deste modo estabelecer com Jorge Amado uma relação de companheirismo no sentido pessoal e também profissional, compartilhando experiências e auxiliando-o no processo de suas publicações. Zélia comenta Bassanezi (2002), dialogando o tempo todo, trocando informações e ideias, denotava atitude muito distintiva para uma época em que se distinguia completamente a feminilidade da masculinidade, ou seja, quando os papéis dos homens e os das mulheres eram sempre diferenciados, “a comunicação era provavelmente mais difícil, mesmo porque, o diálogo entre iguais não era algo a ser buscado, não fazia parte do modelo de felicidade conjugal proposto aos casais e, especialmente, às mulheres da época.” (BASSANEZI, 2002, p. 629-630).

Zélia, desta maneira, conseguiu junto a Jorge um diálogo entre iguais, o que facilitou sua formação como mulher e sua trajetória como escritora, não se posicionando de forma submissa, mas como uma companheira atípica, ativa e parceira de trabalho do escritor, diferentemente do costume dos Anos Dourados, quando as mulheres inteligentes ou cultas eram incentivadas a ajudar o marido na sua precisão, “mas deveriam fazê-lo de forma tal que o marido não se sentisse humilhado ou aborrecido por ter seu território invadido por uma mulher.” (BASSANEZI, 2002, p. 630).

Embora não se intitulasse como feminista, pelo contrário, não gostava dessa ideia, foi uma mulher que lutou pela sua emancipação como mulher e como escritora, foi uma pessoa que buscara seu tão almejado “lugar ao sol”, não pela via da militância feminista, (movimento que nunca se identificou), mas por meio de muitos dos seus ideais, compactuando certos valores, fazendo uso de seus direitos, ocupando espaços públicos, atitudes impensáveis décadas antes. Seu relato assim nos permite concluí-la:

[...] quando me entrevistam sobre movimentos femininos ou feministas fico sempre um pouco grilada. Meu modo de ser, meu temperamento, minha vocação e vivência me deram certa maturidade – de não ser nem sectária, nem radical, nem preconceituosa. Assim, quando me falam em separar a mulher do homem eu sinto que se marginaliza a mulher. Partindo do princípio de que a humanidade depende, para existir, da parceria homem-mulher, toda e qualquer reivindicação deve ser conjunta. Assim como se faz um filho, naturalmente, homem e mulher devem lutar

pela emancipação da mulher. E não creio que se possa culpar os homens pelos problemas vividos pelas mulheres. Estas, muitas vezes, são muito mais rigorosas com as próprias mulheres do que os homens: se uma mulher comete um deslize é muito mais criticada por suas companheiras de sexo do que pelos homens. (GATTAI, 1985, p. 96).

O seu discurso é muito comum à época em que viveu, uma vez que os movimentos feministas eram vistos com muito preconceito. “Para a direita, por exemplo, era visto como um movimento imoral e para a esquerda um reformismo burguês; o restante da sociedade o via como um movimento antifeminino.” (SARTI, 2004, p. 40). Por isso a dificuldade em se identificar e aceitar os seus fundamentos e valores, em uma sociedade extremamente preconceituosa, que foi se abrindo para novos horizontes em um ritmo bastante lento.

Intitular-se como feminista, portanto, equivaleria a aceitar o estigma de ser uma mulher insensível, masculinizada e desprovida de beleza feminina e de bons atributos morais, tão esperados que fossem cumpridos socialmente. Neste sentido, grande parte da sociedade o via como um perigo ao casamento e à relação homem-mulher; por isso, muitas mulheres intelectualizadas, pertencentes à classe média, não se identificavam, muitas vezes, por medo de serem alvos de preconceito ou, mesmo porque, a partir de suas concepções, ele não as representava por razões particulares.

Era tão comum o preconceito contra as feministas que ele também foi manifestado pela escritora Rachel de Queiroz em uma entrevista à “Última hora” no ano de 1977, afirmando o seguinte:

Eu comparo essa rebelião feminina ao que aconteceu com o Concílio Vaticano Segundo. Uma sede de liberdade que embriagou um pouco [...] Eu espero que as mulheres voltem aos trilhos e ao sentimento de uma feminilidade que é biológico. O que as mulheres não entendem é que estão sendo mulheres e homens ao mesmo tempo. Isso tudo me deixa muito chocada. (QUEIROZ apud. MELLO, 2011, p. 12).

Do trecho da escritora e também acadêmica Rachel de Queiroz podemos perceber, mais uma vez, o quanto fora difícil às mulheres identificarem-se com tais ideologias, vistas sempre de maneira pejorativa, como oposição ao feminino, pautadas em um discurso biológico, em que há papéis completamente definidos para homens e mulheres. Percebe-se neste sentido que essas mulheres, mesmo com acesso ao campo intelectual, ainda nutriam valores conservadores; absorvendo algumas demandas feministas em suas vidas, apesar de não serem, e ao mesmo tempo, criticavam seus fundamentos.

Vale notar, que Zélia Gattai nunca se identificou com o feminismo, mostrando-se bastante crítica em relação ao movimento. Para ela, o intuito destas mulheres era “separar a mulher do homem”, o que salienta que não o via com bons olhos.

Em entrevista ao Jornal Folha de São Paulo em 1976, faz a seguinte afirmação: “Feminismo? Isto é coisa da Europa, lá na Bahia mulher é mulher, e fim” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1976, p, 05).

De fato, é de suma importância ressaltar que nunca se identificou com tal movimento, no entanto quando começa a publicar as suas obras vivencia uma experiência social de forma mais autônoma e mais livre. Dentre uma série de fatores, o feminismo também foi responsável por uma mudança significativa na vida de algumas mulheres nesse período, mesmo as que não compactuavam com seus valores. O que deve ser levado em conta é que com o movimento, as revistas femininas e o acesso aos outros meios de comunicação, além de suas experiências pessoais, as mulheres percebem que necessitam de novas demandas, é nesse momento que muitas delas começam a questionar os seus papéis sociais e a protagonizar mudanças em suas vidas a partir de uma reflexão sobre si. Foi o que ocorreu com Zélia Gattai e muitas outras escritoras, artistas, militantes e demais mulheres de seu tempo.

Apesar das críticas em relação ao feminismo, Zélia fora também uma mulher de seu tempo, transitando dentro dos costumes e dos valores tradicionais e, ao mesmo tempo, distanciando-se deles, na medida em que ocupa os espaços públicos e que age e pensa de forma autônoma, conquistando seus reais objetivos como mãe, esposa de um escritor famoso e se realizando também como escritora, sendo reconhecida por seus pares, posteriormente.

Por mais que tenha adquirido grande notoriedade como escritora, sempre se posicionou como “contadora de histórias”, afirmando que Jorge é quem era escritor. Todavia, mesmo prostrando-se desta maneira, caminhou em busca de seu espaço, almejando sim o seu nome próprio como escritora e não apenas como contadora de histórias, tal como gostava de se auto definir. Deste modo, criou mecanismos para poder transitar por esses espaços públicos sendo notada, mas de uma forma que não criasse uma tensão com o esposo nem uma situação de competição. Havia em seu relacionamento uma cumplicidade e respeito mútuos, fundamentais para a sua caminhada literária e emancipação como mulher. Ou seja, Jorge Amado permitiu que a esposa o auxiliasse em suas atividades como (datilografar e revisar as suas obras), o que poderia ser feito por uma outra pessoa, talvez mais gabaritada do ponto de vista intelectual. No entanto, ele fez questão de delegar tal

responsabilidade a Zélia Gattai porque confiava em seu trabalho. Tal oportunidade lhe rendeu conhecimentos suficientes para poder estabelecer-se também como escritora posteriormente:

Esse sentido maior da companheira capaz de se entregar sem se anular, antes, tirando do relacionamento a força para descobrir o próprio espaço e como escritora (logo, profissional) dar testemunho de seu tempo, tudo com naturalidade e afeto espontâneo, fazem de Zélia Amado que a gente viu no Canal livre e conhece assim meio de longe como a mulher de Jorge, uma personagem de extrema riqueza humana, a mostrar o quanto o ser humano é profundo quando simples e pode crescer e se elaborar na direção do amor e da construção de um novo mundo (ARTUR DA TAVOLA, 1982, p. 73).

Na época que se ocupa com *Anarquistas graças a Deus*, publicado em 1979, a mulher do tempo de Zélia Gattai “já se aventura a elaborar seu próprio discurso de acordo com seus desejos, grita, resiste, investe e, de alguma forma, subverte a ordem, embora não ouse extrapolar limites.” (ALVES, 2002, p. 107). Este trabalho foi lançado pela editora Record⁹, em um período em que ocorria um *boom* de publicações no mercado editorial brasileiro.

Por esta época a editora Record estava “a todo o vapor”, investindo intensamente no ramo das publicações e em equipamentos modernos, no emprego de mais funcionários, em grandes publicidades, conquistando o mercado nacional e, posteriormente, o internacional em diversos países, desde a América Latina a Europa. Publicaram-se ficções, romances, livros de autoajuda, memórias, entre outros gêneros, contemplando livros de autores e autoras como Jorge Amado, Lya Luft, Nélide Piñon, Zélia Gattai.

Um dado relevante à situação é que Jorge Amado também publicou um livro pela mesma editora no ano de 1979, sendo a primeira edição intitulada *Farda, fardão, camisola de dormir*, que discutia assuntos relacionados ao Estado Novo bem como o regime nazista. O Estado Novo também foi um tema abordado em *Anarquistas graças a Deus* por Zélia Gattai.

Por ser um escritor já consagrado e por ter contatos políticos, pessoais e, sobretudo, profissionais em âmbito internacional e no Brasil, desde a década de 1940, Jorge tinha uma ótima relação com várias editoras, como a Schmidt, a José Olympo, a Editora Martins e a própria Record, junto a qual publicara outros livros anteriormente, como *Tenda dos Milagres* (1941) “o primeiro romance brasileiro a alcançar a cifra de cem mil exemplares em sua

⁹ A Editora Record foi criada por Alfredo Machado e Décio Abreu no ano de 1942. Ao longo desse tempo passou de distribuidora de histórias em quadrinhos ao maior conglomerado independente de editoras da América Latina, líder no mercado brasileiro de livros não didáticos e religiosos. Informações disponíveis no sítio eletrônico: <http://www.record.com.br/novidades_cada.asp?id_novidade=1186> Acesso em: 10 Nov, 2014.

primeira edição.” (DIMAS, 2012, p. 120). Além da relação profissional com a editora Record, Jorge Amado era amigo de Alfredo Machado, um de seus criadores, pelo qual nutria grande estima ao ponto de elogiá-lo publicamente por considerá-lo um homem que conseguiu transformar de forma significativa a indústria editorial no Brasil. Seu discurso de ingresso na Academia Brasileira de Letras (1978) ilustra-nos bem a situação:

Os tempos de hoje já não comportam nem o paternalismo dos editores, nem o amadorismo dos autores, e ninguém tem concorrido para liquidar tais fatores de atraso cultural quanto o diretor da editora Record. Alfredo Machado modificou e transformou por completo a indústria editorial no Brasil. Além disso, é a mais generosa das criaturas, amigo de dedicação inextinguível. (DISCURSO DA ACADEMIA DE LETRAS, 1978).

Desse modo, a relação de Jorge Amado e Alfredo Machado não se restringia aos negócios editoriais e ao profissionalismo, eles eram amigos.



Figura 3: Jorge Amado e o amigo Alfredo Machado. Disponível em: <http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=79 Acesso em: 11. 10.2015.

Evidentemente que a Zélia pôde inserir-se no campo literário por uma certa influência de seu esposo, uma vez que ele era reconhecido por seus pares e por também publicar seus livros nessas editoras. Certamente, seria muito mais difícil adentrar o mundo das letras sendo uma mulher anônima, sem nome e sem contatos importantes. No entanto, não se pode atribuir sua estreia tão somente pelo fato de ter alguém que apoiara seus

projetos, o que seria determinista, uma análise extremamente vazia de sentido e uma injustiça com a memorialista.

Deste modo, faz-se necessário considerar outras questões, outros pontos de igual relevância, como o seu talento e experiência, as questões de gênero, as que se referem às mudanças econômicas e, sobretudo sociais que estavam aparecendo na sociedade pesquisada. Além disso, o fator principal que deve ser levado em conta é que começou a ser reconhecida desde o início de sua carreira e seus livros foram lançados e editados em outros países, conquistando inúmeros leitores ao longo dos anos, o que demonstra que fora realmente reconhecida pela particularidade de sua obra que é majoritariamente memorialística, resultado de sua dedicação e compromisso com a sua escrita.

O sucesso de Zélia se deu, sem sombra de dúvidas, como a todo escritor, devido a vários fatores: a influência editorial, o mercado em alta, inclusive para as escritoras, não se restringindo ao mundo masculino e, sobretudo, pelo fato de ter sido aceita por um público leitor interessado em suas histórias e na forma que tecia sua narrativa. Para o panorama social de *Anarquistas graças a Deus* há também outros fatores que devem ser elencados, tais como o processo de abertura política e a industrialização da produção cultural, fruto do “milagre econômico” ocorrido durante o governo militar. Sobre o período, Reimão (1996) pondera:

[...] a queda nas taxas do analfabetismo, o crescimento do número de universitários e o crescimento do Produto Interno Bruto, informam e esclarecem o crescimento quantitativo do mercado editorial nacional nos anos 70, década em que se ultrapassa a deplorável barreira de um livro por habitante ao ano. (REIMÃO, 1996, p. 4).

Para a década anterior, especialmente no ano de 1968, ocorrera um processo de crescimento econômico no país que aumentou ainda mais o consumo, principalmente pela classe média:

Tal progresso “milagroso” foi possível devido a uma série de fatores, segundo Habert, principalmente três pilares básicos: o aprofundamento da exploração da classe trabalhadora submetida ao arrocho salarial; a ação do Estado garantindo a expansão capitalista e a solidificação do grande capital nacional e internacional; e a entrada maciça de capitais estrangeiros na condição de investimentos e empréstimos. (HABERT apud. COSTA, 2009, p. 43).

São vários os fatores que explicam o aumento das publicações literárias desde o início da década de 1970, como o reforço no aumento do número de universitários,

sobretudo nas universidades privadas, além da diminuição da taxa de analfabetismo. Como pontua Reimão (1996) estas publicações “[...] resultaram em parte de várias campanhas estatais, civis e eclesiásticas, incluindo aí, como iniciativa e não efeitos, o malfadado projeto MOBRAL.” (REIMÃO, 1996, p. 24).

Outro acontecimento de suma importância neste processo de aumento de publicações refere-se à criação de uma lei no ano de 1968, “permitindo que vários pontos do comércio varejista atuassem como pontos de venda de livros, entre eles, farmácias, supermercados e postos de gasolina.” (REIMÃO, 1996, p. 25). Deste modo, o acesso à leitura tornava-se cada vez maior entre os brasileiros. “Neste momento muitos escritores jovens começaram a publicar em editoras de médio e grande porte, lançando novos agentes no sistema literário brasileiro.” (CARNEIRO, 2012, p. 3-4).

No entanto, o “milagre econômico” não se sustentou por muito tempo em função, sobretudo, das crises de ordem política, econômica e social e da insatisfação popular. Neste contexto de insatisfações, com a truculência do governo militar, iniciou-se um movimento de publicação de livros com engajamento político, com o intuito de relatar vivências e memórias de um período em que a violência era empregada o tempo todo contra as pessoas refratárias ao poder militar. Deste modo, foram publicados romances políticos, uma espécie de “testemunho”, além de livros com caráter memorialístico, bem como o que se poderia chamar de “literatura de sintoma”, “aquela que flagra o sentimento de opressão e angústia característico da intelectualidade e dos artistas daquele momento.” (HOLANDA apud. REIMÃO, 1996, p. 27).

Os romances políticos foram, na época, os livros mais vendidos. Neste “cenário literário” apareceram, ainda, vários escritores que se debruçaram sobre este tipo de escrita mais politizada; são os exemplos de Érico Veríssimo com *Incidente em Antares*, publicado no ano de 1973, e *Calabar*, de Chico Buarque de Holanda, publicado em 1974, além de outras publicações que traziam a preocupação política. Outro tipo literário bastante vendido na época foi o dos livros memorialísticos, como *Baú de ossos* (1973), *Balão cativo* (1974) e *Chão de ferro* (1976), ambos de Pedro Nava.

Além destas obras houve também a publicação de algumas escritoras como Lygia Fagundes Telles com *As meninas* (1975) e *Dôra Doralina*, de Rachel de Queiroz, no mesmo ano. No segmento do gênero ficção, Clarice Lispector veio a publicar *Água viva*, em 1973.

Com a abertura política e com a criação da Lei de Anistia no ano de 1979, os livros mais vendidos continuaram a ser os de não-ficção; os escritores, neste momento,

enfativavam os eventos do tempo presente. Conforme resgata Reimão (1996) além desse gênero, começaram a ser publicados também os livros de ficção de autores não brasileiros:

O segmento não ficção convive, no segmento literatura de ficção, com títulos em que dominam a presença de autores não brasileiros e temário não vinculado a realidade circundante imediata, como por exemplo *Ilusões*, de Richard Bach, e *Encontro no Nevoeiro*, de J. M. Simmel. A disparidade entre esses dois segmentos do mercado editorial levou a revista *Veja* (27 dez. 1978, p. 75) ao seguinte comentário: “J. se disse, aliás, que o leitor deste país diverte-se em inglês e preocupa-se em português.” (REIMÃO, 1996, p. 30).

No mesmo ano em que Zélia publica seu primeiro livro Fernando Gabeira lança *O que é isso companheiro*¹⁰? “Este livro vendeu cerca de 80 mil exemplares em 1979 e Gabeira reacende com esse texto um filão que se desenvolverá mais na primeira metade dos anos 80.” (REIMÃO, 1996, p. 30). Esta e outras publicações afins tinham como intuito relatar as vivências com todos os acontecimentos relacionados ao período militar; era uma forma de mostrar as atrocidades cometidas pelos militares, sendo também uma tentativa de denúncia, dever moral ou mesmo um desabafo individual e coletivo.

O livro de Zélia também fazia parte do gênero não fictício; no entanto, os temas relatados não se referiam ao período militar, mas nutria uma profunda preocupação com as questões de seu tempo presente. Seu foco esteve em narrar a história da imigração italiana no Brasil em meados do século XIX; além deste assunto, também comentou sobre o Estado Novo, os eventos cotidianos bem como as atrocidades cometidas pelos militares¹¹ no momento, além de outras temáticas, como a modernização de São Paulo, o cinema mudo e outras histórias.

É importante salientar que a sua obra se aproxima do memorialismo de seu contemporâneo, Pedro Nava¹² em diversos aspectos. Ele foi um importante médico e escritor mineiro que também iniciou a carreira literária tardiamente, depois que aposentou-se aos 66

¹⁰ O escritor Fernando Gabeira, por conta do sucesso com a publicação de seu livro, acabou recebendo no ano de 1980 o prêmio Jabuti na categoria Biografia e/ou Memórias, o que demonstra que o gênero biográfico já estava sendo valorizado e fazia parte do cenário literário neste período. O prêmio foi criado no ano de 1958 pelo presidente da Câmara Brasileira do Livro Edgar Cavalheiro e o secretário Mario da Silva Brito, sendo destinado aos escritores de todas as áreas envolvidas no processo de criação e produção de um livro. Informações disponíveis no sítio eletrônico: <<http://premiojabuti.com.br/o-jabuti/historia/>> Acesso em: 30 out. 2014.

¹¹ O assunto sobre a violência do Estado Novo é um tema recorrente em suas autobiografias, como escreveu em *Città di Roma* (2000).

¹² Pedro Nava (1903-1984) foi médico e escritor (memorialista). Publicou seis livros de memórias no período de 1972 até meados da década de 1980. Recebeu o prêmio Jabuti no ano de 1983, ano de seu último lançamento.

anos de idade, escrevendo seis memórias, *Bau de Ossos* (1972), *Balão Cativo* (1973), *Chão de Ferro* (1976), *Beira Mar* (1979), *Galo da Trevas* (1981) e *Círio Perfeito* (1983).

Ambos os escritores praticam a escrita autobiográfica e memorialista na velhice, cheios de experiências e muitas recordações, contemplando a construção da memória individual e também a coletiva. Neste sentido, Nava assim como Zélia Gattai em sua primeira publicação, dedicou-se a narrar as histórias de seus antepassados, reconstituindo desse modo, as suas raízes familiares bem como a trajetória da sua família materna e paterna no período de 1830 ao ano de 1940.

Em *Baú de ossos*¹³ reconstruiu a raiz familiar materna também narrando a trajetória pessoal e profissional de seu pai José Nava (1876-1911) dos seus avós e outros familiares na cidade de Juiz de Fora que estava em pleno processo de industrialização.

Na medida em que construía memórias, registrava o cotidiano da cidade, o convívio com seus parentes, relatando sobre os hábitos do período e os conflitos e preconceitos de ordem social que vivenciou durante a sua infância pobre. Em contrapartida, constrói uma imagem de si como um homem que travou contato com importantes intelectuais durante a sua vida e que descendia de uma família de homens dotados de muita inteligência e conhecimento. Como é o caso de seu pai José Nava:

[...] Apareceram nos meus velhos papéis as sombras de Alencar Matos, Frota Pessoa, Antônio Fernandes e Manfredo Afonso que integravam, com meu pai, o corpo editorial do José de Alencar, “periódico científico e literário”, com redação à Rua Tristão Gonçalves, 116 e que saía nos dias 10, 20 e 30 de cada mês. Possuo seus recortes do dia 20 de janeiro de 1893, número 1, do ano II. Nele meu pai publica um ensaio intitulado “Philosophia da história” – realmente muito bom para os seus dezessete anos já recheados da leitura de Schopenhauer, Herbert Spencer, Buckle, do inevitável Augusto Comte e do nacional Silvio Romero (NAVA, 1983, p. 91).

Neste aspecto, Zélia também se aproxima de Nava, pois narrou a trajetória de vida da sua mãe em *Anarquistas graças a Deus*¹⁴. Embora não tivera a oportunidade de estudar, dona Angelina era uma leitora exemplar de livros mais “subversivos” entre outros tipos de literatura. Gostava de ler os clássicos de alguns consagrados escritores como Émile Zola, Castro Alves, Dante Alighieri, Victor Hugo além de alguns ídolos anarquistas como Bakunin, Kropotkin com os quais Zélia fez questão de relatar, demonstrando desse modo, uma preocupação em construir-se como uma mulher que fora bem criada do ponto de vista cultural, pois teve acesso a leitura de bons livros desde a sua infância.

¹³NAVA, Pedro, *Baú de ossos*. São Paulo: Circulo do livro, 1983.

¹⁴ GATTAI, Zélia. *Anarquistas graças a Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Em *Beira Mar*¹⁵ publicado no ano de 1978 Nava divide o livro em capítulos temáticos tais como “Bar do ponto”, “Rua da Bahia” do mesmo modo fez a autora, na maioria de seus livros autobiográficos.

Outro ponto que deve ser destacado, é que os autores na construção de suas memórias não seguem uma ordem cronológica, às vezes escrevem sobre o passado, em outras, contemplam narrar as histórias mais recentes.

Além disso, ambos os autores registraram em suas obras as modernizações que estavam ocorrendo no Brasil durante o século XIX como a inovação da luz elétrica, do bonde do telefone além de relatar sobre os imigrantes, os grupos intelectuais do momento, como nos mostra o escritor sobre a cidade de Juiz de Fora em *Bau de Ossos* no excerto a seguir:

Juiz de fora progredia. A população subia, andava ali pelos doze a treze mil habitantes – imaginem! Treze Mil! – essa densidade exigia progresso. Esse começara em 1870 com a inauguração dos telégrafos. Logo depois viriam os trilhos da Estrada de Ferro Dom Pedro II. Em 1885 a cidade começa a ser dotada de encanamentos e de água a domicílio. Em 1886, grande animação com uma Exposição Industrial que reflete a pujança do município. Foi inaugurada solenemente no fórum, como comissões disso e daquilo (NAVA, 1983, p. 214).

Na mesma perspectiva Zélia Gattai preocupa-se em narrar a modernização da cidade de São Paulo a sua terra natal, deste modo, relata sobre o tempo em que chegou os primeiros automóveis, sobre a chegada dos imigrantes italianos, as atividades anarquistas, os hábitos alimentares, alguns costumes dos italianos entre outros diversos assuntos.

Percebe-se a partir de tais considerações que há muitas aproximações entre o memorialismo de Pedro Nava e Zélia Gattai no que diz respeito à construção de suas memórias individuais e coletiva. Além deste ponto, ambos estão narrando histórias de um mesmo contexto temporal durante o século XIX, discutindo assuntos semelhantes, mas espacialmente distantes. Enquanto Nava concentra-se em mostrar as particularidades da cidade mineira de Juiz de Fora, a escritora constrói a sua história e de seus antepassados a partir da capital paulista.

Vale ressaltar que em relação aos temas escolhidos eles também se assemelham porque contam sobre a própria vida contemplando as histórias de seus entes queridos, pessoas comuns e intelectuais renomados. Neste sentido, ambos escrevem, registram e documentam as suas memórias a fim de deixá-las para a posteridade.

¹⁵ NAVA, Pedro. *Beira Mar*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

Ainda dentro do “campo memorialístico” Gilberto Amado¹⁶ também é um dos principais representantes deste gênero literário, apesar de não ter tanta visibilidade quanto Pedro Nava, atualmente. Ele começou a lançar as suas obras antes dos autores citados, a partir da década de 1950, narrando num primeiro momento, a sua infância no livro intitulado *Historia de minha infância* (1954) em Estância - SE, a sua cidade natal, informando sobre as suas tradições entre outras particularidades culturais.

Como bom memorialista, na mesma linha da construção de si praticada por Zélia e Nava, Amado teceu a sua narrativa a partir de recordações de sua infância, da fase de sua adolescência contemplando ainda, outros momentos de sua vida. Desta maneira, em suas obras exerce a construção memorialística, construindo uma imagem de si e as memórias de seus antepassados, de seu pai Melchisedech de Sousa Amado, de sua mãe Ana de Lima Azevedo Sousa Ferreira, dos avós os “Amados” do lado paterno e por parte de mãe, os “Azevedos” além da irmã dos amigos de infância e intelectuais que travou contato ao longo de sua vida. Foi um homem, sem sombra de dúvidas, muito preocupado em construir-se como um sujeito de bom caráter e dotado de uma moral ilibada, tendo em vista que fora acusado de ter assassinado o escritor e secretário do teatro municipal, Anníbal Theophífflo, em decorrência de grandes desavenças pessoais e intelectuais entre eles, como nos mostra Cavalcante no excerto a seguir:

O crime ocorre em pleno Rio de Janeiro do início do século XX, na Avenida Rio Branco, esquina com a Rua do Ouvidor que, juntamente com as confeitarias, abrigavam escritores que em clima de boêmia discutiam sobre literatura, política etc, por isso não é de se estranhar a curiosidade popular em torno do caso, dado que o autor do crime se tratava de um político que, ainda jovem, já desfrutava de certo renome na capital, não somente por sua atuação na política, como também por sua visibilidade no cenário literário (CAVALCANTE, 2009, p. 22).

Apesar de concentrar a narrar as lembranças de sua infância, também contempla a sua fase no período da adolescência. Além disso, faz questão de enfatizar o seu lado profissional como deputado federal e como consultor jurídico.

¹⁶ Gilberto de Lima Azevedo Souza Amado de Faria (1877-1969) nasceu em Estância – SE. Foi Jornalista, diplomata, professor, advogado e literato. Foi deputado federal por três mandatos. Ingressou na Academia Brasileira de Letras em 1963. Publicou um grande número de obras, entre memórias, romances, crônicas, estudos filosóficos e político-sociológicos, destacando-se, entre estes últimos, *As instituições políticas e o meio social no Brasil* (1924), *Eleições e representação* (1931) e *Presença na política* (1958). Escreveu cinco livros de memórias: *História de Minha Infância* (1954), *Minha Formação no Recife* (1958), *Mocidade no Rio e Primeira Viagem à Europa* (1956), *Presença na Política* (1958) e *Depois da política* (1960). Informações disponíveis no site: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/gilberto_amado>.

Assim como Nava e Zélia, Amado se debruça a contar sobre eventos cotidianos, as relações entre as pessoas, as atividades religiosas, a experiência na primeira fase escolar bem como alguns hábitos alimentares dos meninos, demonstrando a sua percepção das dificuldades sociais existentes entre as crianças menos abastadas do ponto de vista econômico desta época:

Muitos dos alunos levavam no bolso para comer na aula, caroços de jaca assados, Outros comiam bunda de tanajura também assada. Vi-os muitas vezes, comendo: a carne da tanajura é igualzinha na cor à polpa de cambucá, esbranquiçada e pegajenta. Quanto ao gosto, nunca provei; tive vontade, mas tive medo. Vi também comerem caco de telha, em geral de telha nova, decerto apanhado de passagem na olaria. Interessante é que não me recordo se o fato provocava comentários. Só me lembro do jeito, dos gestos, das caras dos meninos das suas panças crescidas e da tristeza deles (AMADO, 1954, p. 91).

Em seu primeiro livro, Amado o dividiu em dois capítulos, intitulando o primeiro como *Estancia*, sendo o segundo nomeado como *Itaporanga*, referente às duas cidades em que morou. Nestes dois capítulos, criou subcapítulos temáticos, tais como “Padre Aires, Francisquito” (AMADO, 1954, p. 35), “O vaza barris” (AMADO, 1954, p. 71), “Meu avô José Amado” (AMADO, 1954, p. 175), “Fim da infância” (AMADO, 1954, p. 249) entre tantos outros.

Além de destacar estes assuntos, Amado afirmou em sua obra a grande influencia dos pais em seu desenvolvimento intelectual, pois eles tinham o hábito de ler o que fez com que ele também tomasse gosto desde muito cedo pela literatura:

Dois anos depois, começaria a ler os romances lidos por meus pais, *Os três Mosqueteiros*, *Visconde de Bragelona*, *Rocamboles*, *Os Mistérios de Paris*, *O Judeu Errante*, os de *Bois- Guilbert*, *Gaboriau*, *Heitor Malot*, *Capendu*, tudo traduzido então para leitura popular. Não me saía também das mãos o *Almanaque de Lembranças Luso- Brasileiro*, o *Laemmert e o de Sergipe* (AMADO, 1954, p. 150).

Pode-se dizer deste modo, que Amado construiu uma imagem sobre si como alguém que já nascera para ser um grande intelectual uma vez que em sua infância fora um leitor voraz, fadado ao sucesso pessoal e também profissional como pontua Cavalcante:

[...] Amado define a sua intelectualidade como algo inerente à natureza, chegando até supor que seu gosto pelo magistério e cultivo do intelecto era “tara de família”, algo hereditário, como se a intelectualidade percorresse o seu corpo o indispondo a atos de desrazão como o crime que cometera em 1915. Talvez por isto, as lembranças de sua formação intelectual apareçam em suas memórias como uma tentativa de construção daquele homem como um ser essencialmente criado sobre os auspícios da razão (CAVALCANTE, 2009, p. 49).

No livro intitulado *Depois da Política* lançado no ano de 1960, mostra-se mais politizado, abordando questões referentes ao “mundo burocrático”, narrando eventos que participou como as festas e conferências, construindo também memórias de pessoas comuns como Tetê a cozinheira de Itaporanga e homens consagrados do “mundo político” como escritores, presidentes, deputados e senadores como Getúlio Vargas, Washington Luís, Júlio Prestes de Albuquerque, Irineu Machado, Raul Soares, Artur Bernardes, Salgado Filho, Carlos Laet, Rui Barbosa, Paul Valéry, João Manguabeira, Juraci Magalhães, Francisco Campos, Clóvis Bevilacqua, Afrânio de Melo Franco e outros. Trata-se de um escritor mais engajado que se coloca a criticar a República Velha e os políticos paternalistas deste período.

Além disso, narra assuntos mais pessoais e as viagens que fez com a família pela Europa, o seu desquite e alguns momentos de seu dia a dia como os diálogos entre as pessoas, os banhos de mar que tanto apreciava, concentrando a atenção para outras questões, como o papel da imprensa no Rio de Janeiro e os conflitos políticos que estavam ocorrendo durante a década de 1930 e nos anos posteriores. Pode-se dizer, portanto, que Amado construiu a partir de sua narrativa muito mais do que a sua memória de si e das pessoas com as quais conviveu, pois relatou em suas obras um panorama social de seu tempo a partir de sua concepção de mundo como homem, literato e político.

Por fim, podemos observar a partir do memorialismo de Nava, Zélia Gattai e Amado que há muitas semelhanças em relação a construção de suas memórias. A começar pela idade, pois todos escreveram tardiamente, depois dos 60 anos, contando com muitas experiências pessoais, profissionais e intelectuais.

Nota-se que todos estes autores enfatizam as lembranças de suas infâncias em suas publicações, relatando os momentos que vivenciaram. Há também a construção da memória coletiva de seus antepassados, dos entes queridos, de pessoas comuns e dos intelectuais renomados de suas respectivas épocas.

Outra questão que merece a ser destacada é que existe uma pretensão em suas narrativas de se construírem como sujeitos intelectualizados, sendo uma herança inegável de seus pais e avós de acordo com as suas perspectivas.

Além deste ponto, todos organizam os capítulos de suas obras em divisões temáticas, mostrando ao leitor uma ideia do tema que será narrado a cada página.

Diante deste quadro, podemos concluir que o objetivo de tais autores foi o de documentar, registrar e fixar as suas memórias a fim de que estas não caíssem no esquecimento. Escreveram deste modo, para serem reconhecidos, fazendo de suas narrativas

um espaço de desabafo individual e coletivo sendo uma ferramenta política que permite a crítica, a denúncia e o testemunho dos eventos vivenciados. Neste sentido, escrever para eles era uma maneira de deixarem seus legados, uma forma de se autorrealizarem a partir da construção de suas narrativas.

1.4 Um memorialismo no feminino.

Em relação ao aumento das publicações literárias no período, bem como o aumento de leitores e escritoras adentrando ao cânone literário¹⁷, além dos fatores elencados, outro fator de grande importância se deu devido ao processo de emancipação feminina na década de 1970, o que veio a fortalecer a produção de “autoria feminina” na sociedade brasileira, “ou seja, trata-se de uma luta, uma busca, que tinha como intuito fazer com que as vozes femininas também fossem ouvidas, tendo em vista que as mulheres sofreram ao longo da história um processo de silenciamento e exclusão.” (TEIXEIRA, 2011, p. 281).

Este aumento do número de publicações por escritoras demonstra uma mudança no campo literário, pois as mulheres sempre estiveram em desvantagem em relação aos homens, como pontua Rossini (2014):

Tradicionalmente, as mulheres foram, nas esferas que abrangem o social, o histórico, o político e o estético, consideradas como inferiores ao sexo masculino. Em decorrência da política do patriarcalismo, a mulher foi silenciada, excluída e vitimada por preconceitos e estereótipos lançados em sua imagem ao longo da história. (ROSSINI, 2014, p. 288).

Naquele momento, essa desvantagem homem-mulher dera-se devido a uma cultura machista que não fora capaz de conceber que havia, para as mulheres, um espaço além do ambiente doméstico; este espaço não fora negado apenas a elas: os negros e os homossexuais também não tiveram por muito tempo o direito de manifestar seus pensamentos nem um lugar no campo das letras e em outros campos profissionais. Ou seja, antes das décadas de

¹⁷“O cânone literário é uma forma institucionalizada que define e determina o que vem a ser a sua literatura representativa, isto é, os textos de referência que recortam a singularidade discursiva e representacional daquela cultura. Neste sentido, ele é resultado de valorações dentro de um contexto em que muitos fatores entram em jogo, como por exemplo, gênero literário prestigiado e estilo predominante numa época, mas cuja base reside no discurso crítico e das instituições que o abrigam. Disponível em: RAMALHO, Christina. Literatura e Feminismo Propostas teóricas e reflexões críticas. In: SCHMIDT, Rita Therezinha. [Org]. **Recortes de uma História: a construção de um fazer/saber**. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

1970 e 1980, poucas escritoras foram reconhecidas, sendo uma exceção o caso da romancista Rachel de Queirós que estreou ainda muito jovem, em 1930, e a poetisa Cecília Meireles, morta em 1964 (CUNHA, 1999, p. 153).

Apesar das dificuldades, elas começaram a aparecer no cenário literário, rompendo de forma gradativa com os preconceitos existentes na sociedade patriarcal e criando, desta maneira, mecanismos para poder transitar neste meio a partir de suas construções narrativas, escrevendo poesias, romances, autobiografias, memórias, entre outros gêneros, “desmascarando a naturalização das diferenças hierarquizadas de gênero e, consequentemente, problematizando o cânone literário estabelecido.” (ROSSINI, 2014, p. 291).

Como coloca-nos Teixeira (2011) dentro deste contexto de problematização do cânone literário é que ocorreu um aumento significativo do número de publicações de mulheres entre as décadas de 1975-1985. “Neste sentido, essas mulheres buscavam se libertar dos papéis tradicionais, tanto no plano social quanto no literário.” (TEIXEIRA, 2011, p. 286). Ao escreverem seus livros, explicitarem seus pensamentos, representarem seus sentimentos, medos, criar personagens e histórias, as mulheres iam conquistando o direito à voz no discurso, passando a representar uma experiência feminina distanciada da perspectiva hegemônica masculina.

Um dado significativo em relação a essas publicações femininas é que a maioria delas, salvo as exceções¹⁸, foi lançada por mulheres brancas, pertencentes à elite econômica brasileira, sendo que grande parte teve contato com a literatura estrangeira, ou mesmo morou em outros países, adquirindo experiências e visões de mundo plurais, travando contato com ideais feministas e com diferenças culturais significativas, o que fora de grande importância para a ampliação de seus horizontes intelectuais e para a própria produção de seus trabalhos literários, bem como a percepção de sua própria existência como mulher em uma sociedade desigual. Muitas delas eram casadas com homens notáveis, como escritores e políticos, também pertencentes a uma elite econômica e intelectual. É o caso de Zélia Gattai. Por outro lado, devemos levar em conta que apareceu no cenário literário na década de 1970 e 1980 algumas mulheres pobres e com baixa ou nenhuma escolarização que escreveram às suas

¹⁸ A escritora Ana Lins dos Guimarães Peixoto tinha o pseudônimo de Cora Coralina, com o qual lançou o seu primeiro livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, pela Editora José Olympio no ano de 1965. Cora é um exemplo de mulher que se tornou escritora mesmo tendo pouca instrução e que não fazia parte de uma elite. Igualmente, é o caso da escritora Carolina Maria de Jesus, que escreveu *Quarto de despejo: diário de uma favela*, lançado em 1960. Trata-se de uma mulher pobre, negra e que morava na favela, muito diferente da realidade das outras escritoras que fizeram parte do cânone literário deste período.

historias relatando às suas dificuldades de ordem material entre outras, como pontua Lacerda:

Seus textos podem ser caracterizados como um “texto verdade”, chocam pelas temáticas de expolição, desigualdade e sofrimento presentes na vida cotidiana. Entre esses livros poderia citar o de Francisca Souza da Silva intitulado *Ai de vós! Diário de uma doméstica*. Um depoimento semelhante ao de Carolina de Jesus, narrado aos quarenta anos de idade e com o apoio de sua patroa. Além desse, há livro De Cícera Fernandes de Oliveira, autora de *Cícera, um destino de mulher* – uma autobiografia oral, gravada e posteriormente transcrita por Danda Prado, *Ela e reclusão: o condenado poderia ser você*, de Vera Teresa de Jesus, doméstica desde os quatorze anos e que passa pela experiência de prostituição, cárcere e depois se profissionaliza como costureira; A queda para o alto de Herzer, pseudônimo para a protagonista-orfã que narra suas experiências em internatos e reformatórios e *Com licença eu vou à luta*, de Eliane Maciel, memória de uma adolescente da baixada fluminense que reconstrói a violência do seu cotidiano e o palco de seus desajustes e conflitos emocionais junto à família, à igreja e à sociedade a partir de um cenário psicológico marcante (LACERDA,).

Em relação ao aumento das publicações, ele foi muito significativo do ponto de vista da manifestação da voz da mulher, pois algumas mulheres conseguiram efetivamente expressar seus sentimentos, muito diferente dos séculos anteriores, quando não se podia manifestar livremente e, quando o fazia, partia-se sempre do anonimato ou pela via do pseudônimo masculino. Há neste sentido uma ruptura do poder do homem no campo literário e em outros setores profissionais que teve como consequência a visibilidade da mulher no âmbito social. Teixeira (2011) coloca-nos que o resgate do termo “feminino” de um “contexto semântico eivado de preconceitos e estereótipos equivale a reescrevê-lo numa prática libertadora que tem como objetivo tornar visível o que foi silenciado e colocado em plano associado ao rótulo de expressão menor.” (p. 284).

Nesta conjuntura é que inúmeras escritoras se debruçaram a publicar as suas obras; é o caso de Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Nélide Piñon, Rachel Jardim, Lya Luft, Patrícia Bins, Hilda Hilst, Maria Adelaide Amaral, Sônia Coutinho, Edla Van Steen, Márcia Denser, Marina Colasanti, Judith Grossman, Heloísa Maranhão, entre tantas outras.

Com estilos literários distintos a partir de publicações de contos, memórias, autobiografias, sobretudo romances, que começaram a se posicionar por meio de suas escrituras relatando seus pensamentos com a criação de suas personagens e as suas histórias:

Com a explosão da literatura de autoria feminina no Brasil, dá-se uma virada da medalha. Por certo sob o impacto da revolução cultural dos anos 60, que colocou em xeque todos os critérios de verdade preconizados pela ideologia em vigor, as personagens femininas começam a avaliar a extensão e as consequências da sua condição de inferioridade e ensaiam as primeiras denúncias. (CUNHA, 1999, p. 153)

A partir dessas publicações femininas ocorreram reflexões indagando se havia ou não uma escrita especificamente feminina que a diferenciasse da escrita dos homens. Uma das correntes teóricas tocantes ao cenário brasileiro aceita a existência de uma escritura tipicamente feminina, denominando-a de “escrita de autoria feminina”. Defende, deste modo, que ela é responsável por demonstrar por via de seus personagens algumas representações que questionam ou mesmo contestam as posições ocupadas por homens e mulheres na sociedade. Teixeira (2011) chama a atenção para a ideia de renovação a que passa a mulher com a escrita feminina:

A inclusão social da mulher passa por um processo de renovação da sua identidade em todos os setores, inclusive no campo literário. A produção literária de autoria feminina pretende falar da luta da mulher por espaço, reconhecimento, igualdade, mas, sobretudo, da reformulação da identidade feminina na sociedade. (TEIXEIRA, 2008, p. 33).

É neste período, inclusive, que nasce e ganha espaço o termo *écriture féminine*, concebido pela feminista Hélène Cixous¹⁹, que considera este tipo de escrita algo revolucionário porque rompe com as estruturas opressivas e convencionais da linguagem e do pensamento masculino.

Cixous publicou no ano de 1976 no Brasil o livro intitulado *O sorriso da medusa*. Neste trabalho defendia a ideia de que o corpo e a escrita eram ferramentas importantes para destruir os valores falocêntricos e neste sentido mudar a condição feminina promovendo a sua libertação.

No entanto, a “escrita feminina” propriamente definida como um campo autônomo e com uma linguagem específica, tem sido alvo de inúmeras críticas e sendo bastante debatida por críticos literários e escritores (as), sobretudo a partir da década de 1990. Na perspectiva dos estudos de gênero, a pautar-se pela construção cultural, considera-se que a “escritura não

¹⁹ Hélène Cixous, escritora e também professora universitária na European Graduate School em Saas-Fee, Suíça, nasceu na Argélia no ano de 1937. Pautada nas ideias de alguns teóricos como Lacan e Freud escreveu inúmeros livros como “Dedans” (1969), a trilogia “O Terceiro corpo”, “Começo” e “Neutralize” (1970-1972), “Nome de ninguém” (1974). Em 1975 publicou “Le lire de la Méduse”, discutindo a escrita feminina e o rompimento da mulher com o mito e a retórica que têm mantido a sua participação na esfera pública. Nos Estados Unidos ela é reconhecida pelo desenvolvimento da “*Écriture Feminine*” (Escrita Feminina). Para ela a escrita feminina surge a partir de um reencontro da mulher com o seu próprio corpo quando ela rompe com o discurso masculino dominante focado no falo. Neste sentido que afirma que a mulher encontra a sua identidade como mulher sendo o processo pelo qual se dá a escrita feminina. Cixous pesquisou na década de 1970 sobre a escrita da escritora Clarice Lispector, sendo a responsável pela divulgação de suas obras na Europa. Informações disponíveis em: <http://mlpa.nottingham.ac.uk/archive/00000006/01/BrF_Carrera.pdf> Acesso em: 20 set. 2014.

teria sexo e que as pessoas, por se posicionarem distintamente quanto aos papéis de gênero, não escrevem de forma diferenciada.²⁰” (SILVA, 2011, p. 32).

A escritora Nélide Piñon relatou, certa vez, que não há diferença entre a escrita feminina e a escrita masculina. Deste modo, defendeu que existe uma escrita independente de uma questão de gênero, ou seja, escrever trata-se de uma questão mais “universal”, tendo em vista que, ao construir uma narrativa, existe um mundo de possibilidades:

Tenho pavor quando se fala em literatura feminina. O que é isso? Não podemos separar a língua, nem dissecá-la. Ela é o nosso patrimônio em comum. Quanto mais você entra no coração da narrativa, mais você a domina. A literatura foi forjada pelo mundo masculino, infiltrada pela presença invisível e permanente da mulher. A mulher circulava pela sala, dizia palavras, e o homem usava essas palavras para escrever. E muitas vezes ela fala em silêncio. O homem precisava da mulher para compor o seu quadro social narrativo. Na verdade, o grande escritor não tem limites. Ele é homem, mulher, bicho, criança, pedra, mineral. Fala sobre qualquer coisa. E é Deus também. (PIÑON, 1997, p. 158).

A escrita de Zélia, tanto a autobiográfica quanto a de romance, contemplou também o assunto em questão, discutindo as questões relacionadas ao “mundo feminino”, como o casamento, o sexo, o divórcio, a educação dos filhos, a traição, a virgindade, o machismo, os valores tradicionais, entre outros assuntos que teve interesse em explicitar. Ou seja, trata-se de questões sobre a sua experiência como mulher no mundo, no seu dia-a-dia, em sua rede de relações com a sociedade e com os poderes estabelecidos, como feito também por outras escritoras, como Clarice Lispector ou mesmo Lygia Fagundes Telles e Rachel de Queiroz, não somente na construção de suas autobiografias, mas também em outros gêneros literários, como os romances e os contos.

Há nas obras de Zélia um engajamento como mulher, relatando suas memórias, preferências literárias, militando politicamente, denunciando abusos de certos sistemas de poder que presenciou ou mesmo que ouviu falar. Também narrou a sua trajetória, desde as

²⁰ Apesar de que uma escrita particularmente feminina ter sido contestada e não aceita pela crítica literária, ainda hoje há pensamentos bastante divergentes a este respeito, o que demonstra que ainda não há um consenso entre teóricos e escritores nesta questão. Por exemplo, no quarto ciclo de conferências da ABL no ano mês de junho de 2014, intitulada “A literatura de autoria feminina: *Clarice: atrás do pensamento*” proferida pela escritora e acadêmica Rosiska Darcy de Oliveira, defendeu o seguinte ponto de vista acerca da autoria feminina: “Embora eu já tenha me pronunciado muito sobre isso, sobre esse tema e tenha ficado tentada a abordá-lo eu fiz uma escolha diferente porque penso que hoje, 20 anos depois, a resposta a essa pergunta não está mais na teoria, está nas obras”, ou seja, a escritora defendeu a ideia de que há uma escrita feminina que se diferencia da masculina. No mesmo segmento de pensamento na mesma conferência, o Presidente da ABL Geraldo Holanda Cavalcanti se referindo a escrita de Clarice Lispector afirmou: “Nenhum homem escreveria nenhuma das obras que Clarice escreveu”, o que também é um posicionamento que deixa claro que no modo de ver do acadêmico há diferenças entre a escrita masculina da feminina. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=G3nwKAmC7zk>> Acesso em: 02 dez. 2014.

lembranças de sua infância à fase adulta. Neste sentido, há em sua literatura, como em tantas outras de sua época, a vontade da mulher em exteriorizar todos esses sentimentos, que por muito tempo foram silenciados ou mesmo guardados.

O que é pontual e que deve ser considerado é que há, de fato, uma escrita que surge no país em meados da década de 1970 que vem a contemplar pela mulher uma reflexão maior sobre si própria em um sentido bastante amplo, alcançando a literatura de um modo jamais feito até então.

Segundo Teixeira (2011) “não se pode conceber que a mulher escritora é uma categoria monolítica que pode ser representada de forma homogênea, pois a escrita de autoria feminina é múltipla, diversa, heterogênea.” (TEIXEIRA, 2011, p. 295). Para ela, não se pode ter a respeito da literatura uma visão homogeneizante que apague as suas diferenças e especificidades de ordem cultural, étnica e de orientação sexual:

Os textos não podem ter um sexo, podem, isso sim, ser escritos por um sujeito masculino ou feminino, que neles manifeste o seu ponto de vista ou o ponto de vista do outro sexo. A conquista da identidade e da escrita pela mulher não significa forçosamente que exista uma escrita declaradamente feminina. A escrita apesar de não ter sexo, será sempre diferente de escritor para escritor, quer este seja do sexo feminino ou masculino, porque terá o seu cunho pessoal. (TEIXEIRA, 2011, p. 295).

Temos que levar em consideração que a escrita feminina no Brasil estabeleceu-se de uma forma mais efetiva após as lutas dos movimentos feministas, aparecendo neste momento muitas mulheres que se posicionaram, relataram suas experiências e, deste modo, emanciparam-se de diversas formas, do campo pessoal ao profissional, como fez a paulista Zélia Gattai e tantas outras de seu tempo.

No que diz respeito ao seu público leitor, Ramos (2002) analisando as “cartas de fãs” pertencentes à escritora Zélia Gattai, coletadas na Fundação Casa de Jorge Amado (FCJ)²¹, pode destacar alguns assuntos nelas tratados: “o primeiro deles refere-se ao ‘prazer da leitura’ que os seus livros proporcionavam aos seus leitores, sendo a expressão ‘leitura agradável’ a mais usada, seja na repetida afirmação de que se leu e releu, muitas vezes, cada

²¹A Fundação Casa de Jorge Amado (FCJA) é uma organização não governamental e sem fins lucrativos que mantém um grande acervo, composto por cartas, trabalhos acadêmicos, originais dos livros do escritor Jorge Amado, além de periódicos (livros e revistas) sobre a escritora Zélia Gattai. Também há no acervo cerca de 400 vídeos nos formatos VHS e DVD, como as adaptações de obras para o cinema e a televisão, documentários e entrevistas. Informações disponíveis no sítio eletrônico: <http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=24> Acesso em: 12 de Out, 2014.

livro.” (RAMOS, 2002, p. 84). Cerca de 90% das cartas que Zélia recebia eram escritas por mulheres, que relatavam suas dificuldades financeiras e o alto preço dos livros.²²

Essas leitoras identificavam-se com a sua narrativa devido ao fato de que suas histórias versavam sobre a sua família e suas preocupações domésticas, assunto interessante para essas mulheres, uma vez que fazia parte do universo em que viviam. Outro ponto importante é que muitas delas também escreviam diários, contos e poemas; “no entanto, afirmavam que os seus textos estavam aquém do direito à publicação.” (RAMOS, 2002, p. 84).

Outro grupo de leitoras de suas autobiografias e que enviavam cartas à escritora era o das descendentes de italianos e de outras nacionalidades. Zélia recebia também cartas de esposas e de filhas de intelectuais e políticos que foram perseguidos pelo movimento da ditadura.

O interesse por seus livros não se deu tão somente pela identificação dos temas tratados; o fascínio também ocorreu por se tratar de um “mundo desconhecido”, como relatamos Ramos (2002): “Muitas cartas declaram mundo desconhecido, tanto no sentido geográfico (o mundo relatado nas narrativas de viagens), quanto no sentido histórico-social (experiências, costumes e cenários das décadas passadas, narradas por Zélia) [...]” (RAMOS, 2002, p. 85).

A partir da análise dessas cartas por Ramos (2002) foi possível perceber o público diversificado que apreciava seu trabalho literário no período, composto por pessoas comuns e em sua grande maioria por mulheres, além de intelectuais, entre outras pessoas, o que demonstra uma mudança social e cultural significativa, tendo em vista que as mulheres começaram a ter um maior acesso à leitura de livros, mesmo as de menor poder aquisitivo.

A relevância do trabalho de Zélia não se restringe somente ao fato de ter escrito livros de importância memorialística e histórica. O seu papel como mulher adentrando este “cenário literário” deve ser levado em consideração, uma vez que as publicações eram em sua maioria ainda feitas por homens escritores, não por mulheres. Zélia, assim, acompanhou e seguiu a trajetória de outras mulheres que anteriormente também conseguiram um destaque no campo intelectual e literário, como Rachel de Queiroz²³, a primeira mulher a conquistar

²² CUNHA, Eneida Leal. Cartas do Mundo. In: In: FRAGA, Myrian; MEYER, Marlyse. [Org.] Seminário Zélia Gattai: gênero e memória. Salvador: FCJA; Museu Carlos Costa Pinto, 2002.

²³ Rachel de Queiroz, escritora cearense, nasceu em 17 de novembro de 1910, ocupando uma cadeira na Academia Brasileira de Letras no ano de 1977. Publicou inúmeros romances, crônicas, peças de teatro,

uma vaga na Academia Brasileira de Letras, eleita no ano de 1977, entidade majoritariamente masculina:

[Rachel de Queiroz] foi a primeira mulher a entrar na Academia de Letras e nunca se saberá verdadeiramente se a enorme festa nacional em torno dessa posse dizia respeito à vitória definitiva das mulheres e à queda de um dos mais severos bastiões da cultura brasileira, ou se era apenas mais um feito “natural” e ocasional de Raquel de Queiróz. (HOLLANDA apud. FANINI, 2009, p. 252 - adaptado).

No entanto, muitas escritoras tentaram concorrer às vagas na instituição antes de Rachel, todas barradas.²⁴ À sequência de sua entrada, outras conseguiram um maior espaço dentro da Academia, aumentando o número de acadêmicas com o ingresso de Dinah Silveira de Queiroz²⁵ em 1980, Lygia Fagundes Telles²⁶ em 1985 e Nélide Piñon²⁷ em 1989. Assim como estas escritoras, Zélia também ingressa na instituição, no ano de 2002, ocupando a cadeira 23 e iniciando algo novo na instituição, como coloca-nos Fanini (2009):

Até mesmo a presença de ambos [Zélia e Jorge] na ABL está imbricada, pelo inquebrantável da sucessão acadêmica. E a esse respeito, o ingresso de Zélia Gattai na “Casa de Machado de Assis” trouxe consigo algo novo capaz de sedimentar, simbolicamente, os laços que a uniam em vida a Jorge Amado: a primeira vez, a genealogia de uma Cadeira comporta como membros - ainda por cima, sequenciais - marido e mulher. A imortalidade literária parece sacramentar a tão duradoura união vivida pelo casal. (FANINI, 2009, p. 290 - adaptado).

A ideia de a autora concorrer a uma vaga na ABL partiu de Arnaldo Niskier²⁸, Eduardo Portella²⁹ e Antônio Olinto³⁰ e contou com a pronta adesão da maioria dos

memórias e livros didáticos nos anos 1970. Informações disponíveis em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=260&sid=115>> Acesso em: 13 dez. 2014.

²⁴A pesquisa de doutorado de Michele Asmar Fanini intitulada *Fardos e Fardões – Mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003)* elucida as várias tentativas das mulheres em fazer parte da Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-19022010-173143/pt-br.php>>

²⁵Dinah Silveira de Queiroz, paulista, romancista, cronista e contista, ocupou a cadeira 7 em 10 de julho de 1980. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=459&sid=131>>.

²⁶Lygia Fagundes Telles, acadêmica, eleita no ano de 1985, publicando inúmeros romances que foram traduzidos em diversos países como a França, Alemanha, Itália, Holanda, Portugal entre outros. Também escreveu roteiro de cinema. Suas obras foram adaptadas para TV, teatro e cinema. Informações disponíveis em: <<http://www2.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=666&sid=194>>.

²⁷Nélide Piñon, escritora carioca e acadêmica eleita no ano de 1989, escreveu romances, contos, ensaios e memórias. Disponível em:

<<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=462&sid=290>>.

²⁸Arnaldo Niskier, acadêmico, tomou posse no ano de 1984. Professor universitário da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, apresentador, atuando em diversas áreas profissionais e ocupando vários cargos como o de chefe de reportagem da Revista Manchete na década de 1960, entre outros. Informações disponíveis em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=250&sid=209>>.

²⁹Eduardo Portella, acadêmico e escritor baiano, tomou posse no ano de 1981, ocupando vários cargos públicos na década de 1950 como Técnico de Educação do Ministério da Educação e Cultura até 1979. Em 1988 foi

acadêmicos. Na eleição, a escritora quase venceu por unanimidade, recebendo a maioria dos votos e tendo como adversários alguns escritores e escritoras do período. Deve ser levado em consideração, entretanto, que o ingresso à ABL desde sempre se deu a partir de uma série de fatores, entre eles, as redes de relações estabelecidas, a publicação de livros de relevância para o mercado editorial, bem como o reconhecimento do talento literário pelos pares e, sobretudo, por seus leitores. Mello (2011) assim acrescenta:

Por outro lado, como a ABL é um círculo muito restrito, as relações pessoais e familiares interferem diretamente na disputa. Não se entra para a Academia sem que se esteja inserido numa rede de importantes relações pessoais. São, geralmente, os amigos e parentes que convidam, cortejam e patrocinam as candidaturas. (MELLO, 2011, p. 15).

No caso de Zélia não fora diferente: havia também uma rede de relações bastante consolidada com alguns membros da Academia, sendo alguns deles pertencentes ao seu círculo de amizades e também ao de seu esposo durante muitos anos. Porém, estes contatos não anulam o mérito de sua escrita, pois a escritora ocupou a cadeira de número 23 pelo fato de possuir os atributos necessários como escritora para poder estabelecer-se como acadêmica, tal como com Rachel de Queiroz, Nélida Piñon e outras.

Diante de sua trajetória, o ingresso na Academia Brasileira de Letras veio a consolidar sua carreira, pois trata-se da maior instituição literária do país. Este fora o reconhecimento mais significativo que recebera e que a consagrara como escritora, sendo incentivada por muitos amigos e companheiros de ofício, como retrata em seu discurso de posse (2002):

Deles ouvi dizer que uma cadeira vaga, a que fora ocupada por Jorge, me esperava na Academia Brasileira de Letras: “Pense na satisfação dele ao ver você ocupando a Cadeira 23”, disseram-me: Eduardo Portella, José Sarney, Marcos Vinícius Vilaça, Antonio Olinto, Tarcísio Padilha, Arnaldo Niskier, Nélida Piñon, Murilo Melo Filho, Ivo Pitanguy, Marcos Almir Madeira, Evandro Lins e Silva, Afonso Arinos de Melo Franco, entre outros. Tanto carinho... (GATTAI, 2002, p. 9).

Desta maneira, vemos que sempre buscou a emancipação como mulher e como profissional, abrindo novos espaços de atuação, estudando no estrangeiro com o intuito de

nomeado Diretor Geral Adjunto da UNESCO. Informações disponíveis em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=477&sid=273>>.

³⁰ Antonio Olinto Mineiro, crítico literário do *Jornal O Globo*, ao longo de 25 anos, romancista, contista, ensaísta, poeta e apresentador literário na TV Tupi, TV Continental e TV Rio. Membro da Academia Brasileira de Letras, tomou posse no ano de 1997. Informações disponíveis em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=213&sid=139>>.

preparar-se intelectualmente, estabelecendo-se em um espaço de grande importância cultural que lhe proporcionou o acesso a novos conhecimentos. Travou contato com inúmeros intelectuais, “bebeu” da cultura de outros países e vivenciou realidades que lhe proporcionou experiências únicas que “construíram gradativamente a sua maneira de ser e se colocar na sociedade, compondo a partir de sua escritura um mosaico que integra a maneira de perceber o mundo e o desenho de sua positividade.” (SWAIN apud. SOARES, 2010, p. 16).

Trata-se de uma mulher que se negou a ser somente dona de casa, que não se limitou ao espaço privado; foi alguém que almejou um lugar no campo da literatura e que lhe rendeu grandes frutos: 17 livros. Driblando os preconceitos do patriarcado de seu tempo mesmo não sendo essa uma atitude voluntária, tendo em vista que não era uma feminista. Mas, obteve sucesso e um espaço próprio dentro do espaço editorial brasileiro.

[...] Zélia tenta demonstrar, mais uma vez, que é através da democratização do domínio interpessoal (a sua sólida relação com Jorge Amado) que ela consegue superar a “indiferença” do olhar que a ignora. Mostra, através de movimentos de dentro para fora e de fora para dentro, a intenção de auto-revelação, enquanto ser humano, enquanto mulher e, finalmente, enquanto escritora. (RAMOS, 2002, p. 45-46).

Adentrou a Academia Brasileira de Letras, mesmo em meio às severas críticas que recebeu, não temendo qualquer desaprovação, confiando em sua carreira, já consolidada, conquistada com muito trabalho, dedicação e respeito à memória das muitas pessoas que construiu em suas publicações, sendo a quarta mulher a ocupar uma cadeira na instituição que historicamente sempre fora composta por homens.

A cadeira de número 23 que já foi ocupada por nomes imortais da literatura como Jorge Amado que a ocupou por cerca de 40 anos e teve como patrono José de Alencar, foi fundada por Machado de Assis.

Essa eleição foi bastante polêmica, sendo noticiada nos meios televisivos e outras redes de informação, sendo alvo de discussão dentro da ABL. A autora na ocasião teve como principal crítico e adversário o jornalista e escritor sergipano Joel Silveira que contava com cerca de 38 livros publicados.

Em 2001 no jornal Tribuna da Bahia o jornalista bastante crítico e ácido afirma o seguinte: “Sei que Zélia vai vencer, mas não será por unanimidade. A minha candidatura é na verdade uma anticandidatura. A cadeira de Jorge não é hereditária” (TRIBUNA DA BAHIA, 2001, p. 12). Desse modo, o jornalista tece severas críticas a autora a julgando

como uma mulher sem talento próprio e que só conseguiria adentrar a Academia devido a influencia e amizade que tinha com os seus membros.

Em relação a esse episódio, Zélia Gattai não se mostrou intimidada e de forma segura respondeu as provocações do jornalista: “Eu sou uma escritora, e tenho apoio de gente influente na Academia. Não vou responder a provocações e não gosto de polêmicas” (TRIBUNA DA BAHIA, 2001, P. 12).

A disputa envolvendo Zélia Gattai e Joel Silveira na época foi retratada em uma caricatura em agosto de 2001, publicada na revista Veja como vemos a seguir:



Figura 4: Caricatura representando a disputa entre Joel Silveira e Zélia Gattai para a vaga na ABL em 2001. Nessa imagem aparece João Ubaldo Ribeiro, Joel Silveira, Ivo Pitanguy, Zélia Gattai, José Sarney e Ligia Fagundes Telles. Publicado em: <http://www.nordesteweb.com/not08/ne_not_20010827b.htm> Acesso em: 10.10.2015.

A imagem está representando a disputa entre os dois escritores, Joel e Zélia. Além disso, mostra a figura de Ligia Fagundes Telles, Lêdo Ivo, João Ubaldo e José Sarney que apoiaram a candidatura da escritora.

Apesar das criticas, Zélia foi incentivada por muitos de seus pares no período por pessoas que valorizavam seu trabalho memorialístico. Tomou posse no ano de 2002.

Além de sua entrada na ABL, no ano de 2004 recebeu o título de Doutora *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Tocantins, devido aos relevantes serviços que prestou à comunidade como um todo nas áreas literária, artística e cultural.³¹

Do ponto de vista social é significativa a sua entrada no cânone literário, uma vez que quebrou inúmeros tabus de seu tempo, podendo estabelecer-se em um espaço não proibido, mas de difícil acesso as mulheres de seu tempo. Neste sentido, entendemos que teve um papel ativo na vida de produções literárias no Brasil e uma participação efetiva como agente de sua própria emancipação como mulher, sem estar vinculada a qualquer movimento específico. Trata-se de uma mulher que conseguiu estabelecer-se dentro do mercado editorial por conta de ajuda externa, mas, sobretudo, porque caminhou em busca de um espaço para si.

Suas conquistas junto a ABL foram significativas para o período, mas, apesar dessa emancipação que ela e outras mulheres lograram, ainda há, em nosso tempo, desigualdades também significativas no que diz respeito ao número de publicações literárias de escritoras, em menor quantidade em relação a dos homens. Mesmo o acesso aos espaços de grande importância literária como a própria Academia Brasileira de Letras, bem como a cargos políticos, profissionais e à própria imprensa ainda são rarefeitos, como atenta-nos Luca (2012):

Apesar de as mulheres terem conquistado igualdade formal de direitos políticos e se fazerem presentes no mundo da política, prevalece, ainda no final da década da primeira metade do século XXI, não apenas um profundo desequilíbrio entre a presença de figuras públicas masculinas e femininas no noticiário, como também um conjunto de estereótipos que continuam a acompanhar as mulheres que adentram a arena do poder. Segue em voga a ideia de que o espaço público, no qual se debatem as questões relevantes para a coletividade, é um domínio essencialmente masculino, enquanto o mundo privado, socialmente menos valorizado, é o reino do feminino. Se o primeiro é o lugar da argumentação, do confronto de ideias e da disputa do poder, o outro é lugar da afetividade, onde a razão pode ceder ao sentimentalismo e à insensatez do coração. (LUCA, 2012, p. 465).

Neste sentido compreendemos que, mesmo em meio às lutas feministas que ocorreram na década de 1970 em prol da emancipação feminina, ainda hoje há desigualdade no campo literário e nas inúmeras instituições de poder do país.

³¹ Informações disponíveis no sítio eletrônico da Universidade Federal do Tocantins (UFT): <<http://www1.uft.edu.br/index.php/component/search/?searchword=Zélia%20Gattai&searchphrase=all&Itemid=101>> Acesso em: 10 out. 2014.

Deste modo, a partir da análise das particularidades de sua trajetória, bem como do conteúdo de sua obra, na perspectiva de gênero, entendemos que a escritora Zélia Gattai conseguiu romper inúmeros tabus de seu tempo, vencendo limitações, conquistando o seu tão almejado “lugar ao sol”, construindo a partir de sua escritura memórias individuais e coletivas, deixando o legado de uma mulher que conseguiu emancipar-se, tornando-se livre pensadora, furtando-se aos padrões sociais estabelecidos, inspirando inúmeras leitoras de seu tempo, compartilhando seus sentimentos, suas vivências e visão de mundo, não aceitando ser apenas “Zélia Amado”, a esposa do escritor Jorge Amado, mas “Zélia Gattai”, escritora, memorialista e acadêmica, “graças a Deus”.

2 ZÉLIA GATTAI: TEMAS DE UM MEMORIALISMO.

2.1 O anarquismo na bagagem

Anarquistas, Graças a Deus narra, de modo irretocável, essa façanha libertária dos Gattai. O estilo de Zélia Gattai consegue levar a efeito, com exemplar perícia, a combinação astuciosa de referência histórica e ocorrência cotidiana. É quando a Literatura estabelece um enlace profícuo com a História (PORTELLA, 2002).

Zélia Gattai, “com a graça de Deus e a benção de Jorge”³² lança aos 63 anos de idade a sua primeira autobiografia *Anarquistas graças a Deus* no ano de 1979. Neste trabalho, concentra-se em narrar as histórias e a construir as memórias dos antepassados os “Gattai” que vieram ao Brasil com a imigração italiana em meados do século XIX implantar uma colônia socialista experimental no Paraná, (o anarquismo) que também seria construído posteriormente na América Latina como um todo. Também contempla a história dos “Dacol”, os familiares por parte da sua mãe que eram católicos e não nutriam a ideia de um ideal a ser alcançado no sentido político, no em

tanto almejavam melhorias em suas vidas com a chegada ao Brasil: conseguir trabalho e uma vida digna em terras brasileiras.

³² Manchete publicada no jornal O globo Rio de Janeiro em 02/12/79.

Conhecida como Colônia Cecília, foi idealizada por Giovanni Rossi³³, autor de *I Comune in Rival Al Mare*. Neste livro, dedica sete páginas para relatar a saga de seus familiares intitulando os capítulos temáticos em *Colônia Cecilia* (1979, p. 129), *Dr Giovanni Rossi ou Córdia* (1979, p. 130), *Começo de Viagem* (1979, p. 132), *Serviço de Imigração e Saúde* (1979, p. 134), *Bandeira Vermelha* (1979, p. 135), *Fim da Colônia Cecilia* (1979, p. 136) e *Parecida mais diferente* (1979, p. 137).

Do mesmo modo, posteriormente a autora publica *Città di Roma* (2000) abordando novamente o tema em questão, demonstrando uma profunda preocupação em registrar e documentar tal evento. Divide os seus capítulos como fez em sua primeira publicação, intitulando-os da seguinte maneira: *O Embarque* (2000, p. 10), *A viagem* (2000, p. 13), *Posto de Imigração Sanitária* (2000, p. 15), *Dito por não dito* (2000, p. 17), *A bandeira* (2000, p. 18), *O grupo Parte* (2000, p. 18) e *Bandeira Providencial* (2000, p. 18).

Neste sentido, relata as dificuldades que os seus familiares enfrentaram desde o embarque no Città di Roma até a chegada em país distante:

A travessia de Gênova para o porto de Santos foi longa e penosa, contava tio Guerrando. Não posso esquecer. Amontoados e tristes como gado a caminho do matadouro, os imigrantes enjoavam nos porões escuros e quentes, ao lado das caldeiras do navio, um verdadeiro inferno. A gente ia aguentando sem reclamar. Todo mundo tinha um medo insuportável de ficar doente e acabar morrendo em alto-mar. Vocês sabiam, não é? Explicava titio, nos navios daquela época não havia frigorífico para conservar os cadáveres, e os corpos de quem morresse durante a travessia eram jogados no mar (GATTAI, 2000, p.13-14).

Segundo Zélia, embarcaram no Porto de Gênova cerca de 150 italianos, alguns deles eram seus familiares como o avô Arnaldo Gattai e a sua avó Argia Fagnoni Gattai com seus tios Guerrando Rina, Giovanni Ernesto Guglielmo, Aurélio e Hiena. Os Dacol, seus familiares por parte de mãe embarcaram no mesmo navio, no entanto não eram anarquistas, buscavam novas oportunidades de trabalho.

Além deles, outros italianos anarquistas de diversificadas posições sociais e profissionais vieram ao Brasil nutrindo grandes esperanças, sonhando com uma sociedade mais igualitária “governada pela justiça e pelo sentimento humanitário, onde não haveria necessidade de leis, religião e propriedade privada” (CARNEIRO, 2002, p. 59).

³³Giovanni Rossi (1856-1943) italiano de Pisa foi agrônomo e veterinário de profissão formado em 1875 pela escola de Pisa. No ano de 1893 ele se vinculou a Associação Internacional de Trabalhadores (AIT) e propôs a construção de uma colônia que foi inicialmente pensada na Polinésia. Foi diretor do periódico *Lo Sperimentale*.

O sonho de Giovanni Rossi e demais anarquistas em pouco tempo foi desfeito. Ao contrário do paraíso que idealizavam, encontraram no Brasil trabalho muito penoso dentre outras dificuldades, ocasionando o fim da Colônia, como nos mostra a autora em um diálogo com o seu pai Ernesto Gattai:

- Manteve-se ainda durante alguns anos, com grandes esforços e muito trabalho, mas resultou em nada, não pôde manter-se. Era difícil a papai explicar detalhes de fatos que ele mesmo ignorava. Titio Guerrando, que vivera esses episódios e ainda se lembrava de muita coisa, também pouco sabia sobre os motivos que levaram ao fracasso da experiência. De positivo mesmo, sabiam que muita gente desistira ao aparecerem as primeiras dificuldades. Outros idealistas, que foram chegando no correr do tempo para se incorporar à "Colônia", tampouco resistiram às péssimas condições nela reinantes. Alguns mais teimosos tiveram que arranjar emprego fora das terras, nas construções de estradas de ferro, para não morrer de fome. Mas tudo culminou com a intimação das autoridades republicanas que, não estando de acordo com a doação feita pelo Imperador deposto, exigiam dos colonos que, ou comprassem as terras que ocupavam e pagassem os impostos atrasados ou as abandonassem. Havia ainda a versão anticlerical de tio Guerrando: ele contava que, bem próximo à "Colônia", fora construída uma igreja católica com o objetivo exclusivo de hostilizar e boicotar os anarquistas, e que, já na época da colheita, o padre vizinho soltou suas vacas, que rapidamente destruíram todas as plantações, liquidando assim a última esperança dos remanescentes da "Colônia Cecília". Os Gattai lá permaneceram dois anos, mais ou menos. O último a abandonar o barco, tempos depois, foi o comandante Cárrias, ao ver-se impossibilitado de prosseguir sozinho na sua experiência (GATTAI, 1979, p. 136).

Zélia, nos dois livros, *Anarquistas graças a Deus* e *Città di Roma* relata os depoimentos de seus familiares. Dessa forma, reconstrói algumas histórias que julga mais pertinentes. Neste sentido, objetiva reproduzir o que realmente ocorreu no passado a partir das informações que possui com o apoio de sua imaginação, pois conforme informa Dosse “o biógrafo (...) se encontra o mais perto possível do autêntico, a ponto de alimentar às vezes a ilusão de restituir inteiramente uma vida” (DOSSE, 2009, p. 59). Ou seja, quem escreve sobre uma vida por meio de relatos pessoais preocupa-se em dizer a verdade sobre os “personagens” biografados. Além disso, o leitor de um texto autobiográfico pretende encontrar as verdades sobre essas trajetórias(s). Em outras palavras, “publicar uma biografia, anunciá-la como tal e não como romance é prometer fatos verídicos [...]” (MAUROIS apud DOSSE, 2009, p. 59). No entanto, as lembranças, sejam elas, individuais ou coletivas não são plenamente confiáveis, sendo transbordada de lacunas, passíveis neste sentido, de erros, falhas e esquecimentos voluntários ou involuntários. Desse modo, com ou sem a intencionalidade do biógrafo, é comum nas escritas de si ocorrerem desvios, algumas imprecisões em relações aos fatos históricos ou mesmo sobre algumas datas dos eventos importantes relatados. Ou seja, “a ideia de dizer a verdade, somente a verdade, nada mais

que a verdade é uma sombra no trabalho dos biógrafos” (VILLAS BOAS, 2014, p. 155-156). O mesmo ocorre com as escritas autobiográficas da mesma maneira.

Por tratar-se de um conjunto de textos autobiográficos, devemos considerar que há um intuito por parte da autora em relatar as suas histórias de vida como sendo verdadeiras e fiéis aos acontecimentos do passado, mas somente essas lembranças individuais ou partilhadas com o seu grupo familiar não dão conta de dizer o que realmente ocorreu em determinado espaço ou tempo, pois o tempo de sua escrita, não é o mesmo do fato histórico que está narrando. Há neste sentido, uma distância temporal e também espacial que deve ser levado em conta. Ou seja, a sua narrativa está vinculada às aspirações do tempo presente em que se debruça a construir o seu memorialismo.

O título *Città di Roma* (2000) escolhido pela autora se refere ao navio que os seus antepassados embarcaram em Gênova rumo ao Brasil, que segundo a autora teria ocorrido em 1890:

O grupo de idealistas embarcou no navio "Città di Roma" em fevereiro de 1890; o regime imperial no Brasil havia sido derrubado a 15 de novembro de 1889. D. Pedro II fora deposto e desterrado, a República proclamada. Os fundadores da "Colônia Socialista Experimental" não podiam mais contar com a ajuda e o apoio prometido pelo Imperador. Contariam apenas com seus próprios esforços, com a vontade de vencer, mas nada os fazia recuar. No porão do "Città di Roma", junto às caldeiras, viram-se amontoados os pioneiros que, em breve, estariam integrando uma comunidade de princípios puros: a "Colônia Cecília". Iam cheios de esperanças, suportariam corajosamente as condições infames da viagem (GATTAI, 1979, p. 132).

Esta afirmação traz-nos duas imprecisões observadas por Isabele Felici em seu artigo intitulado *A verdadeira História da Colônia Cecília de Giovanni Rossi*³⁴. A primeira, em relação ao navio que os imigrantes viajaram, que ao contrário que Zélia afirmara, não teria sido no *Città di Roma*, mas no navio *Vittoria*. A segunda falha, diz respeito à data do embarque, que a partir das pesquisas de Felici, teria ocorrido no ano de 1891 como nos mostra no trecho a seguir:

Em fevereiro vários grupos embarcam em Gênova em direção à Palmeira. Seis famílias originárias de Litoro partem no dia 03 de fevereiro de 1891, no navio *Vittoria*. Entre eles está Eugenio Lemmi. Um segundo grupo, mais numeroso, dezesseis famílias e alguns solteiros, originários de Cecina, Gênova, Turim, Milão e Brescia, embarca no dia 14 de fevereiro de 1891. No dia 10 de março, é a vez de treze famílias e sete homens solteiros de Florença, Poggibonsi, La Spezia e Milão. Francesco Argia Gattai, os avós de Zélia Gattai, e suas crianças, fazem parte desse grupo que viajou no dia 10 de março de 1891, e portanto, não partiram a bordo do *Città di Roma*, contrariamente ao que ela diz em seu livro de memórias, Anarquistas graças a Deus s. Essa observação não diminui em nada o valor do

³⁴ FELICI, Isabele. A verdadeira história da Colônia Cecília de Giovanni Rossi, v. 05, n. 8/9, p. 9-67.

testemunho de Zélia Gattai e a carga emotiva que contém o relato, particularmente comovente, que ela faz da viagem de seus avós: a última criança da família Gattai, um recém-nascido, morre de fome na chegada ao porto de Santos (FELICI, 1998, p. 18).

Como defendido por Felici, os dados imprecisos relatados por Zélia, não exclui o mérito de seus relatos, mas nos indica lacunas que são muito presentes nestes tipos de escritas do eu. Desse modo, a autora não consegue reconstituir o passado de forma fidedigna, pois narra as histórias a partir do seu tempo presente:

O esforço a memorialista em reconstituir o passado tal como ele aconteceu não pode ser alcançado plenamente. Lembrar é uma atividade do presente sobre o passado e, por isso, sofre interdições e imposições, sem que a escritora consiga, de fato, evitar todos “ os artificios, as interpretações, os lapsos e os recalques de toda uma vida sempre tão complexa e cuja totalidade constantemente lhe escapa (LACERDA apud MALUF, 2003, p. 59).

Nesse sentido, a autobiografia não concede verdades sobre uma trajetória de vida e seus respectivos acontecimentos, longe disso, o que faz os autobiógrafos é construir uma imagem e uma coerência sobre si a partir de suas aspirações pessoais, sendo um modo de representações ou mesmo criações conscientes ou inconscientes de suas vivências. A ideia é organizar a própria vida em uma história de forma coesa, como nos mostra Calado (2012):

A autobiografia é um discurso e como tal, cheio de recursos persuasivos e questionáveis como qualquer outro. Aplica-se no relato uma coerência que se distancia muito da dinâmica complexa da experiência, tendendo, muitas vezes, a oferecer a imagem de uma vida coesa e simplificada (CALADO, 2012, p. 42).

A autora Zélia Gattai a partir da sua escrita autobiográfica e memorialística escreve a sua narrativa com o intuito de dar coerência a sua existência, prática que se inicia desde a primeira autobiografia publicada.

A importância do primeiro livro lançado pela autora foi relatada pela professora Maria Luiza Tucci Carneiro em artigo intitulado: *Memórias de uma jovem anarquista* em que afirma que o texto de Zélia é um importante documento, fornecendo importantes dados sobre questões sociais e culturais da história brasileira:

O tom do testemunho explica porque Anarquistas, graças a Deus tornou-se fonte de informação para todos aqueles que se dedicam a escrever a história de São Paulo, da imigração, das práticas de leituras, do anarquismo e das mulheres no Brasil. Nas entrelinhas, identificamos matrizes interpretativas de conflitos sociais e políticos que marcaram a trajetória de inúmeras famílias de imigrantes italianos que, como tantos outros estrangeiros, foram transformados em “indesejáveis do regime”. Ao registrar os ressentimentos, medos e frustrações de um ou outro personagem, Zélia recupera situações inéditas do cotidiano político-social paulistano. E é neste contexto – de confronto entre as elites conservadoras, o empresariado paulista e a massa operária – que as mulheres emergem como agentes sociais (CARNEIRO, 2002, p. 56).

Podemos notar que desde o lançamento de *Anarquistas graças a Deus* a autora começou a construir uma imagem de si como uma mulher que descendia de uma família de anarquistas que sempre foram movidos pelos ideais de justiça e igualdade. Este tema era enfatizado nas entrevistas que concedia e em cada nova publicação. Desse modo, se coloca como herdeira destes pensamentos políticos, uma livre pensadora, sem vínculos políticos específicos, mas com uma concepção de mundo anarquista, a mesma dos seus antepassados, que sempre gostou de enfatizar. Além desse ponto, no primeiro lançamento e em outras diversas ocasiões posteriormente, relata que para escrever as suas memórias recorre apenas as suas lembranças, não fazendo uso de nenhum outro material ou anotações. “Escrevo muito ao sabor do meu pensamento porque não tenho nenhuma anotação, tudo é escrito de memória” (JORNAL DE LETRAS, 1986, p. 02-03). Neste sentido, inicia a sua carreira como escritora e principalmente como memorialista, sendo a forma que almeja ser notada por seus pares e pelo público leitor como fez em uma entrevista para o jornal³⁵ “O Globo” no ano de 1979 :

Narrei tudo o que ficou gravado em minha memória, não tinha nada anotado. O livro começa com meu nascimento e vai até os 14 anos. Mas volto atrás no tempo conto a vida dos meus avós paternos, que eram anarquistas italianos da famosa colônia Cecilia, no norte do Paraná; e a dos maternos, também italianos contratados como colonos para uma fazenda de café (O GLOBO, 1979, p. 4).

Conforme se percebe, conta as histórias de seus antepassados para divulgar a herança familiar que recebeu dos seus avós e pais, justificando que cresceu e em um ambiente cercado por pessoas ligadas a reflexão e militância política, o que foi fundamental para a sua formação como ser humano, outra prática comum em escritas autobiográficas e biográficas como nos mostra Vilas-Boas:

Biógrafos adoram recorrer a pais avós e bisavós para tentar explicar temperamentos, atitudes destrutivas, decisões arriscadas, fracassos, repetições, compulsões, estranhezas, conquistas etc. Há os que explicitam ou insinuam relações de causa e efeito entre o passado e o presente; outros preferem apenas cumprir um ritual: fornecer registros informativos sobre familiares (VILAS-BOAS, 2014, p. 48).

Vale ressaltar que a sua ascendência também foi discutida em livro escrito pela biógrafa italiana Antonella Rita Roscilli intitulado *Zélia de Euá – Rodeada de estrelas* em 2006. Esse livro foi lançado em homenagem ao nonagésimo aniversário da escritora:

³⁵O Globo, Rio de Janeiro, 02/12/1979.

Entrega ao público este livro, no qual, pela mão de Antonella Roscilli, podemos percorrer um roteiro que nos leva a desvendar alguns aspectos importantes da vida e da obra dessa notável figura de mulher, que desde o momento em que se projetou na vida cultural brasileira, vem fascinando e encantando seus muitos leitores com a riqueza e simplicidade de seus relatos centrados, principalmente, na saga do escritor Jorge Amado, seu companheiro durante mais de 30 anos. De família italiana, apegada e devota às suas origens, Zélia Gattai encontra em Antonella Roscilli, dedicada estudiosa da cultura brasileira, uma interlocutora não somente fascinada, mas igualmente atenta aos sinais que lhe permitiram traduzir, numa linguagem sensível, o itinerário biográfico dessa ítalo-paulista que o destino e o amor fizeram nesta cidade da Bahia, que logo a acolheu e reconheceu como umas de suas filhas mais queridas e mais ilustres. Neste itinerário, sempre pautado pelo bordão da latinidade ancestral, Antonella nos fala com carinho e admiração dessa origem comum que as faz reconhecerem-se como companheiras da mesma viagem nas águas do tempo, divididas entre dois mundos que se completam em suas diferenças (FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO).

Apesar de Vilas Boas (2014) ter debruçado a refletir sobre a escrita biográfica mais especificamente, elencando conceitos como descendência como relatado acima, podemos estendê-lo para as escritas autobiográficas em que também há esses elementos elencados por ele³⁶.

Parece-nos, portanto que a partir de sua escrita autobiográfica e memorialística que a autora construiu uma imagem sobre si, organizando as suas ideias em suas narrativas, contando as histórias que selecionou e desta maneira deu sentido a sua própria vida.

Outro ponto que merece ser destacado, diz respeito ao acesso ao “mundo da cultura” oferecido por seus pais desde a sua infância por meio de leituras que faz questão de relatar desde o seu primeiro livro:

Tendo terminado de folhear a "Divina Comédia", sobrava-nos ainda muito tempo pela frente para novas incursões pelo guarda-roupa. Mais uma rodada de "Ferro Quina.". Vera e Wanda abriram as portas do armário de par em par, tiraram de dentro uma pilha de livros. Vera foi lendo os nomes dos autores - quem sabe, entre eles havia algum livro novo para nós? -: Pietro Góri, autor muito nosso conhecido. Seu livro, reunião de dramas anarquistas, verdadeira bíblia de dona Angelina, bastante manuseado, sempre com marcador de página pelo meio. Dois livros de doutrina anarquista: de Bakunin e de Kropotkin. Néry Tanfúcio, poeta humorístico - muito da predileção de dona Angelina. Ela sabia o volume quase de cor, recitava seus versos espirituosos e críticos a toda hora. Chegara a vez dos prediletos de mamãe e de minhas duas irmãs: "Os Miseráveis" e "Os Trabalhadores do Mar". Esses dois volumes estavam gastos de tantas leituras. Mamãe gostava de ler trechos de "Os Miseráveis" para os filhos e para Maria Negra. "Livro verdadeiro e muito instrutivo" - dizia. 'De Émile Zola, havia três livros: "Thereza Raquin", "Germinal" e "Acuso!". Wanda adorava "Thereza Raquin"; Vera, mais puritana,

³⁶Sergio Vilas Boas em seu livro *Biografismo – Reflexões sobre as escritas da vida* publicado pela primeira vez em 2007, problematiza a biografia a partir de alguns conceitos como descendência, fatalismo, extraordinariedade, verdade e transparência. Tais elementos assim como na escrita biográfica estão presentes na construção das autobiografias, por isso fazemos uso dessa teoria para pensar a escrita da escritora Zélia Gattai.

fazia restrições. Eu, que não sabia ler, gostava era mesmo das ilustrações, pelo impressionante, pelo proibido. "Germinal", só viria a ler, apaixonadamente, anos mais tarde, livro que me marcou muito. "Acuso!" não nos interessava, não era romance, não era ilustrado. Sabíamos, no entanto, tratar-se de livro muito importante, pois, nas reuniões proletárias às quais comparecíamos, o "Caso Dreyfus" - tema de "Acuso!" - era muito lembrado, sobretudo durante a campanha pró Sacco e Vanzetti. Os oradores faziam comparações entre os dois casos, citavam "Acuso!" como exemplo do que podia ser feito na luta pela verdade, contra a perseguição política e racial (GATTAI, 1979, p. 109).

Elencando as leituras que sua mãe fazia, demonstra o quanto teve contato em sua infância com as leituras mais engajadas do ponto de vista político o que fez com que ela se construísse como um ser crítico a partir desses referenciais:

Os méritos dos pais pela busca de conhecimentos, pelo interesse com a cultura são ressaltados por Zélia. O rebuliço da casa descrito nas páginas das memórias de Zélia revela um cotidiano dinâmico coabitado pelo que se incorpora das reuniões anarquistas que frequentam, das peças de teatros e das operetas, as músicas, das danças, da literatura e das fitas de cinema assistidas, vivenciadas, lidas, ouvidas e lembradas. Essas experiências artísticas lembradas de infância revelam uma relação pessoal, um modo de apropriação e de uso de certos bens culturais a que seus pais têm acesso independente dos bancos escolares, pelos quais eles não passaram, e dos limites econômicos e sociais enfrentados, uma vez que o orçamento familiar era muito modesto (LACERDA, 2003, p. 161-162).

O trecho seguinte ilustra bem a sua preocupação em divulgar os livros que ela, a sua mãe e irmãs apreciavam em seu primeiro lançamento:

Tendo terminado de folhear a "Divina Comédia", sobrava-nos ainda muito tempo pela frente para novas incursões pelo guarda-roupa. Mais uma rodada de "Ferro Quina,..". Vera e Wanda abriram as portas do armário de par em par, tiraram de dentro uma pilha de livros. Vera foi lendo os nomes dos autores - quem sabe, entre eles havia algum livro novo para nós? -: Pietro Góri, autor muito nosso conhecido. Seu livro, reunião de dramas anarquistas, verdadeira bíblia de dona Angelina, bastante manuseado, sempre com marcador de página pelo meio. Dois livros de doutrina anarquista: de Bakunin e de Kropotkin. Néry Tanfúcio, poeta humorístico - muito da predileção de dona Angelina. Ela sabia o volume quase de cor, recitava seus versos espirituosos e críticos a toda hora. Chegara a vez dos prediletos de mamãe e de minhas duas irmãs: "Os Miseráveis" e "Os Trabalhadores do Mar". Esses dois volumes estavam gastos de tantas leituras. Mamãe gostava de ler trechos de "Os Miseráveis" para os filhos e para Maria Negra. "Livro verdadeiro e muito instrutivo" - dizia. De Émile Zola, havia três livros: "Thereza Raquin", "Germinal" e "Acuso!". Wanda adorava "Thereza Raquin"; Vera, mais puritana, fazia restrições. Eu, que não sabia ler, gostava era mesmo das ilustrações, pelo impressionante, pelo proibido. "Germinal", só viria a ler, apaixonadamente, anos mais tarde, livro que me marcou muito. "Acuso!" não nos interessava, não era romance, não era ilustrado. Sabíamos, no entanto, tratar-se de livro muito importante, pois, nas reuniões proletárias às quais comparecíamos [...] (GATTAI, 1979, p. 109).

Segundo ela, em Città di Roma, as suas irmãs Wanda e Vera apesar de terem cursado apenas quatro anos do Colégio, foram as responsáveis pelo seu gosto pela leitura desde o período de sua infância:

Mais habilidosas do que Wanda e Vera, donas de mil artes, estou para ver. Com apenas um curso de quatro anos do Grupo Escolar, minhas irmãs tinham paixão pela leitura. Vera devorava romances e Wanda lia poesias. Devo às duas meu gosto, desde cedo, pela leitura. Com Wanda decorava poesias. Decore poemas de Castro Alves, o poeta preferido dela. O milagre de Santo Antônio, de Paulo Setúbal, eu sabia na ponta da língua; a poesia de Fagundes Varela para o filho morto me emocionava todas as vezes que a declamava em serões improvisados em casa, ao recebermos amigos (GATTAI, 2000, p. 93-94).

Assim como as irmãs, também só cursou os quatro anos do Grupo Escolar, e apesar de ser excelente aluna, como adorava relatar, não pôde dar continuidade aos estudos. No entanto, afirma que continuou estudando, sendo uma autodidata: “Eu continuaria aprendendo por minha conta, “na escola da vida”, lendo muito. Ainda uma autodidata da família” (GATTAI, 2000, p. 97).

Em Città di Roma ainda, relata que a maioria dos seus irmãos não se identificava com questões relacionadas à política, e segundo Zélia, ela seria a única esperança de seu Ernesto Gattai:

Você é a minha esperança, eu acredito em você, mas minha filha, você ainda tem muito a aprender. Os outros teus irmãos não se interessam por assuntos políticos. Fez uma pausa: Talvez a Wanda, minha filha tão inteligente, só que ela se casou... Pela primeira vez papai falava assim comigo, “de homem para homem”, eu fiquei emocionada (GATTAI, 2000, p. 162).

A partir do excerto acima, podemos perceber que mais uma vez se coloca como uma mulher que desde a infância gostava de discutir assuntos políticos com o pai, frequentando ambientes sempre cercado por anarquistas e intelectuais em festas proletárias, comícios e conferências. Segundo ela, seu Ernesto a levava em tais eventos a fim de “abrir novos horizontes para a filha – as outras duas já haviam ido, casadas - papai continuava a me levar a conferências e, por que não?, aos comícios da Aliança” (GATTAI, 2000, p.161).

Desse modo, se contrapõe a personalidade dos irmãos que como relata, não gostavam de política, assunto que ela sempre esteve atenta e preparada por gostar e adquirir experiências a partir dos eventos que frequentava, das leituras que fazia e das pessoas que travava contato. Neste sentido que constrói uma identidade como mulher politizada e preparada desde a infância. Essa maneira de posicionar-se será constante em suas autobiografias posteriores.

Apesar de não ser vinculada a nenhum partido político, sempre reforça que se identifica com os valores anarquistas, não sendo adepta de nenhum segmento político e nem outro tipo de instituição, como a religiosa, por exemplo, sobre os quais aprendeu com seus pais e avós. Neste sentido, lança em sua narrativa a forma que almeja ser vista, como uma mulher dotada de cultura e preparada intelectualmente desde a infância, pois pode ler os clássicos da literatura tão apreciados por sua mãe, como os livros e *Emile Zola, Bakunin, Kropotkin*, entre tantos outros, contrapondo-se a imagem de esposa e mãe exemplar tão veiculada no imaginário social e nas inúmeras páginas dos jornais do país antes de tornar-se uma escritora. Ou seja, fez de sua construção memorialística uma ferramenta de reinvenção do seu próprio ser, reconstruindo a forma de ser vista, mostrando outros lados de sua vida desde o período de sua infância, contemplando ainda, outros momentos vivenciados posteriormente com as experiências que pode obter no contato com intelectuais ao longo de sua vida e no exílio europeu, assunto que irá explorar em outras publicações. Em outras palavras, “o arquivamento do eu não é uma prática neutra; é muitas vezes a única ocasião e um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como lhe desejaria ser visto”(ARTIÈRES, 1998, p. 23).

Como se pode observar, a sua narrativa pessoal, como todos os tipos de escritas de si, não foi neutra, sendo dotada de inúmeras intencionalidades. Neste sentido, escreveu para registrar, testemunhar, documentar e, sobretudo, para dar sentido a sua própria existência, ou seja, “numa autobiografia a prática mais acabada desse arquivamento, não só escolhemos alguns acontecimentos, como ordenamos numa narrativa, a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos das às nossas vidas” (ARTIÈRES, 1998, p. 11).

Desse modo, a autora criou uma imagem de si como herdeira de antepassados importantes do ponto de vista político, pois nunca fora vinculada a partidos e nem aos movimentos sociais. Contudo, a prática autobiográfica foi à forma de posicionar-se e exteriorizar seus pensamentos, sentimentos, lamentos, anseios, frustrações, as suas visões de mundo e mostrar-se enquanto mulher politizada e bastante atenta aos problemas de seu tempo.

Em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras no ano de 2002 continuou a mostrar-se como uma mulher que não pudera estudar em sua infância, mas que sempre tivera acesso aos bens culturais proporcionado por seus familiares:

Com mamãe a coisa já era diferente: embora também tivesse grande imaginação, preferia nos contar trechos de romances que lia e filmes que assistia às quintas-

feiras, na sessão das senhoras e senhoritas. Embora tivesse tido pouco estudo, pois as condições financeiras da família não lhe permitiram frequentar sala de aula por mais de alguns meses, mamãe lia correntemente e nas leituras em voz alta dava ênfase, empolgando a quem a ouvisse. Minhas irmãs Wanda e Vera me ensinaram a amar a poesia e a me encantar com romances. Wanda era apaixonada por Castro Alves, sabia seus poemas de cor e salteado. Vera varava as noites lendo romances. Ainda pequena, eu mal sabia ler e já repetia com emoção poesias de Castro Alves, Guerra Junqueiro, Olavo Bilac, Fagundes Varela e de tantos outros poetas que Wanda me fazia decorar. Graças à Vera sabia frases inteiras de “O Tronco do Ipê” e de “Iracema”. Brilhava, repetindo com largos gestos, em saraus familiares: “...Ó verdes mares bravios de minha terra natal...” ou “Iracema, a virgem dos lábios de mel...” (DISCURSO DE POSSE, 2002).

Com tal atitude se reinventa, reconstruindo o seu modo de ser vista apoiando-se na herança familiar e no legado anarquista de seu pai, mãe e avós o que permitiu que ela se tornasse uma livre pensadora, pratica muito comum neste tipo de escritas autobiográficas, pois “os biógrafos continuam à espreita principalmente das mães e pais de seus biografados, falam de mães maravilhosas ou más como agentes do destino por trás de homens e mulheres publicamente conhecidos” (Vilas-Boas, 2014, p. 53). Dessa maneira, lançar as suas memórias a partir de sua descendência italiana/anarquista foi uma construção, uma estratégia que lhe permitiu construir uma lógica sobre a sua vida, sobre sua trajetória pessoal e também profissional. Desse modo, “para a grande parte dos autobiógrafos, a infância aparece como uma fase decisiva para a compreensão da própria vida. Os começos seriam responsáveis, se não por tudo que está por vir, pelo menos por boa parte do que um sujeito vem a tornar-se” (CALADO, 2012, p. 91).

Em entrevistas continua a se construir como uma mulher que tem uma origem anarquista, herança de seus familiares e que, portanto, sempre teve seu posicionamento político antes mesmo de conhecer o esposo. Neste sentido, mais uma vez desvincula-se de imagem sobre si como apenas uma esposa ideal e companheira de um homem ilustre. Enfatiza que antes mesmo de conhecê-lo já tinha posicionamentos políticos, é a forma de construir a sua autonomia enquanto uma mulher capaz de pensar por si própria:

No início eu era só admiradora do escritor, depois me apaixonei por ele, o que perdura até hoje. Temos os mesmos princípios de vida apesar de ter aprendido muito com ele eu já era assim, já tinha minhas ideias políticas quando o conheci, ideias essas que me foram repassadas por meus pais, que eram anarquistas, lembra ela (JORNAL DA BAHIA, 1984, p. 01).

A partir do excerto acima, podemos perceber que a prática de construir-se enquanto uma mulher politizada era feita até mesmo em suas entrevistas, que por inúmeras vezes posicionou-se dessa mesma forma.

Outro ponto importante a ser levado em conta, diz respeito à memória de seu esposo Jorge Amado que tanto em sua primeira publicação quanto em *Città di Roma* (2000) não fora construída. Essa atitude fora proposital, pois se coloca no centro de sua narrativa, construindo a partir de dados históricos a sua trajetória pessoal e familiar, dando sentido a sua existência e iniciando seu nome como autora (escritora) o que configura em uma marcação neste espaço/mundo editorial do qual ainda lhe era um ambiente novo. Em outras palavras, não falar do esposo na ocasião foi uma forma de estrear com seu talento próprio, mostrando ao leitor que tinha um passado importante e por este motivo que ele deveria ser relatado e divulgado como foi feito a partir do final da década de 1970.

Parece-nos, portanto, que ela iniciou a sua trajetória como escritora desvinculando-se do nome do esposo, focando a sua atenção em sua história de vida e nas demais pessoas que julgou importante no momento. Neste sentido, se constrói de tal maneira com o intuito de provar a sua importância por si própria. Por isso, recorreu à infância e ao passado elencando as suas qualidades como boa filha, leitora e estudante exemplar. Em outras palavras, colocase como uma criança fadada ao sucesso por mérito próprio desde os primeiros anos no colégio em sua infância sendo reconhecida como melhor aluna como observamos no excerto a seguir:

Às três horas em ponto, entrava o pai com a filha pela mão no gabinete do Diretor. Seu Olívio nos recebeu sorridente, estendendo a mão a papai. "Graças a Deus! - pensei - não deve ser coisa muito ruim..." - Em primeiro lugar quero lhe felicitar - foi dizendo o Diretor. - Sua filha acaba de ser destacada como a melhor aluna que tivemos em nossa escola, nestes três últimos anos. Olhei para papai: um leve arrepio no rosto esfogueado. Sem saber o que dizer, encabulado perguntou: - A Zélia? - Claro que é a Zélia! - riu o Diretor diante do pai aturdido. - Acabamos de fazer, sob a orientação da Secretaria de Educação, um levantamento em todos os grupos escolares da Capital, para destacar, entre os alunos, os melhores em comportamento, aplicação e assiduidade. Esse plano visa a incentivar o estudo entre as crianças que frequentam as escolas públicas. Sua filha foi a vencedora em nossa escola. Como prêmio, seu retrato e uma pequena biografia serão publicados no "O Estado de São Paulo" (GATTAI, 1979, p. 213-214).

Nesta linha, que cria a sua trajetória como uma menina estudiosa, atenta aos assuntos da atualidade e a boa leitura, (inclusive leitora de romances italianos) atitude muito diferente para uma criança em fase escolar que prefere se deleitar com o romance emprestado do que participar dos piqueniques, como vemos no trecho abaixo:

Muito mais interessada estava eu naquele momento na trama do romance que lia do que em piqueniques; declinei do convite para grande espanto de dona Angelina. "Satanella ou La Mano delia Morta", de Carolina Invernizzi, o romance em

questão, era um volume enorme - devia ter umas mil páginas, suponho -, tão grande e tão pesado que para lê-lo precisava pousá-lo sobre a mesa ou sobre a cama; essa última opção era a minha escolhida, pois gostava de isolar-me e poder me deliciar - sem ser perturbada - com o mórbido enredo da escritora italiana; ajoelhava-me ao chão, o livro aberto sobre a cama. Vera o lera em primeira mão, eu tinha apenas uma semana de prazo para devolvê-lo à Clélia que o trouxera emprestado de uma colega da fábrica. Essa era minha primeira experiência de ler em italiano; atrapalhei-me a princípio, tive que voltar atrás algumas vezes, depois soltei-me, envolvida no drama amoroso. Havia ainda a promessa do empréstimo de outro livro da mesma autora, menor em número de páginas, mas cujo título me deixava com água na boca: "Il Bacio della Morta". Misturava autores e estilos, todos me divertiam. Devorei todos os livros de M. Delly, publicados na "Coleção das Moças". Pensando que o autor fosse mulher, referia-me a ele como Madame Delly. Não perdi também nenhum de Ardei, da mesma coleção; esses autores se pareciam, faziam-me sonhar e assumir o papel da heroína pobre em suas desventuras e nos seus triunfos, enchendo-me de ilusões... A conselho de mamãe li "Cuóre", de Edmondo de Amicis, bom para derreter corações, fazer chorar. Os autores da estante de mamãe, Zola, Victor Hugo, Blasco Ibanez, vim a ler anos mais tarde. "La Divina Comédia", de Dante, como já contei, aprendi a amar antes de saber ler. Devorávamos também, Vera e eu, os livros de José de Alencar, de Macedo, e da fase romântica de Machado de Assis (GATTAI, 1979, p. 224-225).

Em outras publicações se debruçou a construir a biografia de Jorge Amado dentre inúmeras pessoas, mas no primeiro livro lançou as peculiaridades de sua vida em muitos momentos do seu passado.

Vale notar, que dedicou a discutir em *Anarquistas graças a Deus* e *Città di Roma* outros temas, contemplando a narrar as próprias histórias e as de seus familiares. No entanto, não se restringiu a tais construções memorialísticas, procurou contar sobre alguns eventos cotidianos, sobre os episódios da infância, mostrando também a modernização da cidade de São Paulo, a experiência dos imigrantes italianos no Brasil concentrados nos bairros do Bexiga e Brás, informando sobre os seus costumes, os hábitos alimentares e os espaços de lazer existentes no momento, bem como o hábito de frequentar o cinema, os circos e as festas proletárias:

Zélia incorpora as novidades da modernidade em sua narrativa: seu estilo de escrita se aproxima das características da narrativa oral; seus temas variam de acordo com a sua seleção, podendo incluir cotidiano, experiências culturais diversas; usa seu espaço para denunciar atos políticos e contar experiências e vivências [...] (AMARAL, 2010, p. 29-30).

Nas páginas do livro *Città di Roma* a autora, reúne 16 fotos suas e de seus antepassados, contemplando num primeiro momento, as fotos de sua mãe Angelina Gattai e do pai Ernesto Gattai:

Angelina Gattai e Ernesto Gattai



Figura 5: Gattai, Zélia. Città di Roma, 2000.

Dealma e Arnaldo Gattai



Figura 6: Gattai, Zélia, Città di Roma, 2000.

Piquenique em Santos 1913



Figura 7: Gattai, Zélia. Città di Roma, 2000.

Zélia e os irmãos



Figura 8: Gattai, Zélia. Città di Roma, 2000.

Posteriormente, as fotos de Dealma e o seu avô Francesco Gattai que fez questão de enfatizar na legenda que fora um anarquista. Nas duas páginas seguintes, publica fotos de um piquenique da família de seu Ernesto Gattai e de seu amigo Amadeu Strambi na serra de Santos no ano de 1913. Além dessas, também reuniu duas páginas com as imagens dela e de seus quatro irmãos quando eram pequenos no ano de 1919.

Nas páginas seguintes, mais uma vez, apresenta as fotografias de seu pai Ernesto Gattai de sua mãe dona Angelina Gattai além de fotografias de suas irmãs e da própria autora no período escolar:

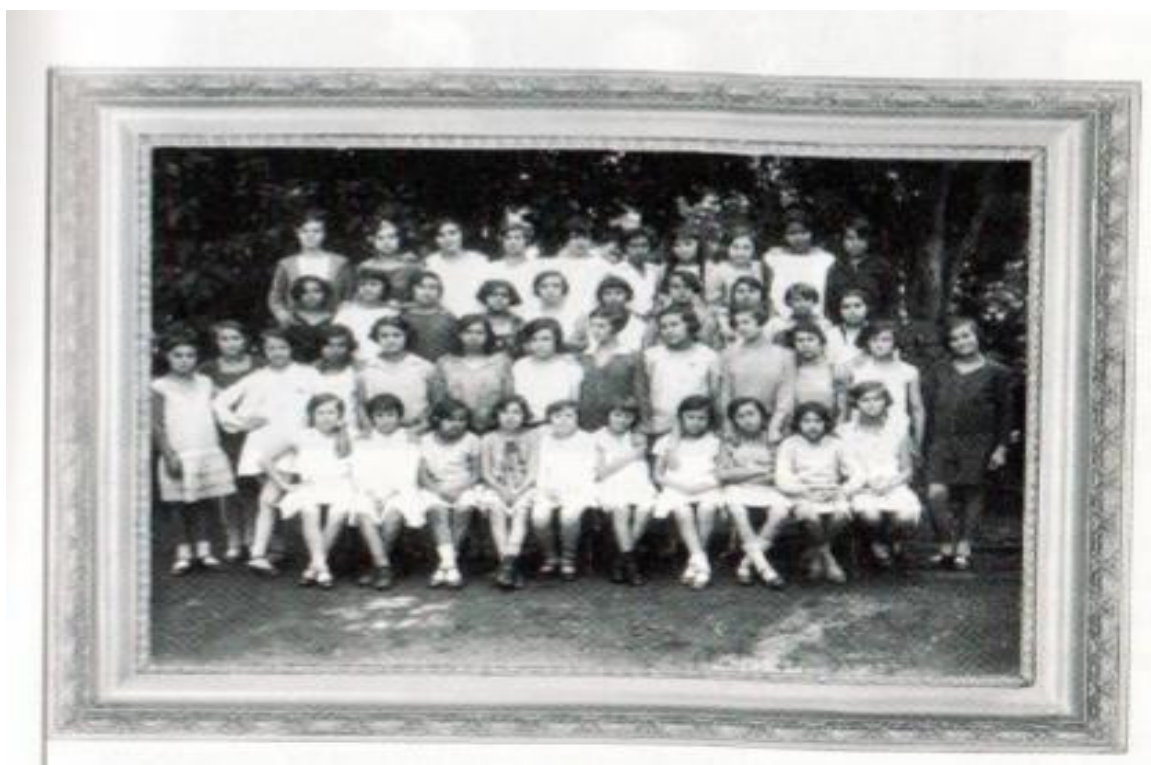


Figura 9: Gattai, Zélia. Città di Roma, 2000.

Desse modo, seleciona as fotografias que julga mais significativas, arquivando mais uma vez a história de seus antepassados, “trata-se de comprovar que pertence a uma linhagem, que tem raízes” (ARTIÈRES, 1998, p. 14). Em outras palavras, almeja provar que tem origens anarquistas e que descende, portanto, de familiares fortes engajados e críticos, atributos que ela também possui, apesar de nunca ter se filiado a nenhuma organização política ou movimento social específico em sua fase adulta. Além deste ponto, é uma forma de provar a sua história e dos seus familiares, sendo também “uma garantia de transparência um passaporte de sinceridade é uma prova de ajustamento” (ARTIÈRES, 1998, p. 14).

Da mesma forma que faz uso de sua autobiografia para transformar-se em uma pessoa pública, informando sobre o seu passado, Zélia utiliza as fotografias de sua infância e de seus familiares objetivando “apreender uma realidade passada, uma lembrança, em material para desconstruir-se – reconstruir seu passado, para recontá-lo” (GRECCO, 2011, p. 112). Trata-se de uma mulher extremamente preocupada em construir-se como alguém que possui um passado que merece ser narrado, divulgado e deixado para a posteridade. Neste sentido, as suas autobiografias e as suas fotografias mostram os momentos de sua vida e de seus antepassados, tecendo o sentido que pretende dar a sua existência enfocando a sua trajetória pessoal e familiar. Além desse ponto, se transforma a partir de sua escrita e a

seleção das fotografias , legitimando-as “como depoimentos de valor e de verdade” (LACERDA, 2003, p. 61). Em outras palavras, apropria-se do álbum de família de seus antepassados com o intuito de conservá-lo e transformá-lo em documento histórico, o que será posteriormente, divulgado, registrado e marcado na historia, como nos alerta Le Goff (1990):

O álbum de família exprime a verdade da recordação social. Nada se parece menos com a busca artística do tempo perdido que estas apresentações comentadas das fotografias de família, ritos de integração a que a família sujeita os seus novos membros. As imagens do passado dispostas em ordem cronológica, "ordem das estações" da memória social, evocam e transmitem a recordação dos acontecimentos que merecem ser conservados porque o grupo vê um ator de unificação nos monumentos da sua unidade passada ou, o que é equivalente, porque retém do seu passado as confirmações da sua unidade presente (LE GOFF, 1990, p. 402).

Desta forma, por meio de sua escrita e das fotografias selecionadas que armazena os acontecimentos de sua vida e de seus familiares permitindo divulgá-los no tempo de sua escrita e também lançá-lo ao futuro. Trata-se “de um processo de marcação, memorização e registro [...]” (LE GOFF, 1990, p. 374).

Essa estratégia visual, que também é um tipo de linguagem, tem uma intencionalidade. Trata-se da transmissão de inúmeras mensagens, sobretudo a narrativa, que continua a ser praticada em outras obras, e em entrevistas, incansavelmente. Pode-se dizer, que o ato de repetição dessas e outras fotografias e da escrita memorialista configura-se em uma tática, mais do que isso: uma estratégia documental, arquivista e, sobretudo, memorialística:

Por tais razões servem as imagens e os arquivos. Para que possamos fazer essas e outras descobertas; para que possamos preservar a lembrança de certos momentos e das pessoas que nos são caras; para que nossa imagem não se apague; para que não percamos as referências do nosso passado, dos nossos valores, da nossa história, dos nossos sonhos; para que possamos preservar as imagens [...] para que tenhamos provas, [...], para que não nos esqueçamos (KOSSOY, 2002, p. 130).

Dessa maneira que tenta provar a sua capacidade como escritora ao leitor, advogando em causa própria, mostrando que não pretende adentrar ao espaço editorial via Jorge Amado, pelo contrario, trata-se de Zélia Gattai, uma livre pensadora, mulher preparada desde a infância, cheia de experiências, herdeira de princípios anarquistas, cultura e bons modos e que merece ter um reconhecimento por seus pares tendo em vista que tem o seu talento nato. É, portanto, essa a forma que almeja ser vista, divulgada e, sobretudo, lembrada por todos. Neste sentido, assume “um ponto de vista a respeito de si mesmo” (OLMI, 2006, p. 75).

Vale notar, que além do tema sobre o anarquismo e sobre a sua própria história faz questão de enfatizar em cada publicação nova o período do *Estado Novo* brasileiro, que foi relatado por ela em diversas ocasiões, como veremos no próximo tópico.

2.2 O Estado Novo.

Entre diversos temas que Zélia Gattai se debruçou a narrar, o *Estado Novo*³⁷ foi um assunto bastante recorrente em suas obras. Não por acaso, é claro, tendo em vista que teve motivos suficientes para abordar tal assunto, pois seu pai, Ernesto Gattai acabou sendo preso neste contexto político como nos mostra em sua primeira publicação:

Nossa vida mudava, tudo mudava em torno da família. Em frente à casa, num terreno baldio que servia de quintal às turcas, foram levantados dois sobradinhos. Num deles veio morar um casal de meia-idade, gente discreta, vizinhos de bom-dia, boa-tarde (nunca soubemos seus nomes), mal os víamos; no outro, a família Apolônio: mãe viúva, duas filhas moças e um filho casado, pai de duas crianças. Soube-se logo ser o cidadão inspetor da Polícia Política e Social. "Um tira", disse papai contrafeito. Ele nunca tivera tanta razão como ao se contrariar com a informação. Seria exatamente com nosso vizinho, Luiz Apolônio, que iria defrontar-se, alguns anos mais tarde, na implantação do Estado Novo, em 1937, no cárcere, preso pela polícia política, acusado de "comunista perigoso". Na época do Estado Novo, bastava uma denúncia ou simples suspeita para que uma casa de família fosse cercada por enorme aparato bélico, policiais apontando metralhadoras, os lares invadidos - a qualquer hora do dia ou da noite - por policiais armados, pais de família arrancados de seus leitos e arrastados para as masmorras, para o porão úmido e escuro da Delegacia da Ordem Política e Social, incomunicável. Foi o que aconteceu à minha família, foi o que aconteceu a meu pai. O chefe das "batidas", o perito nos interrogatórios era nosso ex-vizinho Luiz Apolônio. Provas de acusação: armas - a velha espingarda de caça, pendurada em seu lugar de sempre, atrás da porta -, farto material subversivo, constituído pelos volumes de nossa pequena e manuseada biblioteca. Livros de Victor Hugo: "Os Trabalhadores do Mar", "Os Miseráveis", "Notre-Dame de Paris"; Émile Zola: "Acuso!", "Thereza Raquin", "Germinal"; de Pietro Góri, "Dramas Anarquistas", relíquias sagradas de dona Angelina - com a agravante de serem todos os volumes encadernados em vermelho, encadernações bastante desbotadas pelo tempo, mas na cor proibida; e o precioso arquivo de mamãe, guardado cuidadosamente,

³⁷O período autoritário que ficou conhecido como Estado Novo teve início no dia 10 de novembro de 1937 com um golpe liderado pelo próprio presidente Getúlio Vargas e apoiado, entre outros, pelo general Góes Monteiro. Para que ele fosse possível, foi preciso eliminar as resistências existentes nos meios civis e militares e formar um núcleo coeso em torno da ideia da continuidade de Vargas no poder. Esse processo se desenvolveu, principalmente, ao longo dos anos de 1936 e 1937, impulsionado pelo combate ao comunismo e por uma campanha para a neutralização do então governador gaúcho Flores da Cunha, considerado, por seu poder político e militar, um obstáculo ao continuísmo de Vargas e à consolidação de um Exército forte, unificado e impermeável à política. Informações coletadas do site: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/GolpeEstadoNovo>>.

durante anos a fio, debaixo do colchão: artigos políticos, notícias ilustradas sobre prisões e expulsões do país de conhecidos e amigos, entre os quais o velho Oreste Ristóri, enviado para as prisões de Mussolini, onde morreu (GATTAI, 1979, 204).

Como se pode observar, a partir de sua narrativa relatou os momentos difíceis que teve que enfrentar com a prisão do pai Ernesto Gattai que teria sido denunciado em fevereiro de 1937 pelo vizinho Apolônio, inspetor de polícia do Estado Novo. Nesse sentido, mostra a partir de suas lembranças que se trata de um momento político no Brasil em que havia forte repressão e controle da sociedade. Ou seja, toda e qualquer pessoa que tivesse pensamentos mais libertários ou mesmo fizesse parte de algum movimento político, anarquista, socialista ou comunista era considerado um suspeito em potencial que seria investigado e muitas vezes, preso e torturado pela polícia do Estado Novo, comandada por Getúlio Vargas, como ocorreu com Ernesto Gattai. “Mas a primeira preocupação do regime, oriundo de um golpe de Estado foi assegurar a legitimidade. Para isso utilizou duas estratégias: A propaganda política e a repressão aos opositores” (CAPELATO, 2010, p. 117). Desta forma, a intenção do Estado Novo era garantir a nova ordem instituída. Desse modo, empregou a violência de todas as maneiras, torturando, censurando e exilando “tanto os considerados subversivos (comunistas, socialistas, anarquistas) como os opositores liberais” (CAPELATO, 2010, p. 131).

Filho de italianos anarquistas, Giovanni Ernesto Guglielmo Gattai, mais conhecido como (Ernesto Gattai) nasceu em 1885 em Florença - Itália. Cresceu acreditando em uma sociedade igualitária, mais justa e livre de governos autoritários. No Brasil participava dos eventos anarquistas e tinha o hábito de ler os periódicos considerados bastante subversivos no momento como *A Lanterna*, *La difesa*, *A Plebe*, *Spaghetto*, *L' Aduanata dei Refrattari*, *Alba Rossa*, *I Risveglio Anarchico* entre outros jornais que questionavam a ordem vigente bem como os valores da sociedade. Neste sentido, “os jornais libertários, panfletos, folhas, livretos, com periodicidade certa ou esporádicos, tiveram uma inegável função formadora de opiniões e de fomento à revolta dos trabalhadores” (SILVA, 2006, p. 115).

Por esse motivo, foi denunciado e preso durante uma batida policial, sendo considerado um comunista perigoso o que era um enorme problema neste contexto:

Com a implantação do Estado Novo, Vargas cercou-se de poderes excepcionais. As liberdades civis foram suspensas, o Parlamento dissolvido, os partidos políticos extintos. O comunismo transformou-se no inimigo número um do regime e a repressão policial instalou-se em toda a parte (PANDOLFI, 1999, p. 10).

Apesar de ser considerado comunista pelo Estado Novo se intitulava como um livre pensador anarquista. Essa denuncia, lhe rendeu “quatro meses e 13 dias de prisão, [...] além de um inquérito de expulsão do território nacional, não consumada” (CARNEIRO, 2003, p. 154).

Em *Um Chapéu para a viagem*, o segundo livro, publicado em 1982, Zélia narrou mais uma vez este episódio em uma das páginas intitulada *Um fato Corriqueiro durante o Estado Novo*.

No livro *Senhora Dona do Baile* lançado no ano de 1984 também retomou o assunto, mas de uma forma sutil, não culpabilizando ninguém pela violência que Ernesto sofreu na prisão, até então. No entanto, em *Cittá di Roma*, publicado em 2000 mostrou-se mais crítica e em tom bastante denunciativo registrou mais uma vez este momento triste da vida do militante anarquista que jamais esquecera:

Acometido de febre tifoide, o organismo debilitado de papai não resistiu. Morreu aos cinquenta e quatro anos, vítima das atrocidades da polícia do Estado Novo de Getúlio Vargas. No dia de seu sepultamento, as casas comerciais do bairro da Consolação e da Avenida Rebouças fecharam as portas em sinal de luto. Não fui ao cemitério. Recusei-me ver o caixão de meu pai baixar à cova aberta à sua espera. Creio que não resistiria à dor. Fiquei e casa sozinha (GATTAI, 2000, p. 168).

Percebe-se de acordo com as publicações que desde o primeiro trabalho fez questão de narrar a história de seu pai, tendo em vista que ele vivenciou momentos muito difíceis na prisão no contexto do Estado Novo. Desse modo, contar o acontecido a cada livro publicado era uma forma de exteriorizar a sua tristeza. Além disso, fez de sua literatura um instrumento de denuncia, mostrando ao leitor que a polícia de Getúlio Vargas que fora responsável por deixar a saúde de seu pai debilitado, vindo a falecer posteriormente em virtude das torturas e traumas sofrido.

Segundo, Rago (2014, p. 75) as memórias autobiográficas da violência da tortura na prisão evidenciam um desejo de justiça e ganham uma dimensão também de testemunho político contra aqueles que, no presente, ainda não foram julgados nem devidamente penalizados por seus atos. Neste sentido, Zélia Gattai se posiciona como testemunha dos eventos traumáticos que o seu pai vivenciou, assunto que vai enfatizar em cada nova publicação, incansavelmente. Trata-se de um tema que fez questão de narrar e de uma maneira que encontrou para exteriorizar os seus sentimentos de tristeza em relação a tortura sofrida pelo pai. Além deste ponto, escrever foi uma “forma de aliviar as angústias e cicatrizes de sua vida” (LACERDA, 2003, p. 76).

Em Jorge Amado *Um baiano romântico e sensual*³⁸, publicado no ano de 2002 escrito por Zélia, e seus dois filhos Paloma Jorge Amado e João Jorge Amado, mais uma vez comenta sobre o episódio que acabou prejudicando a saúde de seu pai devido as torturas que sofreu pela policia de Getúlio Vargas:

Em 1939, meu pai, na sua ingênua honestidade, abriu a boca a e foi preso, morrendo em consequência de torturas sofridas. Papai não tinha compromisso partidário, mas ousava ser contra a falta de liberdade, protestava falando de sua revolta contra arbitrariedades e as violências reinantes. Fora ouvido por um alcaguete – dedo-duro era o que não faltava na época – e denunciado. Aos 54 anos, ao morrer, ainda lhe restando um fio de voz papai me disse: - Minha filha, você é minha esperança... (GATTAI, 2002, p. 13).

Parece-nos, portanto, que se coloca como porta voz de um momento político caótico que ocorrera no Brasil no final da década de 1930. Apesar de voltar a sua atenção para esse momento histórico, relata por meio de suas autobiografias as necessidades do tempo presente com a sua escrita no final da década de 1970 no contexto ainda da ditadura-civil-militar já em meio ao processo de abertura política, mas, que teve neste “cenário” anteriormente, (momentos de torturas, exílios, assassinatos que também ocorrera durante o governo Vargas e posteriormente, do general Dutra,). Neste sentido, expressa as suas angustias, os sentimentos e os anseios, contemplando também, as aspirações do meio social do qual faz parte.

Apesar de concentrar-se num primeiro momento a atenção para a historia de sua trajetória, construindo uma lógica sobre si a partir dos ideais anarquistas, como mostrado anteriormente. O seu intuito não se restringe a sua memória individual, por este motivo que seleciona as historias do passado que almeja contar de outras pessoas, a partir das suas aspirações de seu tempo presente, não por acaso, trata-se de uma pratica política:

O passado ganha uma efervescência que responde a desafios não dele em si, mas do tempo presente, pontuado por disputas colocados ao sujeito pelo meio social. Daí que nessa abordagem da memória seu caráter político – afetivo não pode ser descartado, mas sim apreciado como possibilidade de expressão de subjetividades que têm importância nas ações dos sujeitos e, claro, na história passível de ser construída a partir da vivencia (SANTOS, 2007, p. 86).

Dessa forma que pretende contribuir narrando a vida de seu pai que fora modificada completamente devido a iniciativa terrível de um governo ditatorial.

³⁸ GATTAI, Zélia. *Um baiano romântico e sensual: três relatos de amor/ Zélia Gattai Amado, Paloma Jorge Amado, João Jorge Amado.* – Rio de Janeiro: Record, 2002.

Para além de uma motivação pessoal que deu início a sua carreira, adentrando ao mundo editorial. Há certamente uma busca, um objetivo concreto de realizar-se a partir de seu próprio trabalho como escritora, mostrando-se como um sujeito capaz de escrever, de contar e produzir as suas histórias a partir do mérito individual. No entanto, não foi somente este o seu propósito. Motivada pelas modificações de seu tempo presente que percebeu que poderia contribuir a sua maneira para com a sua própria história e de seus pais e familiares. Além disso, foi a maneira que encontrou para denunciar os abusos cometidos contra seu pai a partir de sua escrita memorialista.

Vale notar, que o momento era propício, tendo em vista que quando publica *Anarquistas graças a Deus* no final da década de 1970 muitos outros livros com conteúdos autobiográficos são lançados como bem salienta Tapajós (2010):

A partir da década de 1970 e, sobretudo ao longo dos anos 1980, surgiram inúmeras memórias, biografias sobre a luta armada escritas por ex-militares ou por jornalistas contemporâneos. Neste momento, o estudo do tema também despertou interesse também despertou interesse de historiadores e sociólogos a princípio dos que haviam sido militantes e, em seguida, de pesquisadores de uma geração posterior que não tinham uma relação direta com a experiência. (TAPAJÓS, 2010, p. 45).

Assim como a autora em questão, inúmeros escritores, jornalistas e militantes se debruçaram a narrar histórias de luta e de resistência durante o período militar (1964-1985) denunciando os crimes cometidos pelos militares e civis, informando os eventos que passaram, como as torturas, entre outros tipos de violência praticada, bem como os exílios e as prisões de amigos e de entes queridos. É, portanto, a maneira que encontraram para narrar e denunciar a repressão dos militares durante este momento histórico:

O termo repressão abarca uma diversidade extensa de atos, entre os quais se incluem cassações, intervenções, censura, leis autoritárias, ameaças, vigilância, suspeição exacerbada, demissões injustificadas. Todas com consequências apreciáveis na vida dos cidadãos, provocando medo, perda dos meios de subsistência, esgarçamento dos laços sociais (JOFFILY, 2014, p. 158).

Os temas relacionados à repressão e outros tipos de violência foram bem discutidos em novas publicações. Vale ressaltar, que em sua primeira publicação (1979) e em *Città di Roma* (2000) o foco foi concentrar a atenção para a sua trajetória pessoal e familiar, usando a sua autobiografia como ferramenta para construir-se enquanto uma mulher importante e que teve um passado que merece ser divulgado, documentado e conservado.

Segundo Zélia, o intuito de publicar *Città di Roma* aos oitenta e três anos de idade foi o de resgatar a história de sua família, uma forma de aproximar deles a partir de suas lembranças. Em sua última página do livro relata:

Resgato aqui, ao escrever estas páginas, todo um século de gente e de acontecimentos. Resgato e os trago à vida, não apenas minha família, mas também amigos, acontecimentos importantes, fatos e detalhes por vezes corriqueiros, insignificantes. Na companhia de meus pais e irmãos, voltei à infância, revivendo, emocionada, as travessuras da menina atrevida, achando e, às vezes, até me surpreendendo ao relembra-las. Aqui, debruçada sobre o computador, passei uns poucos meses de convivência diária com meus pais e meus irmãos. Comigo estiveram: Remo, o namorado que me levava aos bailes; convivi com Vera, o colosso, segundo dona Angelina, companheirona, alegre e desconstruída; contemplei Wanda, beleza de madona, ar triste, inteligente e determinada; dei corda a Tito, o enrustido, o artista da família, a me provocar divertindo-se com isso... Todos eles vivos, lembrando-me às vezes fatos que eu até esquecera. Nego-me a admitir que meus pais e meus irmãos desapareceram para sempre. Eles estão vivos, presente na minha lembrança e no meu coração basta chamá-los que eles vêm correndo. De meus irmãos, apenas Tito ainda transita por aqui: antes de morrer ele fez a doação das córneas de seus lindos olhos azuis que hoje iluminam a vida de alguém, condenado às trevas (GATTAI, 2000, p. 172).

Além deste ponto, a escrita autobiográfica lhe permitiu o desabafo e a exteriorização de suas angústias, como fez relatando a história de vida de seu pai Ernesto Gattai.

2.3 Jorge (sempre) Amado e o Brasil.

No ano de 1982, Zélia Gattai vem a publicar o seu segundo livro intitulado *Um chapéu para a Viagem*. Ao contrário da primeira publicação em que se debruça a narrar a sua origem familiar, nesse livro, o foco concentrou-se em abordar a trajetória pessoal de Jorge Amado no contexto do final do Estado Novo (1937-1945) e início do governo do general Dutra (1946-1951) bem como nos anos seguintes, (explorando o lado escritor e também o político como membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB) desde o ano 1932. Além deste ponto, tratou de narrar eventos cotidianos e a própria história, informando o

momento em que conheceu o escritor no I Congresso de Escritores³⁹ na cidade de São Paulo no ano de 1945:

Fui apresentada, finalmente, a Jorge Amado durante 1º. Congresso Brasileiro de Escritores, realizado em São Paulo, em janeiro de 1945. O Congresso de Escritores foi o primeiro golpe na estrutura do Estado Novo, que, desde 1937, proibira reuniões desse tipo, mantendo rígida censura sobre a imprensa, os espetáculos, os livros, impedindo o debate de ideias, a livre expressão de pensamento (GATTAL, 1982, p. 29).

Além de contemplar a história de Jorge Amado, dedica algumas páginas para falar dos seus irmãos Jofre, Joelson, James Amado narrando algumas aventuras de suas infâncias. Percebe-se com a leitura do segundo livro, que mais uma vez se debruça a discutir a violência dos regimes autoritários, denunciando a partir de sua escrita os eventos que vivenciou.

O escritor baiano nasceu em 10 de agosto de 1912, na fazenda Auricídia, em Ferradas, distrito de Itabuna. Posteriormente, mudou-se para Ilhéus e depois Salvador BA aos 11 anos de idade para estudar no Colégio Antônio Vieira. Aos catorze anos conseguiu seu primeiro emprego como repórter policial no jornal Diário da Bahia. Em seguida, passou a trabalhar em *O Imparcial*.

No ano de 1931 publicou *O país do Carnaval* e também ingressou no curso de Direito da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro aos 18 anos de idade. Apesar de se tornar advogado, ofício de grande renome na época, Jorge nunca exercera a profissão. Dedicou a sua vida a escrita literária e a militância política. Conheceu inúmeros escritores e intelectuais brasileiros e de outros países que foram parceiros na caminhada como militante político.

Publicou inúmeros livros, como *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935), *Mar Morto* (1936), *Capitães de Areia* (1936) entre muitos outros, sendo a maioria de sua obra composta por romances, mas também lançou algumas memórias, contos e um livro infantil. Além dessa atividade profissional, o escritor baiano também foi diretor, repórter e chefe de publicidade de vários periódicos brasileiros de 1925 a 1943 tais como *A Pátria* (1925), *Diário da Bahia* (1927), *Rio Magazine* (1933), *A Manhã* (1935), *D. Casmurro* (1935) e o *Imparcial* (1943). Trata-se de um homem muito engajado do ponto de vista político, bastante

³⁹ Em 1944, incentivada por Jorge Amado, Aníbal Machado, Oswald de Andrade e outros, a associação resolveu realizar um congresso. No dia 22 de janeiro de 1945, reuniu-se assim no Teatro Municipal de São Paulo o I Congresso Nacional de Escritores. A reunião foi uma manifestação de oposição ao governo Vargas, contribuindo para aprofundar a crise do regime. Informações retiradas do site: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/QuedaDeVargas/CongressoEscritores>>.

atento e preocupado com as questões sociais e econômicas de seu tempo. Por conta dessa militância, teve que sair do Brasil inúmeras vezes para evitar a prisão. Entre 1941-1942 exilou-se no Uruguai e na Argentina onde escreveu *O Cavaleiro da esperança*.

Em 1945 já consagrado no meio editorial foi eleito Deputado Federal pelo Partido Comunista Brasileiro tendo participado da Assembleia Constituinte de 1946 e da primeira Câmara Federal após o Estado Novo. Como deputado, pôde ser útil a sociedade criando algumas leis tais como a que instituiu a liberdade de culto religioso, sendo reconhecido posteriormente como o “deputado da cultura”. Tal assunto foi narrado por Zélia no segundo livro:

Além de participar dos debates no plenário, o trabalho mais importante de Jorge como deputado decorria na Comissão de Educação e Cultura, da qual era membro. Mesmo sendo um deputado comunista, Jorge mantinha excelentes relações pessoais com os colegas dos mais diferentes partidos e correntes de opinião. Por isso mesmo viu aprovados pelo Parlamento vários de seus projetos de interesse cultural. Jorge trabalhou em permanente contato com intelectuais e organizações de classe. Com a SBAT — Sociedade Brasileira de Autores -, estudou e redigiu lei que tornou obrigatório o contrato (de pelo menos três meses) para artistas de teatro e rádio. Até então os artistas eram marginalizados, trabalhavam sem contrato, sem nenhuma garantia, sem nenhuma lei que os defendesse. Podiam ser dispensados em qualquer momento, sem indenização. Com os pintores, Jorge preparou projeto, igualmente transformado em lei, criando o "Salão Nacional de Arte Moderna". Apesar das divergências ideológicas que o distanciavam do então Ministro da Educação, Clemente Mariani, Jorge contou com o apoio do Ministro para um projeto de lei que retirava a censura das mãos da polícia, passando-a para o Ministério da Educação, despida de qualquer caráter político. Aprovado na Câmara, o projeto caiu no Senado. Desde aquela ocasião, Jorge e Clemente Mariani tornaram-se amigos. Da Comissão de Educação e Cultura, Jorge pôde encaminhar, para a discussão em plenário, inúmeras reivindicações de artistas e intelectuais brasileiros: de Villa-Lobos ao palhaço de circo Benjamim de Oliveira (GATTAI, 1982, p. 184).

Apesar de ter contribuído com o seu trabalho como deputado, vem a sofrer alguns problemas por esse mesmo motivo posteriormente quando o PCB tem o seu registro cassado em 7 de maio de 1947. Trata-se de um momento em que todos os membros do partido foram perseguidos pelo governo Dutra. Neste sentido, ele e os demais companheiros do partido foram excluídos do sistema político-partidário como nos mostra Zélia no excerto a seguir:

Os juízes do Tribunal Eleitoral adotaram suas conclusões, colocaram o PCB na ilegalidade. Fim de uma batalha política, começo de outra, pois agora a reação partia para expulsar do Parlamento o senador e os deputados eleitos na legenda do Partido. Batalha que iria durar quase um ano, à qual Jorge dedicaria a maior parte de seu tempo (GATTAI, 1982, p. 202).

Por conta das perseguições políticas do momento, temendo ser preso novamente resolve exilar-se na França no ano de 1948, país que acolheu muitos comunistas perseguidos

na América Latina. Esse assunto foi bastante explorado por Zélia Gattai em seus livros intitulados *Senhora Dona do Baile* (1984) e *Jardim de Inverno* (1988) e *Jorge Amado Um baiano romântico e sensual* que escreveu com os filhos Paloma Amado e João Jorge Amado (2002).

Para além da trajetória profissional e pessoal de seu esposo, como de costume, procura construir-se enquanto intelectual, uma mulher atenta à boa literatura:

Agora, para usar uma expressão de Lalu, estava de grande, com estantes maravilhosamente bem sortidas de livros, na maioria inédita para mim. Alguns, eu já havia lido, mas voltaria a lê-los, descobrindo novo sabor ao comentá-los com Jorge. Reli o Dom Quixote, de Cervantes; durante muitas noites o "Hermoso Hidalgo", seu escudeiro e a bela Dulcineia povoaram a minha casa do Estado do Rio, habitaram meu coração. Entre os modernos, reli o romance Fontamara, do italiano antifascista Ignazio Silone, que me transportou mais uma vez para aldeias da Itália, com seus problemas, suas festas e seus sofridos camponeses. Numa estante à parte ficavam os autores preferidos de Jorge. Por eles comecei essa minha temporada de dois anos de intensa leitura. Sabia da paixão de Jorge pela literatura de Charles Dickens, Mark Twain, Rabelais, Zola, Tolstoi, Gorki. Treinei inclusive meu espanhol, pois li vários livros desses escritores em traduções publicadas na Argentina e na Espanha. Devorei os romances de Dickens, Mister Pick-wick, David Copperfield, Armazém de Antiguidades, os contos de Mark Twain, de quem já lera As Aventuras de Tom Sawyer e As Aventuras de Huck. Enfrentei autores pelos quais sempre tivera curiosidade sem, no entanto, tê-los lido, por que, não sei; talvez medo ou vergonha de não entendê-los... quem sabe? Assim aconteceu com Rabelais, por exemplo. Após a leitura de Pantagruel e Gargantua, deliciada com a descoberta, enveredei pelos mestres franceses: Balzac, Maupassant, Stendhal, Daudet. Embrenhei-me na literatura norte-americana lendo Hemingway, Caldwell, Steinbeck, Faulkner. Dos russos já conhecia livros de Dostoiévski, de Gorki e de Tolstoi; passei a conhecer Tchekhov, Turgueniev, Gogol. . Quanto à poesia, era assunto à parte: juntos, os dois, líamos nossos poetas mais queridos: os que falavam de amor. Foram dois anos importantes, quando os livros evitaram que eu ficasse amarga e chata (GATTAI, 1982, p. 122).

Desse modo, continua construindo-se como uma mulher dotada de capacidade, sendo uma leitora voraz, capaz de ler até mesmo em outras línguas, não se restringindo a língua materna. Mais uma vez, pratica a narrativa autobiográfica e também biográfica. Em outras palavras, é a forma que almeja ser reconhecida por seus pares, pelo seu público leitor e seus familiares, por isso, intencionalmente faz questão de arquivar em suas obras esse lado que incessantemente publica sobre si, deixando uma mensagem sobre a sua trajetória para a posteridade:

Sempre que arquivamos as nossas vidas em função de um futuro leitor autorizado ou não (nós mesmos, nossa família, nossos amigos ou ainda nossos colegas). Prática íntima, o arquivamento do eu muitas vezes tem uma função pública. Pois arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e a morte (ARTIÈRES, 1998, p. 24).

Em sua segunda publicação (1982) lança em uma das últimas páginas a seguinte indagação: Brasil, até quando? Tal provocação se refere a todos os episódios políticos que a autora vivenciou, seja durante o Estado Novo com a prisão de seu pai que foi torturado ou mesmo no contexto do governo do general Dutra em que seu esposo teve que ir para a Europa para proteger-se de uma possível prisão por conta de seu vínculo partidário. Trata-se de governos autoritários violentos e repressivos. Desse modo, a partir dessa provocação mostra-se bastante crítica em relação a esses regimes com o qual também irá deparar-se novamente no exílio europeu, assunto que irá narrar nos próximos livros, registrando a partir de sua escritura seus sentimentos, os acontecimentos históricos e preservando a sua própria memória e a do esposo escritor, o seu amado.

2.4 O exílio europeu (1948-1952).

Sendo a grande companheira desde a década de 1940 e “braço direito” de Jorge Amado, Zélia Gattai começou a adentrar o “mundo literário” a partir do momento em que estabeleceu um relacionamento com o escritor, depois que se separou do seu primeiro esposo Aldo Veiga, membro do PCB (Partido Comunista Brasileiro). A cumplicidade não era apenas no sentido pessoal: havia uma união e ajuda profissional; era ela quem cuidava dos afazeres domésticos e também quem datilografava e revisava as obras de Amado desde *Seara Vermelha* (1946).

Zélia auxiliava o marido nas escolhas de nomes para alguns personagens, acompanhando-o em seus diversos compromissos, nos congressos, nas atividades do Movimento Comunista Internacional e até mesmo no exílio na Europa, no período de 1948 a 1952, durante a Guerra Fria.

A viagem ao exílio não foi feita em conjunto, Jorge foi primeiro, em finais de janeiro do ano de 1948, embarcando no navio *Formose*, pois precisava sair do país para não ser preso, enquanto Zélia continuava no Brasil, mas já se encontrava pronta e decidida a viajar a qualquer momento com o filho João Jorge Amado para a Europa a fim de viver com o esposo.

Apesar de estar no Brasil, continuou a ajudar o marido da forma que podia, enviando-lhe correspondências como folhetos, recortes de jornais para que Jorge Amado estivesse a par do que ocorria no país, o que era muito importante do ponto de vista político, uma vez que nesse momento ele era um militante bastante ativo e com grande influência editorial no “mundo” comunista. Tal assunto foi abordado no livro *Toda a saudade do mundo – A correspondência de Jorge Amado e Zélia Gattai- Do exílio à construção do Rio Vermelho* (1948) publicado pelo filho João Jorge Amado no ano de 2012⁴⁰, trabalho que reúne algumas correspondências do casal trazendo muitas informações sobre a relação de cumplicidade e a militância política de Jorge antes de Zélia encontrá-lo no exílio:

Quero que digas ao pessoal o seguinte: há grande interesse pelo Brasil e eu posso fazer alguma coisa. Mas preciso urgente, via aérea, urgente, repito, de material. Especialmente de jornais e de recortes (está circulando o Jornal Barão?). Não sabes sequer como já me foram uteis os recortes que me enviaste para aqui e que recebi ontem pela manhã. Úteis, porém, poucos. É necessário também que mandem artigos do Velho, de Arruda para Démocratie Nouvelle. Há uma verdadeira fome por coisas daí. Foi a primeira coisa que Thorez me pediu ontem. Que o velho e o outro escrevesse para Démocratie Nouvelle um artigo sobre a situação brasileira, a pressão imperialista e a resistência do povo. Isso é urgente e importante. E recortes e folhetos, tudo que houver e sair. À noite recebi os brasileiros nossos com os quais conversei. E agora, após eles saído, te escrevo (AMADO, 2012, p. 27).

Conforme se percebe, ela auxiliava Jorge, guardando os recortes de periódicos e os postava para a Europa, além disso, entrava em contato com os amigos do partido de Jorge informando que deveriam escrever artigos para algumas revistas internacionais ligadas ao Partido Comunista.

Vale notar, que quando Jorge comenta sobre o Barão, se refere ao escritor e jornalista Apparício Torelly (1855-1986) também conhecido como o Barão de Itararé. Em relação ao “Velho” está se referindo ao Cavaleiro da esperança Luís Carlos Prestes. “Arruda” se refere ao dirigente do Partido Comunista Diógenes Alves de Arruda Câmara (1914-1979), todos amigos do escritor baiano e articulados politicamente, vinculados ao PCB.

Nesse período, havia na França vários periódicos com conteúdos mais políticos que discutiam as questões relacionadas à situação do Brasil e do resto da América Latina como *Europe* e *Les Lettres Françaises*, ambos eram comandados pelo PCF (Partido Comunista

⁴⁰Esse livro foi publicado pelo filho João Jorge Amado no ano de 2012 e conta com as correspondências de Zélia e Jorge do período de 1948-1967. Tais correspondências foram encontradas na casa de Zélia Gattai e foram guardadas por ela, segundo a afirmação da filha Paloma Amado nesse trabalho. Existem inúmeras outras correspondências na Fundação Casa de Jorge Amado (FCJA), mas pesquisadores não podem ter acesso a elas tendo em vista que o escritor Jorge Amado pediu para que fossem guardadas e preservadas. Elas só poderão se tornar pública, quando completar 50 anos da morte do escritor.

Francês). Além disso, muitos escritores brasileiros ou de outras nacionalidades (refugiados) escreviam nessas revistas e dessa forma recebiam e conseguiam sobreviver no exílio:

O PCF comandou, direta ou indiretamente, na época, um amplo conjunto de periódicos, capitaneados pelo seu diário L'Humanité e outros de grande difusão, como o vespertino Ce Soir. Havia também uma gama de publicações com maior espaço para temas de cultura, como La Pensée, La Nouvelle Critique, Les Lettres Françaises, Europe, Action e Arts de France (RIDENTI, 2011, p. 166).

Apesar de ser bastante conhecido, Jorge Amado vivia dos direitos autorais de seus livros no Brasil e no resto do mundo e ainda ajudava os seus amigos e também escritores a publicarem seus livros na França, pois tinha vários contatos com alguns editores do país.

Em carta de 23 de março de 1948 destinada à esposa, Jorge, comenta sobre a possibilidade de uma nova guerra e os seus livros que no momento estavam sendo negociados para serem traduzidos em vários países:

Trato de fechar uma série de contratos na Europa para garantir nossa vida por mais uns meses sem problema financeiro. É outra coisa que ainda me prende aqui, os contratos de edição. Já assinei dois: um com Gallimard (nrf) para a tradução de Capitães da Areia e a reedição do Jubiabá. Outros com as Éditions Sociales para a tradução do Seara, que sairá primeiro como folhetim no Lettres Françaises e depois em volume. E estou tratando do São Jorge, da Vida de Luis. Mar Morto sai em outubro. Assinei contrato para o Terras com a Polonia (250 dólares do adiantamento), Holanda e Eslováquia (língua eslovaca) e estou esperando o contrato da finlândia. O representante é muito bom (AMADO, 2012, p. 46).

Vale lembrar, que ele tinha inúmeros amigos, sendo que, muitos deles eram intelectuais e escritores brasileiros e de outras nacionalidades ligados ao partido que também vivenciaram o exílio, como Carlos Scliar, Jacques Danon, Paulo Rodrigues, Alberto Castiel, Pablo Neruda, Nicolas Guilén entre muitos outros:

Tanto Les Lettres Françaises como Europe deram espaço, em suas páginas, para artistas comunistas latino-americanos exilados em Paris no fim dos anos 1940 e início da década de 1950, como Pablo Neruda, Jorge Amado e Nicolás Guilén, que integraram o círculo comandado por Aragon, o famoso escritor comunista que era o principal expoente e organizador partidário no meio intelectual. O autor latino-americano mais mencionado e louvado pelas publicações comunistas francesas foi o poeta Pablo Neruda, militante do PC chileno. Por exemplo, no número 25 de Europe, aparecia seu artigo “Crise democrática no Chile”, apresentado por Louis Aragon (Europe, 1948a: 28-49). Neruda denunciava o presidente chileno Gabriel Gonzáles Videla pela política reacionária que o levou a romper relações com países comunistas, num contexto em que o poeta e senador comunista se viu forçado a deixar o Chile, estabelecendo-se em Paris no começo da Guerra Fria (RIDENTI, 2011, p. 167).

Em outra correspondência destinada à ela de março de 1948 Jorge pede que envie mais recortes dos periódicos, além de livros, discos e poesias para ele, nesse momento Zélia Gattai já se preparava também para o exílio europeu:

Manda-me os recortes. Para ti e para Joelson (a este pedindo sempre que eu mostre a Katarina cliente dele) tenho enviado múltiplos recortes e para ti fotos. Tens recebido? Dizem aqui que alcancei um incomum sucesso literário. Realmente fui magnificamente recebido aqui. Homenagens, imprensa, convites etc. E creio que fiz algo produtivo. Traz também pelo menos dez exemplares de cada livro meu, tudo que tivermos e fotos o livro de Caymmi, discos desse miserável, e , se conseguires, alguns livros de Graciliano Dalcídio, José Lins, José Geraldo etc., pois é possível traduzi-los por aqui. Traz também as poesias completas de Castro Alves. Espero que quando recebas esta já estejas providenciando tua viagem. Nem vou falar em minhas saudades de ti e de João. Me acostumei contigo, Zé, me acostumei demais. Só aqui no estrangeiro, sinto que me agarrei a ti e o que significas em minha vida (AMADO, 2012, p. 51).

Em meados de 1948, a autora com o segundo filho João Jorge Amado embarca no navio rumo ao exílio europeu ao encontro do escritor: “Parti com meu filhinho de cinco meses nos braços, na segunda classe de um navio italiano. Sabia das dificuldades que ia encontrar pela frente, mas ao lado de Jorge enfrentaria todo e qualquer obstáculo, tiraria proveito de tudo” (GATTAI, 2002, p. 43).

Num primeiro momento foi morar na França “no Grand Hotel Saint- Michel, na rue Cujas, em Paris” (RIDENTI, 2011, p. 173). País que acolheu brasileiros entre outros escritores, pintores, artistas e intelectuais em um tempo em que os comunistas sofriam forte repressão na América Latina. Nesse país, puderam conhecer inúmeras pessoas de varias nacionalidades, ampliando o contato e construindo grandes amizades, algumas que irá perdurar por longos anos:

A aproximação mais notória a partir do exílio na França estabeleceu-se entre Jorge Amado, Pablo Neruda e Nicolas Guillén três escritores comunistas de liderança no meio intelectual de seus respectivos países, que foram amigos e fizeram muitas viagens juntos no circuito comunista, no qual militavam no movimento pela paz mundial (RIDENTI, 2011, p. 176).

Em paris permaneceram por mais de um ano, no entanto, em 1949 foram convidados a se retirarem por conta de motivos políticos. Por essa decisão, Jorge por 16 anos não pode fazer visita à França.

Pode-se dizer que mesmo em meio a esse desfecho triste, o casal pode aproveitar e adquirir muitas boas experiências em relação a culturas e línguas diversas que entraram em contato.

Além desse ponto, também aproveitou algumas regalias, tais como, viagens internacionais, participação em congressos e outros eventos políticos, hospedagens em hotéis proporcionadas pela União dos Escritores, órgão que existia em todos os países comunistas e responsável por financiar tais eventos.

Vale ressaltar, que Jorge Amado conseguiu publicar seus livros para inúmeros países comunistas, divulgando seu nome como escritor no contexto da guerra fria:

Ao chegar a Paris, Amado tinha apenas dois livros publicados em francês, ambos pela prestigiosa editora Gallimard, um deles em 1938: *Bahia de tous les saints* (Jubiabá), que seria reeditado no pós-guerra, quando saiu também *Terre violente* (Terras do sem-fim), pela mesma editora, em 1946. Sua estada em Paris levou a novas traduções de livros, do fim dos anos 1940 a meados dos 1950, como *Mar morto e O cavaleiro da esperança* (Le chevalier de l'espérance), que saíram em 1949; *Seara vermelha* (Les chemins de la faim), e *São Jorge dos Ilhéus* (La terre aux fruits d'or), em 1951; *Capitães de areia* (Capitaines sur sable), em 1952; e *Cacaun* (Cacao), em 1955. Foram, em geral, publicados por editoras próximas do PCF, com exceção de *Capitães de areia*, que saiu pela Gallimard, atestando que Amado não se fechava no universo comunista. Ele participava, ainda, de atividades de divulgação, como a venda anual de livros autografados, patrocinada pelo Comitê Nacional dos Escritores, originário da Resistência. Em suma, a estada em Paris potencializou a entrada dos livros de Jorge Amado no mercado francês, com de resto, a seguir, na Europa e no mundo comunista (RIDENTI, 2011, p. 173-174).

No que diz respeito ainda a Jorge, ele se tornou um político e militante renomado, muito conhecido por defender a paz no contexto da guerra fria, (iniciada após a segunda guerra mundial) em que todos se sentiam ameaçados devido à possibilidade de ocorrer uma guerra nuclear entre as duas potências mundiais, os Estados Unidos da América e a União Soviética, assunto abordado por Zélia em seu livro publicado em (1984):

A guerra fria dominava naquele então as relações internacionais, que se caracterizavam por uma política de constante hostilidade entre os Estados Unidos e a União Soviética, com permanente ameaça à paz. Apenas ameaça, porém, ameaça de guerra atômica, guerra sem vencidos, nem vencedores, o fim de tudo (GATTAL, 2001, p. 70).

Apesar do medo, o escritor e os seus companheiros de partido continuaram a publicar as suas críticas em jornais e livros criando a partir dessas relações, redes internacionais, além de contatos muito importantes, o que foi fundamental para a formação e a experiência política, intelectual e cultural de todos. Além desse ponto, trabalharam arduamente para organizarem o I Congresso de Intelectuais pela Paz, motivados é claro, pela questão da ameaça atômica:

Nesse contexto, em novembro de 1949, na reunião do Kominform, a “luta pela paz” foi definida como tarefa central do movimento comunista, à qual deveriam subordinar-se todas as outras tarefas e objetivos. Acreditava-se então numa

possível “ação direta” do imperialismo norte-americano contra a União Soviética. Segundo os líderes do Kominform, os soviéticos enfrentavam uma grave ameaça diante da escala armamentista dos Estados Unidos, e especialmente diante de seus arsenais atômicos (RIBEIRO, 2008, p. 263).

Por isso, no ano de 1948 Jorge viajou para Varsóvia para participar de uma reunião com o intuito de preparar o Congresso de Intelectuais pela Paz Mundial. O congresso ocorreu em Wroclaw na Polônia, entre os dias 25 e 28 de agosto, reunindo inúmeros intelectuais de varias nacionalidades, inclusive brasileiros.

Esse congresso foi muito importante, uma vez que foi planejado posteriormente, o I Congresso Mundial da Paz no ano e 1949 na cidade de Paris. Nesse sentido, “[...] o movimento era importante, sobretudo para a política externa de Stálin, temeroso do avanço nuclear norte-americano” (RIDENTI, 2011, p. 179). Ou seja, serviria como um instrumento da política externa soviética como aponta Zélia: “segundo a opinião de muitos, esse órgão seria apenas um instrumento de política externa soviética. Para nós, era um órgão que se propunha a lutar pela paz, mantendo uma vigilância permanente contra as ameaças de guerra” (GATTAI, 2001, p. 233).

O segundo congresso iria ocorrer em novembro de 1950, na cidade de Sheffield na Inglaterra, no entanto, o local do evento foi mudado para Varsóvia, uma vez que estava muito difícil na ocasião, conseguir vistos para os participantes do evento no contexto da guerra fria, como bem nos mostra João Jorge Amado (2012):

O segundo Congresso Mundial da Paz, que estava programado para realizar-se na Inglaterra em novembro de 1950, teve que ser transferido para Varsóvia, na Polônia. Com o incremento da Guerra Fria, por pressão norte-americana, as numerosas delegações, inclusive no Brasil, que compareceriam estavam tendo dificuldades para conseguir vistos ingleses e isso levou à mudança do local do evento, em cima da hora. Meu pai então foi novamente à Polônia para o trabalho de preparação para o congresso (AMADO, 2012, p 80).

Percebe-se a partir de tais constatações que o exílio na França foi de grande importância na vida do escritor, pois pode adquirir experiência política, militando em vários países, se realizando profissionalmente, traduzindo seus textos e os publicando em varias partes do mundo. É fato, como mostra Ridenti (2014) que Jorge conseguiu ser divulgado com a ajuda do PCF que o auxiliou e mesmo financiou, além da União de Escritores que proporcionou ambientes favoráveis a sua produção como escritor. Trata-se de um homem que aproveitou as oportunidades durante o exílio, abrindo caminhos e sendo reconhecido internacionalmente, tanto pela militância política em prol da paz, assim como escritor renomado e prestigiado por incontáveis nações:

Estava aberto o caminho para a projeção em primeiro plano do nome de Jorge Amado nos meios comunistas internacionais, sobretudo na União Soviética e no Leste Europeu, o que levaria o autor a ganhar o Prêmio Internacional Stálin da Paz em dezembro de 1951, que receberia pessoalmente em Moscou, onde foi recepcionado calorosamente em solenidade de janeiro de 1952, na Academia de Ciências da União Soviética(RIDENTI, 2011 p. 180).

Vale notar, que apesar da militância e do enorme trabalho, Jorge e Zélia tiveram que deixar a França, viajando à Tchecoslováquia, país que os acolheu e que também puderam aprender e tirar proveito de muitas lições, distanciando-os de certas ilusões e os aproximando cada vez mais de vivências que os fizeram repensar seus ideais, permitindo-lhes construir novos referenciais políticos e se constituírem enquanto seres mais críticos e inconformados, mais uma vez com a violência empregada por regimes políticos com os quais tiveram que presenciar com a dura experiência durante o exílio.

Zélia e o esposo, quando chegaram ao segundo país que foram exilados em meados de 1949 foram morar no Castelo dos Escritores, localizado em Dobris, cerca de 40 quilômetros da Tchecoslováquia, país que contempla a narrar os seus relatos em seu livro *Senhora Dona do Baile*:

Situado a quarenta quilômetros de Praga, na localidade de Dobris, o Castelo dos Escritores era, sem tirar nem pôr, uma cópia em miniatura do Palais de Versailles. Apenas não possuía as dimensões gigantescas do palácio de Luís XIV. Seus jardins e parques também haviam sido copiados a capricho dos famosos jardins de Versailles. Suntuosos salões de festas, bibliotecas bem sortidas, salas de jogos com mesa de bilhar, galerias ostentando quadros de caça e cabeças de veados embalsamadas penduradas pelas paredes. Luxuosos aposentos, sessenta ao todo (GATTAI, 2001, p. 57).

Lançado em 1984, *Senhora Dona do Baile* vendeu cerca de 20.000 exemplares em apenas seis dias⁴¹. Nesse livro, o tema central foi narrar as experiências dela e do esposo no exílio, na França, o primeiro país que moraram, no final da década de 1970 no contexto pós-segunda guerra mundial e início da guerra fria.

Segundo a autora, ela se debruçou a escrever esse livro durante quase todo o ano de 1984, como nos mostra em entrevista do ano seguinte: “foi um ano de muito trabalho, de muita emoção, de muito entusiasmo e de muita ansiedade. De trabalho, porque escrevi *Senhora Dona do Baile*, emoção por causa da minissérie *Anarquista* graças a Deus. Entusiasmo, com o movimento popular pelas diretas-já” (1985, p. 86).

⁴¹ Jornal Interno Cofap. Março/Abril, 1985.

Como já observado, o exílio, assunto discutido nesse livro, foi de grande riqueza cultural para ambos e, apesar de estar no exílio, a “viagem de fuga” por conta do medo do escritor ser preso mais uma vez, como membro do PCB e ex-deputado federal pelo mesmo partido que no momento encontrava-se na ilegalidade, seria a única alternativa naquele momento; refugiar-se em país estrangeiro era uma maneira de não perder a liberdade e uma forma de continuar a sua militância política e a publicar suas obras nos países que compactuavam com os seus ideais. No entanto, Zélia não se restringe a história do exílio europeu, de forma intencional, em uma das páginas do livro, debruça mais uma vez a narrar a história de seus antepassados italianos, construindo dessa forma, mais uma vez, a maneira que almeja ser vista, como fez nos livros anteriores. Trata-se, segundo ela, de uma mulher com origens anarquistas, como observamos no trecho a seguir:

Daquele mesmo porto de Genova, em 1890, meu avós – de pai e de mãe – haviam partido, em viagens diferentes para o Brasil, carregados dos filhos, famílias numerosas. Os Gattai, toscanos, viajavam movidos por princípios políticos numa aventura fabulosa, iam à procura da terra do sol, realizar um ideal, integrados num grupo de livres-pensadores anarquistas que tentaram colocar em prática, um país novo e acolhedor, as teorias do mundo livre. Fundado na Colônia Cecília, no norte do Paraná. Nenhuma das duas famílias logrou realizar o seu intento, ambas fracassaram, mas, em compensação, descobriram no Brasil uma segunda pátria, onde permaneceram, lutaram, amaram, multiplicaram-se em filhos e netos, trabalharam até a morte. Agora, tantos anos passados, uma descendente das duas famílias voltava a primeira, por acaso eu (GATTAI, 2001, p. 34).

O exílio não se tornou um fardo para o casal, pois o quanto puderam aproveitaram as viagens, conhecendo inúmeros países, como a Polônia, Romênia, Tchecoslováquia, Rússia, Alemanha, Itália, China entre outros, visitando os museus, os concertos, as peças teatrais e participando dos encontros com escritores de outros lugares, intelectuais, poetas e poetisas, pintores e filósofos com os quais acabaram se deparando:

Eu estava deslumbrada – não encontro adjetivo mais adequado – com a Itália, com seu povo. Adorara Bolonha, cidade mais bela!, com suas casas e ruas arcadas... Decidiríamos até permanecer lá dia a mais do que prevíamos antes de chegar a Roma, um dia para curtir Bolonha, inteiramente sós vagabundeando pelas ruas. Meu encontro com Roma fora aquele impacto! Espetáculo grandioso: ruínas, praças, fontes e museus... Freiras e padres aos milhares invadindo as ruas, andando de bicicleta e de lambreta, coisa que me causou espécie e, sobretudo, me divertiu. O povo falando alto gesticulando, sempre amável, gentil... Eu me sentia em casa, tinha a impressão de já ter visto tudo... e ao mesmo tempo de não ter visto nada antes... uma surpresa em cada esquina (GATTAI, 2001, p. 45).

Tanto na França, como na Tchecoslováquia que residiram, construíram um verdadeiro lar aconchegante, sempre cercado de amigos que também estavam na Europa por

conta do exílio ou de eventos políticos, como algumas reuniões e congressos. Neste sentido, sempre recebiam ilustres visitas ou mesmo encontravam amigos e conhecidos nos eventos que frequentavam em suas viagens, como o poeta Pablo Neruda, a poetisa Antonieta Dias de Moraes, João Cabral, Nicolás Guillén, a filósofa Anna Seghers, Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir entre muitos outros intelectuais vinculados ao Partido Comunista ou mesmo sem vínculo partidário, mas engajados em causas humanitárias contra guerras e conflitos políticos que ocorriam neste período, como a Guerra Fria e o temor da bomba atômica, o grande pavor de todos os países naquele momento.

Apesar dos problemas que teve que enfrentar se trata segundo a escritora, de um grande momento de sua vida como nos mostra em uma entrevista no ano de 1984 para o Jornal da Bahia: “e apesar das dificuldades, fora os melhores anos da minha vida a minha melhor escola, porque quando a gente possui amor e otimismo, sempre aproveita os bons momentos da vida” (JORNAL DA BAHIA, 1984, p. 01).

Além de aproveitar os atrativos culturais e recreativos que o exílio lhe proporcionava, Zélia matriculou-se em um curso de Língua e Civilização Francesa na Sorbonne que frequentou durante um ano, de 1948 a 1949, demonstrando que soube aproveitar todas as oportunidades que teve durante a sua vida, antes e depois de se tornar uma escritora conhecida:

Em Paris, eu cumpria o que havia prometido à dona Angelina, minha mãe – tão preocupada com o despreparo da filha - ,buscando me preparar, frequentando aulas na Sorbonne, convivendo com homens e mulheres os mais notáveis de nosso século, aprendendo com eles, não fazendo feio (GATTAI, 2002, p. 44).

Tais vivências possibilitadas pelo contato com culturas distintas, dos lugares que conheceu, com os diversos intelectuais e a experiência adquirida a partir das revisões dos livros de seu esposo é que fizeram com ela, de forma gradativa, tomasse gosto pela escritura literária e viesse a escrever no Brasil, muitos anos depois da vivência no exílio, no final da década de 1970. No entanto, escreveu de modo distinto de Jorge, debruçando-se a contar histórias a partir de suas lembranças de infância e fase adulta, algumas próprias de sua memória e outras adquiridas a partir das narrativas de seus antepassados, que as acaba relatando em muitas de suas obras. Diferente dele que foi um romancista por excelência, a escritora debruçou-se a criar autobiografias, que compõem a maioria de suas obras, no entanto, também produziu romances e livros infantis durante muitos anos. Vale notar, que pôde vivenciar inúmeras outras experiências nas viagens que realizou durante esse período. No entanto, não conheceu apenas os países cobiçados por turistas, como é o caso da Itália,

relatado por ela, ou mesmo, a França em que morou por cerca de um ano. Zélia pôde visitar outros lugares que não tinha um apelo turístico no momento, por exemplo, Lídice, cidade pertencente à Tchecoslováquia (Republica- Tcheca) que foi devastada na segunda guerra mundial (1942) por nazistas, depois que alguns cidadãos tchecos haviam atacado o alemão Reinhard Heydrich. Esse assunto também é relato pela autora em seu quarto livro (1984):

A destruição de Lídice, em junho de 1942, revoltara o mundo inteiro pela monstruosidade incomensurável cometida pelos nazistas. Toda uma aldeia fora bombardeada, as casas destruídas, os habitantes fuzilados. Não sobrara pedra sobre pedra. Na ocasião, diante de tão hediondo crime, a imprensa brasileira, já liberada da censura que proibira durante anos os ataques ao Eixo, abriu baterias denunciando a bestialidade nazista. Comovido, o povo brasileiro revoltara-se, protestando, solidarizando-se com o povo tcheco. Inúmeras crianças do sexo feminino, nascidas na época do terrível massacre, receberam o nome de Lídice, e até uma cidade do município de Rio-Claro, no Rio de Janeiro, o adotou em homenagem à “Cidade Mártir”. Também eu me revoltara e sofrera como todo mundo. Agora ali estávamos e me dava conta de que ouvir falar de uma tragédia ou apenas ler sobre ela era muito diferente de vê-la de perto, in loco. A dimensão era outra, muitíssimo maior. Diante de nossos olhos rasos d’água, de nossa angústia, encontrava-se o local do crime: um imenso campo raso, onde antes se erguera a pacata aldeia de Lídice. Espalhados a distancias irregulares fincados na terra, havia marcos de madeira contendo placas com inscrições explicativas: “Neste local funcionava uma escola”; “Aqui era o hospital”; “Aqui se levantava a igreja”; “Aqui...” Bastava para nós dar a medida terrível, a noção verdadeira do que fora a carnificina (GATTAI, 2001, P. 60).

No excerto acima fica claro que a autora pôde obter inúmeras experiências no contexto de pós-guerra que construiu a sua maneira de ver a vida, vivencias não foram tão agradáveis, mas que fez questão de narrá-las, registrando que esteve em Lídice e que essa visita havia lhe assustado bastante. Segundo ela, “esse seria meu primeiro choque, diante dos fatos que começavam a dar-me a dimensão precisa da bestialidade nazista e do horror da guerra” (GATTAI, 2001, p. 61).

Vale destacar, que além de Lídice, também conheceu a cidade de Varsóvia, cidade pertencente à Polônia que também fora devastada pelo exercito nazista alemão na segunda guerra mundial, (1943) aniquilando inúmeros judeus e deixando tantos outros deformados, mutilados ou mesmo aleijados como nos mostra Zélia:

Ao visitar Lídice eu pensava ter visto de tudo de que era capaz o bestialismo nazista. Pensara também saber tudo sobre a destruição de Varsóvia, sobre o gueto, onde milhares de judeus haviam sido esmagados: lera os jornais, vira documentários cinematográficos da época. Enxugara as lágrimas e procurara consolar amigos judeus. Andando agora pelas ruas de Varsóvia, onde não restara uma única casa inteira, entre escombros, eu me dava conta que não sabia de nada. No meio da terrível destruição, todos os recantos que restaram eram aproveitados para abrigar as pessoas que não tinham teto: onde sobraram três paredes cobertas, ali habitava alguém; às vezes essas três paredes o teto se localizam num segundo ou terceiro andar, sustentados por colunas e vigas, embaixo tudo vazado. Da rua via-se o movimento dos viventes dessas precárias habitações, cozinhando e

lavando levando a vida como se estivessem numa casa de portas fechadas. Pela rua transitavam aleijados, mutilados de guerra, tantos como nunca eu imaginara ver: gente de muletas, sem pernas, sem braços, sem olhos, rostos deformados... Todos eles atarefados, dando sua contribuição na remoção de entulhos, num trabalho sem fim (GATTAI, 2001, p. 78).

Em relação à Polônia ainda, enaltece muito o seu povo devido à militância e vontade de mudar a sociedade, no entanto, também tece bastante críticas aos homens que em nome do preconceito, do ódio e de outros interesses particulares foram capazes de agir com violência, aniquilando inúmeras pessoas no período da segunda guerra:

Lutadores da garra e da raça da camarada Anna⁴² encontrei muitos em minha vida. Na Polônia era o que mais se via. Ardentes patriotas, incansáveis militantes, possuidores de uma “consciência política” sempre aguçada e por vezes sectária, mesquinha e cega, só comparável ao fanatismo religioso. A tão falada “consciência política” é capaz de grandes acertos e de feitos heroicos, como também, infelizmente, é capaz das maiores injustiças e de absurdos sem tamanho, em nome da causa. Estou convencida de que a ela se deve, em parte, o milagre da ressurreição da Polônia da mesma maneira que ela é responsável pelos enormes erros cometidos na tentativa de construção de uma sociedade socialista (GATTAI, 2001, p. 81).

A partir dessas considerações que apresenta, ela mostra os dois lados possíveis no campo da política, o lado da consciência humana, capaz de melhorar uma sociedade por meio da vontade e prática política com a ajuda do povo e seus governantes (é o caso da Polônia entre outros países no contexto pós-guerra) e o lado do poder que é capaz de “cegar” os homens em busca de seus interesses individuais, movidos sempre pela ambição e pela ganância, empregando a violência a todo custo, sendo capazes de agir de todas as formas possíveis para atingirem seus fins, aniquilando, executando, matando e torturando pessoas, o que ocorreu segundo ela, com o modelo político stalinista, entre outros, e que a autora vai discutir um pouco nesse livro, mas sobretudo, no próximo que publicara em 1988, se mostrando mais a vontade para discutir tais assuntos.

Em um dos capítulos intitulado *Fim de Festa* Zélia se debruça a contar sobre a morte de Andrei Jdanov⁴³, segundo ela ele seria “homem de Stalin”, ou seja, compactuava com os seus valores, práticas e posições ideológicas. Nessa parte do texto, dedica mais de uma página para criticar a figura do líder político que era muito estimado, idolatrado, sendo

⁴²Netly Reiling, (pseudônimo de Anna Seguers) foi escritora e filósofa, nasceu em 1900 na cidade alemã de Mainz. Foi filiada ao partido Comunista Alemão. Escreveu inúmeros livros, entre eles, *A sétima Cruz* (1942), *Em trânsito* (1944), *Os mortos permanecem vivos* (1949) e alguns contos como “O passeio das meninas mortas” (1946). Informações coletadas no sítio eletrônico: <<http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/7591>>

⁴³Andrei Jdanov (1896-1948) foi secretário do Comitê Central e grande encarregado de temas ideológicos. Foi o idealizador do realismo socialista, sendo uma doutrina que devia ser seguida por todos os seus adeptos.

considerado muito mais que um herói, sendo visto como uma espécie de “deus” pela população e por seus aliados:

- Acaba de chegar a notícia da morte de Andrei Jdanov. Voltei-me, instintivamente, na direção de Fadeiev e me assombrei com a transformação que se operara nele: indisfarçável marca de dor vincara seu rosto e ele chorava. Os soviéticos presentes à recepção, consternados, cercaram Fadeiev e em seguida, retiraram-se em bloco; os outros convidados também foram se retirando. A festa terminara. Acabara de morrer um dos homens mais discutidos no mundo socialista naquele momento. Membro do Bureau Político Soviético, pai da teoria do formalismo e do cosmopolitismo literário e artístico, homem de Stalin, Andrei Jdanov provocava polemicas pelo mundo afora. Suas teorias de exaltação ao realismo socialista eram certas ou erradas? Stalin achava-as certas e Stalin estava vivo, cabeça do mundo, comandando, pensando por todos... Qual o comunista peitudo, capaz de discordar dele? Quem era louco? A grande maioria, em nome da “consciência política” e sobretudo, da fidelidade partidária, dizia amém a tudo, raciocinando assim: se Stalin acha que isso está certo quem sou eu, mísero mortal, para achar que está errado? “Stálin sabe o que faz...” ou “Stalin escreve certo por linhas tortas”: Como Deus. Exatamente igual, sem tirar nem pôr: os stalinistas adotavam diante de Stalin a mesma atitude dos religiosos perante Deus. Outros militantes simplesmente não se manifestavam: cumpriam ordens – certas ou erradas – por concordar, ou tão somente por se sentirem impotentes numa luta desigual contra o gigante? Quem sabe? A verdade é que ninguém quer ser acusado de traidor. Voltando às teorias de Jdanov que deram lugar a tantas e tantas e tão acirradas discussões, o que não se podia esconder é que elas estavam na base da condenação da poesia de Pasternak, da musica de Prokofiev e de tantas outras violências cometidas contra artistas e escritores, em nome do realismo socialista. Mas, para mim e muitos e muitos, isso só ficou claro tempos depois. Naquela noite da morte de Andrei Jdanov, eu era uma, entre tantos, a ficar triste e a chorar sua morte (GATTAL, 2001 104-105).

Diante do desabafo, percebemos que ela tece críticas ao realismo socialista de Stalin, demonstrando a sua crença a de seu esposo e dos seus amigos que nutriam grande respeito em relação ao líder e o seu segmento político. No entanto, essa admiração vai sendo desconstruída na medida em que eles observam os acontecimentos negativos que ocorreram durante o exílio. Esse assunto será retomado e muito mais explorado em *Jardim de Inverno*, livro em que faz uma espécie de “balanço”, elencando os pontos positivos e negativos das experiências a partir do contato com modelos políticos e ideologias no exílio europeu.

Além desses acontecimentos, em umas das paginas do livro intitulada *Ganho uma amiga*, narra a história de Monika, que conheceu durante o exílio. Trata-se de uma sobrevivente do terror nazista que viveu a terrível experiência do campo de concentração de Auschwitz:

Seu nome era Monika. Não foi preciso me dizer de onde vinha, compreendi logo ao ver em seu braço o número tatuado, identificação do campo de concentração. Era tão magra, coitada, só pele e osso, mas me garantiu que desde que chegara a Wisla já recuperara alguns quilos. Eu a encontrara no bosque na encosta da montanha atrás do hotel, lendo à sombra de uma árvore (GATTAL, 2001, p. 87).

Em outras paginas, continua a narrar a historia de vida de Monika, que era judia e que perdeu todos os familiares no campo de concentraçãõ:

À sombra de um caramanchão, todas as tardes, Monika me contava fatos que lhe vinham à memória desordenadamente. A única que restara de numerosa família judia, queixava-se de não ter lhe ficado ninguém: nem marido, nem mãe, nem pai, nem irmãos, nem tios, nem sobrinhos... “Não sobrou nenhum retrato”. Estava sozinha num mundo de recordações e saudades. Tinha uma ideia fixa: deixar seu testemunho num livro que estava escrevendo, uma denuncia sobre o inferno dos campos de concentraçãõ. “Nada mais me interessa da vida... sou um cadáver que fala (GATTAI, 2001, p. 90).

Atenta a essa narrativa, relata que a amiga escrevia as memórias sobre o campo de concentraçãõ como muitas pessoas fizeram nesse contexto a fim de denunciarem a violência física e psíquica sofrida. Além desse ponto, Zélia se colocou mais uma vez como porta voz desses acontecimentos, narrando e registrando tais momentos. Desse modo, promete para a amiga que a sua historia seria sempre divulgada por ela, como nos mostra a seguir: “Eu lhe prometi repetir a sua história, sempre que tivesse oportunidade. O que mais uma vez faço aqui” (GATTAI, 2001, p. 92).

Além dessa experiência, também narra o momento que visitou o campo de concentraçãõ de Auschwitz:

[...] Visitei com Jorge [...] o campo de concentraçãõ de Auschwitz, nas proximidades de Karowice, onde, nos anos 1940 a 1945, foram assassinados mais de quatro milhões de prisioneiros vindos de toda a Europa dominada pelos nazistas, a maioria constituída por judeus. A funcionária que nos mostrava o campo, ela própria ex-prisioneira de Auschwitz, se empenhava em nos mostrar tudo em seus mais mínimos detalhes. Depois de percorrermos as dependências, salas com montanhas de óculos, de dentaduras, de cabelos, de mamadeiras, as câmaras de gás e o paredão de fuzilamento, ela nos perguntou se sabíamos por que as paredes eram de cor marrom – escura e eu não soube responder. Tampouco Jorge. Buscamos explicações diversas sem acertar. – As paredes escureceram com o sangue de milhões de percevejos esmagados por nós – esclareceu a ex-prisioneira (GATTAI, 2001, p. 88-89).

A partir dos trechos acima relatados, podemos perceber que ela fez questão de narrar a história de inúmeras pessoas que foram massacradas pelo nazismo alemão que não puderam contar as suas vivencias no contexto da segunda guerra mundial. Desse modo, Zélia se coloca como testemunha, apesar de não ter vivenciado o fato, relata o momento do pós-guerra. Neste sentido, recorre a sua própria imaginação a fim de criar as suas histórias a partir da experiência adquirida reconstruindo desse modo, um passado “real” em sua escrita literária.

A sua prática memorialista nesse caso, apesar de voltar a atenção ao passado é também uma preocupação com o seu tempo presente, como nos mostra Gagnebin (2006):

A rememoração também significa uma atenção precisa ao presente, em particular a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade do passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente (GAGNEBIN, 2006, p. 55).

Pode-se dizer, portanto, que ela fez de sua escritura um instrumento político, narrando histórias, denunciando certos acontecimentos e muitas vezes, se colocando como testemunha, por exemplo, do horror nazista que pode conhecer por meio dos rastros deixados por eles, nessas cidades devastadas que conheceu, ou mesmo no sofrimento de seus sobreviventes e no contato com as suas vivências:

Nesse sentido, uma ampliação do conceito de testemunha não seria somente aquele que viu com seus próprios olhos (...), testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente (GAGNEBIN, 2006, p. 57).

Como nos mostra Gagnebin (2006), a ampliação do conceito de testemunha faz com que se permita que os fatos históricos sejam narrados, mesmo em segunda mão, garantindo dessa maneira a transmissão dessas experiências para que sejam divulgadas, registradas e, sobretudo, para que elas não venham ocorrer novamente. Ou seja, “este é um traço comum dessas práticas: arquivar a própria vida é querer testemunhar (ARTIÈRES, 1997, p. 20). É, portanto, essa a forma que Zélia se coloca em seu relato de vida, como uma mulher, escritora e memorialista preocupada em narrar tais eventos que julga de grande importância a fim de que eles não sejam esquecidos. Neste sentido, para além de se construir enquanto mulher dotada de capacidade intelectual e herdeira de valores anarquistas, a sua grande missão seria também a de lutar contra a violência, a repressão e o genocídio a partir de sua escritura, com a transmissão simbólica dessas experiências. Esse seria mais outro legado para deixar para a posteridade, como nos mostra no excerto a seguir:

Junto aos nossos pés misturada a fragmentos de óculos, dentaduras e bonecas, havia uma chupeta descorada, suja. Jorge e eu nos entreolhamos, algumas pessoas choravam; uma angústia imensa me invadiu, angústia e revolta. Revolta que fortaleceu a minha decisão inabalável, de lutar contra a guerra e pela paz entre os homens, contra toda e qualquer discriminação racial (GATTAI, 2001, p. 78).

Nesta linha, que se posiciona em seu quarto livro, relatando os eventos cotidianos, as experiências que pode adquirir no exílio, assim como o contato com artistas, poetas e políticos renomados, não deixando de lado os assuntos mais tristes, se mostrando com uma mulher militante e decidida a lutar em prol da paz e contra todo e qualquer tipo de preconceito. Neste sentido, adquiriu experiências uteis a própria vida, ampliando seus horizontes e permitindo mergulhar em “mundos” até então desconhecidos para ela.

Em relação a Varsóvia ainda, não narrou em seu livro apenas as histórias tristes que presenciou, fez questão de narrar os aspectos positivos da cidade que conheceu, procurando mostrar a sua reconstrução após os ataques sofridos:

Felizmente, em Varsóvia participamos de outros programas: visitamos escolas novas e creches onde crianças bem-cuidadas riam e brincavam; fomos a uma cooperativa agrícola onde os camponeses trabalhavam com entusiasmo, as árvores cobertas de frutos, os campos verdes cultivados. A remoção de entulhos e a reconstrução da cidade eram uma constante. O tempo da morte terminara, ficara para trás, a vida renascia. Sobre tanta desgraça, pairava a esperança de um futuro melhor. Para isso – mulheres e homens, velhos e moços – trabalhavam, trabalhavam sem cessar, sem medir sacrifícios. Pude testemunhar, naquele ano de 1948, a esperança que erguia sobre os escombros da guerra e a força imensa do povo da Polônia (GATTAI, 2001, p. 105-106).

Além de conhecer esses países relatados, também visitou a cidade de Bucareste localizada na Romênia no leste europeu, também invadida pelos alemães na segunda guerra mundial. Neste sentido, pode ver alguns castelos como o Doftana utilizado segundo a autora, como espaço de tortura durante a guerra como nos mostra no excerto abaixo:

O castelo desabara com um terremoto, antes da guerra, e os homens ali aprisionados perderam suas vidas sob os escombros. Restaram de pé apenas algumas celas, por acaso as câmaras de tortura, onde os prisioneiros eram emparedados. Diante dessas celas, comparei-as às que vira em 1945, em São Paulo. A guerra terminara, nazistas e fascistas haviam sido derrotados e a ditadura do Estado Novo chegava ao fim. As comportas da opressão explodiam e o povo vinha às ruas; a polícia política era desmascarada, as torturas de presos políticos chegavam ao conhecimento público, as prisões se esvaziaram e seus portões se abriram, franqueados a quem quisesse ver com seus próprios olhos o que se passara lá dentro. Eu tivera meu pai encarcerado por longo tempo. Ele adoecera na prisão e morreria logo depois de ter sido posto em liberdade. Fiz questão de ver de perto a cadeia que diziam ser a mais terrível de todas: a “masmorra do Cambuci”; lá estavam os monstruosos cubículos, quatro apertadas paredes onde apenas cabia um homem de pé, sem se mover paredes pintadas de piche, uma gota d’água caindo do alto sem parar... Essa prisão romena, tombada como Monumento Nacional não era mais terrível do que as do Brasil, elas se igualavam (GATTAI, 2001, p. 265).

Longe de concentrar a sua atenção apenas aos países que pôde conhecer no exílio, como de costume, volta a narrar a história do pai Ernesto Gattai, preso e torturado durante a ditadura varguista no final da década de 1930. Desse modo, escreve tais histórias,

repetidamente e incansavelmente, objetivando mostrar-se como testemunha de um fato triste em que teve que vivenciar. Trata-se de querer reconstruir o passado do pai, mostrando a “veracidade” do acontecimento, contribuindo para que sua história não caísse no esquecimento, pois como salienta Sarlo: “reconstituir o passado de um sujeito ou reconstituir o próprio passado, através de testemunhos de forte inflexão autobiográfica implica que o sujeito que narra (porque narra) se aproxime de uma verdade (..)” (SARLO, 2007, p.56). Neste sentido, a partir de sua escritura teve o intuito de narrar, documentar e propagar a história de vida de seu pai e de inúmeras pessoas que conheceu ao longo de sua vida.

Além de voltar à atenção a tortura sofrida pelo pai durante o Estado Novo, (tema discutido nos livros anteriores), não por acaso, uma vez que é uma estratégia para registrar tal evento, também contempla a narrar sobre os antepassados italianos como vemos no excerto abaixo:

Daquele mesmo porto de Genova, em 1890, meus avós – de pai e de mãe – haviam partido em viagens diferentes para o Brasil carregados de filhos, famílias numerosas. Os Gattai, toscanos, viajavam movidos por princípios políticos numa aventura fabulosa, iam à procura da terra do sol, realizar um ideal, integrados num grupo de livres-pensadores anarquistas que tentariam pôr em prática, num país novo e acolhedor, as teorias do mundo livre, fundando a Colônia Cecília, ao norte do Paraná. Os D Acol, vênnetos, iludidos com promessas tentadoras de riqueza fácil, partiam contratados para trabalhar numa fazenda de café, em São Paulo, sem saber que iam substituir o braço escravo. Nenhuma das duas famílias logrou realizar o seu intento, ambas fracassaram, mas, em compensação, descobriram no Brasil uma segunda pátria, onde permaneceram, lutaram, amaram, multiplicaram-se em filhos e netos, trabalharam até a morte. Agora, tantos anos passados, uma descendente das duas famílias voltava, a primeira, por acaso eu (GATTAI, 2001, p. 34-35).

Deste modo, a partir da análise das obras de Zélia Gattai, consideramos a sua escritura memorialista como um “momentum”, sendo um vestígio do passado, como proposto pelo historiador medievalista Le Goff (1990):

A palavra latina monumentum remete para a raiz indo-europeia, men que exprime uma das funções essenciais do espírito (mens), a memória (memini). O verbo monere significa “fazer recordar” de onde avisar, “iluminar, instruir. O monumentum é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos (LE GOFF, 1990, p. 462).

Nesse sentido, entendemos que as suas obras como um “documento monumentum”, sendo uma manifestação que evoca o passado e a partir de suas narrativas, a fim de que este seja perpetuado, não caindo no esquecimento. Ou seja, a sua prática memorialista permite “iluminar” e “instruir” os leitores para que eles tenham consciência do passado e o que ocorreu anteriormente e desse modo, passem a refletir sobre tais acontecimentos, adquirindo

consciência de tais atos, e em alguns casos, não permitindo a sua repetição. Além disso, por meio de suas lembranças do passado e a prática narrativa que consegue representá-las, bem como conservá-las, como observamos na reflexão de Le Goff: “A memória como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1990, p. 366). Desse modo, a autobiografia da escritora permitiu que ela representasse o seu passado, assim como construísse uma imagem sobre si ao longo das inúmeras páginas de seus livros.

Parece-nos, portanto, que ela assim como vários escritores (as) de seu tempo não somente no Brasil, mas em vários países da América Latina ou mesmo na Europa, se debruçaram a escrever os seus relatos de vida, não apenas por pura motivação individual, mas uma necessidade coletiva, uma vez que durante o período que adentrou um mercado editorial em finais da década de 1970 foi um período fortemente ideológico. Ou seja, no caso de Zélia, existe uma necessidade que observamos desde a primeira publicação em posicionar-se ideologicamente, politicamente, com o fim de denunciar, divulgar e marcar tais eventos na história. Desse modo, “os testemunhos, as narrações em primeira pessoa as reconstituições etnográficas da vida cotidiana ou da política também correspondem às necessidades e tendência da esfera pública” (SARLO, 2007, p. 115). Pode-se dizer como já observado anteriormente, que em muitos dos seus livros se intitula como anarquista (livre pensadora), sem vínculos partidários e sendo inspirada por ideais de igualdade e liberdade. No entanto, em *Senhora Dona do Baile* (1984), se intitula como stalinista como mostrado no excerto a seguir, quando fez uma visita ao museu Stalin, localizado em Gori durante o exílio na Europa:

A primeira parte do programa constava de uma visita à casa onde Stalin nascera. Casa humilde de trabalhadores, pequena. Sobre ela fora levantada outra casa com bastante espaço para o museu que lá funcionava. Stalinistas ardorosos e sinceros, emocionamo-nos ao ver o bercinho onde Stalin dormira, as fotografias de seus pais, as de sua infância e juventude, penduradas nas paredes... Encontrava-se também no museu a velha máquina impressora usada por Stalin na clandestinidade. Ela fora retirada do fundo de um poço onde o jovem revolucionário, escondido das perseguições, imprimia folhetos e manifestos subversivos. A revelação da clandestinidade de Stalin refugiado no fundo de um poço a presença da máquina impressora a alcance de nossas mãos, nos tocou profundamente. Educados no amor incondicional ao “Guia Genial”, acreditávamos nele, pia e cegamente (GATTAL, 2001, p. 189).

Diante desse posicionamento, nota-se que ela se reinventa nesse livro como “stalinista” de uma forma simbólica no contexto do exílio. Trata-se de erguer a mesma

“bandeira” de ideais de seu esposo Jorge Amado assim como os seus companheiros de partido que nesse momento, eram stalinistas convictos e nutriam grandes esperanças em relação ao modelo político proposto por Josef Stalin, negando completamente os regimes violentos e antidemocráticos como o que vivenciara no Brasil. Nesse sentido, se coloca como porta voz de também lutar em prol da paz a partir de seu memorialismo, divulgando os acontecimentos que julgou marcantes, como o caso dos sobreviventes do holocausto dentre outros regimes ditatoriais que presenciara durante o Governo Vargas e Dutra, antes do exílio europeu.

O tema sobre a paz é central nesse livro, e não ocorre por acaso, ela constrói as suas memórias e deixa um legado de paz e de não violência, uma vez que conheceu histórias em seu passado de luta e de sofrimento de muitas pessoas que passaram por momentos difíceis, seja durante o Estado Novo ou mesmo no período do seu exílio, momento em que se deparou com o stalinismo (durante a Guerra Fria) e outros modelos políticos que conheceu em vários países do mundo. Nesse sentido, a hipótese é que a sua escrita memorialista serviu como mecanismo de denuncia, registro histórico e, sobretudo, para poder deixar seu legado em prol da paz, objetivando dessa forma, a construção de uma sociedade sem violência, preocupação de inúmeras pessoas no período da primeira publicação em fins da década de 1970, momento que ocorriam as ditaduras em vários países da América Latina, como é o caso do Brasil e Argentina. Além desse ponto, construir o seu memorialismo teve também um sentido político que não pode ser descartado, ou seja: “reescrever o passado, construir sua própria autobiografia, mesmo que por meio de depoimentos orais, gravados, transcritos, adquire portanto, um sentido político vital” (RAGO, 2013, p. 141).

A autora Zélia Gattai começa a publicar as suas obras num contexto de abertura política (1979), momento do fim do governo Geisel, assumindo posteriormente, o general Figueiredo no mesmo ano. Trata-se ainda de um tempo de censuras, prisões, perseguições e repressões contra alguns sujeitos que eram contrários ao poder vigente. Nesse sentido, muitos movimentos surgiram nesse contexto como alguns movimentos sociais, intelectuais, artistas, escritores, membros da esquerda, estudantes entre outros grupos, objetivando reivindicar mudanças no quadro político e social. Além disso, foram criados comitês que lutavam em prol da libertação dos presos políticos e o retorno dos exilados, pleiteando também a restauração do remédio jurídico: Habeas Corpus. Além disso, foram criados vários comitês na ocasião, como o “Comitê Feminino pela Anistia (MFPA) e o Comitê Brasileiro pela Anistia (CBAS)”. A articulação desses grupos, buscando por mudanças, sendo um

grande marco que veio a culminar com importantes manifestações em varias cidades do Brasil, como nos mostra Resende (2014):

De fato, o ano de 1979, principalmente para aqueles envolvidos na luta pela anistia, significou um marco no fortalecimento do movimento coma eclosão de manifestações nas principais cidades brasileiras, contando com eventos que, em alguns casos, chegaram a atrair milhares de pessoas. Nesse sentido, tendo como destaque cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, o espaço público foi tomado por eventos em solidariedade aos presos políticos e pela anistia ampla, geral e irrestrita. Isso porque, principalmente a partir de junho daquele ano, o governo já acenava para a possibilidade de fazer um projeto de lei, e por consequência, os movimentos pela anistia pressionavam para a aprovação de um projeto que atendesse suas demandas e, sobretudo, garantisse liberdade para um dos principais destinatários de sua luta: os presos políticos naquele momento em greve de fome (RESENDE, 2014, p. 42).

A partir desse grande apelo e forte pressão política vinda de inúmeros grupos distintos, a Lei da Anistia, n. 6.683 foi aprovada em 28 de agosto do ano de 1979:

A aprovação da Lei de Anistia, portanto, não representou o fim das demandas não só pela ampliação dos termos da lei, mas também pelo desmantelamento do aparelho repressivo, a exigência do esclarecimento dos casos de mortes e torturas, a extinção das leis repressivas e a saída dos militares do poder. Isso porque, no entendimento dos movimentos de luta pela anistia, a repressão do regime, principalmente contra os movimentos populares mantinha-se ativa. No entanto, algumas conquistas como o retorno do exilados, a libertação de boa parte dos presos políticos, tendo em vista a revisão das penas, e o surgimento de novos partidos, acabaram por conferir um progressivo esvaziamento dos Comitês Brasileiros pela Anistia (RESENDE, 2014, p. 43-44).

Zélia, dentro desse contexto que inicia sua trajetória no campo editorial e continua a lançar os seus livros nos anos seguintes, em meio ainda a uma ditadura civil militar, episódio que foi um grande golpe a democracia brasileira, como nos mostra Ridenti (2011):

O golpe foi dado em nome da democracia, supostamente ameaçada. O regime instaurado jamais se assumiu como ditadura, no máximo como “democracia relativa”. Sempre se preocupou em manter uma fachada democrática. O congresso funcionou durante quase todo o período, apesar das cassações de mandatos parlamentares em momentos de crises, da imposição do bipartidarismo, no final de 1965, e de ser fechado de tempos em tempos, além de outros constrangimentos. Havia julgamento legal de prisioneiros políticos, embora na Justiça Militar e sob leis duras, sem contar perseguições e opositoristas torturas e mortes à margem da lei do próprio regime. Os militares governaram sob a vigência de uma Constituição, mesmo com os limites daquela de 1967, reformada estruturalmente em 1969, em sentido ainda mais autoritário (RIDENTI, 2011, p. 30-31).

Desse modo, escreve a partir das aspirações de seu tempo presente no final a década de 1970, como fez outros escritores (as). Neste sentido, toda escrita do passado está embrincada no tempo presente como nos mostra Le Goff:

Toda a história é bem contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente e responde, portanto, aos seus interesses, o que não é só inevitável como legítimo. Posto que a história é duração, o passado é ao mesmo tempo passado e presente (LE GOFF, 1984, p. 181).

Trata-se de um momento em que muitas pessoas lançaram seus livros, algumas peças de teatro e músicas com certo engajamento político ou com conteúdo “imoral”, que feria os princípios dos militares. Nesse sentido, a censura era geral, nos meios de comunicação como o rádio, a televisão e também nos espetáculos públicos. Evidentemente que nos anos anteriores, as medidas punitivas ocorriam com uma maior frequência, como por exemplo, no contexto do Ato institucional número cinco em 1968, também conhecido como AI 5 em que houve muitos assassinatos, exílios, torturas e censuras de livros entre outros materiais, além de prisões de inúmeras pessoas que lutavam contra o poder militar, como nos mostra Maués (2014):

Com o AI-5, no final de 1968, as limitações à edição de livros que pudessem representar alguma forma de questionamento da ditadura tornaram-se bem mais fortes, ou seja, a censura passou a ser uma presença constante no meio cultural. Em relação aos livros, esse processo teve seu ápice com a edição do Decreto n.1.077, de janeiro de 1970, que estabeleceu a censura prévia a livros e periódicos. Com esse quadro, até meados da década de 1970 houve forte limitação à edição de obras políticas que questionassem, ainda que moderadamente, as ideias e as práticas dos ditadores. Da mesma forma, havia enormes constrangimentos para a edição de autores como Marx, Engels, Lenin, Mao Tsé-tung, Stalin e outros que representassem o pensamento marxista ou socialista (MAUÉS, 2014, p. 91).

Em relação aos livros publicados no momento, o censor era o responsável por fiscalizar qualquer pessoa que publicasse “materiais subversivos”. Ou seja, “o censor é uma figura pública investida de poder disciplinador para corrigir os excessos cometidos. Os militares tinham uma obsessão pelos meios de comunicação, pois neles transitavam as informações potencialmente perigosas” (ORTIZ, 2014, p. 116)

Apesar da abertura política, muitos livros, peças teatrais e músicas foram censurados pelos militares. “A censura à livros durante a ditadura militar, portanto, teve uma atuação mais forte não nos chamados Anos de Chumbo (1968-1972), mas sim durante o governo Geisel (março de 1974 a março de 1979), e especialmente no final desse governo” (REIMÃO, 2014, p. 85). Ou seja, quando publica *Anarquistas graças a Deus* em 1979 ainda estava ocorrendo um processo de forte censura nas diversas publicações apontadas. No entanto, Zélia, apesar de discutir assuntos sobre o anarquismo, denunciando certos abusos do Estado Novo, pôde lançar seu livro livremente, não sofrendo nenhum impedimento, mas, não ocorreu o mesmo com muitos artistas e escritores:

O ato repressor tem essa intenção: são censurados livros, artigos de jornais, filmes, peças de teatro, letras de música, matérias de revistas, programas de televisão, emissões . radiofônicas. Ele atinge indiferenciada mente autores nacionais e estrangeiros: a peça Calabar, de Chico Buarque de Holanda, e Um bonde chamado desejo, de Tennessee Williams livros como Universidade necessária, de Darcy Ribeiro, e As gravuras eróticas de Picasso, filmes de Godard e Pra Frente Brasil, de Roberto Farias. A variedade dos temas interditados é imensa, abrangendo, sobretudo as obras de conotação contestatária: A revolução brasileira, de Caio Prado Jr, História militar do Brasil, de Nelson Werneck Sodré, jornais de oposição (ORTIZ, 2014, p. 117).

Essa liberdade que teve para publicar seus livros, a começar com o primeiro em que tinha um título bastante provocativo, se deu de maneira tranquila pelo fato de que a autora não apresentava um perigo ao governo militar, tendo em vista, que nunca foi vinculada a nenhum tipo de partido político de esquerda ou mesmo movimento social ou grupos feministas. Neste sentido, na ocasião, foi considerada pelo governo militar apenas como uma senhora de sessenta e três anos de idade, esposa de um escritor famoso que já havia rompido com a sua militância política e que, portanto, não causaria nenhum perigo ou ameaça ao poder vigente. Ou seja, Zélia, apesar de se debruçar a falar sobre o Estado Novo e a sua repressão, relatando as torturas sofridas pelo pai, Ernesto Gattai, (prática que também ocorria na ditadura do momento), além de tratar sobre a sua herança anarquista, ou mesmo discutir assuntos polêmicos do ponto de vista moral, pode adentrar ao mundo editorial sem a menor dificuldade. O mesmo ocorreu nas publicações seguintes. Trata-se de uma “mulher comum”, sem um passado de luta e que era mais conhecida como a companheira inseparável de um ilustre escritor renomado e muito considerado no Brasil e no mundo todo do que uma mulher militante ou vinculada aos ideais dos anarquistas e dos movimentos de esquerda. Ou seja, não era vista como uma mulher subversiva e perigosa e por esse motivo poderia publicar seus livros.

O tema sobre a tortura sofrida pelo pai Ernesto Gattai foi um assunto recorrente em suas obras, como já observado. Trata-se de um evento marcante em sua vida que será lembrado em cada nova publicação:

As vítimas da tortura levam suas marcas para sempre. Não há como apagá-las. É um mal que não tem fim, um crime cujas sequelas são permanentes e atingem também os familiares e amigos das vítimas, e, a bem da verdade, toda a sociedade. Afinal, não se pode esquecer que a tortura tem também um lado social e político da maior importância (MAUÉS, 2011, p. 48).

Nesse sentido, entendemos assim como Maués (2011) que o assunto em relação à tortura foi muito explorado por inúmeros escritores no contexto da abertura política no Brasil

e nos anos seguintes. Sendo muito discutido em vários livros desde a década de 1960 em gêneros literários distintos.

O primeiro trabalho que se tem notícia, segundo Maués, é o livro intitulado *Torturas e torturados*, publicado no de 1966 por Marcio Moreira Alves pela Editora Nova:

Lançado em 1966, o livro foi proibido e recolhido pelo governo federal e foi, também, usado como argumento para a tentativa de impugnação da candidatura a deputado federal do autor. No entanto, a obra foi liberada pela justiça em julho de 1967, ano em que saiu sua segunda edição. É um livro documental, que procura registrar os casos de tortura ocorridos naquele período da forma mais detalhada possível (MAUÉS, 2011, p. 51).

Na década seguinte dessa primeira publicação denunciando tais praticas de torturas, outros livros de diversos gêneros literários como romances, memórias, poemas entre outros, começaram a serem publicados, tais como vemos na tabela abaixo⁴⁴:

Obra	Autor (a)	Data	Gênero Literário	Editora
Bar Don Juan	Antônio Callado	1971	Romance	Civilização Brasileira
As Meninas	Lygia Fagundes Telles	1973	Romance	José Olimpo
Oposição ao Brasil, hoje	Marcos Freire	1974	Não Ficção	Paz e Terra
Zero: Romance Pré Histórico	Ignácio de Loyola Brandão	1975	Romance	Brasília
Câmara Lenta	Renato Tajapós	1977	Memórias	Alfa Omega
Cadeia para os Mortos:	Rodolfo Konder	1977	Histórias de ficção política	Alfa Omega
Cartas da prisão	Frei Betto	1977	Memórias	Civilização Brasileira
Tempo de ameaça. Autobiografia	Rodolfo Kender	1978	Memórias	Alfa Omega

⁴⁴ MAUÉS, FLAMARION . Livros, editoras e oposição à ditadura. Estudos Avançados (USP. Impresso), v. 28, p. 91-104, 2014. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142014000100009&script=sci_arttext>

de um exilado				
Inventário de cicatrizes	Alex Polai	1978	Poemas	Editora Global
A sangue quente: A morte do jornalista Vladimir Herzog	Hamilton Almeida Filho	1978	Memórias	Alfa Omega
Desaparecidos políticos: prisões, sequestros, assassinatos.	Reinaldo Cabral e Ronaldo Lapa	1979	Memórias	Editora Global
Tortura: A história da repressão política no Brasil	Antonio Carlos Fon	1979	Memórias	Editora Global
Dossiê Herzog: Prisão, tortura e morte no Brasil	Fernando Pacheco Jordão	1979	Memórias	Editora Global
Dr Linhares: Memorial da prisão política	Gihey Amorim Viana	1979	Memórias	Contagem: Editora História
Milagre no Brasil	Augusto Boal	1979	Memórias	Civilização Brasileira
Nas profundas do inferno	Arthur Poener	1979	Memórias	Codecri
O que é isso companheiro	Fernando Gabeira	1979	Memórias	Codecri
Poema do povo da noite	Pedro Tierra	1979	Poemas	Editorial Livramento
Confesso que peguei em armas	Pinheiro Sales	1979	Memórias	Editora Vegas
Esquerda armada: testemunho dos presos políticos do Presídio Milton Dias Moreira no	Luzimar Nogueira Dias	1979	Memórias	Vitória: Edições do leitor

A partir dos dados da tabela, apesar de não abranger o número total de lançamentos dessas décadas, podemos perceber que há um aumento significativo no número de publicações de memórias (com narrativas sobre a tortura, prisão, sequestros e assassinatos), que vem se ampliando cada vez mais no contexto de abertura política. Trata-se de um momento propício uma vez que o mercado estava lançando esses livros, em alguns casos, por uma motivação política e em outros, por interesses puramente mercadológicos. É tão significativa a questão dos livros memorialísticos, que alguns escritores receberam posteriormente, o prêmio Jabuti, é o caso do livro do Gabeira premiado em 1980 e de Frei Betto com o livro *Batismo de Sangue*, premiado no ano de 1982.

Vale ressaltar, que dentro desse contexto político, muitas editoras se posicionaram contrárias ao poder vigente, lançando livros com forte engajamento político em oposição aos militares, é o caso da editora Brasiliense, Vozes e Paz, Kairós, Livramento, Alfa Ômega, Global, Brasil Debates, Codecri, Civilização Brasiliense, entre outras.

Algumas delas eram vinculadas a certos partidos de esquerda e outras que não tinham um apelo ideológico, no entanto, publicavam obras com conteúdos mais políticos, permitindo críticas ao poder, objetivando uma mudança no quadro social:

O que caracterizava o conjunto das editoras de oposição era seu perfil e sua linha editorial claramente oposicionistas, sem que isso implicasse que essas empresas tivessem necessariamente vinculações políticas explícitas. O fundamental é que elas deram expressão a iniciativas de oposição. Algumas dessas editoras mantinham vínculos estreitos com organizações políticas. E houve casos, inclusive, de editoras de oposição surgidas nos anos 1970 e 1980 que foram criadas por partidos ou grupos políticos, alguns deles na clandestinidade ou na semiclandestinidade. Dessa forma, as editoras que tinham vinculações com organizações políticas se caracterizavam como editoras de oposição engajadas, formando um subgrupo dentro do conjunto mais amplo das editoras de oposição (MAUÉS, 2014, p. 92).

Pode-se dizer que Zélia lançou a sua primeira publicação e muitas outras posteriormente pela Record, editora que nunca se mostrou vinculada a nenhum partido ou posicionamento ideológico desde a sua criação no ano de 1942. O que deve ser levado em conta, é que a grande preocupação de seus proprietários Alfredo Machado e o cunhado Décio Abreu era com a questão mercadológica, ou seja, a venda de seus livros. Objetivavam dessa forma, a melhor posição possível no mercado editorial. Para tanto, vendiam diversos gêneros literários, lançando inúmeros escritores (as) com ou sem algum posicionamento político-ideológico, isso pouco importava para a empresa, desde que os fins da lucratividade justificassem os seus “meios”.

No que se refere à década de 1970, o grande “filão” literário do momento foram os livros que versavam sobre as questões mais políticas, principalmente as que traziam uma reflexão sobre a ditadura-civil-militar. Dessa maneira, os temas como o exílio, tortura e a luta armada foram bastante contemplados em diversas escritas biográficas e autobiográficas e publicados conseqüentemente por inúmeras editoras como fez a Record, entre outras:

No final dos anos 1970 e ao longo da década de 1980, apareceu um numero bastante grande de livros de memórias, biográficas ou autobiográficas, sobre a experiência da luta armada e também do exílio. É interessante notar como, em meio a um numero tão razoável de publicações, alguns se tornaram best sellers [...] (TAPAJÓS, 2010, p. 76).

Vale ressaltar, que *Anarquistas graças a Deus* não foi o livro mais engajado da autora, uma vez que ela se debruça a escrever sobre a trajetória de vida de seus antepassados, contemplando a história de seu pai Ernesto Gattai que foi preso e torturado durante o Estado Novo, entre outros assuntos cotidianos. Nesse sentido, Zélia não se mostra tão critica, como vem a ser em seus outros livros, relatando os eventos vivenciados e tecendo muitas considerações sobre tais experiências publicadas pela mesma editora durante os anos posteriores. É evidente, que ela não direciona as suas criticas a ditadura-civil-militar que está ocorrendo no momento de sua escrita, no entanto, certamente está sendo “inspirada” por temas sobre as repressões, torturas e assassinatos de seu tempo presente o que faz com que reflita sobre os governos ditatoriais que teve contato ao longo de sua trajetória de vida. Essa foi a forma de dialogar com esse momento do país a partir de sua escritura.

O que podemos observar, é que a cada novo livro ela se sentia mais a vontade para tratar sobre temas como o exílio, a guerra fria, o socialismo o macarthismo e o stalinismo de uma forma mais tranquila, elencando os pontos positivos e negativos observados durante a experiência européia, sendo uma prática recorrente. Essa liberdade em se posicionar mais nas publicações seguintes, não ocorre por acaso, e sim porque o Brasil desde o final da década de 1970 vem sofrendo um processo de abertura política de forma gradativa, mas que vai refletir em sua escritura que consegue abordar mais temas, se posicionar de uma maneira mais política, relatando seus pensamentos e sentimentos em relação a certos sistemas de governo, como o stalinismo e o socialismo, por exemplo, não temendo sofrer qualquer tipo de censura, tendo em vista que o regime militar estava caminhando para o seu fim, o que veio a ocorrer no ano de 1985. Além disso, muitos outros escritores (as) também publicam as suas obras, por esse mesmo motivo, não temendo censura ou qualquer tipo de ato arbitrário. Desse modo, se mostra mais corajosa para abordar tais temas e posicionamentos políticos

específicos que nos anos anteriores não eram assuntos bem vistos pelo governo militar. Trata-se de uma mulher mais ousada que se permitiu a continuar a relatar a tortura sofrida pelo pai durante o Estado Novo, além de narrar outros temas, transmitindo desse modo, inúmeras mensagens políticas, como fez outros escritores no mesmo momento. Neste sentido, ainda se mostrava “tímida” na primeira publicação no final da década de 1970, nos trabalhos seguintes como em *Um Chapéu para a Viagem* (1982) e *Senhora Dona do Baile* (1984) de forma gradativa, vai se permitindo a posicionar-se criticamente. Ou seja, na medida em que vai ocorrendo a abertura política do Brasil, Zélia expõe mais seus sentimentos, pensamentos e opiniões acerca de várias questões que não ousava discutir anteriormente. Nesse sentido, a produção de suas publicações segue o mesmo ritmo que a abertura política brasileira, caminhando para a democracia em meados de 1985, em que se torna cada vez mais a vontade para criar seus textos memorialísticos e abordar temas mais “subversivos” e delicados do ponto de vista político-ideológico.

Parece-nos, portanto, que em cada nova publicação se tornava cada vez mais a vontade em discutir as suas experiências no exílio, informando os acontecimentos, se posicionando politicamente como fez em sua segunda publicação e, sobretudo, em *Jardim de Inverno*, publicado em 1988. Nesse livro, concentra-se em relatar os momentos que vivenciou durante o exílio na Tchecoslováquia, país que nasceu a sua filha Paloma Amado no ano de 1951 e que adquiriu muitas experiências em que fez questão de narrá-las. Apesar de sempre deixar claro em inúmeras entrevistas que o exílio foi um momento muito importante em sua vida porque pode conhecer inúmeros países, inúmeras culturas, estudar em uma universidade muito renomada e fazer contato com pessoas importantes, construindo desse modo, uma grande rede de relações, ela não deixa de relatar os eventos tristes e críticos que vivenciou no contexto da guerra fria durante o exílio. Ou seja, apesar de que Zélia e o esposo e inúmeros companheiros confiarem toda a esperança no stalinismo, o grande modelo político a ser seguido naquele contexto, ela tece grandes críticas ao líder político Josef Stalin e as suas práticas repressivas e ditatoriais e também em relação ao partido, como não fez em sua primeira publicação no final da década de 1970. Nesse sentido, percebe-se que ela, assim como esposo a partir da aproximação do poder stalinista, desconstruíram valores e sentimentos que foram alimentados por muitos anos, como amor, disciplina e lealdade ao partido. Tal descrença não ocorreu por acaso, tendo em vista que passaram por momentos de medo, tristeza e sobretudo de muita reflexão, mudando dessa forma, a maneira de perceberem esse sistema político. Trata-se de uma mulher que aprendeu muito, por isso, foi

um tempo de muita aprendizagem em todos os sentidos possíveis, desde as questões relacionadas à política e também em relação às culturas plurais, tanto para ela como para o esposo e todos os intelectuais, artistas e escritores que partilhavam do mesmo ideal e as mesmas vivências.

Vale relatar, que esses sentimentos de negação aos valores políticos que nutria no exílio partilhados por Zélia em seus livros demonstram um “sintoma” bastante comum nesse contexto histórico. Trata-se de um tempo de criticidade, de rompimentos e negação a certas ideologias que já não mais correspondiam na prática com seus ideais políticos.

O exílio não proporcionou apenas experiências agradáveis, foram tempos difíceis para “sonhadores” como o casal Amado e os seus companheiros de militância. Nesse sentido, em *Jardim de Inverno* publicado no ano de 1988 faz uma espécie de “balanço”, relatando os pontos positivos e negativos das vivências na Europa. Percebe-se a partir dessa publicação, que se sentiu muito mais livre para relatar as suas opiniões, não por acaso, tendo em vista que nesse contexto, o Brasil já se encontrava em um regime democrático o que fez com que Zélia a partir de suas narrativas relatasse as suas vivências de uma maneira muito mais crítica e aberta do que nos trabalhos anteriores. Trata-se agora, de uma mulher destemida, um novo sujeito e protagonista de sua própria história. Neste sentido, não seria mais uma mulher ingênua e não politizada, por isso, se constrói a partir de sua escritura como uma mulher com inúmeras experiências e faz questão de narrá-las desde a primeira publicação.

Em *Senhora Dona do Baile*, (1984) apesar de não focar em questões mais políticas ligadas ao stalinismo, assunto que irá explorar na próxima publicação no ano de (1988), em “tom” provocativo prepara o “terreno” e acaba tecendo algumas considerações em relação ao líder stalinista a partir de sua narrativa, como observamos, no excerto a seguir:

Kuchválek nos transmitiria um convite da União de Escritores para um jantar onde Jorge seria homenageado. Eu não poderia ir, não tinha com quem deixar João e seria um absurdo comparecer a um banquete com um menino no colo. Eu tivera triste experiência dias antes: fomos convidados para um concerto, músicas de Dvorak, no Teatro Nacional. Com muita pena declinara do convite, não podia carregar meu filho comigo... Depois de idas e vindas, Kuchválek conseguiu com a direção do hotel uma camareira que cuidaria do menino durante a minha ausência. Deixei João no berço, a moça a seu lado lendo um jornal, e nos tocamos; voltaria a tempo de dar, no horário, a última mamada. Tudo fora lindo, concerto de primeira, grande orquestra, ótimo regente, solista sensacional, mas ao regressarmos do teatro encontramos a criança sozinha, dormindo. A jovem encarregada, ao saber de nosso regresso, apressou-se a aparecer, a desculpar-se: havia se ausentado por alguns minutos apenas, o menino se portara bem; recebeu a gratificação e sumiu. Ao me aproximar do berço, notei que algo estava errado: que se passara durante a nossa ausência? O rosto de João estava sujo de preto e suas mãozinhas mais sujas ainda.

Despertei-o para lavá-lo, mudar-lhe a fralda e dar-lhe a mama. Pela primeira vez nessa viagem, enjeitou o peito. Eu insistia pacientemente quando, de súbito numa golfada de vômito escuro, botou para fora vários pedaços de jornal nos quais se podia ler o nome de Stálin e frases que deviam ser da melhor teoria marxista. João os engolira depois de destroçar o vespertino que a desatenta baby-sitter deixara esquecido no berço, ao abandonar a criança, logo após a partida (GATTAI, 2001, p. 55-56).

Percebe-se a partir da narrativa acima que construiu essa história a fim de se permitir tecer uma crítica ao stalinismo de maneira bastante irônica. Não se trata de um acontecimento que ocorreu de fato, mas uma criação imaginária e uma estratégia que lhe permitiu um posicionamento político implícito, prática comum no “mundo” literário. Ou seja, “quando se constrói ou reconstrói um personagem ou uma história de vida, as fronteiras do real e do imaginário se diluem” (VILAS BOAS, 2014, p. 161). Além disso, como pontua Le Goff “no limite, não existe um documento verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo” (LE GOFF, 1990, p. 472). Ou seja, a representação de um passado deve ser problematizada, levando em conta as intencionalidades de quem se debruça a representá-lo. Desse modo, não se trata de apresentar uma verdade absoluta, longe disso, é também uma construção.

Nesse sentido, pode-se dizer que o vômito do bebê simbolizaria um ato de repulsa, negação e, sobretudo de rompimento com o stalinismo. No entanto, Zélia, o esposo e os demais companheiros tiveram que “engolir” tais ideias políticas durante o exílio europeu, mesmo depois que já não se identificavam mais com os seus segmentos ideológicos e atitudes injustas, assunto que irá explorar de maneira mais explícita no livro que publicará em 1988, (quatro anos depois).

Desse modo, na ocasião, talvez não tenha discutido o tema por conta da censura que ainda ocorria no Brasil e também devido aos possíveis posicionamentos contrários aos seus pensamentos que poderia surgir no momento. Assim, o stalinismo dentre outras questões foram contemplados com mais afinco, posteriormente. Esses assuntos, assim como os outros, serão discutidos no próximo tópico a seguir.

2.5 Utopia e realidade política: crítica ao stalinismo.

Em *Jardim de Inverno*, lançado em 1988 a autora continua a discutir o exílio europeu, no entanto o foco é a estadia do casal na Tchecoslováquia, em Praga, onde foram hospedados no Castelo de Dobris depois da expulsão da França em fins de 1949. Nesse

trabalho, conta sobre o exílio, elencando os pontos positivos e negativos das suas experiências em terras estrangeiras durante a Guerra Fria. Nesse sentido, narra assim como no livro anterior, algumas viagens que fez durante o exílio na Tchecoslováquia, conhecendo inúmeros países, como a China, Mongólia, Bulgária, Hungria, Romênia, Inglaterra, entre outros lugares, travando contatos com pessoas de grande destaque no cenário intelectual, artístico e político internacional daquele momento. Desse modo, a sua escrita memorialista mais uma vez “impõe-se como necessidade de ressignificação do passado pessoal, mas também coletivo” (RAGO, 2013, p. 57). Tendo em vista que aborda tanto as suas vivências pessoais quanto às experiências de homens e mulheres que pode conviver durante muitos anos durante e depois do exílio.

Dedica esse novo lançamento aos companheiros do exílio europeu e ao esposo Jorge Amado:

Para lembrar com Jorge, sua cabeça em meu regaço estes anos difíceis e alegres da nossa vida. À memória de Anna Seghers, Luba e Ilya Ehreburg, Matilde e Pablo Neruda, Emi Siao, Jan Drda; para Rosa e Nicolás Guillèn, Wally e Lumir Civrny e Eva Siao, alguns dos amigos que me fizeram companhia nesta volta ao passado (GATTAI, 2001, p. 05).

Nesse contexto, já era conhecida por seus pares e também por seus leitores, tanto no Brasil assim como em diversas partes do mundo, devido às traduções dos seus livros, divulgando o seu trabalho memorialístico desde a primeira publicação. Nesse sentido, já não era mais vista apenas como a esposa de Jorge Amado, mas a companheira e também escritora, autônoma e com uma trajetória consolidada no campo literário como observamos na manchete de jornal intitulada *Jardim de Inverno-As memórias tchecas de Zélia Gattai*:

Esta senhora dona de uma memória privilegiada tem extrapolado, em seus livros o meramente pessoal para narrar toda a conjuntura política brasileira e mundial de que foram testemunhas vivas, participantes. Desta vez, a história se passa na Tchecoslováquia, após terem sido expulsos da França, em razão da perseguição oficial brasileira no final dos anos 40 (1988).

Esse quinto lançamento também foi lançado em Portugal, sendo traduzido para outros países posteriormente, como nos mostra o excerto a seguir em entrevista da autora em agosto de 1988:

Este é o meu quinto livro, com o qual encerro o ciclo de exílio. Falo sobre nossas viagens. São histórias tristes e alegres vividas por mim e Jorge, tanto que faço uma dedicatória a ele: “Para lembrar com Jorge, sua cabeça em meu regaço, estes anos difíceis e alegres de nossas vidas” Esse meu livro está sendo lançado também em Portugal. Depois será traduzido na França, Itália, Argentina, Estados Unidos e União Soviética (CORREIO BRAZILIENSE, 1988).

No que se refere ao posicionamento político do escritor Jorge Amado, ele como já mencionado desde a década de 1930 era filiado ao PCB, partido que permaneceu por muitos anos.

Nós vivemos lá nesse castelo todas essas maravilhas, mas num regime muito difícil, de racionamento, cada um tendo direito a 50 gramas de carne. Tudo era na base do tiquete: tiquete para açúcar, tiquete de farinha, tiquete para obter qualquer coisa. E olhe lá, quando tinha , quando tinha. Não havia frutas, não havia coisa nenhuma. E eu com uma criança pequena no colo, o João Jorge, pois quando saí do Brasil ele estava com apenas quatro meses. Era tudo muito difícil, mas nós nunca lamentamos, achávamos que era assim mesmo, que o país estava sofrendo uma transformação para o socialismo, éramos solidários ().

Segundo ela, as condições econômicas na Tchecoslováquia durante o exílio não era das melhores, havia muito racionamento de alimentos ocasionado pela guerra. Para comprar uma melancia, por exemplo, a autora relata que as pessoas tinham que enfrentar uma fila enorme: “Partimos, sem perda de tempo para a operação melancia, eu compraria a maior que houvesse e iríamos partilhá-la com os Neruda. A fila continuava imensa, mas havia outra, bem menor, a fila das grávidas” (GATTAI, 2001, p. 125).

Zélia relata que na ocasião o casal tinha muito dinheiro para gastar, diferentemente da experiência na França, entretanto não havia com o que gastar, apenas com “cristais, porcelanas, cristais, aliás, da mais alta qualidade” (GATTAI, 2001, p. 44). Desse modo, a autora buscava explicações para tantos problemas de ordem econômica e social que existia na Tchecoslováquia. Neste sentido, com a experiência do exílio parisiense, se debruça a fazer uma comparação aos dois países que acolheu o casal Amado e muitas pessoas filiados ao partido comunista:

Buscávamos explicações para as dificuldades da vida na Tchecoslováquia, para a situação aflitiva em que o povo vivia, sofríamos sem nos queixar nem criticar... buscávamos e encontrávamos explicações. O país sofrera o peso da guerra, da ocupação nazista... Mas a França também acabara de sair da ocupação nazista e, no entanto, lá encontrávamos de tudo. Em troca, argumentávamos a França não realizava uma transformação política e social profunda como acontecia na Tchecoslováquia, que escolhera a via de desenvolvimento socialista. Era preciso analisar a situação à luz dos interesses das classes trabalhadoras e compreender que a construção de uma sociedade justa exigia sacrifícios. Fazia-se necessário, pois, ter compreensão e paciência, sobretudo muita paciência para todo o povo. Em lugar de constrangimento e medo haveria descontração e liberdade total, assim como deve existir num regime socialista. Convencidos, íamos em frente (GATTAI, 2001, p. 44).

Dessa maneira, relata o sentimento partilhado por militantes nesse contexto em que acreditavam em uma sociedade mais justa e mais igualitária. No entanto, nesse momento estavam passando por uma mudança gradativa, mas que iria culminar com a consolidação do socialismo, regime político idealizado e enaltecido por todos, após é claro, resolver todos esses problemas elencados. Nesse sentido, a crença era de que o quadro iria ser modificado e daria abertura para uma vida social mais digna e humana para todos.

Na Tchecoslováquia, na cidade de Praga no ano de 1951 nasceu a filha do casal Amado, Paloma Jorge Amado. O nome escolhido tem o significado de pomba em (Espanhol), representando bastante o sentimento partilhado por Zélia e os militantes no contexto da guerra fria em que fazia parte do seu cotidiano e círculo de amizades, assunto que irá relatar nesse livro:

Somente a 18, à tardinha, começaram os primeiros sinais do parto. E com Jorge e João, que estava conosco, fui para o Hospital Londinska, na rua que levava o mesmo nome. Enquanto Jorge pagava o táxi, João partiu, rápido, hospital adentro. Fomos encontrá-lo na recepção, cercado da atendente e de duas enfermeiras que buscavam compreender o que o menino, vivo e agitado, lhes dizia. Excitado como criança que entra em loja para comprar um brinquedo, ele pedia uma irmãzinha: “Por favor, nós viemos buscar Paloma, minha irmã...” Por acaso, pendurado na parede da saleta, estava o cartaz de Picasso, a Paloma é aquela!...” Minhas contrações de parto aumentavam, eu tinha urgência, mas só fui atendida depois que expliquei às três mulheres o motivo da agitação do menino (GATTAI, 2001, p. 134).

A pomba branca criada pelo pintor Pablo Picasso em prol do movimento mundial pela paz, sendo um “símbolo do movimento mundial pela paz articulado pelos comunistas” (RIDENTI, 2011, p. 175).

Assim como Jorge Amado, Pablo era membro do Partido Comunista na ocasião e um grande militante, criando inúmeras pinturas, retratando a guerra fria, viajando a vários congressos deixando uma mensagem de paz para o mundo.

Apesar dos momentos difíceis, como o racionamento dos alimentos, a autora elenca nesse livro inúmeros pontos positivos, como o atendimento que recebeu no hospital na Tchecoslováquia durante e depois do parto da sua filha Paloma:

Na hora de pagar a conta não havia conta a pagar. Tudo de graça: hospital, atendimento médico, remédios, enfim, todas as despesas hospitalares por conta da assistência social do Estado. Jorge ainda insistiu: e as taxas? “Taxas?, riu a atendente. “Que taxas? Interessada em tirar as coisas a limpo em todas as ocasiões se não seria porventura um privilégio, uma exceção que faziam para um escritor famoso, hóspede, ilustre. Ainda uma vez a moça que nos atendeu riu: “Nada disso! Essa é uma regra geral. Apenas, por serem estrangeiros, os senhores, simplesmente, não terão os benefícios, as vantagens de que gozam os cidadãos tchecos.” Explicou-nos então, que cada criança tcheca que nasce ganha do Estado

um enxoval e um carrinho para passear, e, além disso, os pais passam a receber uma ajuda mensal, uma pensão para as despesas da criança... (GATTAI, 2001, p. 136-137).

Dentro desse contexto, que muitos artistas, intelectuais, políticos entre outros grupos vão se aproximar e juntos vão organizar uma serie de congressos e reuniões com o fim de discutir assuntos sobre a guerra fria, enfocando a questão da paz, como já observado anteriormente. Nesse sentido, a relação entre esses homens acabava ultrapassando o âmbito político, criando relações profissionais e, sobretudo pessoais, além de trocas intelectuais e favores entre eles, como é o caso de Pablo Picasso e Jorge Amado em Paris:

Em Paris, Amado procurou acercar-se ainda de Pablo Picasso, que em 1948 fez um desenho para a capa da edição italiana de Terras do sem fim. As atividades no circuito comunista ajudaram na aproximação, como no episódio de 1949, em que Amado acompanhou o empenho pessoal de Picasso para garantir um visto para a entrada de Neruda na França, a ponto de não estar presente quando nasceu sua filha Paloma [...] (RIDENTI, 2011, p. 175).

Esse tipo de relação entre esses intelectuais era bastante comum na época, tanto que os poetas Pablo Neruda e Nicolás Guillén se tornaram padrinhos de João Jorge, primeiro filho do casal. Esse fato também ocorreu no caso da filha Paloma, que teve como padrinhos Neruda e Guillén, além de Ehreburg também amigo de Zélia e Jorge. Trata-se de redes de relações que foram construídas a partir do vínculo com o partido comunista e que com o passar do tempo vão se consolidando, estabelecendo vínculos amigáveis e muito duradouros, para além do exílio:

Quando João Jorge completara um ano, em Paris, Guillén tomara a frente de Pablo, declarando-se padrinho do menino – afinal de contas, fora ele a primeira visita que João recebera ao nascer, na maternidade, no Rio de Janeiro. Pablo não dera por vencido, não perdera tempo, e na hora, elegera-se a madrinha. Desta vez, Neruda antecipara-se a Nicolás: “Eu vou ser padrinho de Paloma...” O outro nem se abalou. “...Que coincidência! Eu também vou ser padrinho de Paloma...” Ehreburg, que por acaso estava presente – viera despedir-se. Viajara para Moscou – divertia-se assistindo ao duelo dos dois poetas, na disputa da padrinagem da criança, e resolveu entrar no páreo: “Então ela vai ter três padrinhos... comigo serão três... e vamos fazer uma grande festa! Aguardem a minha volta.” Por isso, o batizado só foi realizado dois meses mais tarde, em outubro, quando Ilya retornou para uma reunião do Bureau do Conselho da Paz (GATTAI, 2011, p. 142).

É importante observar, que Jorge Amado foi um homem que sempre foi cercado por inúmeras pessoas de diferentes segmentos sociais, como músicos, artistas de modo geral, intelectuais, membros de religiões de vertente afrodescendente, entre outras pessoas, não se restringindo ao circulo construído no exílio. Nesse sentido, podemos perceber que Jorge

criou essa e outras redes de relações devido às questões político - partidárias, mas também por ser um homem que cultivava muito as suas amizades e, além disso, tinha enorme facilidade em travar e estar em contato com todas as pessoas. Trata-se de um escritor que gostava de estar entre os seus pares e no meio de outros grupos, por isso, permitia que muitas pessoas frequentassem a sua casa, fizessem viagens com o casal além de participarem de seu cotidiano. Por isso, foi um homem de muitas amizades ao longo da sua vida.

Além dos escritores Neruda e Guillén já citados anteriormente, ele foi um grande amigo de Dorival Caymmi, a que considerava um verdadeiro irmão, além dele, também fazia parte do seu círculo de amizades, o artista argentino Hector Julio Paride Bernabó mais conhecido como Carybé, o poeta e diplomata Vinicius de Moraes, o escritor baiano João Ubaldo Ribeiro, Luiz Carlos Prestes, Calasans Neto, o escritor Eduardo Portella, Marcelo Mastroianni, Raymundo de Sá Barreto, José Saramago, Jean Paul Sartre, Anna Seggers, Simone de Beauvoir, entre muitos outros (as).

Em Jardim de Inverno em capítulo intitulado *A grandeza da Simplicidade*, a autora dedica uma página do livro para construir a biografia, falar e enaltecer a figura e a relação quase fraterna de Jorge Amado e dos escritores Nicolás Guillén e Pablo Neruda, companheiros de batalhas políticas, de viagens e de uma amizade de longa data:

Quando se viaja com amigos, sobretudo quando esses amigos são pessoas dotadas de inteligência superior, de finura de trato, de humor, de talento, de sensibilidade sutil, a viagem se transforma em festa, alegria permanente. Todas as coisas que sucedem tomam cor e sabor; cada acontecimento, cada palavra, serve para aumentar o prazer da boa convivência. Neste livro conto de viagens que fizemos em companhia de Pablo Neruda e Nicolás Guillén, dois poetas imortais, dois amigos inesquecíveis. Pablo, grande poeta das Américas, o poeta político de O Canto Geral, o poeta de amor dos Vinte Poemas de Amor e Uma Canção Desesperada, Premio Nobel de Literatura, Premio Lenin da Paz, após o XX Congresso do PCUS), lutador da liberdade até a hora da morte, Nicolás Guillén, o grande poeta da raça negra do Caribe, autor de Sóngoro Cosongo, o orgulho de Cuba, homem valente, guerreiro de muitas lutas, também Prêmio Lenin da Paz, intransigente nos seus princípios. Ao falar desses grandes homens, eu os mostro em sua simplicidade, semcerimônia. Coube-me o privilégio de conhecê-los no dia-a-dia, privando com o lado pitoresco, as manhas, os caprichos, a graça, algumas vezes quase ingenuidades de menino, de um e de outro Pablo e Nicolás. Somente agora ocorre-me dar aos meus compadres as credenciais que os famosos e amados, figuras excepcionais quotidiana, simples, humanos. A simplicidade é inerente à grandeza; essa verdade eu a aprendi vivendo e convivendo com alguns dos homens maiores de nossa época (GATTAI, 2001, p. 187).

Em relação às viagens Zélia pode visitar com seu esposo e seus amigos, inúmeros países durante o exílio, obtendo contato com etnias, costumes e tradições diferentes, além de línguas e sistemas políticos distintos. Pode conhecer o frio de Moscou quando acompanhou

o esposo em viagem para receber o premio Stalin, indo a vários teatros, balés entre outras atividades culturais:

A cerimônia solene da entrega do premio a Jorge realizou-se no grande salão da Academia de Ciências da União Soviética, lotado por inúmeros amigos, escritores e altas personalidades. Ao fundo, suspensos na larga parede, enormes retratos de Lenin e Stalin. Como se praxe o Presidente da Academia, após proferir algumas palavras de louvor ao premiado, colocou-lhe uma medalha no peito, entregou-lhe o diploma. Ilya Ehreburg o saudou com palavras cálidas e afetuosas. Os dois amigos se abraçaram emocionados (GATTAI, 2001, p. 157).

Segundo ela em seu livro, Jorge Amado recebeu pelo premio Stalin a quantia de cerca de 25.000 mil dólares, no entanto esse dinheiro não era destinado a um gasto pessoal, sendo doado ao Partido posteriormente (doação obrigatória). Apesar disso, a autora revela que o escritor não havia ficado aborrecido, uma vez que muitas pessoas iriam ser beneficiadas com tal repasse, como vários militantes que estavam na ilegalidade em varias partes do mundo, alguns vivendo em condições precárias: “tudo custava dinheiro, dinheiro que era arrecadado entre contribuintes, tostão por tostão. Estávamos acostumados” (GATTAI, 2001, p. 152).

Além de Moscou, o casal conheceu alguns cidades da China como Hang – Zhou, Xangai e Pequim, transitando por concertos de musica, teatros, palácios, as muralhas chinesas, além do seu sistema político liderado por Mao Tse Tung, bem como as particularidades do país asiático, como por exemplo, o costume de não beber água gelada (considerado um ato muito ruim para a saúde).

Zélia relata que havia uma grande admiração pela população chinesa em relação à figura de seu líder Mao, homem venerado e muito respeitado por toda a população, mas não somente ele, Stalin também era muito considerado por todos:

Naquele ano de 1952, Mao Tse Tung e Stalin andavam em plena lua de mel, de braços dados, Pequim era uma festa só enfeitada com grandes retratos dos dois lideres, um ao lado do outro. Escolares, meninos e meninas, ostentavam nos pescoços o lenço vermelho, tal qual os pioneiros soviéticos. Em qualquer lugar por onde andasse, podia-se ouvir o hino patriótico em louvor aos camaradas, transmitido por alto falantes, a todo vapor, de manhã à noite (GATTAI, 2001, p. 178).

Em capitulo intitulado *Um parêntese para falar sobre o destino de nossos amigos* elenca os grandes problemas que pode conhecer de perto no país liderado por Mao. Trata-se de atitudes violentas e intolerantes empregados por ele durante o final da década de 1950, como o ato de “ninguém mais festejar aniversario para não ofender o chefe da nação”

(GATTAI, 2001, 191). Isso ocorria pelo fato do líder não festejar o seu próprio aniversário, por isso as pessoas começaram a agir da mesma maneira.

Para além dessa atitude muitas outras ocorreram, como perseguições políticas, prisões, mortes entre outros atos violentos contra certos indivíduos que foram acusados de traidores da pátria e da política defendida pelo líder chinês, tudo em nome dele e do seu partido.

No que diz respeito à rede de relações no exílio europeu, à maioria dos contatos do casal eram vinculados ao partido comunista europeu, além de militantes Latinos Americanos entre outros que lutavam em prol da paz. Muitos deles estavam vivenciando o exílio, assim como o escritor baiano. A grande parte deles da mesma maneira que Jorge Amado seguia o realismo socialista, como nos mostra Ridenti:

Já na Tchecoslováquia, onde se abrigou após ter deixado Paris, Amado escreveria seu romance mais afinado com o realismo socialista, retratando a resistência comunista ao Estado Novo no Brasil, intitulado *Os subterrâneos da liberdade*. Tanto a temática do livro como a data de sua elaboração, mais o formato em três partes (que, dependendo da edição, corresponderiam a três grossos volumes: 1. Os ásperos tempos, 2. Agonia da noite e 3. A luz no túnel) – algo atípico na obra de Jorge Amado – seriam indicadores da influência de Aragon e do contexto cultural que o baiano viveu no exílio francês (RIDENTI, 2011, p. 174).

O realismo socialista era uma doutrina em que os militantes do partido seguiam naquela ocasião. Desse modo, alguns escritores, como Jorge Amado, Louis Aragon, pintores como Pablo Picasso entre outros artistas compactuavam com tais valores ideológicos propostos pelo regime político de Josef Stálin:

O realismo socialista tornou-se uma doutrina relacionada a tudo aquilo que foi produzido no terreno das artes figurativas do período stalinista. Ele é o resultado de um longo debate travado na década anterior acerca do que seria uma arte verdadeiramente revolucionária, ou seja, uma arte que estivesse plenamente de acordo com as diretrizes do regime político do período. O seu surgimento assumiu contornos nítidos precisamente no Congresso de Escritores Soviéticos, realizado em Moscou em 1934, sendo considerado o único estilo adequado para escritores, artistas plásticos, cineastas e músicos russos (BORTULUCCE, 2008, p. 93).

Nesse período, o livro publicado mais engajado de Jorge Amado foi *Os subterrâneos da liberdade*, como observado por Ridenti. Trata-se de um livro muito mais comprometido do ponto de vista político, relatando a luta do Partido Comunista durante o Estado Novo brasileiro. Esse livro, assim como muitos outros foram traduzidos na Tchecoslováquia nesse momento, como é o caso de *Terras do Sem Fim*, *Mar Morto*, *Cacau*, *Jubiabá*, *Seara Vermelha*, *O Cavaleiro da Esperança*, *Capitães da Areia*, *São Jorge dos Ilhéus* e *Suor*. Tais

publicações contribuíram muito para que o casal Amado vivenciasse o exílio em condições materiais suficientes para a sua sobrevivência, como nos mostra Zélia: “O que Jorge recebia de direitos autorais dava para pagar as cinco mil coroas da pensão no Zámek manter Misette⁴⁵ na França pagando hotel, alimentação e salário, e ainda sobrava” (GATTAI, 2001, p. 44). No entanto, ambos tinham que gastar tudo o que recebiam no próprio país, não podendo usufruir em outros locais.

Vale ressaltar, que assim como o escritor baiano, muitos desses escritores, pintores e demais artistas se identificavam com o sistema político vigente. No caso de Jorge e Zélia, eles acreditavam naquele momento, piamente no socialismo. Em sua concepção e dos demais companheiros, esse modelo político seria capaz de mudar a sociedade como um todo, assegurando a liberdade, a igualdade e o bem estar coletivo, muito diferente que estava ocorrendo no Brasil, ainda mais em relação aos partidos que no momento se encontravam na ilegalidade. Por isso, havia um enorme respeito e lealdade para com os seus membros e, sobretudo, com a figura de Joseph Stálin, um homem que inspirava confiança, força e poder: “Stalin é ele mesmo o Estado, a força constante que não mede esforços para garantir o bem da população e a sobrevivência do regime comunista na URSS” (BORTULUCCE, 2008, p. 95). Dessa maneira, “o fascínio de todo comunista pela União Soviética era reforçado pelo mito de Stalin como o “guia genial dos povos” e pela natural curiosidade pelo que lá se passava, alimentava pela propaganda partidária sobre os feitos do socialismo (MORÃES, 2012, p.91).

Com o apoio, o financiamento e a organização do próprio partido e do movimento internacional pela paz, Jorge pode publicar seus livros e se debruçou a criticar alguns sistemas de governo, como é o caso, do Estado Novo no Brasil e ainda lutar contra a ameaça atômica, durante a guerra fria. Seus livros tinham conteúdo ideológico, sempre atrelado às questões dos conflitos políticos e sociais existentes (seria quase que uma obrigatoriedade partidária). Nesse, sentido, seus personagens eram criados a partir de suas demandas pessoais e também do partido. Ou seja, alguns escritores não tinham tanta autonomia para escrever com liberdade, pois, necessitavam da resposta favorável do Estado para a publicação das suas obras. Além disso, deveriam se debruçar a escrever a partir das aspirações do stalinismo, colaborando nesse sentido para com o avanço de seus ideais, que serão propagados na Europa de maneira bastante intensa nesse momento.

⁴⁵ Misette Nadreau, amiga do casal amado que nasceu na Tchecoslováquia. Foi babá dos filhos de Zélia e veio morar no Brasil após o regresso do exílio da escritora e do esposo.

No que diz respeito à sua produção, ele recebeu grande influência de Louis Aragon para escrever seus livros com temáticas mais militantes, antes mesmo de morar na Tchecoslováquia:

A influência de Louis Aragon parece ter sido expressiva sobre Jorge Amado, embora este nunca tenha se integrado ao seu círculo mais próximo. Ela se deu tanto no aspecto político – com a incorporação de Amado ao circuito do movimento internacional pela paz, que tinha em Aragon um dos principais artífices na França – como no aspecto literário. Além de abrir para Amado as portas de editoras e revistas como Les Lettres Françaises e Europe, Aragon fornecia um modelo de escritor engajado. O francês começava a publicar, na época, a obra em seis volumes *Os comunistas* (*Les communistes*, 1949-1951), que tratava, sobretudo, da atuação heroica na resistência à ocupação alemã (RIDENTI, 2011, p. 174).

Desse modo, assim como ele, a maioria dos escritores nesse momento ligados a política stalinista seguiam algumas normas (elaboradas em meados da década de 1930) por Andrei Jdanov (braço direito de Stalin) e pelo próprio líder político.

Jdanov foi um doutrinador que tinha como intuito fazer com que esses escritores e artistas seguissem certas ideias e regras do partido. Ele “foi o responsável pela definição e divulgação das regras dessas estéticas entre os escritores soviéticos filiados ao Partido Comunista da União Soviética” (SANTOS, 2013, p. 21). Neste sentido, a partir da criação dessas normas, os escritores entre outros artistas tinham que se adequar a tais imposições desde o ano de 1932:

A literatura passou a ser contratada rigidamente, sendo obrigada a abordar temas como o sucesso da coletivização das terras, as melhorias nos setores industrial, as maravilhas da siderurgia e da metalurgia, as bravuras dos líderes proletários, a alegria dos camponeses durante a colheita e assim por diante (BORTOLUCCE, 2008, p. 95).

Esse assunto em relação às normas de Andrei Jdanov foi bastante discutido por Zélia Gattai em *Jardim de Inverno*. Em um dos capítulos intitulado *O Capa Preta* se debruça a narrar um acontecimento que ocorreu com o seu esposo durante o exílio na Tchecoslováquia. Trata-se de um episódio em que Jorge foi convidado por Diógenes Arruda Câmara para uma conversa a respeito da produção de um romance em que não deixa explícito o título. Segundo ela, Arruda sendo Membro do Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro pediu o livro que o escritor baiano estava escrevendo na ocasião a fim de avaliar se o texto estava de acordo ou não com as normas propostas por Andrei Jdanov, como observamos no excerto abaixo:

Que novidade era aquela, de Arruda desejoso de ler os originais do romance? Pela primeira vez e demonstrava tal interesse. O livro nem estava definitivamente pronto e, a contragosto, Jorge entregou-lhe uma cópia. A direção do Partido ciosa das teorias de Jdanov queria opinar sobre o livro de Jorge, antes que fosse publicado, explicou o dirigente (GATTAL, 2001, p. 103).

Como se pode observar, Jorge Amado assim como tantos outros escritores e artistas durante o exílio foram cercados por certas imposições do Partido em que pertenciam. Nesse sentido, havia uma intervenção na forma e no modo de produção e publicação dos seus livros, entre outras criações artísticas:

O jdanovismo mutilaria a atividade criadora e a expressão artística, subordinado-a a cânones dogmáticos e empobrecendo, desvirtuando o legado de Marx. A literatura e as artes deveriam exercer papel exclusivamente pedagógico difundindo os esforços para a construção de “mundo novo” e de “um homem novo” nos países socialistas. Em lugar da cultura burguesa decadente e degenerada, escritores e artistas se empenhariam em edificar valores morais da classe dominante e sustentar o caráter revolucionário da obra de arte. As inovações estéticas passaram a ser condenadas como antissocialistas e contrarrevolucionárias. Em suma, “a arte proletária e revolucionária” deveria concorrer para o triunfo do socialismo, enaltecendo os feitos do regime e da classe operária e cultuando a personalidade de Stalin (MORÃES, 2012, p. 83).

Ou seja, havia certos tipos de arte literária entre outros tipos de criações artísticas que fugiam da proposta stalinista. Desse modo, alguns temas eram mal vistos pelo Partido Comunista a ponto de fazer com que eles não concordassem com algumas publicações, ainda mais se tratassem de assuntos com conteúdo mais “imorais” ou mesmo que não tivessem um apelo político-ideológico, tão apreciado naquele momento.

Apesar desse quadro, relata que Jorge Amado, não gostava dessas imposições e que por muitas vezes acabava não acatando o que haviam determinado a ele:

Levou dois anos para devolvê-lo, o manuscrito passara de mão em mão, entre os dirigentes, inclusive de Prestes Jorge recebeu os originais cheio de anotações nas margens, anotações do próprio punho de Arruda: “cortar este parágrafo inteiro... cortar os parágrafos... excesso de putaria...”, e daí por diante. Jorge não levou em consideração a opinião do nosso Jdanov tupiniquim, não tirou uma vírgula sequer. O autor do livro era ele (GATTAL, 2001, p. 104).

Como nos mostra, mesmo em meio a tais críticas e o pedido de mudança, Jorge não modificou o seu texto literário, sendo fiel aos seus pensamentos e sentimentos. Trata-se de um escritor que se permitiu pensar a sua maneira e de maneira autônoma, mesmo diante de tantas normas que apareciam no decorrer da sua experiência no exílio. No entanto, em outros momentos, assim como muitos outros escritores não teve a mesma liberdade, pois havia

temas que eram censurados com muita frequência no momento, como nos mostra a autora no excerto abaixo:

O amor, ora o amor! Coisa secundária com a qual não se devia perder tempo. Sexo? Nem falar! Coisa feia, imoral, uma vergonha! O patrulhamento ideológico, naquele tempo, adquiria aspectos cruéis e revoltantes: denúncias, proibições de livros, de músicas, de filmes, o silêncio imposto a muitos criadores. Esses “linhas duras” mediócras, em geral faltos de talentos, conseguiam assim manter-se em posições de comando à frente de uniões de escritores, de editoras, dos teatros, das produtoras de filmes. As traduções de livros estrangeiros nos países socialistas, sobretudo na União Soviética, estavam igualmente sujeitas aos maus hábitos que dirigiam a vida cultural no mundo socialista. Os livros traduzidos sofriam cortes e, pior ainda, excertos para que se adaptassem à linha oficial: capítulos inteiros eram cortados, frases e palavras eram acrescentadas. Os livros de Jorge não escapavam às tesouras e ao remanejamento. Ainda assim, sobrava o que ler um sopro de vida verdadeira; mesmo podados, representavam uma abertura. Daí a enorme popularidade de seus romances nos países socialistas. As edições esgotavam-se com incrível rapidez, os exemplares nunca eram suficientes para o número de leitores que o disputavam (GATTAL, 1988, p. 47).

Muitos escritores e artistas sofreram algum tipo de retaliação, como ou mesmo censura, exílio, prisão ou até mesmo a morte, realidade que alcançou muitos indivíduos durante o stalinismo nas décadas de 1930 e 1940, assim como nos anos seguintes. É o caso, por exemplo, de Artur London em Moscou, sendo “preso em 1951 por ocasião do processo Slansky em que foi acusado de conspiração trotskista-titoísta-sionista junto com outros 14 dirigentes, onze dos quais seriam executados” (RIDENTI, 2011, p. 183). Assunto narrado por Zélia em seu livro. Além desse caso, muitos outros vieram a surgir antes e depois desse período, como podemos verificar no trecho a seguir:

Prokofiev produziu obras sob a forte pressão dos dogmas do Realismo Socialista, como *Pedro e o Lobo*, de 1936, feita para Stalin e a *Cantata Alexandre Nevski*, de 1938, feita para o filme homônimo de Sergei Einstein. Contudo, em 1948, sua obra foi rejeitada pelo governo, que alegou que o compositor nunca havia criado obras no estilo do Realismo Soviético. Toda a sua obra foi considerada um enorme conjunto cacofônico. O artista teve que prometer oficialmente que modificaria suas composições, imprimindo-lhes um maior realismo, mas mais uma vez suas obras foram censuradas. Apenas em 1952, um ano antes de morrer, recebeu o prêmio Stalin pela sua sinfonia número 7. Outros compositores, como Rachmaninov e Stravinsky foram exilados pelo governo – prática comum no período stalinista, que atingiu pintores, escultores, atores, escritores, poetas, músicos, e todos aqueles que estivessem, intencionalmente ou não, contrários à nova regulamentação cultural (BORTOLUCCE, 2008, p. 95).

Percebe-se a partir do excerto destacado acima, que de fato o período do stalinismo tendo como missão cultural o Realismo Socialista foi um momento de grandes conflitos políticos, acarretando inúmeros problemas na vida de muitos de seus adeptos ou mesmo de alguns críticos desse modelo de governo que de certa maneira mostrava-se bastante autoritário e

intolerante frente a propostas ideológicas que não correspondessem com os seus ideais. Trata-se na concepção de muitos escritores e militantes de um tempo de tensão, conflito e, sobretudo, de muito medo partilhado pela maioria das pessoas que vivenciavam a experiência do exílio.

Essa tensão nesse contexto foi bastante explorada por ela ao longo do seu livro e em diversas entrevistas durante o lançamento desse trabalho no ano de 1988, como podemos observar:

Mas aconteceram muitas coisas nessa época, coisas terríveis, porque era o período do stalinismo. Politicamente começamos a ver coisas que não estávamos de acordo. Por exemplo: foram presas milhares de pessoas, dessas muitas foram executadas e outras sofreram processos. Entre os nossos amigos que foram presos estava o Arthur London, que só não foi morto porque tinha um cunhado que pertencia ao Comitê Central do Partido Frances. Mesmo assim pegou pena de prisão perpétua até que foi proclamada a inocência dele, sendo então reabilitado. Ele e muitos outros que já estavam mortos. Quer dizer, nós assistimos a tudo isso, eu e o Jorge. Sofrendo como cães, sem acreditar que ele fosse culpado. Era um homem íntegro, que havia militado a vida inteira no partido, que havia feito a guerra na Espanha, sendo acusado de traição em favor dos americanos. Ele escreve um livro, “A Confissão”, depois adaptado para o cinema e muito bem interpretado pelo Yves Montand e pela Simone Signoret. Nós não acreditávamos que ele fosse culpado, mas também não tínhamos coragem de acusar o governo porque achávamos que era o governo certo. E tudo isso eu conto no livro com todos os lances, todas as dúvidas e todas as contradições que havia (GATTAI, 1988).

Zélia Gattai, a partir da sua vivência no exílio na Tchecoslováquia obteve boas experiências, adquirindo grande bagagem cultural, no entanto, também conheceu como nos mostra na entrevista, um lado político intenso, violento e complexo em que não imaginava que iria presenciar na Europa. No entanto, mesmo em meio a tais conflitos e prisões de alguns dos seus amigos, como ocorreu com Artur London, relatado no livro, ela, o escritor Jorge Amado e os demais companheiros continuavam a acreditar nas propostas ideológicas do líder político Joseph Stalin, até certo ponto, porque com o passar do tempo eles começaram a pesar os excessos e injustiças que foram cometidas em nome do stalinismo. É o caso dos amigos Gyory Lukács e Jorge Amado, contrários a algumas regras de Jdanov:

Desde a realização do Congresso dos Intelectuais pela Paz, em agosto de 1948, na cidade polonesa de Wroclav, Jorge e Lukács tinham se tornando amigos. Coincidiam na maneira de pensar e reagir diante de uma série de ideias e fatos políticos. Estabelecera entre eles uma espécie de cordial cumplicidade, e Jorge sentira profundamente o ostracismo a que fora relegado o filósofo, devido às posições contrárias às teses de Jdanov. Passou uma tarde com o amigo, voltou emocionado e me disse: “Que grande homem e que firmeza de caráter!” (GATTAI, 2001, p. 73).

Neste momento, não se permitiram, é claro, tecer críticas explícitas a tais eventos, por medo de sofrerem punições, tão empregadas nessa ocasião, no entanto, não compactuavam com tais atrocidades como a autora mostra ao longo da sua narrativa.

Para além de supostas traições dentro do partido e acusações políticas, havia uma grande preocupação pontual: a possibilidade da existência de certos “espiões” infiltrados no partido que tinham como intuito enfraquecer e desestabilizar a política vigente, como relatado por ela ainda em *Jardim de Inverno*, em diálogo com Arruda Câmara:

Aagitado, como de hábito Arruda nos levou para o canto do bar, no hotel quase deserto. Pelo lugar estratégico, por sua indisfarçável maneira conspirativa de falar, tive a intuição que ele deveria estar à par do mistério que nos perturbava. Inda bem! Finalmente íamos ter uma explicação do que se passava em nossa volta. Assumindo um ar solene, Arruda Câmara foi direto ao assunto, ditando diretivas: a situação da Tchecoslováquia era muito grave, e nós brasileiros hóspedes do governo, não deveríamos interferir em nada, nada de fazer perguntas, menos ainda dar palpites: de jeito nenhum, nem por brincadeira. “Entendido?” A ordem estava dada. Só nos faltava saber o porquê daquele mistério todo, queríamos estar a par do que se passava para melhor seguir as diretrizes, insistimos. À meia voz, ele nos revelou então, a existência de um complô contra o regime, com infiltrações de quadros do próprio Partido, muita gente comprometida... Mas, bico calado, a informação morria ali (GATTAI, 2001, p. 103).

Podemos notar, a partir do excerto acima que demonstra com a sua narrativa os sentimentos de muitos militantes, escritores e artistas como o medo, a sensação de injustiça e da impossibilidade de mudança diante do quadro de intolerância e violência empregada a todos que fossem contrários ao sistema da época. Nesse sentido, Zélia conta em sua escritura que foi muito difícil lidar com a prisão e exílio de alguns militantes, tendo em vista que muitos deles eram pertencentes ao seu círculo de amizades, pessoas de confiança e da sua convivência cotidiana durante a estadia no Castelo dos Escritores.

Outro ponto a ser destacado, se refere a relação entre os militantes nesse momento, que acabava ficando, em alguns casos, mais distante por conta do medo de possíveis represálias. Em outras palavras, a relação amigável e mais descontraída era substituída pelo silêncio e por um contato mais reprimido e contido, devido às normas rígidas do partido. Nesse sentido, essa tensão presente no exílio refletiu nas relações entre escritores e artistas como mostrado pela autora com o contato com o casal Laffitte amigos do casal Amado:

Nossa intimidade com os Laffitte nos permitira, sem duvida, conversar sobre os London de coração aberto. Mas, ao contrário do que esperávamos, ao nosso regresso, os encontramos fechados, sem a efusão e a espontaneidade habituais. Sérios e reservados: Jean e Georgette deviam estar sofrendo muito. Estrangeiros como nós, certamente não desejavam se envolver em assuntos internos do Partido Tcheco... Confirmaram, porém, a notícia da prisão de London e nos contaram da prisão de outros conhecidos nossos, entre os quais Bedrich Geminder, secretário do

Comitê Central, encarregado das relações com os partidos estrangeiros. Nossa amiga Antoinette sua assessora, coitada, àquelas horas, na melhor das hipóteses, devia estar no olho da rua... Os Laffitte não sabiam do paradeiro da moça. E Lise? Como reagira Lise? Lise acabara de ser despedida da rádio onde era responsável pela emissão em francês e mandada para uma fábrica. E qual a acusação contra Lise para tomarem tais medidas? Acabrunhados os Laffitte não quiseram encompridar conversa, preferiram não entrar no mérito da questão. Tudo indicava que eles também não estavam entendendo nada, mas eram disciplinados e se calavam (GATTAI, 2001, p. 115).

Além da relação mais distanciada entre os militantes, havia um enorme respeito e disciplina partidária entre os membros do Partido Comunista, ainda mais em tempos desses conflitos. Desse modo, Jorge Amado entre outros militantes seguiam as regras que estavam estabelecidas, não as questionando:

É coisa sabida que, dentro da organização dos partidos comunistas, existe um dogma fundamental, chamado disciplina partidária, resultante, segundo os dirigentes, da consciência política dos militantes. A disciplina partidária impede que os comunistas discutam e desaprovem as resoluções tomadas pelo Partido; menos ainda por um partido estrangeiro! Os Laffitte obedeciam cegamente a esse dogma, para eles o Partido tinha sempre razão. O mesmo não se dava conosco. Embora eu me mantivesse durante muitos anos ao lado do Partido Comunista, entusiasta e fiel, apoiando-o e defendendo-o sem medir sacrifícios, nunca, no entanto, a ele me filiei oficialmente – não entrei no PC, nem outro partido -, guardei sempre minha independência (GATTAI, 2001, 115-116).

Havia nesse contexto, uma lealdade enorme ao Partido, no entanto, apesar dessa disciplina, muitos conflitos internos ocorreram devido aos interesses e ideias divergentes entre os seus próprios membros que era imensamente heterogêneo, composto por exilados de diversas nacionalidades, judeus entre outros.

Apesar do envolvimento com as questões políticas tão bem relatadas e registradas por Zélia Gattai, diferente do seu esposo não era membro de nenhum partido específico, como relatou em seu livro.

Em entrevista durante o lançamento de mais um trabalho em 1988, mais uma vez posiciona-se como uma mulher que nunca se vinculou a movimento e partido político nenhum: “Eu tenho as minhas ideias políticas, mas sou independente. Sou mais para a esquerda do que para a direita, mas nunca filiei a nenhum partido” (CORREIO BRAZILIENSE, 1988). Trata-se de uma mulher com uma identidade política multifacetada, tendo em vista que se construiu a partir de sua escritura ora como anarquista, como gostava de enfatizar (sendo uma herança inegável dos seus antepassados), uma livre pensadora, ora também, como socialista e stalinista cheia de experiência política, uma vez que pode conviver com homens notáveis e estar em contato com eles e em inúmeros eventos políticos.

Para além dos assuntos sobre a disciplina partidária, a relação entre os escritores, os artistas e demais militantes durante o exílio no Castelo dos Escritores, a autora relatou a partir da sua narrativa o clima de medo que existia nesse contexto causado pelo partido, responsável por prender, exilar e até mesmo matar certos integrantes durante tal experiência: “Naquele ambiente de tanta tensão sentia-me fatigadíssima, física e moralmente, sobretudo moralmente” (GATTAI, 2001, p. 117). Nesse trecho, se refere aos supostos crimes cometidos por Stalin, líder político que ela e a maioria dos companheiros do exílio eram grandes admiradores. No entanto, com o passar do tempo tanto Zélia assim como Jorge Amado, vão percebendo algumas articulações políticas excessivas e violentas com as quais não mais se identificarão com as propostas do stalinismo:

Afinal de contas, admiradora de Stálin de toda a vida jamais me ocorreria a idéia de envolver o nosso “guia genial” nas confusões que se davam na Tchecoslováquia. Nem de longe podia imaginar que ele tivesse a ver, fosse no que fosse, como o processo Slansky e a prisão de London (GATTAI, 2001, p. 118).

No que se refere ao posicionamento político do escritor baiano Jorge Amado, ele como já mencionado, desde a década de 1930 era filiado ao PCB partido em que permaneceu por muitos anos e do qual se tornou um grande militante, um dos mais reconhecidos do mundo. Disciplinado e dedicado, exerceu a sua prática política no Brasil, como membro e Deputado Federal por São Paulo e durante o exílio europeu nos anos 1948-1952. No entanto, segundo Zélia, mesmo sendo comprometido com a sua vida política e pública, ele era um homem que pensava de forma autônoma, capaz de continuar a ter um senso crítico individual, apesar do vínculo partidário com as suas imposições ideológicas, como nos mostra no trecho a seguir:

Quanto a Jorge membro do Partido apesar de submeter-se à disciplina partidária não abria mão de analisar os fatos e de ter sobre eles um julgamento pessoal. O processo Slansky o abalou profundamente. Creio que foi a partir daquele momento que se iniciou a longa crise de consciência cujo desfecho resultou em seu afastamento da militância partidária. “Quero pensar por minha cabeça e não pela cabeça dos outros”, repetiu ele, varias vezes (GATTAI, 2001, p. 116).

Apesar do empenho, a dedicação com as obrigações partidárias e a luta em prol da paz no contexto do conflito entre a União Soviética e os Estados Unidos da América, Jorge assim como a autora Zélia Gattai a partir das atitudes violentas e intolerantes do líder político Stalin para com alguns dos membros do partido, sobretudo em relação ao episódio do processo Slansky, assim como muitos militantes, ficaram inconformados com tais atrocidades:

Em 1936, por ordem de Stalin, começaram os terrivelmente famosos processos de Moscou, que resultaram em amplo expurgo no Comitê Central do partido e num clima generalizado de terror. Vejamos, brevemente, alguns exemplos: foram afastados e executados os “esquerdistas” Zinoviev, Kamene e Smirnov, os “direitistas” Bukarin, Rykov, Radek, entre muitos outros considerados “idealistas”, “ecléticos”, etc. As forças armadas também não ficaram imunes, sendo fuzilados vários dos seus principais dirigentes, entre os quais o marechal Tukhatchevski sob a acusação de “cumplicidade com o inimigo”. O “traidor” Trotsky também foi alcançado pelo braço assassino do stalinismo (CONCEIÇÃO, 2007, p. 268).

Diante de tal quadro muitos membros do partido Comunista, foram presos, alguns fuzilados gerando um clima de muita tensão e medo entre os militantes. Tais acontecimentos, fez com que muitos escritores repensassem os seus ideais políticos, foi o caso do escritor Jorge Amado, e de sua esposa e muitos dos seus companheiros da “aventura” durante o exílio.

Vale notar, no ano de 1956 durante o Congresso do Partido Comunista da União Soviética, Nikita Khrushchev, então secretário geral do partido denunciou os crimes cometidos pelo líder político Joseph Stalin.

Segundo Ridenti (2011, p. 183) “Jorge Amado escreveu que teve sua primeira dúvida em relação ao comunismo quando soube – em conversa de bar com amigos de Budapeste, em 1951 – que camaradas foram torturados pela polícia política do governo da Hungria”. No entanto, com outro posicionamento Zélia Gattai defende que “as dúvidas sobre o comunismo teriam surgido quando souberam, em Moscou, que seu amigo e dirigente comunista tchecoslovaco, Artur London, foi preso em 1951, por ocasião do processo Slansky (RIDENTI, 2011, p. 183). Neste sentido, Zélia afirmou em seu livro “Creio que foi a partir daquele momento que se iniciou a longa crise de consciência cujo desfecho resultou em seu afastamento da militância partidária” (GATTAI, 2001, p. 116).

Sobre Artur London, amigo do casal, ela se debruçou a escrever sobre a sua trajetória de vida, relatando a sua posição política e a historia da sua militância no partido:

Artur London lutara a vida toda pelo socialismo: integrava a Brigada Internacional combatendo na Espanha até o final da guerra; fora guerrilheiro Gerard, participando da resistência na França; prisioneiro dos nazistas, deportado para um campo de concentração, ali criou um comitê de resistência... Sabíamos de suas lutas e de seu heroísmo (GATTAI, 2001, p. 113).

Apesar das divergências supracitadas, o fato é que o escritor baiano começou a se desvincular do partido motivado é claro, por tais acontecimentos complexos e traumáticos. No entanto, outro ponto que merece a ser considerado, é o fato que optou pelo desligamento

de forma gradativa por conta de que a sua militância política não lhe permitia criar os seus trabalhos literários, tendo em vista que exigia uma dedicação enorme, quase exclusiva para com as tarefas do partido. Em outras palavras, “As atividades militantes de Jorge Amado ocupavam demais o tempo, levando sua produção literária a um compasso lento, sua carreira de escritor estaria sendo sacrificada para cumprir tarefas políticas” (RIDENTI, 2011, p. 185). No entanto, apesar de não produzir muita literatura o escritor ficou ainda mais conhecido mundialmente devido à rede de relações que travou e, sobretudo, por força do seu vínculo partidário como o PCF na França e também com o Partido Soviético na Tchecoslováquia. Desta maneira, traduziu inúmeros livros durante o exílio e também após a experiência, para países como China, Vietnã, Dinamarca, Coreia além de muitos na Europa, entre tantos outros lugares.

Segundo o filho do casal João Jorge Amado em entrevista sobre o centenário do seu pai no ano de 2012, defende que o escritor baiano nunca se desvinculou de fato com o Partido: “Não houve rompimento, como dizem. Meu pai nunca se desligou do Partido Comunista. Ele apenas se afastou das atividades de militante para se dedicar mais à sua literatura”, explicou João Jorge (PORTAL VERMELHO, 2012). Além desse ponto, também tece críticas em relação à separação que se faz em relação da obra machadiana em antes e depois da política. De acordo com ele, o espírito comunista de Jorge está presente em todas as obras. “Os personagens dele sempre representaram as minorias, como as mulheres e as prostitutas, e os amantes da liberdade, então, não dá para separar”, defendeu

De fato, o escritor Jorge Amado foi um militante político que defendeu inúmeras causas, criou personagens subalternos se debruçando a escrever sobre os menos favorecidos durante grande parte da sua atividade como escritor, sobretudo no período do exílio parisiense e na Tchecoslováquia (1948-1952).

Em relação ao livro *Jardim de Inverno* ainda, vale ressaltar que apesar de não ser o foco do texto, assim como fez na maioria dos seus livros, mais uma vez, Zélia Gattai conta a história dos seus antepassados, imigrantes italianos (tanto por parte da sua mãe e também do pai) que vieram ao Brasil com o intuito de transformar a própria vida em terras estrangeiras. Dessa forma, intencionalmente se constrói a partir da sua narrativa, evocando o passado, e se mostrando como mulher que tem uma origem italiana e, sobretudo, anarquista. Trata-se da maneira que deseja ser vista e considerada por todos, sendo a identidade que defende tanto em suas publicações literárias anteriores assim como em diversas entrevistas que concede ao longo da sua vida. Além desse ponto, não somente trata de narrar a história sobre a Colônia

Cecília como reconstrói uma parte da história brasileira em meados do século XIX, momento da chegada de muitos imigrantes italianos que vieram vender a sua força de trabalho, é o caso da família Dacol, como vemos no excerto a seguir:

Porto de Genova, meu porto de evocações. Mil vezes passei por ele, mil vezes evocando minha gente que dali partiu para o Brasil. Em datas diferentes, mas embarcadas, ambas as famílias, em porões de navios, meu pai e meus avôs paternos, minha mãe e meus avôs maternas saíram, uns e outros, do Porto de Genova para a aventura da imigração. Com os pais e irmãos, a menina Angelina, que um dia seria minha mãe, foi colher café no interior de São Paulo. Abolida a escravidão, o braço dos imigrantes veio substituir o braço dos escravos na lavoura cafeeira. Quanto a Ernesto, que seria um dia meu pai, aos cinco anos, pela mão de meu avô, internou-se na mata brasileira com um grupo de idealistas, para fundar uma colônia anarquista, convencidos de que podiam salvar o mundo e garantir a felicidade dos homens (GATTAI, 2001, p. 224).

Para além da valorização da sua ascendência italiana e anarquista que sempre desejou enfatizar, se coloca mais uma vez como porta voz da paz mundial, tendo em vista que havia adquirido grandes experiências durante toda a sua vida com as quais narra tais eventos, incansavelmente. Em certa ocasião que viajou a Inglaterra para o Congresso da Paz, foi interrogada por um policial. No diálogo, se mostra bastante militante, lutando por um mundo melhor, deixando um legado de paz, como observamos a seguir:

O que a senhora veio a fazer na Inglaterra? Resposta: - Está escrito no passaporte, em sua mão. Vim para o Congresso da Paz em Sheffield. - Qual a sua profissão? - Mãe de família. Por que pediu o visto em Praga? Porque moro em Praga. - E o que faz em Praga? - Cuido do meu filho. - Por que veio ao Congresso da Paz? Porque sou contra a guerra. Não quero ver meu filho morto numa guerra. Nem o meu, nem o seu. O senhor tem filhos? O policial fechou a cara. Não queria conversa (GATTAI, 2001, p. 91).

Desse modo, é perceptível que mais uma vez a escritora se constrói enquanto ser político como fez em outras publicações, ou seja, é uma prática recorrente. Além desse ponto, trata-se de uma mulher que quer deixar um legado de paz para o mundo a partir da sua escritura literária, uma vez em que vivenciou eventos político-ideológicos extremamente complexos que fez com que ela, o esposo e os demais companheiros repensassem os seus princípios “socialistas”. Neste sentido, dialoga com o seu tempo presente.

Percebe-se a partir da análise do quinto livro, que ela teceu ferrenhas críticas em relação ao modelo da política stalinista, momento do exílio em que ela e o esposo vivenciaram muita tensão e medo. Apesar dessa situação, deixa claro em sua narrativa que também pode obter experiências inesquecíveis nesse contexto, como a construção de grandes redes de amizades além da oportunidade de conhecer inúmeros países como jamais havia pensado que um dia

teria acesso a tais bens culturais. Nesse sentido, se debruça a narrar às contradições que pode observar no capítulo intitulado *Resguardo com Reflexões*, como mostrado no excerto a seguir:

Estas constatações levavam-me a refletir, a pensar obrigavam-me a fazer comparações, a raciocinar sobre os contrastes do regime: coisas tão boas ao lado de outras péssimas dominavam a vida quotidiana. Os acontecimentos políticos – perseguições, desconfianças, medo, falta de liberdade, prisões e processos, condenações à morte – que estávamos testemunhando deixavam-me confusa. Ao mesmo tempo em que as conquistas de ordem social entusiasmavam-me, reforçando minha confiança no socialismo, eu não podia deixar de raciocinar, pois queria compreender o que estava acontecendo. Eu chegara a ter medo de falar, de dizer o que pensava... só não deixara de pensar... Quem é que podia mandar nos meus pensamentos? Claro que ninguém. Perguntava-me a cada momento: para se chegar ao socialismo é necessário sofrer desse jeito? Passar por tantas restrições, perder a personalidade, pensar pela cabeça dos outros, abdicar da liberdade, amargar tanto? Essas ideias tomavam conta de mim (GATTAI 2001, p. 138).

Desse modo, chega a uma conclusão sobre socialismo proposto por Joseph Stalin, o considerando como um modelo político de excessos que dominou a militância aniquilando, todos os indivíduos que não agissem de acordo com as normas estabelecidas. Desse modo, esses escritores e demais artistas perdiam a sua própria autonomia de pensarem a partir das suas próprias ideias. Assim os seus ideais iam sendo minados e desgastados por conta das atrocidades empregadas naquele momento.

Nesse livro ainda, se debruça a falar sobre o socialismo que o pai havia ensinado a ela. Apesar de seu Ernesto Gattai se autointitular como anarquista, ela o constrói nesse texto como um homem que acreditava nos valores socialistas:

O socialismo que eu aprendera a respeitar, desde criança com meu pai, era outro, muito outro, completamente diferente... Meu pai me ensinara que sem liberdade o homem não pode viver. Não havia dúvida, os princípios do socialismo significavam um avanço da sociedade. Os homens que o aplicavam é que, muitas vezes, não estavam à altura. Coisa tão simples de analisar, tão fácil! Não era preciso possuir conhecimentos teóricos do marxismo, bastava ter cabeça para pensar, olhos para ver e coração para sentir para se chegar à conclusão de que a ambição pessoal, a sede do poder transforma, corrompe o indivíduo. Há homens que para chegar ao poder fazem qualquer negócio... No poder, passam a ver inimigos em seu redor, querendo tomar-lhes a frente, querendo fazer-lhes sombra, querendo tirar-lhes as vantagens... Para não perder o mando, recorrem ao dogmatismo, valem-se de todo e qualquer processo para liquidar o concorrente; tornam-se inflexíveis, não admitem queixas, muito menos críticas, tolem as liberdades, utilizam as polícias e os tribunais, forjam crimes para liquidar os que incomodam. Homens assim, tão monstruosos, existem em todos os governos do mundo. Antes, eu não podia sequer admitir que pudessem existir num país socialista. Ser perseguido, preso, desterrado, torturado e morto pelo regime pelo qual lutamos, pelo qual dedicamos a nossa vida, inadmissível. Não havia dúvida, não era o socialismo que não prestava, eram, isso sim, os governantes enlouquecidos pela ambição... esses é que deviam ser combatidos, desmascarados... Ao raciocinar assim, eu me sentia, senão de todo satisfeita, pelo

menos mais tranquila, capaz de reafirmar meus ideais socialistas e ir em frente, sem, no entanto, abrir mão do direito à liberdade, de lutar por ela, pois começava a entender que qualquer regime, seja ele qual for, sem liberdade não passa de uma ditadura (GATTAI, 2001, p. 149-140).

Nesse trecho, se constrói como socialista dotada dos mesmos princípios do seu pai desde a sua infância. Dessa forma, volta à atenção mais uma vez para os valores dos seus antepassados, prática extremamente recorrente em suas obras. Além disso, demonstra que a sua identidade política é multifacetada, tendo em vista que a sua narrativa se constrói de modos distintos, ora como anarquista (livre pensadora) sem vínculos partidários, ora como socialista e até mesmo stalinista convicta. Apesar dessas contradições identitárias presentes em sua escritura desde o primeiro trabalho, em 1979, é fato que Zélia Gattai procura se criar enquanto uma pessoa importante, desvinculando-se da única imagem construída ao longo dos anos como a mulher e esposa, uma espécie de “Amélia”, exemplo de mulher ideal do ilustre escritor brasileiro Jorge Amado. Trata-se de uma identidade múltipla. Além disso, a sua trajetória “longe de ser linear e homogênea, abarca possíveis incoerências” (CALADO, 2012, p. 106).

Para encerrar a sua narrativa mais engajada, em uma das últimas páginas do livro *Jardim de Inverno* intitulado *Porto de Genova* apresenta um balanço das experiências que obteve em terras estrangeiras. Trata-se agora de uma nova mulher, com uma nova bagagem de vida e aprendizados inesquecíveis:

Nesse porto de Genova eu desembarcara em 1948, com uma criança nos braços, no peito muito amor e muita coragem. Houve quem me tachasse de irresponsável, ao ver-me sair mundo afora ao encontro de meu companheiro com um filho pequeno. Agora, em 1952, neste mesmo Porto de Genova, ao partir de volta para casa, eu já não era a moça ingênua que lá aportara, cheia de ilusões, sectária, limitada, com uma visão idealista do mundo. Vivera um tempo longo de saudade e de nostalgia, um tempo dramático de guerra fria, macarthismo, stalinismo, injustiças, desconfianças, acusações e delações: o medo desenfreado condicionando a existência das pessoas. Passara a conhecer melhor a vida. Não fora fácil, mas a gente vai aprendendo sem parar, apanhando para aprender: eu apanhei bastante. Sofri, mas também tive os melhores momentos de minha vida: pela mão de Jorge corri mundos próximos e distantes, conheci povos e países, convivi com grandes homens, de algumas deles me tornei amiga. Voltava outra mulher, amadurecida, cabeça arejada, disposta a seguir meu rumo sem vacilações. De uma coisa, no entanto, estou certa – eu não mudara: continuava a ser a moça simples que Jorge fora descobrir em São Paulo, sem artifícios, em empáfia, ingênua, por que não? Até hoje, se Jorge vier me pregar uma de suas peças, eu caio que nem um patinho e, se Deus quiser cairei em todas, até o fim de minha vida (GATTAI, 2001, p. 224-225).

Mais uma vez narra as suas experiências no exílio europeu, apesar de declarar que não mudara e continuava a ser uma moça simples, podemos perceber que apesar de a ter uma

simplicidade própria da sua personalidade ela sofreu inúmeras modificações em sua trajetória de vida a partir da experiência nessas terras relatadas. Ou seja, não podemos conceber que a escritora continuava sendo a mesma pessoa. Tanto, que após o exílio, depois de alguns anos que ela começou a se debruçar a escrita memorialística, lançando *Anarquistas Graças a Deus* no ano de 1979 ainda no contexto da ditadura-civil-militar. Nesse sentido, tornou-se escritora, avançando na escrita, lançando novas narrativas e construindo uma trajetória literária que lhe rendeu 17 livros e uma vaga na instituição mais renomada do país a ABL, espaço de pouco acesso às mulheres na época da sua posse e ainda nos dias atuais.

Em entrevista a um jornal no ano de 1988, o jornalista pergunta a Zélia: “Mas Zélia, por que você demorou tanto para começar a escrever” e a autora responde:

- (Sorrindo). Não acho que demorei não. É que quem escreve memórias precisa ter as memórias. Precisa ter atingido um certo nível, uma certa maturidade, entender as pessoas, ser generosa, não ter maldade (não é maldade que eu digo, mas quando a gente é mais jovem não perdoa fácil). Se eu tivesse escrito esses livros há 10 ou 15 anos eles seriam muito diferentes. Também tudo na minha vida acontece, nada é programado (FONSECA, 1988).

Podemos notar, a partir do trecho destacado que informou que não publicou seus livros anteriormente alegando que não estava tão madura para se debruçar a escrita nos anos anteriores. Ou seja, segundo ela, para escrever memórias se faz necessário ter certa experiência de vida para que não se cometa certos deslizes, próprios de quem é muito jovem. Nesse sentido, ela se mostra como uma mulher bastante preocupada com os assuntos que tratará em suas publicações, por isso defende que para publicar escrituras memorialísticas tem que ter essa característica: a maturidade. No entanto, para além dessa questão, existe a possibilidade de outro motivo, sendo uma hipótese que levantamos que fez com que ela não escrevesse anteriormente: o contexto da ditadura-civil-militar como já relatado em páginas anteriores. Neste sentido, entendemos que a escritora não publicou antes por medo de sofrer alguma represália, tendo em vista que tece críticas a certos modelos políticos autoritários e também se mostra num primeiro momento, simpatizante do stalinismo e do socialismo, vertentes políticas vistas com certo preconceito no Brasil durante o governo militar.

Percebe-se com a análise de suas obras, que com o passar do tempo ela se mostrou muito mais crítica e engajada do ponto de vista político em seu discurso, sobretudo em *Jardim de Inverno*, trabalho que critica explicitamente os excessos cometidos por Joseph Stalin e os membros do Partido, relatados ao longo do presente capítulo, assuntos que não explorou como o fez nesse trabalho. Além desse ponto, fala em tortura e prisões, assuntos bastante presente na história brasileira nesse momento.

Desse modo, a trajetória pessoal de Zélia Gattai, é uma história de vida cheia de experiências e alguns desafios vivenciados ao longo de sua vida. Trata-se de uma escritora que também se constrói a partir do passado enquanto uma menina extremamente “atrevida”, assunto que será discutido no terceiro e último capítulo a seguir, sendo um adjetivo criado por sua mãe Angelina Gattai com o qual se identificou e irá propagar tal qualidade na maioria dos seus livros, sendo uma característica de sua personalidade que destaca em suas narrativas.

3 A MENINA ATREVIDA: A CONSTRUÇÃO DE SI

3.1 “Eu nasci com a estrela”: as origens.

Zélia Gattai, com a afirmação “que menina atrevida”, que era a frase que a sua mãe Angelina Gattai e as suas irmãs costumavam usar com frequência para definir as audácias da menina, na última página de seu primeiro livro, inicia a sua carreira como escritora, entrando para o espaço editorial:

Fico agora pensando o que diria a minha mãe, se fosse viva, ao ler estas páginas – ela nos deixou há dez anos e papai há quarenta. Certamente balançando a cabeça, num suspiro, exclamaria. “Maria Vêrgine! Que menina atrevida! O que é que não vão dizer” (GATTAI, 1979, p. 232).

Atrevida, é um adjetivo usado pela autora bastante recorrente em seus livros, sendo uma imagem que se identifica e que passa adiante.

Em *Anarquistas graças a Deus*, lança a ideia de que se a sua mãe estivesse viva quando publicou o livro, certamente diria que ela seria uma “menina atrevida” por ter conseguido executar esse grande feito de tornar-se uma escritora. Desse modo, atrevida seria uma qualidade sua, no sentido de que era uma menina determinada e que gostava de vencer as dificuldades que possuía, bem como os desafios que apareciam em sua vida desde o período de sua infância até em sua fase de adulta. Neste sentido, o atrevimento da menina e da mulher Zélia, foi sendo relatado nas páginas de seus livros, enfatizando as suas qualidades e as atitudes mais ousadas.

Em alguns momentos de sua narrativa, se mostra como uma criança distinta das outras, inclusive diferente de seus próprios irmãos, se destacando em alguns afazeres como no concurso para descobrir o nome das óperas que seu pai Ernesto Gattai colocava para tocar

em seu grama fone. Apesar de ser a filha mais nova, era a primeira a responder: “papai se babava de orgulho quando sua caçula de sete anos antecipava-se aos irmãos mais velhos para dizer o nome do trecho em questão” (GATTAI, 1979, p. 100). Desse modo, se mostra a partir de sua narrativa, como uma menina esperta e muito inteligente, se diferenciando de outras crianças da mesma ou outras idades.

No mesmo livro, em capítulo intitulado *Enfrentando Papai* conta sobre um dia em que o desafiou em uma discussão por conta de ter se atrasado para o almoço, atitude que era reprovada por ele, como vemos no excerto abaixo:

Já era quase meio-dia quando Wanda mandou que eu fosse buscar azeitonas no armazém de seu Henrique; preparava um prato de berinjelas para o almoço, receita nova, especial, dada por Ida Strambi. Sobre as berinjelas - cozidas e amassadas - enfeitando a travessa, seriam distribuídas rodela de cebola e no meio de cada rodela uma azeitona preta. Em casa havia azeitonas verdes, mas essas não serviam, não combinava o verde com verde, não sobressaía. Wanda era exigente, "a aparência vale muito na apresentação de um prato". Ao chegar ao armazém, encontrei o ambiente em plena ebulição: vários fanáticos empenhados numa discussão sobre futebol. Comentavam a atuação de Friedenreich no último jogo, a maioria louvando "o maior goleador de todos os tempos, maravilhoso, absoluto...", uns poucos discordando aos gritos... Na esperança de que o bate-boca terminasse em bofetões, instalei-me comodamente sobre uma pilha de sacos de arroz e aguardei sem pressa. A família já almoçava quando regressei com meu pacotinho de azeitonas pretas. Apavorei-me. Papai era estrito em certas coisas: não admitia, por exemplo, que alguém estivesse ausente nas horas de refeição. Além de levar enorme pito, o faltoso ficava sem comer. Fui recebida com um berro de papai: - A senhora não sabe que na hora do almoço deve estar em casa? Quis explicar-lhe - o que, nem sei - mas ele não permitiu: - Cale a boca! Quando eu falo não admito respostas... - Mas, Papai! - Cale a boca, já disse... - Mas... - Cale-se!... . Senti-me invadida por um sentimento de revolta, veio-me à cabeça uma frase anarquista que ele gostava muito de recitar. Não vacilei, levantei-me da mesa, encostei-me à porta e larguei o verbo, com a mesma entonação com que havia aprendido, com o mesmo dedo em riste que ele empregava: - "Quando Ia fórza e Ia ragion corítrasta, vince la.fórza, Ia ragion non basta!" - e escapuli-me pela casa adentro. Preparada para receber a primeira surra de meu pai, fiquei esperando lá no quarto de mamãe. Eu abusara desta vez, excedera-me, enfrentando-o. Quem teria a coragem de afrontá-lo daquela maneira? Nem mesmo mamãe!(GATTAI, 1979, p. 126).

Em sua narrativa, demonstra mais uma vez o seu atrevimento, respondendo ao pai por ele ter dado uma bronca pelo atraso da menina no almoço com a família, hábito que Ernesto Gattai estimava e mantinha todos os dias. Ainda que o pai fosse bastante severo, nesse momento, não brigou com a filha caçula:

Preparada para receber a primeira surra de meu pai, fiquei esperando lá no quarto de mamãe. Eu abusara desta vez, excedera-me, enfrentando-o. Quem teria a coragem de afrontá-lo daquela maneira? Nem mesmo mamãe! Não demorou muito, apareceu Vera, ainda assombrada com o que acontecia: - Papai mandou chamar você para ir almoçar, disse que a comida está esfriando. A princípio, não acreditei no recado. Não estaria "Vera me preparando uma armadilha? Papai não estava furioso? Não dissera nada? - Armadilha, coisa nenhuma! Papai está todo

sem graça, entupido, não reclamou, ficou mais é sem jeito com a tua resposta. Puxa! Nunca pensei! Que atrevida! (GATTAI, 1979, p. 126).

Na ocasião, o pai não havia ficado bravo com ela, pois, havia se surpreendido com tamanha audácia da filha pequena, que apesar da pouca idade teve coragem de enfrentá-lo, proferindo a frase em italiano que ele costumava sempre dizer. No lugar do sentimento de raiva, ele ficou admirado pelo posicionamento da filha. Trata-se mais uma vez, de uma menina atrevida e inteligente, capaz de surpreender a todos pelas atitudes espontâneas que tinha, essa é mais uma das mensagens que objetivava expressar por meio de sua escrita. Neste sentido, o termo atrevida seria mais que um tratamento de sua infância, sendo uma característica de sua personalidade, que faz questão de enfatizar em cada narrativa.

Em mais uma das páginas do primeiro lançamento, continua relatando a sua característica marcante enquanto uma menina esperta e inteligente:

Mamãe ficava encabulada quando me elogiavam. Tomava logo uma atitude defensiva - parecia que a estavam insultando -: "Qual nada! Imaginem só! Engraçadinha? Viva? O que é isso, por favor! Não tem nada disso! Ela é igual a qualquer menina. Saliente e atrevida é o que ela é. Isso sim! (GATTAI, 1979, p. 146).

Apesar de dona Angelina tecer críticas à filha, Zélia salienta e reforça novamente a ideia de que fora uma criança muito “viva” no sentido de ser atenta, observadora e muito admirada por todos por possuir tais atributos, desde o seu nascimento.

Ainda em *Anarquistas graças a Deus*, narra o dia em que foi matricular-se sozinha no Grupo Escolar da Consolação, escola que os seus irmãos frequentaram, que ficava um pouco longe de sua casa:

No número 14 da Alameda Santos fora aberta uma nova "Escola Sete de Setembro", das irmãs Lília e Theodora Mastrângelo. As mocinhas, formadas recentemente, passaram a lecionar na própria casa, ocupando a sala de frente. A família Mastrângelo sempre fora amiga da gente, nos dávamos bem. Quando mamãe sugeriu que eu passasse para a escola ao lado, não concordei. Não era por nada, não! Não tinha nenhuma restrição às jovens professoras, muito pelo contrário, delas só recebia amabilidades. Celeste, irmã mais nova, era minha amiga, Henrique, amigo de Remo, vivia lá em casa. Salvador enturmava com Tito... Eu não quis ser aluna de Lília - linda, graciosa, simpática - porque já havia traçado meu plano, decidida a partir para outra: estudar no "Grupo Escolar da Consolação", onde meus irmãos haviam feito o curso primário. O grupo escolar ficava longe, nas imediações da Caio Prado, uma porção de ruas movimentadas a atravessar. O que para mamãe representava um obstáculo, para mim era o atrativo. Sentia-me crescida, capaz de enfrentar tranquilamente o trânsito perigoso, ansiosa de andar por minhas pernas. E assim fiz: sem dizer palavra a ninguém, parti sozinha para o "Grupo Escolar da Consolação". No gabinete do diretor, Isidro Denser, pedi-lhe matrícula. Feita a prova de leitura e um pequeno ditado, fui matriculada no 2.º ano. Não poderia iniciar os estudos antes do fim do ano letivo

mas minha vaga estava assegurada para o reinício das classes. Ao entregar o cartão da matrícula à mamãe, ouvi a exclamação já esperada: - Que menina mais atrevida! Você foi se matricular sozinha? Que atrevimento! (GATTAI, 1979, p. 183-184).

A menina atrevida, imagem construída por ela, mais uma vez surpreendeu a família a partir do momento que resolveu estudar na mesma escola dos irmãos, fazendo a matrícula sozinha sem a autorização dos pais no Grupo Escolar da Consolação: “estratégia usada por Zélia para ingressar na escola, garantir sua matrícula e cuidar pessoalmente de seu itinerário escolar, tudo feito às escondidas, já que o pai era avesso aos estudos além do curso primário” (LACERDA, 2003, p. 162-163).

Em entrevista por telefone, publicado no jornal Diário do Nordeste em 1994 posteriormente, relata que era uma aluna exemplar, reforçando a imagem que retrata em suas obras:

Ela diz que aprendeu a falar primeiro o italiano e só começou a estudar aos sete anos. Sentou primeiro nas carteiras do Sete de Setembro, depois no Grupo Escolar da Consolação e depois, imagine, mais um ano num colégio de freiras. Garante que sempre foi uma aluna exemplar – a ponto de merecer retrato. Biografia e elogios numa coluna chamada “Esperanças do Brasil”, que festejava o mérito dos melhores alunos do jornal – e mesmo assim teve de deixar de estudar. “Na verdade tive de deixar porque nenhum de meus irmãos havia completado os estudos e meus pais achavam que não podiam privilegiar um só. Depois compreendi isso e aceitei” (Diário do Nordeste, 1994).

A partir da construção de sua imagem, surpreendendo a todos pelos atos que cometia, se mostra como uma criança distinta das outras, por possuir tais características, sendo desse modo, extraordinária, fugindo do padrão da “normalidade” dos sujeitos comuns. Tal prática é bastante recorrente em escritas de si, tanto a biográfica quanto a autobiográfica.

Em seu aniversário de 78 anos, Zélia Gattai recebeu um presente da filha Paloma Jorge Amado. Escreveu um livrinho para sua mãe com algumas ilustrações de Pedro Costa relatando alguns acontecimentos da trajetória de vida da escritora, como a sua descendência, o primeiro casamento, inclusive o episódio de ter ido à escola sozinha fazer a sua matrícula, objetivando estudar no Grupo Escolar da Consolação, como vemos na imagem abaixo:

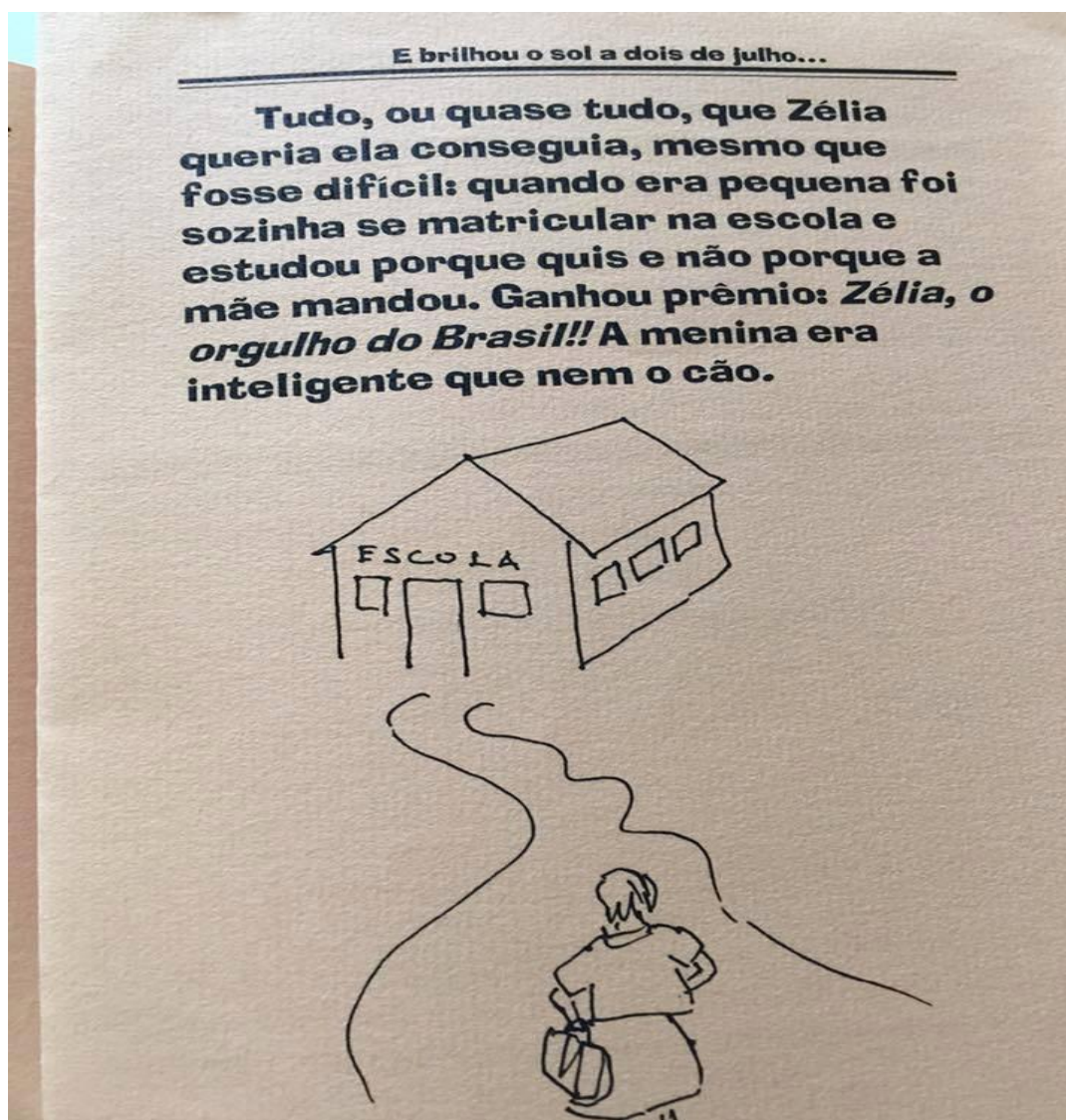


Figura 10: Livrinho escrito por Paloma Amado em comemoração ao aniversário de Zélia Gattai. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Casa-do-Rio-Vermelho-322485941095553/?fref=ts>> Acesso em: 11.09.2015.

A partir da ilustração e da ideia relatada, percebe-se que a imagem construída da autora, enquanto menina atrevida desde a sua infância foi bastante propagada e ainda está bastante presente na concepção dela e também de seus familiares, como é o caso da filha Paloma.

Nesse sentido, os biógrafos constroem a história de vida de seus personagens enquanto sujeitos fantásticos, enaltecendo as suas qualidades e defendendo a sua genialidade. Do mesmo modo, os autobiógrafos em alguns casos, também criam essa imagem como sujeitos extraordinários em suas narrativas, exibindo os seus talentos, bem como as suas potencialidades, foi o que fez Zélia a partir da ideia de menina atrevida, ou

seja, uma menina incomum, essa é a mensagem que objetiva propagar em sua escrita autobiográfica.

No mesmo livrinho em comemoração ao aniversário da mãe, Paloma ressalta algumas qualidades, enaltecendo a sua personalidade, prática que ocorre com muita frequência quando se trata de histórias de vida:

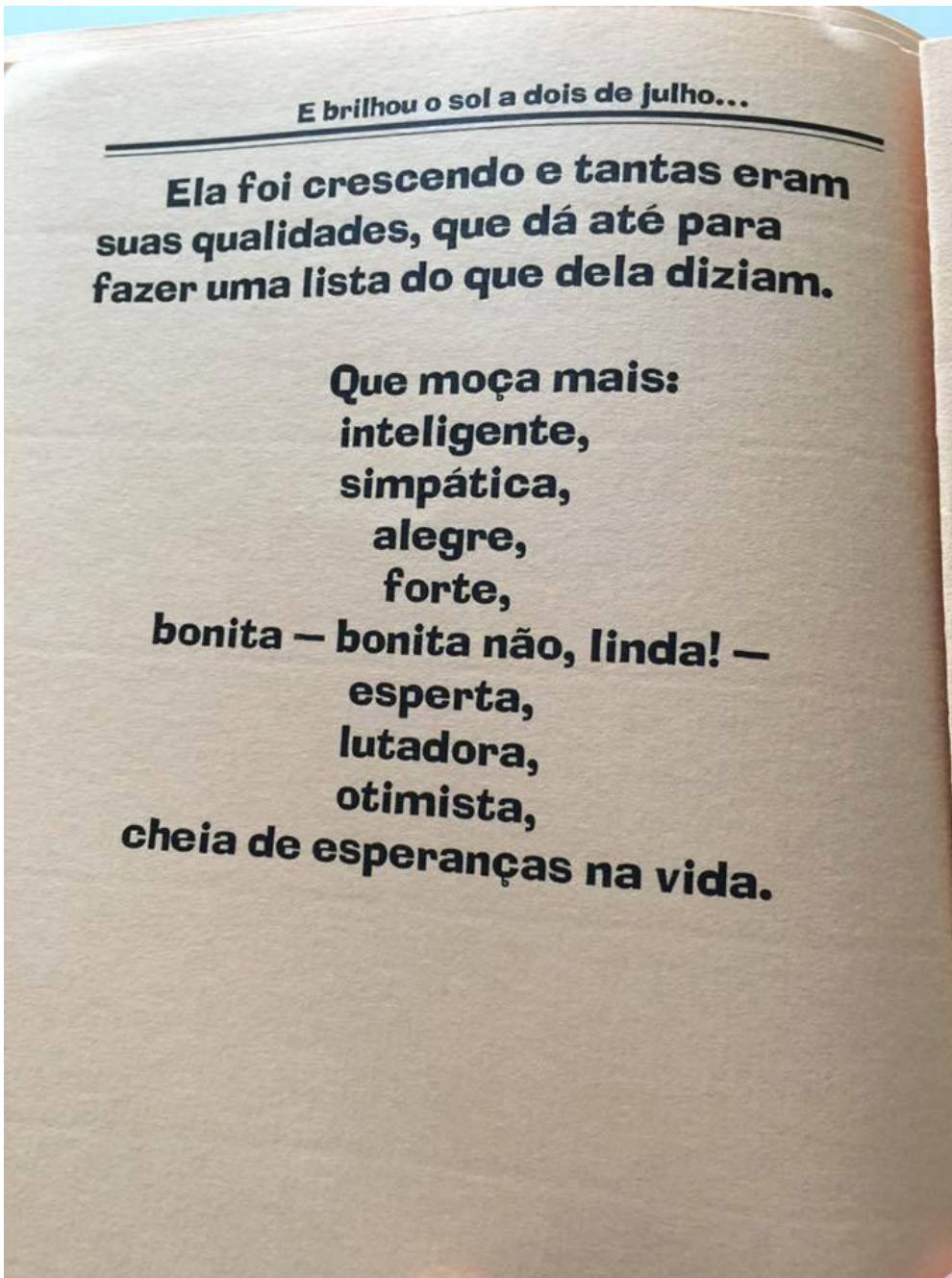


Figura 11: Livrinho de Paloma Amado em comemoração ao aniversário de Zélia Gattai.

Disponível em: <<https://www.facebook.com/Casa-do-Rio-Vermelho-322485941095553/?fref=ts>> Acesso em: 11. 09. 2015.

Dessa forma, mais uma vez algumas qualidades da escritora Zélia Gattai são apontadas, dessa vez, não por ela, mas pela filha Paloma que constrói uma historinha sobre a mãe, relatando que ela sempre foi inteligente, otimista, alegre, lutadora e bonita.

No entanto, segundo Vilas Boas (2014, p. 121) essa construção de si enquanto sujeito extraordinário que age de forma espontânea, distinta das outras pessoas, diminui a narrativa biográfica e o personagem, como fizeram segundo ele, com as biografias de Juscelino Kubtschek, Fidel Castro, Assis Chateaubriand e Nelson Rodrigues:

Juscelino Kubtschek, Fidel Castro, Assis Chateaubriand e Nelson Rodrigues eram (também) pessoas “normais”, possuidoras de um cotidiano “normal”, por mais incomuns suas habilidades. Os quatro viveram sua vida com avanços e retrocessos, altos e baixos, euforias e frustrações, perdas e conquistas, projetos e inseguranças, sob luzes cintilantes ou às vezes imersos na escuridão. Ou serão gênios, todos eles? (VILAS BOAS, 2014, p. 127).

Desse modo, Vilas Boas, nos mostra que independente da noção enquanto sujeitos excepcionais, todos assim como Zélia são pessoas comuns, cercadas por problemas, conflitos e tristezas, apesar de criarem uma historia de vida distinta e que fuja do padrão “normal” dos outros indivíduos por meio de suas escritas autobiográficas.

Além de relatar as peripécias de sua infância, enfatizando a sua marcante característica como menina atrevida, em várias de suas obras, recorda com frequência uma frase que sua mãe, dona Angelina costumava dizer: Zélia, você nasceu com a estrela.

A citação de dona Angelina era empregada para afirmar que a filha havia nascido com muita sorte, que a ajudaria ao longo de sua vida, quando aparecessem as dificuldades. Nesse sentido, estaria predestinada a ser muito feliz e ter um futuro promissor pela frente, mesmo se vivenciasse certos obstáculos, uma vez que estava fadada ao sucesso desde sempre. Sendo assim, mesmo em meio aos conflitos e possíveis problemas conseguiria resolvê-los, pois a estrela lhe “guiava” e a protegia de alguma forma.

Em *Jardim de Inverno* no capítulo temático intitulado *A boa Estrela* narra o período em que estava vivenciando o exílio europeu e precisava contratar uma nova babá para cuidar do filho João Jorge com certa urgência. Temendo não conseguir a empregada ideal, se surpreendeu quando encontrou Bietuska, como nos mostra o excerto abaixo:

Bietuska viera confirmar a opinião de dona Angelina, minha mãe: ela estava com a razão ao dizer e repetir que a filha “nascera com a estrela, menina de sorte!” Sorte era a vinda da moça para me ajudar! Ela e João se entenderam logo, amor à primeira vista; para mim, um descanso (GATTAI, 2001, p. 65-66).

Nesse livro, faz uso da frase da mãe para justificar que teve muita sorte em conseguir uma babá para o filho com tanta rapidez. Trata-se de defender que realmente havia nascido com a estrela, prática que continua afirmando em outros livros.

Em *Um Chapéu para a Viagem*, mais uma vez faz uso da expressão criada por Angelina Gattai em outro momento no exílio na Europa, em que estava em Katowice na Polônia na expectativa de encontrar um primeiro voo para Varsóvia, a fim de encontrar o esposo Jorge Amado. No entanto, ao contrário do que imaginava, em Katowice não havia aviões e na ocasião teria que embarcar no primeiro trem em uma madrugada de muito frio, viagem que imaginava que seria um grande desafio para ela e o filho pequeno:

Fazia conjecturas ali de pé na plataforma deserta, o vento soprando, João calado contra o meu peito. Temia que ele acordasse de repente e se debatesse desvencilhando-se do agasalho, podia resfriar-se... Pensava mil coisas, minha fantasia voava longe: pensei em minha mãe. Talvez, àquela hora, dona Angelina estivesse comentando toda satisfeita: “A Zélia? Aquela menina tem muita sorte, nasceu com a estrela, está se divertindo pelas Europas...” Mal sabia ela que sua filha se encontrava sozinha, em plena madrugada gélida, na estação deserta de uma cidade destruída pela guerra, à espera de um trem horrível, o filhinho grudado contra o peito, o vento uivando... Matava o tempo criando na cabeça um melodrama folhetinesco. Em realidade eu estava mais preocupada com seu acompanhante do que comigo mesma, coitado ali, feito um dois de paus, morto de sono (GATTAI, 2001, p. 96).

Percebe-se, que reafirma a frase de sua mãe para relatar um acontecimento com final feliz, apesar das dúvidas apresentadas, reforçando que ela realmente tinha uma sorte que a livrava de momentos difíceis e complicados. Desse modo, a sua estrela havia lhe auxiliado e a amparado, diante de mais um acontecimento:

Vi logo, mesmo antes de entrar no vagão, que esse trem nada tinha a ver com aquele outro, da vinda. Tratava-se de um comboio de luxo. Cabine toda acolchoada de veludo vermelho com abajures dourados cheios de pingentes de cristal. Certamente um trem muito antigo, reservado de pingentes e a barões, em priscas eras, havia muito desativado e posto novamente em serviço após a guerra. Cabine só para mim, que conforto! Que luxo! Não teria companheiros de viagem. Dormiria afundada entre coxins escarlates e macios, ouvindo o delicado tilintar dos pingentes de cristal, como se fosse uma fidalga da belle époque... (GATTAI, 2001, p. 96-97).

Em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras no ano de 2002, ainda em luto pela morte do marido Jorge Amado no ano anterior, se apropria da frase que a mãe costumava usar em relação ao destino da filha e afirma: “Nesta casa entrei hoje conduzida pela estrela de dona Angelina e iluminada por outra estrela que surgiu recentemente no céu e que brilha mais que todas” (GATTAI, 2002).

Conforme-se percebe, continuou a afirmar a conhecida frase de sua mãe Angelina em um dos grandes momentos de sua vida que foi a sua entrada na ABL. Dessa maneira, convém observar mais uma vez, que nesse ponto, se mostra a partir da frase, como uma menina que havia nascido com sorte e, portanto, sempre esteve predestinada ao sucesso pessoal e também profissional. Ou seja, a felicidade e o êxito, como a conquista da entrada na ABL, assim como ter conhecido o escritor Jorge Amado e ter se tornado uma escritora, era mais um dos fins de seu destino que fora traçado desde o princípio, desde o seu nascimento. Trata-se de defender que tudo o que havia ocorrido em sua vida fora criado por conta do destino e da sua boa estrela. Essa maneira de explicar a trajetória de vida e a própria obra dos autores é bastante comum em relatos pessoais, como nos mostra Vilas Boas:

Originalmente, o fatalismo é uma “doutrina” segundo a qual os acontecimentos são fixados com antecedência pelo destino. Tudo o que acontece porque tem de acontecer, sem que nada possa modificar o rumo dos acontecimentos. Propenso a um rígido determinismo, o fatalismo impõe mítica inexorabilidade à jornada humana. O fatalismo tem-se insinuado em narrativas biográficas contemporâneas escritas (VILAS BOAS, 2014, p. 85).

Apesar de Vilas Boas estar se referindo a escrita biográfica, podemos observar que em escritas autobiográficas também ocorre o que o autor denominou como fatalismo, a prática de explicar a trajetória de vida a partir das demandas do próprio destino o que fatalmente determinaria os acontecimentos da vida dos autores, como o êxito também as conquistas e vitórias pessoais. Desse modo, “É como se os biógrafos estivessem nos dizendo assim: meu personagem estava fadado a construir uma obra notável: nada, nem ninguém poderia impedir seu extraordinário feito” (VILAS BOAS, 2014, p. 99). Em outras palavras, Zélia a partir de sua autobiografia, reafirma em várias ocasiões que havia nascido com sorte e essa sorte ou boa estrela como costumava se referir, seria a grande responsável por suas boas experiências e também pelas oportunidades que teve durante a sua vida. Nesse sentido, o fato de ter conhecido Jorge Amado e também ter se tornado escritora havia ocorrido porque fora destinado ao seu futuro.

Assim como a memorialista, segundo Callado (2012), Simone Beauvoir, também relatava em suas autobiografias que havia nascido com muita sorte: Beauvoir acreditava-se dotada de uma sorte especial desde a infância: “tomava como uma sorte insigne que o céu tivesse me dado precisamente esses pais, esta irmã, esta vida” (CALLADO, apud BEAUVOIR, 2012, p. 116).

Parece-nos, portanto, que nos relatos de vida muitas pessoas, assim como Zélia Gattai e a filósofa Simone Beauvoir explicam o êxito pessoal e profissional devido a um fator natural, fruto do próprio destino. No entanto, essa concepção não consegue dar conta de explicar tais trajetórias de vida, pois:

Traçar uma reta final rumo ao sucesso profissional inevitável pode fazer o leitor acreditar que as conquistas da persona sejam consequências natural de um edifício desenhado, fundado e concluído. No entanto, nossa trajetória é errática e reflete, entre outras coisas, nossas evoluções e involuções. Filosoficamente falando, é um equivoco presumir que a vida obedece apenas às leis naturais (VILAS BOAS, 2014, p. 100).

Desse modo, como nos mostra Vilas Boas, tais relatos não conseguem responder a complexidade da existência humana a partir de respostas basicamente naturais. Mas, o que pode ser observado é que ambas conseguiram dar sentido a própria vida, escrevendo e construindo uma história pessoal por meio de suas escritas de si, legitimando nesse sentido, as suas identidades autobiográficas:

Para construir, descrever e legitimar sua identidade autobiográfica, Beauvoir valeu-se de alguns recursos. Um deles foi apresentar sua história de vida como um todo coerente e racional. Outro foi silenciar certos aspectos de sua história que não condiziam com a ideia que queria passar de si mesma (CALADO, 2012, p. 174).

Nessa linha, que essas mulheres encontraram na escrita de si uma forma de construir uma identidade, lançando as suas “verdades” e adjetivos pessoais, mas deixando de relatar alguns eventos que julgavam desnecessários, criando a partir desses referenciais uma identidade, que muitas vezes foi se transformando e se constituindo diante das suas aspirações e das próprias necessidades pessoais de cada uma. Desse modo, “tais adjetivos passam a impressão de que a autobiógrafa, no processo de registro de suas autointerpretações, teve uma espécie de insight, dando-se algo que, na verdade, orientava sua existência desde o início” (CALADO, 2012, p. 91). Isso ocorre no caso da autobiógrafa Simone Beauvoir observado por Calado, e também por Zélia Gattai em sua escrita memorialista.

No caso de Zélia Gattai ocorreu essa construção identitária, ora como memorialista, ora como a menina atrevida que havia nascido com uma boa estrela, responsável por proporcionar um feliz destino para a autora, apesar das adversidades que passou em sua vida, fatos que narra em cada autobiografia, enfatizando as suas qualidades desde o período de sua infância. Nesse sentido, criou uma história de vida coerente e de fácil assimilação para qualquer leitor compreender.

Em seu discurso de posse em 2002, se debruça mais uma vez a falar e a refletir sobre a estrela boa que sempre lhe guiou:

Um dia mamãe declarou que a sua caçula, a última de seus cinco filhos, havia nascido com a estrela. Qual estrela ela não dizia, mas devia ser uma estrela muito boa. Não entendi, nunca cheguei a tirar a limpo se mamãe regozijava-se diante de tal descoberta ou se não estava de acordo com que apenas a pequena “atrevida” – era como me chamava fosse agraciada com tal regalia (GATTAI, 2002).

A partir do excerto publicado acima, podemos perceber que continua a afirmar a existência da sua boa estrela em que guiou o seu caminho pessoal e profissional.

No entanto, tal construção narrativa, em sua autobiografia, apesar de ter a pretensão de relatar o todo da vida de Zélia Gattai, é apenas uma autoileitura, sendo uma concepção individual da sua trajetória, cercada de lacunas e esquecimentos, se distanciando muito da complexidade da própria vida.

3.2 Esposa e guardiã da memória.

3.2.1 Datilógrafa e revisora.

A escritora Zélia Gattai é mais conhecida no Brasil e internacionalmente por ser esposa do escritor baiano e também por ter entrado no campo editorial no final da década de 1970, estreando com o livro *Anarquistas graças a Deus* (1979). No entanto, foi também auxiliar de Jorge Amado com o seu ofício de datilógrafa e revisora de suas obras desde *Seara Vermelha* lançado no ano de 1946. Essa atividade teve pouca visibilidade e ainda tem nos dias de hoje. Ou seja, muitas pessoas desconhecem o auxílio que ela deu a Jorge durante a fase produtiva do escritor. Tal assunto tem sido pouco explorado pelos meios de comunicação e o público leitor carece de informações acerca do trabalho de datilógrafa em que dedicou boa parte de sua vida. Somente sabemos desse ofício devido às suas próprias afirmações em entrevistas desde a década de 1960. Desse modo, o trabalho de datilógrafa foi relatado em alguns periódicos, no entanto o mesmo não ocorre em pesquisas acadêmicas atuais sobre o escritor Jorge Amado e Zélia Gattai que é sempre retratada como a esposa e escritora, ou seja, o seu papel de auxiliar do marido, por desconhecimento ou algum outro motivo, acaba não sendo contemplado e é pouco divulgado, o que contribuiu para o

esquecimento desse fato importante na vida do casal... Mas, se trata de mais uma das atividades da esposa/escritora de longa data, o que lhe proporcionou grandes aprendizados e muitas experiências. Nesse sentido, o contato com a produção do esposo deve ter ajudado a criar as suas memórias em relação às escolhas dos temas que desenvolveu como as questões políticas, sociais tanto do Brasil quanto dos conflitos internacionais, tão presentes em suas obras, sendo preocupações de ambos. Ou seja, se observássemos o trabalho dos dois autores, apesar de optarem por gêneros literários distintos, poderíamos encontrar mais aproximações em relação às temáticas escolhidas do que distanciamentos. Desse modo, é importante ressaltar que as temáticas como o Estado Novo, regimes autoritários, foram bastante abordados por eles em suas obras.

Apesar disso, a criação da obra de Zélia Gattai não se deu somente por conta desse ao acesso aos trabalhos do Jorge, pois o seu trabalho memorialístico é também fruto de suas experiências enquanto uma mulher que viajou para vários países, conhecendo inúmeras realidades, culturas, tradições e concepções políticas, ideológicas distintas, proporcionadas pelo marido o que fez com que ela se debruçasse a narrar tais eventos e, sobretudo, construísse um sentido para a sua existência, abrindo os seus caminhos e ocupando alguns espaços, como no campo editorial e na Academia Brasileira de Letras a partir de seu modo de vivenciar e experimentar a própria vida.

No discurso de posse no ano de 2002 na ABL, relata o encontro com o escritor baiano em uma reunião que ele estava organizando, um comício para Luiz Carlos Prestes que havia saído da prisão. Esse seria o início de sua relação profissional e pessoal com ele:

Estava eu perdida em meus devaneios quando o vi estender a mão para mim: “Você vai trabalhar comigo...” Em seguida, segurou-me pelo braço: “Venha, me acompanhe, vou ditar um comunicado à imprensa”. Parou diante de uma máquina de escrever: “Sente...” Ai, meu Deus! “Eu não sei escrever à máquina...” “- Não sabe bater à máquina? Que moça mais inútil!...” Me contive para não chorar e ele, percebendo o meu constrangimento, tratou de desfazer a brincadeira: “- Não pense que vai se livrar de mim assim. Temos muito o que fazer, trabalho é o que não falta. Logo mais, à noite, você vai comigo a um comício na Lapa.” (GATTAI, 2002).

Foi a partir desse encontro que começaram a ter uma relação de amor e também de trocas, incentivos mútuos e companheirismo por toda a vida.

A respeito do fato de que não sabia manipular uma máquina de datilografia, a autora no livro *Jorge Amado Um baiano romântico e sensual*, também aborda mais uma vez o assunto, informando que apesar das dificuldades e da falta de conhecimento logo tratou de

resolver o problema: “No dia seguinte matriculei-me num curso de datilografia. Nunca mais passaria por semelhante vergonha” (GATTAI, 2002, p. 17).

Em várias oportunidades em seus livros ou mesmo em algumas entrevistas narrou as dificuldades que enfrentou e o sentimento de que era despreparada e de certo modo inferior em relação ao esposo por não ter estudado em uma universidade, ou mesmo por não saber manipular uma máquina de datilografar. No entanto, sempre se coloca como uma mulher atrevida, que gosta e aceita os desafios que surgem e, sobretudo, sabe lidar com eles, além de protagonizar mudanças em sua vida, superando tais obstáculos.

No mesmo livro lançado em 2002 com os filhos Paloma e João Jorge Amado, narra um diálogo de sua mãe dona Angelina Gattai com o futuro genro Jorge Amado que havia pedido a autorização para casar-se com a sua filha:

- Estou aqui dona Angelina, para pedia a mão de sua filha em casamento. A senhora acha que eu mereço Zélia? – Merece até demais – respondeu ela na sua simplicidade – quem, não merece o senhor é ela. Quer dizer, ela não está preparada... Para ser mulher de um escritor tão importante é preciso ter muito estudo... O senhor sabe – mamãe começava a desculpar-se – não, pudemos, não tivemos condições de dar estudos superiores aos nossos cinco filhos.... – Não sou preparada, é verdade, mãe, mas não se preocupe, vou me preparar, vou amar esse rapaz até o fim de minha vida, vou fazer tudo para que ele seja feliz e me ame sempre... Senti que Jorge se emocionara com as minhas palavras e tratou de dar um tom brincalhão ao discurso solene: - Ela até já se formou em datilografia, dona Angelina, a senhora sabia? Tem diploma e escreve com os dez dedos. Vai me ajudar muito... Mamãe não disse mais nada não adiantava (GATTAI, 2002, p. 22).

Nessas condições que Zélia conheceu o escritor e começou a auxiliá-lo até o seu último livro, publicado no ano de 1997 intitulado *O milagre dos pássaros*.

Vale ressaltar, que muitas vezes em suas obras, relata que várias pessoas, assim como a sua mãe a considerava despreparada para se relacionar com Jorge Amado, uma vez que ele era um escritor consagrado, militante e intelectual estimado no Brasil e no mundo, enquanto ela era considerada uma pessoa comum sem uma trajetória política e pessoal relevante como a dele. No entanto, se defende, relatando em cada oportunidade as suas qualidades enquanto memorialista e revisora de Jorge Amado. Ou seja, tenta se desvincular dessa imagem de uma mulher sem ofício e sem uma importância, por isso desconstrói a partir de sua literatura, bem como nas entrevistas que concede tais concepções sobre o seu íntimo, marcando as suas posições e qualidades intrínsecas. Desse modo, se coloca como uma mulher de valor e que merece ser reconhecida pelo próprio talento independente de ter se casado com um escritor de grande estima internacional.

Em entrevista ao Jornal da Tarde de Salvador intitulado *Zélia fala de Jorge Seu Amado* em 1969, antes mesmo de se tornar escritora, relata a ajuda ao marido com o seu trabalho:

Desde “Seara Vermelha”, escrito em 1945 que eu procuro ser útil a Jorge. Na parte material, é claro. Há muitas formas de ajudar um artista na fase de criação. No meu caso, procuro ser-lhe útil com minha presença. A elaboração de um livro dá um trabalho enorme, mais do que se possa imaginar. Além da parte de criação, propriamente dita por vezes Jorge necessita de outra informação: por exemplo como se vestiam os engenheiros em 1918, no ato da formatura. Mobiliza a mim e a amigos para obter tais dados. Mirabeau Sampaio é o campeão das informações. Há poucos dias escrevi – e já obtive resposta – a uma amiga no Rio, pedindo que ela procurasse, na Embaixada da Finlândia nomes femininos e algumas frases curtas de amor, pois no romance atual há uma finlandesa. Eu datilógrafo os originais após as correções, e tiro cópias. É um trabalho apaixonante, que faço sem sentir. Quanto às sugestões, felizmente, quando me atrevo a fazê-las, não sou ouvida. Acontece que tomo amizade aos personagens e nem sempre me conformo eu que ele os mate ou os atire na desgraça. Na obra (depois, sempre reconheço que ele está com a razão), acho que ele podia evitar certas maldades. Em Gabriela pedi-lhe muito que casasse Jerusa com Mundinho Falcão. Sabe o que ele respondeu? – “Já me meti num casamento (Nacib e Gabriela) e não sei como sair. O melhor mesmo é não dar palpite. “Cada macaco no seu galho” (A TARDE, 1969, p. 3).

Além de dedicar grande parte da sua vida auxiliando o seu esposo, também escrevia as suas próprias obras ao mesmo tempo. Nesse sentido, produziu os seus livros memorialísticos continuou a ajudar Jorge Amado e a sua produção literária desde o final da década de 1940 até os últimos livros publicados pelo escritor, como fez, por exemplo, no livro *Tocaia Grande* publicado em 1984. Na ocasião, ela estava escrevendo mais um dos seus livros de memórias. O trabalho duplo da escritora paulista foi relatado no Jornal da Bahia no mesmo ano da publicação do novo livro do autor:

Otimista, permanente admiradora do marido, Zélia ainda encontra tempo para auxiliar nos trabalhos de datilografia de seus livros. *Tocaia Grande* foi todo datilografado por ela, mesmo ocupado pela nem tão fácil tarefa de elaborar o seu terceiro livro de memórias. Que conta os dois primeiros anos de exílio político vividos pelo casal e dois filhos numa Europa devastada pela Segunda Guerra Mundial (JORNAL DA BAHIA, 1984, p. 01).

Segundo Zélia, datilografar os livros do esposo era uma forma de amenizar a tristeza que sentia quando terminava de escrever um novo livro. Em entrevista para o jornal Tribuna da Bahia em 1988, fala sobre esse assunto, bem como a sua e a produção literária do esposo que desenvolvia melhor a escrita quando encontrava lugares tranquilos, possibilitando a criação dos seus personagens e de suas histórias:

Eu sempre fui a datilógrafa dos livros dele. Esse romance – “ O sumiço da santa” – invadiu a casa como os outros personagens dele. A gente vive a vida deles. Quando

eu termino de escrever um livro é como se ele não fosse mais meu, fico muito triste. Mas ajudar no livro do Jorge, que está lindo, maravilhoso mesmo, disfarça um pouco essa tristeza. “O sumiço da santa” é na verdade, o “Guerra dos Santos” que ele sempre adiou escrever. Dizia que precisava de um sossego grande para começar e que iria fazer essa estória sobre a imagem de Santa Bárbara, vinda de Santo Amaro na Purificação, que desaparece ao chegar no Porto, sem mais nem menos... Era uma estória para rir, ele dizia... Daí deu num romance divertido, enorme e complexo. Eis ali a “Guerra dos Santos” (TRIBUNA DA BAHIA, 1988, p. 01).

Além de datilógrafa de Jorge Amado, ela auxiliava o marido na organização dos capítulos, em pesquisas em relação a certos nomes para seus personagens, reescrevendo algumas alterações feitas por ele ao longo do seu processo de criação:

Às vezes ajudo na escolha de nomes dos personagens. Se são italianos, ele me pede nomes e sobrenomes. Como sou filha de italiano vou nomeando as pessoas de acordo com as personalidades. Se são simpáticas ou canalhas, se são bondosas ou pérfidas, tudo é ponderado dentro do mundo de gente italiana que conheci na roda de amigos de meu pai, Zélia traz o sobrenome peninsular de solteira – Gattai (A TARDE, 1977, p. 12).

Em entrevista de Zélia publicada no livro *Nos bastidores do mercado editorial – As entrevistas de maior repercussão do jornal Lector* no ano de 1997 comenta sobre a colaboração em mais um dos livros de Jorge Amado: *Tieta do Agreste*, lançado em 1977:

Quando Jorge escreveu *Tieta*, ele me pediu: “Você sabe o nome de uma flor que seja feia e sem perfume?”. Eu lhe disse: “Conheço uma que cheira a cemitério. É a flor de finados: Perpétua”. Então, Jorge me disse: “Perpétua é um nome. Como é essa flor?” e eu respondi: “Perpétua é uma flor com cabinho verde e uma bolinha vermelha em cima” (GATTAI, 1997, p. 222).

É interessante notar que participa ativamente nas escolhas de alguns personagens do escritor. Apesar de cooperar em alguns aspectos na produção dos livros de Jorge em relação ao enredo, ela não contribuía, se restringindo aos tais itens apontados: “Fiz tudo para casar Mundinho Carvalho de “Gabriela, Cravo e Canela” com Gerusa. Não consegui, felizmente, só confia na imaginação dele” (A TARDE, 1977, p. 12). Ou seja, Jorge Amado continuava a ter a sua autonomia em sua escrita mesmo recebendo a ajuda da escritora. Em outras palavras, ele permitia o auxílio da esposa, mas até certo ponto, pois no que se refere à construção de suas histórias não gostava de receber interferências. Desse modo, o auxílio de Zélia tinha maior expressão em relação a esses pontos relatados.

Zélia Gattai, com o trabalho de datilógrafa e revisora acabava por muitas vezes se identificando com as histórias e os personagens criados pelo esposo e sofrendo de certo modo por não poder modificar os enredos, como observamos em entrevista concedida por ela no ano de 1977: “Sofro muito. Vou me afeiçoando as pessoas que vou conhecendo

durante a datilografia dos capítulos e quando percebo estou familiarizada com elas. Fiquei na fossa quando a Noca de “Seara Vermelha” morreu no livro” (A TARDE, 1977, p. 12).

A mesma reflexão sobre dar palpites em relação ao trabalho literário e a criação do escritor foi narrado por ela em sua posse na Academia Brasileira de Letras em 2002:

Envolvida na trama do romance, tomando carinho pelos personagens, tentei salvar a vida de um deles, a de Noca. Jorge então me explicou que a menina tinha vida própria, tudo indicava que ia morrer e ele não poderia impedir. Que se fosse mudar o rumo de seus personagens, eles deixariam de ter carne e sangue, deixariam de ser criaturas humanas para se tornarem simples fantoches em suas mãos. Aprendi a lição e me convenci a não mais dar palpites (GATTAL, 2002).

O ofício de Zélia Gattai como auxiliar e datilógrafa de Jorge Amado foi mostrado no livro lançado pelo filho do casal, João Jorge Amado em 2012 em uma das correspondências trocadas por eles quando o escritor estava escrevendo o seu livro *Dona Flor e seus maridos* em 1965, como vemos no excerto abaixo:

O livro marcha, estou ainda me batendo com a v parte, entrei nela cru e estou escrevendo e pensando ao mesmo tempo, o que é duro e fatigante. Ao demais os problemas múltiplos de viagem, casa, do tradutor alemão que está aqui com Adonias, tomam tempo, tempo precioso. Estou trabalhando praticamente dia e noite, mas assim mesmo, mas assim mesmo, dia e noite, e temo cansar-me antes de terminar o livro. Faço tudo para me defender, mas não é fácil. Enfim... Tudo aqui em ordem. Verás pelas primeiras cenas da quarta parte que mudei o ritmo da narrativa: cenas curtas e de ação. Vamos ver o que dá. E o que fará dona Flor que não sei ainda (AMADO, 2012, p. 166).

Percebe-se a partir da correspondência, que ambos tinham uma relação de troca e de companheirismo. Jorge Amado permitia que a escritora se mantivesse a par de sua produção literária, informando sobre as mudanças que fazia durante esse processo, como mostrado acima em que ele se refere ao livro *Dona Flor e seus dois maridos*, publicado posteriormente no ano de 1966.

Em outra correspondência no ano de 1965, Jorge fala mais uma vez sobre o romance que estava escrevendo no momento, relatando o costume de enviar os originais de seus livros para a esposa datilografar:

Recebi teu telegrama, espero que já tenhas batido as cenas e entregue a cópia ao Miécio. Hoje não te mando originais como pensava porque o que tenho ainda necessita revisão. Acontece que terça – feira ao voltar do aeroporto, senti que se eu não parasse um dia pelo menos ia entrar numa estafa 9 mais nervosa que física): mil problemas diferentes, a cabeça em várias coisas diversas. Inclusive necessitava pensar, pôr a cabeça no romance pois há problemas a resolver Foi o que fiz, ficando se escrever o resto da terça. Ontem voltei ao trabalho mas pouco fiz, pois tinha ainda certas coisas a amadurecer. Hoje trabalhei duro e tenho aqui duas cenas feitas, mas quero ainda adiantar mais duas ou três para ter um certo conjunto que

tem que ser julgado completo, digamos o primeiro movimento da última parte que comporta dois movimentos. Certas coisas começam a ficar claras. Continuarei a meter a cara de amanhã em diante, agora que uns tantos problemas já estão resolvidos (AMADO, 2012, p. 168).

Em linhas gerais, a partir da correspondência do escritor enviado a Zélia, mais uma vez percebemos a relação de companheirismo, troca de conhecimentos e ajuda entre eles, salientando dessa forma, que a escritora foi mais do que a esposa de um escritor famoso, mas uma revisora e datilógrafa presente, que esteve o tempo todo auxiliando o marido em suas necessidades, também enquanto escritor. Contudo, apesar desse ofício, continuava a criar as suas memórias, dividindo o tempo em ajudar na produção do marido e em seu próprio trabalho memorialístico. De fato, Zélia exercia essas duas funções que muito estimava e que gostava de enfatizar em suas entrevistas. Vale notar, que ela é muito mais conhecida como esposa de um escritor famoso e por ter publicado *Anarquistas graças a Deus*, o livro mais conhecido da autora por conta da minissérie lançada em 1984, (adaptada por Walter Georg Durst e Walter Avancini) do que pelo fato de ter sido também a sua datilógrafa e revisora desde o ano de 1946. No entanto, em alguns periódicos nacionais e internacionais esse seu lado como auxiliar do esposo aparece com alguma frequência:

Si señores: Zélia coñece a selva máxica dos personaxes de Jorge mentres vai pasando a limpo follas mecanografiadas e corrixidas a man. E, como tem alma de contadora, sofre gravísimas tentacións de dar e tirar vidas aos bonecos da imaxinación allea e case propia, marital (CORREO GALLEGO, 1993, p. 59).

O trabalho de datilógrafa também foi relatado em seu discurso de posse: “Trabalhei com Jorge desde o primeiro livro que escreveu em minha companhia, Seara Vermelha, datilografando os originais - agora já doutora em datilografia - passando a limpo as correções feitas à mão” (GATTAI, 2002). Desse modo, mais uma vez faz questão de enfatizar o auxílio que deu ao marido enquanto datilógrafa e revisora durante a sua vida literária produtiva.

Vale notar, que quando falece no ano de 2008, é retratada em diversos periódicos, e em moções de pesar escritas por alguns deputados (as) como escritora e descendente de imigrantes italianos ligados ao movimento político operário. Além disso, o seu ofício como fotógrafa e membro da ABL também é enfatizado a respeito de sua biografia. Nesse sentido, poucas pessoas mencionam a função de datilógrafa e revisora do esposo Jorge Amado.

Em moção de pesar escrita pelo deputado Roberto Muniz no dia 18 de maio de 2008, distinta da maioria das outras moções, ele salienta que Zélia fora uma escritora, memorialista, membro da ABL, fotógrafa, inclusive datilógrafa:

A memorialista, romancista e fotógrafa Zélia Gattai, além da participação direta nos livros do amado esposo Jorge, como datilógrafa dos manuscritos originais de vários romances de sucesso, deixou uma obra ampla e variada traduzidas para diversos idiomas como o francês, o italiano, o espanhol, o alemão e o russo. Compõe a sua obra: "Anarquistas Graças a Deus"; "Um Chapéu para Viagem"; "Senhora Dona do Baile"; "Reportagem Incompleta"; "Jardim de Inverno"; "Pipistrela das Mil Cores" ; "O Segredo da Rua 18"; "Chão de Meninos"; "Crônica de uma Namorada"; "A Casa do Rio Vermelho"; "Cittá Di Roma"; "Jonas e a Sereia"; "Códigos de Família"; "Um Baiano Romântico e Sensual " e "Vacina de Sapo e outras Lembranças" (MUNIZ, 2008, p. 01).

Parece-nos, portanto, que Zélia fora reconhecida enquanto escritora e memorialista, companheira inseparável e de grande valor, apesar de também ter contribuído para com a organização, auxiliando-o com as suas revisões e no trabalho de digitar os originais de inúmeros livros do autor, bem como criar alguns nomes para seus personagens como é o caso de Gabriela que deu título a um livro famoso. Também deu nome a Perpetua no livro *Tieta do Agreste*. No entanto, além de ter escrito um significativo número de publicações memorialísticas, alguns livros infantis e romances, assim como ajudar o esposo e se tornar uma acadêmica, desde que conheceu Jorge Amado exerce também uma outra atribuição: é a fotógrafa oficial do escritor e da família desde o final da década de 1940 quando conhece e se torna a sua esposa, ganhando a primeira máquina fotográfica durante o exílio Europeu. Esse assunto será explorado com mais aprofundamento no próximo item a seguir.

3.2.2 A Fotógrafa.

Zélia Gattai que teve uma vida longa e dinâmica, além de ser escritora, memorialista e datilógrafa também foi “fotógrafa oficial” do esposo Jorge Amado, fotografando os amigos que conheceu em sua vida e também os seus familiares.

Antes mesmo de ser escritora, em entrevistas para jornais e revistas desde a década de 1960/1970 fala sobre esse ofício que era uma espécie de ocupação e prazer pessoal: “Venho me dedicando à fotografia como “hobby”, há anos, e para me inteirar das particularidades técnicas frequentei o studio “image” no Rio. Trabalho com uma “Nikon” às vezes com “flash”, às vezes sem” (A TARDE, 1977, p. 12).

Essa prática de fotografar o marido em eventos, congressos, em seu dia- a- dia com seus amigos de longa data foi bastante recorrente em sua vida. A autora nesse sentido, o

fotografou em diversas ocasiões. Apesar de ter feito um curso como mostrado anteriormente, em que aprendeu algumas técnicas para melhorar a qualidade de suas fotografias, desde o início, ela deixa claro que começou a desenvolver esse lado por um prazer pessoal, ou seja, não queria tornar-se uma fotógrafa profissional, não era essa a sua pretensão. Desse modo, aos poucos, no contexto do exílio do esposo e dela na Europa, vai tomando gosto pela fotografia, adquirindo máquinas mais modernas com o intuito de aperfeiçoar o seu trabalho:

Sempre gostei de fotografar. Inicialmente tinha uma máquina muito simples, tirava instantâneos e nem guardava os negativos. O hobby passou a ser vital na Europa – para onde foram depois que o escritor, então deputado pelo PC, foi expulso da Câmara Federal – quando ganhou do marido uma máquina alemã, em Varsóvia. Depois, já na União Soviética e com o produto dos direitos autorais de Jorge Amado, ela ganhou nova máquina, a mais cara que havia. “Quero estrear com o retrato de nós dois” propôs Zélia ao marido. A máquina tinha dispositivo automático, uma novidade para ela, nem acreditava que desse certo, deu e o entusiasmo pela fotografia só fez aumentar (JORNAL DO BRASIL, 1982).

Em entrevista intitulada *Zélia Gattai Amado com a graças de Deus e a benção de Jorge* para o Jornal Globo em 1979, esse lado de fotógrafa é relatado. Desse modo, informa sobre o gosto por esse ofício, salientando que possuía um laboratório em sua própria casa:

Embora “acompanhar Jorge” seja uma tarefa de toda a vida passada em comum, Zélia acha importante exercer alguma outra atividade. – Gosto de fotografia. Tenho laboratório em casa, aprendi as técnicas, desenvolvo minha criatividade. Não é um trabalho profissional, mas graças a minha amiga Lucy Bloch, publiquei em Jóia algumas reportagens com textos e fotos minhas (O GLOBO, 1979, p. 04).

Apesar de não ter um intuito profissional mais ambicioso, se restringindo ao prazer de fotografar os momentos bons da vida do esposo, dos seus amigos e de seus familiares, nessa entrevista comenta que publicou algumas fotografias e textos de sua própria autoria na Revista Joia⁴⁶, possibilitado pela amizade com Lucy Bloch, então editora da revista.

Não se deve perder de vista, que esse fato é muito importante na vida de Zélia Gattai, pois publicou alguns de seus trabalhos em uma das revistas femininas mais importantes do momento:

A revista de variedades Joia, de publicação quinzenal, foi lançada pela Editora Blochem 1957. Em sua primeira edição trazia na capa uma foto artística em ektachrome-novidade da multinacional Kodak para a fotografia profissional – da atriz Tônia Carrero. Os números seguintes traziam as cantoras Marlene e Maísa,

⁴⁶A Revista Joia, revista feminina quinzenal, teve a sua primeira publicação em 1957. Tinha Lucy Bloch como editora. Ela foi casada com Adolpho Bloch que lançou a Revista Manchete anteriormente, no ano de 1952 inaugurando em 1983 a Rede Manchete de Televisão. Informações coletadas no site :<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/11/20/brasil/17.html>. Acesso em: 03/09/2015.

numa clara intenção de valorizar a beleza feminina nacional e rivalizar com as capas das revistas internacionais, que publicavam imagens de Gina Lollobrigida e Sofia Loren. Além de uma apresentação gráfica que rompia com o tradicionalismo das revistas femininas de então, pelo tamanho, a apresentação e a ausência dos moldes encartados, uma de suas marcas era a renovação das temáticas usualmente voltadas para a mulher. A revista abordava não só culinária ou moda, mas pretendia abranger uma variedade temática mais de acordo com a vida moderna (FERREIRA; DIAS, 2001, p. 14).

O trabalho de Zélia Gattai enquanto fotógrafa rendeu inúmeras fotografias de diversas pessoas e lugares distintos, contribuindo para com o registro e a documentação de tais eventos da vida de Jorge Amado e de outros familiares:

Além de acompanhá-lo em cada passo de sua vida ela o fotografa também em cada momento. Fotografa-o desde os pequenos acontecimentos do cotidiano, até as cerimônias oficiais, as premiações. Fotografa-o enquanto escreve, enquanto dá entrevistas, enquanto recebe prêmios; e nos momentos em que a doçura do avô é substituída pela força do escritor (FOLHA DE SÃO PAULO, 1976).

As fotografias que produziu ao longo dos anos foram sendo usadas em alguns eventos como algumas exposições como a que ocorreu em 1981 no Iguatemi que foi notícia do jornal A Tarde em manchete intitulada *Da fotografia como arte de memória*: “As fotos são de Zélia Amado, que além de memorialista de têmpera e de sucesso é artista da fotografia, de sensibilidade e garra” (A TARDE, 1981, p. 03).

Segundo os dados da reportagem, essa exposição foi organizada para comemorar os cinquenta anos da carreira literária de Jorge Amado. Na ocasião, foram expostas inúmeras fotos do escritor com os seus familiares, os amigos de longa data como Sartre, Miguel Ángel Astúrias, Erhenburg, Artur London Garcia Marquez, Ferreira de Castro, Pablo Neruda, Vargas Llosa, Rivera, além dos netos entre outros familiares como seus pais e filhos em seu cotidiano ou mesmo em eventos que participou.

As fotos separadas e organizadas que foram reunidas para essa exposição, além de ser um momento comemorativo em relação à trajetória profissional e pessoal do grande escritor também teve como intuito divulgar um novo trabalho de Zélia Gattai que seria publicado pela editora Corrupio, recém criada naquele contexto: “Soube que as fotos em exposição, e possivelmente outras, serão objeto de livro a ser editado pela Editora Corrupio⁴⁷” (A

⁴⁷ A editora Corrupio foi criada em 1979 em Salvador – BA. A corrupio foi inaugurada publicando livros sobre culturas negras e a diáspora africana. Atualmente publica biografias e foto biografias como as de Zélia Gattai e de Arlete Soares. Informações coletadas no sítio eletrônico: < <http://www.editoracorrupio.com.br/sobre-nos-pg-39639> >. Acesso em: 15.11.15.

TARDE, 1981, p.3). Trata-se de uma fotobiografia intitulada *Reportagem Incompleta* que seria publicada posteriormente, no ano de 1987. Nesse livro, reuniu cerca de 120 fotografias do esposo em diversas ocasiões, como em passeios, congressos, com a família e os amigos mais íntimos. O título escolhido *Reportagem Incompleta* foi criado por Zélia para defender a ideia de que o ato fotográfico não consegue mostrar a dimensão real dos acontecimentos, ou seja, “a fotografia jamais dará conta do real” (CASTELLO, 1986, p. 57).

O seu trabalho fotográfico não se restringia em registrar apenas os momentos de Jorge Amado com os amigos e familiares, pois muitas vezes ela o fotografava em situações em que o escritor estava distraído ou mesmo quando ele havia vivenciado algum acontecimento do cotidiano em que ela julgava engraçado, interessante ou mesmo curioso:

Zélia tem, em Salvador, o seu próprio laboratório, onde passa horas trancada em busca de detalhes, miudezas, que tomem a frente da imagem.. Foi assim, por exemplo, nos remotos dias em que Jorge escrevia *Dona Flor e Seus Dois Maridos*. Ventava muito e, depois de tentar vários macetes, Jorge decidiu deixar um velho gato, batizado Nacib, fazer sua sesta sobre os originais. Outra vez, Zélia flagrou um pássaro sofrê montado na caneta do marido. Às vezes é num gato ou num pássaro que está a alma de uma foto (CASTELLO, 1986, p. 57).

A fotobiografia publicada por ela vem acompanhada de textos informativos em que Zélia explica os acontecimentos bem como nomes dos personagens, e o contexto histórico: “Reportagem incompleta que eu considero um livro de memórias porque é um livro de fotografias que eu tirei durante 40 anos em quase toda a parte do mundo e sobre cada uma eu conto uma história. Esse é um livro de memória falada e visual” (GATTAI, 1988).



Figura 12: Capa do livro Reportagem Incompleta. Imagem da Fundação Casa de Jorge Amado. Disponível em:

http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=153&lang=pt&obra=1509&start=4#obra. Acesso em: 10. 11. 2015.

Além dessas exposições e da criação da fotobiografia, ela colaborou com inúmeras fotografias nas contracapas dos livros do esposo.

De acordo com os dados que constam no site da Fundação Casa de Jorge Amado (FCJA)⁴⁸, cerca de 187 fotografias da autora foram usadas em livros do esposo desde de 1972 até o ano de 2007 em diversas edições. Desse modo, “quase todas as contracapas dos livros do autor, são de Zélia e, nos livros, ela recebe o crédito da autoria” (JORNAL DO BRASIL, 1982).

Essa contribuição da escritora para com as obras do esposo também não foi e nem tem sido exploradas e divulgadas nos meios de comunicação e em âmbito acadêmico. Nesse sentido, nesse ponto Zélia Gattai merecia ter maior visibilidade enquanto uma mulher que

⁴⁸Informações coletadas na Fundação Casa de Jorge Amado no Acervo Online. Disponível em:<http://acervo.jorgeamado.org.br/acervo/buscar?busca=Z%C3%A9lia+Gattai>> . Acesso em: 17. 11 2015

auxiliou o marido também nesse aspecto, assim como nos outros que já foram amplamente relatados na dissertação.

A atuação de Zélia Gattai enquanto fotógrafa não era muito bem vista por algumas pessoas que acreditavam que o seu trabalho não era sério. Em entrevista em 1982 para o *Jornal do Brasil* faz um desabafo a esse respeito:

Mas em geral as pessoas não me levam a sério, porque não colocam crédito. Zélia habituou-se a não ser levada a sério como fotógrafa e geralmente não se incomoda. Houve, porém um incidente que a magoou. Foi uma revista de circulação nacional pediu a diversas senhoras da sociedade baiana receitas culinárias. Zélia foi incluída. – Mas na reportagem enquanto as demais senhoras tinham, embaixo do retrato respectivo, elogios de todo tipo, embaixo do meu retrato, havia apenas uma frase: “Zélia Amado, que tem mania de fazer fotografia. – Mania, imagine só – diz ela, a mágoa ainda não superada” (*JORNAL DO BRASIL*, 1982).

O excerto acima, apesar de representar uma opinião, não corresponde à concepção da maioria das pessoas. No jornal *Gazeta de Alagoas* em 1970 por exemplo, foi elogiada por esse ofício: “Sendo excelente fotógrafa, Zélia Amado tem fotografias de seu esposo com diversos escritores de fama mundial” (*GAZETA DE ALAGOAS*, 1970).

No entanto, nos mostra que mais uma vez foi criticada, mas agora por outro ofício que estava desenvolvendo como fotógrafa, o que já havia ocorrido no início de sua carreira como escritora. Desse modo, se mostra na entrevista bastante incomodada com o comentário que desmereceu o seu trabalho.

Em relação ao esposo, afirma que ele apoiava e respeitava o seu trabalho, no entanto não era de colaborar: “o escritor é profundamente avesso a fatos. Não me facilita a vida. Se percebe que estou de máquina na mão, Jorge instintivamente se mexe, se vira, muda de lugar” conta (*JORNAL DO BRASIL*, 1982). Ou seja, apesar de não gostar muito de ser fotografado, Jorge permitia que a esposa continuasse a fotografá-lo e a desenvolver o seu ofício.

Para Zélia Gattai a sua prática de fotografar não era um trabalho profissional. Desse modo, considerava-se uma amadora nesse aspecto:

Sou uma amadora, mas fotografo com amor e procurando os momentos exatos, os melhores ângulos- diz Zélia. Esta amadora conta com laboratório próprio e três máquinas: Leica, Nikkon e a soviética Horizont que tem objetiva móvel que se movimenta como um leque e cada foto que tira ocupa dois negativos (*JORNAL DO BRASIL*, 1982).

Por mais que se afirme como uma amadora em relação ao seu trabalho de fotógrafa, percebe-se que esse ofício rendeu muitos ganhos tanto para ela, como para Jorge Amado e

seus familiares uma vez que o seu trabalho também foi o de registrar e documentar posteriormente essas fotografias que são materiais, documentos/ fontes de grande relevância e valor histórico. Nesse sentido, ela foi muito mais do que uma fotógrafa amadora. Trata-se de uma “guardiã de memórias” que a partir da narrativa presente em seus textos memorialísticos e também por seu trabalho de fotógrafa, tirando fotos, registrou e documentou inúmeros eventos e acontecimentos históricos.

A manchete a seguir intitulada: Reportagem Incompleta - *Jorge Amado visto pela mulher Zélia*, mostra algumas fotos da escritora publicada no Jornal do Brasil na década de 1980 que tirou de Jorge Amado com os amigos Glauber Rocha, Dorival Caymmi e com o seu cachorro de estimação:

quarta-feira, 8/1/82 □ JORNAL DO BRASIL

REPORTAGEM INCOMPLETA

Alguns instantâneos do álbum de família: Jorge Amado com Glauber Rocha (a foto é a última do cineasta com vida), com o amigo Dorival Caymmi, com Menininha do Gatois e seu cachorro favorito

JORGE AMADO VISTO PELA MULHER ZÉLIA

SALVADOR — Tiradas geralmente à tração, quando o escritor não percebia a objetiva focada pela, 120 fotografias de Jorge Amado, como parte das comemorações dos 50 anos de literatura do autor.

Montada pela editora Corrupio, *Reportagem Incompleta* inclui preciosidades como a última foto do falecido cineasta Glauber Rocha, numa cama de hospital em Lisboa, e Jorge Amado surpreendentemente vestido com as roupas autênticas de um príncipe tcheco, com dragagens douradas, alifaneres, espada... e brasileiríssimas sandálias nos pés.

A exposição é resultado de mais de 30 anos de um hobby levado muito a sério por Zélia Gattai Amado, que revela e copia, ela mesma, em laboratório montado na casa do Rio Vermelho, as fotos que tira em preto e branco e que somam um número ainda impreciso. Só de negativos selecionados, são 18 mil, mas há outra caixa grande cheia, deites, ainda não computadas.

Quase todas as contrapapas dos livros de Jorge Amado, com a foto do autor, são de Zélia e, nos livros, ela recebe o crédito da autoria. “Mas em geral as pessoas não me levam a sério, acham graça de me ver fotografando. E mesmo os que usam minhas fotos para ilustrar coisas diversas também não me levam a sério, porque não colocam o crédito”.

Zélia habituou-se a não ser levada a sério como fotógrafa e geralmente não se incomoda. Houve, porém, um incidente que a magoou. Foi quando uma revista de circulação nacional pediu a diversas senhoras da sociedade baiana receitas culinárias. Zélia foi incluída.

— Mas na reportagem, enquanto as demais senhoras tinham, embaixo do retrato respectivo, elogios de todo tipo, embaixo do meu retrato, havia apenas uma frase: “Zélia Amado, que tem mania de fazer fotografia”.

— Mania, imagina só — diz ela, a mágoa ainda não superada.

O marido respeitava seu trabalho mas não colabora. O escritor é profundamente avesso a fotos. “Não me facilita a vida. Se percebe que estou de máquina na mão, Jorge instintivamente se mexe, se vira, muda de lugar”, conta.

Zélia justifica as fotos do autor nas contrapapas de seus livros: “Não é que eu seja melhor fotógrafa que os outros. É que tenho mais oportunidade de fotografá-lo, pois Jorge fica inteiramente tolhido diante de uma máquina fotográfica. Faz uma cara de sofrimento tal que, mesmo eu, tenho de ficar com a máquina armada e esperar que ele esqueça que estou por perto. Ai, tiro a tração e as fotos saem naturais e muito boas”.

Aos 65 anos, depois de um livro de sucesso — *Amarquistas Graças a Deus* — e um segundo livro de memórias em vias de terminar, Zélia Gattai Amado acredita que finalmente, seu amor pela fotografia passará a ser levado a sério, a partir da exposição *Reportagem Incompleta*.

Sempre gostou de fotografar. Incidentalmente tinha uma máquina muito simples, tirava instantâneos e nem guardava os negativos.

O hobby passou a ser vital na Europa — para onde foram depois que o escritor então deputado pelo PC, foi expulso da Câmara Federal — quando ganhou do marido uma máquina alemã, em Varsóvia.

Depois, já na União Soviética, e com o produto dos direitos autorais de Jorge Amado, ela ganhou nova máquina, a mais cara que havia. “Quero estrear com o retrato de nós dois”, propôs Zélia ao marido. A máquina tinha dispositivo automático, uma novidade para ela, nem acreditava que desse certo, deu e o entusiasmo pela fotografia só fez aumentar.

— Sou uma amadora, mas fotografo com amor e procurando os momentos exatos, os melhores ângulos — diz Zélia. Esta amadora conta com laboratório próprio e três máquinas: Leica, Nikon e a soviética Horizont, que tem objetiva móvel que se movimenta como um leque e cada foto que tira ocupa dois negativos.

Nesses 36 anos de vida em comum, Zélia foi fotografando Jorge Amado em todos os países por onde passava e com personalidades importantes de todo o mundo. Acha que algumas fotos em exposição agora não têm méritos artísticos, mas têm valor histórico e documental.

Uma das fotografias que mais a diverte é a de Jorge Amado fantasiado de príncipe. Foi num castelo da Tcheco-Eslóvia, pertencente a um dos escritores tchecos, Morarim lá algum tempo, foi onde nasceu Paloma, a segunda filha do casal, e onde, num cenário bucólico, copia do palácio e dos jardins de Versalhes, Jorge Amado escreveu *Os Subterrâneos da Liberdade*.

Figura 13: Entrevista de Zélia sobre a exposição de suas fotografias. Jornal do Brasil. 06 mar 1982. Disponível em: <http://www.jobim.org/caymmi/handle/2010.1/13701>

A maioria de suas fotografias se encontra atualmente na Fundação Casa de Jorge Amado (FCJA), localizada no Pelourinho em Salvador – Bahia.

3.2.3 A Fundação Casa de Jorge Amado.

Esse acervo foi fundado no ano de 1986, sendo idealizado pelo escritor Jorge Amado que almejava um espaço para conservar e preservar as suas obras bem como outros diversos documentos. A construção se deu em meados da década de 1980, sendo que no ano de 1986 começou a ser redigido o Estatuto da Fundação que a definiu como uma instituição jurídica de direito privado sem fins lucrativos.

O acervo do escritor por muito tempo foi cobiçado por várias instituições como a UFBA e também por outras universidades internacionais, como as duas norte americanas, nas cidades da Pensilvânia e em Boston. Na ocasião em texto da FCJA, comenta que ficou bastante interessado em doar seus documentos para alguma das universidades internacionais relatadas, no entanto, refletiu a respeito a partir da posição da esposa Zélia Gattai que se mostrava totalmente contra a doação, tendo em vista que defendia a idéia que o acervo pertencia ao Brasil:

(...) pesava eu propostas recebidas de universidades americanas, da Pensilvânia e de Boston, desejavam receber o acervo em doação, propunham-me zelar por ele, colocá-lo à disposição dos interessados em pesquiá-lo criando para tanto verbas e espaços. Eu testemunhara, durante minha estadia na Peen State University, como tais universidades trabalham com eficiência e dedicação. Estava quase a decidir-me, Zélia se opôs com determinação estrangeira documentos, correspondências, livros, fotos, diplomas, a massa dos guardados: esse acervo só sairá do Brasil, da Bahia, se passarem por cima de meu cadáver, tem de ficar aqui, é o seu lugar. No decorrer de quase meio século de coabitação, aprendi que não adianta discutir com Zélia, perco sempre, até agora não ganhei nenhuma (AMADO).

Diante do posicionamento da esposa, Jorge decidiu que o acervo iria permanecer em solo nacional. Desse modo, um dos casarões no Pelourinho bem no Centro Histórico da Bahia abrigou o acervo do escritor, inaugurado em 07 de março do ano de 1987. Esse assunto foi narrado por Zélia no livro *Jorge Amado Um Baiano romântico e sensual*, lançado em 2002 como observamos a seguir:

- Teu acervo, meu querido, deve ficar na Bahia e em nenhuma outra parte. – Mas onde? – perguntava ele, na sua modéstia, sem levar em conta sua importância, para quem tudo seria feito. Parece-me muito fácil, mas não foi. O reitor da Universidade

da Bahia, Germano Tabacof, interessou-se pelo assunto, com nossos filhos e Myriam Fraga poetisa e amiga querida, começamos a nos bater por um local onde instalar a Fundação e buscar meios financeiros para levar o projeto adiante. Depois de muita procura e muitas decepções, João Jorge descobriu que o casarão, quase em ruínas, do largo do Pelourinho, estava desocupado. A casa pertencia ao estado e, com o apoio de Antônio Carlos Magalhães, fomos em frente. Com o governador João Durval, conseguimos a casa. A construtora Odebrech não daria dinheiro, mas faria a tão precisada reforma. Fui a Brasília falar com o presidente Sarney, e sem nenhuma dificuldade consegui dele o apoio financeiro para início da instalação da Fundação. Jorge deixou bem claro o seu pensamento o seu desejo: - Não quero que essa fundação seja um museu. Desejo que dela façam uma casa de cultura (GATTAI, 2002 p. 92).

Com a inauguração, o espaço recebeu um nome: Fundação Casa de Jorge Amado com as iniciais (FCJA). A casa abriga cerca de quatro andares sendo uma exposição permanente do escritor. O acervo possui inúmeros materiais do casal, como correspondências, vídeos, filmes, cartazes, inúmeras fotografias criadas por Zélia Gattai, postais, alguns objetos, dissertações e teses, além de alguns originais de seus livros e também os textos originais dos seus trabalhos literários:

O Acervo Jorge Amado é composto pela bibliografia do escritor — livros de sua autoria em edições brasileiras e portuguesas, e as traduções em 49 idiomas — publicações em periódicos, artigos, letras de música e publicações em coautoria, trabalhos como tradutor e organizador; documentos pessoais, correspondências, originais, certificados, diplomas, condecorações, troféus, medalhas e placas recebidas no Brasil e no exterior; além de teses, estudos e citações sobre o autor, biografias, adaptações de sua obra para cinema, teatro e televisão, fotografias, filmes, fitas de vídeo, discos, cartazes e outros (FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO).

Além do Acervo de Jorge Amado, também foi criado o Acervo Zélia Gattai, composto por cerca de 30.000 documentos “entre livros de sua autoria, traduções, artigos publicados em diversos periódicos, condecorações, diplomas, adaptações, recortes, fitas de vídeo e áudio e, em especial, o seu arquivo fotográfico, estimado em 25.000 negativos” (FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO).

Na Fundação se encontram ainda alguns manuscritos dos originais de alguns livros de Zélia: *Anarquistas, graças a Deus, Chão de meninos, Jardim de inverno, Um chapéu para viagem, Pipistrelo das mil cores, Reportagem incompleta, Segredo da rua 18 e Senhora dona do baile.*

Apesar de ter uma quantidade significativa e rica de documentos para pesquisadores de várias áreas, o acervo ainda não disponibiliza todo o material para a consulta na internet. No entanto, diferente dos manuscritos de Zélia que não se encontram disponível ainda,

existem alguns manuscritos dos livros do escritor Jorge Amado que estão disponíveis online para leitura, como por exemplo: *O milagre dos pássaros* (conto), *O menino grapiúna* (memória), *O gato malhado* (Infantojuvenil) e a *Andorinha Sinhá* no mesmo segmento, além de *A bola e o goleiro* (Novela) e *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*.

Vale ressaltar, que o intuito do autor não se restringiu a somente guardar e preservar os seus documentos para disponibilizá-los aos pesquisadores. O que Jorge almejou desde o princípio, foi criar um espaço cultural para que ocorressem debates sobre a cultura baiana bem como o combate às discriminações étnicas e as desigualdades sociais. Desse modo, em relação à FCJA, Myriam Fraga sendo a sua diretora comenta:

A Fundação Casa de Jorge Amado consolidou-se como um centro polarizador, dedicando-se não só a expressar a voz e cultura baiana, mas igualmente atuando como caixa de ressonância, testemunha participativa de sua existência. Casa em que tudo acontece, em que todos se encontram (FRAGA).

Além do acervo, em que há um rico material disponibilizado aos pesquisadores, junto em seu andar térreo, foi construído uma loja em que são vendidos vários livros do casal, bem como camisetas, canetas, canecas, almofadas entre outros objetos.

Próximo ao local da loja, também faz parte do espaço do acervo o *Café Teatro Zélia Gattai*, construído com o intuito de proporcionar um local agradável para reuniões e outros eventos. Ao lado do Café Teatro Zélia, se encontra o *Espaço Zélia* em que mostra uma pequena exposição com fotos, vídeos e objetos pessoais da autora.

A escritora Zélia, além de ter contribuído para que o acervo do esposo ficasse no Brasil, também colaborou consideravelmente com a Fundação a partir da doação de suas fotografias em 1991:

Seu arquivo fotográfico, até agora estimado em 21.000 negativos, retrata 50 anos de história cultural e política, destacando personalidades que marcaram uma época. Ao longo do tempo através de suas lentes, com dedicação e senso de oportunidade, foi construindo uma memória de vida, uma biografia escrita com a luz. Este arquivo de valor incalculável, fruto de um trabalho que pode ser considerado de profissional e não amadora, como ela modestamente se intitulava, foi dado à Fundação Casa de Jorge Amado pela própria Zélia Gattai, em 1991, para que ele ficasse preservado e pudesse servir como complemento aos estudos sobre Jorge Amado nos mais variados momentos de sua extensa e movimentada existência. Sempre preocupada com a continuidade e a sobrevivência da então nascente instituição, determinou que os recursos com a venda das fotografias fossem revertidos em benefício para a fundação (CATALOGO FOTOGRAFICO ZÉLIA GATTAI, 2011).

Como mostrado no excerto acima, ela disponibilizou para a FCJA cerca de 20.000 fotos, com imagens do esposo, dos seus amigos de longa data, além dos filhos, entre outros,

registrando cada momento que julgava necessário. Trata-se de uma mulher bastante preocupada com a guarda de suas fotografias que foram sendo juntadas ao longo de muitos anos, desde o início do relacionamento com Jorge Amado.

Vale pontuar que esse material é de grande riqueza documental para pesquisadores, que a partir de tais fotografias podem conhecer um pouco mais sobre a autora, sobre a sua trajetória pessoal e a do esposo Jorge Amado e a sua rede de relações, bem como o seu ofício enquanto fotógrafa.

Além disso, essa prática de arquivar tais fotografias nos mostra que ela era bastante preocupada com a posteridade. Apesar de ter iniciado por puro lazer na arte da fotografia, sendo somente um hobby para a autora/fotógrafa, com o passar do tempo tal prática tornou-se o seu outro ofício. Sendo uma atividade que gostava de salientar em cada entrevista que concedia. Trata-se de mostrar mais um lado de sua vida dinâmica, assim como fazia quando se afirma como memorialista e datilógrafa do esposo. É Zélia mais uma vez, mostrando que sempre procurou o seu espaço e que fora conquistado. Ou seja, a busca por “um lugar ao sol” também se deu a partir desses dois ofícios elencados. Desse modo, foi a forma de desvincular-se da única imagem que lhe era atribuída: a de esposa exemplar. Trata-se de Zélia Gattai que a partir do sobrenome do pai se afirmou como escritora, memorialista, datilógrafa e fotógrafa e acadêmica, provando para si própria que a menina atrevida que era despreparada segundo a opinião da mãe Angelina em relação ao casamento com Jorge Amado, agora é uma mulher que se preparou e que procurou mudar a sua condição, protagonizando mudanças por meio das escolhas que fez na vida, construindo a sua forma de ser e também de ser vista/ notada.

O acervo fotográfico da escritora não está totalmente disponível online, existem apenas algumas fotografias da autora no site da Fundação, como algumas que apresentaremos a seguir:



Figura 14: Zélia Gattai e Jorge Amado, primeira foto com dispositivo automático.

Disponível em: <http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=79 . Acesso em: 09.11.15.



Figura 15: Dona Eulália, Jorge Amado e João Amado. Disponível em:
<http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=79> .Acesso em: 09.11.15

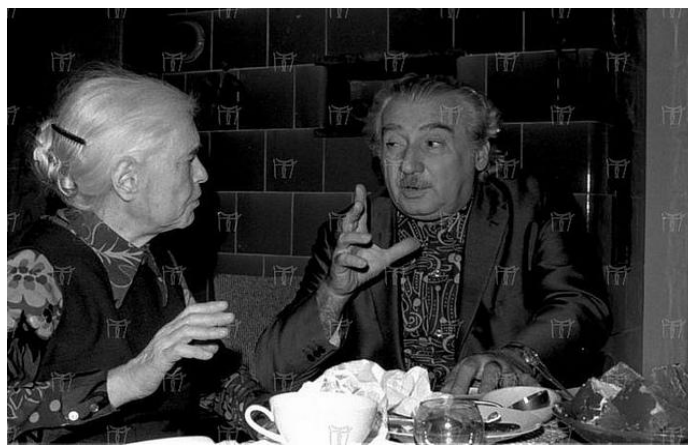


Figura 16: A filósofa alemã Anna Seguers e Jorge Amado. Disponível em:
<http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=79> . Acesso em: 21.11.2015.



Figura 17: Nanci Caymmi, Dorival Caymmi e Jorge Amado. Disponível em: <http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=79> Acesso em: 23.11.2015.



Figura 18: João Jorge Amado, Cecília, Paloma Jorge Amado e Mariana. Disponível em: <http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=79> . Acesso em: 23.11.15.

Como se pode notar, se debruçou a fotografar inúmeras pessoas, como o esposo, os seus familiares e amigos que conheceu ao longo de sua vida, no exílio europeu como é o caso da filósofa Anna Seguers amiga do casal, além de fotografar Dorival Caymmi grande amigo e conterrâneo do esposo. Trata-se de outra forma de evocar o passado e perpetuar as suas recordações de certos lugares e a das pessoas que julgam pertinentes.

Desse modo, a partir de um lazer e prazer pessoal, a fotógrafa registrou vários momentos de suas vidas e ainda fez uma doação de todo o material para a Fundação Casa de Jorge Amado no ano de 1991, como já foi dito anteriormente. Nesse sentido, o seu trabalho

contribuiu para registrar, documentar e, sobretudo para guardar as suas memórias, tanto a individual, quanto à coletiva, além de colaborar também para divulgação de sua história pessoal, a do esposo e de muitas pessoas com quem conviveu, assim como construir uma imagem sobre si.

Vale destacar, que fez bom uso das fotografias que produziu divulgando-as em alguns trabalhos como o livro *Reportagem Incompleta* publicado em 1987, como mostrado em páginas anteriores. No entanto, não lançou apenas essa fotobiografia, nos anos seguintes, também publicou mais dois livros de memórias em que expõe algumas fotografias de sua autoria ou outras que pertencem à Fundação Casa de Jorge Amado, como é caso do livro *Códigos de família* (2001) e *Jorge Amado Um baiano romântico e sensual* (2002), publicados no contexto de sua disputa e posse na Academia Brasileira de Letras.

O livro *Códigos de família*, lançado pela Record editora que acompanhou a autora ao longo de sua carreira, foi escrito por ela num momento de profunda tristeza quando o esposo estava doente, depressivo e sem conseguir enxergar. A forma que criou para conseguir lidar com tal situação foi a de continuar escrevendo seus livros como nos mostra a filha Paloma Amado:

Papai andava, havia muito, calado e triste, sabíamos que seu organismo estava muito frágil, era preciso um equilíbrio para que continuasse em frente, o que exigia uma química extremamente bem dosada. Mamãe se ocupava de tudo, não saía de seu lado, queria estar em casa todo o tempo. Como fazer para não cair em depressão também? Nesses dois anos, ela escreveu e publicou *Città di Roma* e *Jonas e a sereia*. O computador era seu oásis, escrever permitia que tirasse a cabeça de tanta tristeza (AMADO, 2001, p.07).

Nesse trabalho, relata alguns códigos de sua família, como algumas frases, e expressões criadas por eles usadas ao longo de suas vidas em comum. São inúmeras em português, algumas em italiano e outras em francês. Trata-se de invenções engraçadas como *Si è data a la bébíta* que observamos no excerto a seguir:

Usado para mexer com alguém, dizendo que está bebendo muito. Foi criado para vovó Angelina, que gostava de uma bebidinha de vez em quando. Um dia fomos à casa de tia Wanda, em São Paulo, e pegamos vovó, que morava com ela, tomando um traguinho de uísque. Eu mocinha, que estudava italiano, quis mostrar sabedoria: “Então nona, si è data a la bébíta?” João completou: “Estamos mal, uma avó si è data a la bébíta e a outra, a la fúmita querendo falar de Lalu, mãe de papai que fumou durante toda a vida (AMADO, 2001, p. 09).

Esse e outros inúmeros códigos foram relatados ao longo das páginas de *Códigos de Família* acompanhados de várias fotografias de Zélia Gattai. Desse modo, como de costume,

organizou o livro em capítulos temáticos tais como *Quem Acha Encaixa, Apenas um Gesto, Coitado como ficou simpático, Rédiculo entre outros*.

Vale notar, que mais uma vez foi contemplada com os elogios do acadêmico Eduardo Portella em relação ao seu novo trabalho:

Hoje a memória, acompanhada de observação cotidiana, recolhe e reprograma os códigos de família – falas, expressões do dia- a- dia, maneiras de dizer, sempre afetuosas e jamais afetadas. Figuras familiares, transeuntes mais ou menos próximos, “um simples gesto”, irrupções fortuitas na Europa, França e Bahia trazem, o tempo todo, essas contribuições verbais para o vasto repertório da convivência amada. Ao olhar solidário de Zélia Gattai nada passa despercebido. Ela sabe contar essas estórias descontraidamente, e com rara maestria: a maestria dos que desde cedo renunciaram à arrogância da predicação. Por isso esses códigos configuram o pouco ou nada frequente caso de códigos flexíveis. Códigos que não se dedicam a ditar regras, porém a cultivar a liberdade (PORTELLA, 2001).

Além dos códigos familiares que se debruçou a contar, o livro possui 47 fotos, suas, do esposo, e seus amigos Pablo Neruda, Vinicius de Moraes, Eduardo Portella, Calasans Neto, Nicolás Guillén, Diego Riviera, José Saramago e familiares, seus filhos Paloma Amado e João Jorge Amado, Luiz Carlos e netos, Maria João Amado, a sogra Lulu em alguns momentos de suas vidas. Contemplou a mostrar ainda, algumas fotografias das viagens que fez à China, ao Marrocos, em alguns momentos no exílio europeu como a fotografia de Jorge Amado e seus companheiros no Conselho Mundial da Paz em Moscou. Outras, na casa do Rio Vermelho em Salvador ou mesmo na Fundação Casa de Jorge Amado. Também há fotos de suas irmãs Wanda e Vera Gattai, além de seus pais Angelina e Ernesto Gattai.



Figura 19: Capa do livro *Códigos de Família*. Disponível em: http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=153&lang=pt&obra=1054&start=13#obra. Acesso em: 23. 11. 2015.

Percebe-se que a partir desse lançamento, que apesar de não ser um livro de memórias propriamente dito, há mais uma vez um intuito memorialístico, pois narra alguns códigos de sua família, almejando divulgá-los em sua literatura. Além disso, também publica várias de suas fotografias em que retrata alguns eventos que ela e o esposo participaram, além de mostrar as suas redes de relações, amigos famosos em que ambos tinham fortes vínculos fraternos.

Depois dessa publicação no ano seguinte lança Jorge Amado – *Um baiano romântico e sensual – Três relatos de amor João Jorge Amado, Paloma Jorge Amado, Zélia Gattai Amado*, publicado no ano de 2002 sendo o primeiro e único livro que não escreveu sozinha e em que colocou o sobrenome Amado em sua capa. Os seus filhos Paloma Amado e João Jorge Amado também dão a sua contribuição com narrativas memorialísticas, após o falecimento do pai Jorge Amado em 2001. A ideia de escreverem esse trabalho memorialístico não partiu de uma iniciativa de Zélia e nem de seus filhos, foi proposto pelo ministro Francisco Weffort que pediu para Eduardo Portella comunicar-lhes a sua posição e eles apesar do luto, prontamente aceitaram como relata a filha do casal, Paloma Amado:

Mamãe, João e eu aceitamos o desafio. Foi um mês em imersão total nas recordações e na saudade que elas provocaram. Ao mesmo tempo em que escrevíamos, mergulhávamos nesse mundo de imagens em busca de ilustrações. Elas traziam mais lembranças, o coração apertava um tiquinho mais. Terminamos em um mês. Se por um lado, um parto complicado, por outro recuperamos papai inteiro, vivo, enchendo a casa do Rio Vermelho com sua presença querida. Escrever este livro foi um presente que ganhamos. Queremos que sua leitura seja como um presente para os leitores de Jorge Amado (AMADO, 2002).

O livro foi dividido em três partes, sendo a primeira escrita por Zélia Gattai que o intitula como *Ai, que saudades de Jorge!* Em seguida, João Jorge também escreve para o pai em: *A completa verdade sobre as discutidas aventuras do comandante Jorge Amado, capitão de longo curso*. O texto final fica por conta de Paloma Amado que no último capítulo o intitula: *Meu melhor amigo*. Trata-se de narrativas memorialísticas em que esposa e filhos contam alguns aspectos de suas trajetórias de vida e as relações que tinham com Jorge Amado, enquanto pai, esposo e também escritor, narrando os acontecimentos, os seus sentimentos e vivências partilhadas com o autor ao longo de suas vidas.

Nesse livro, Zélia se posiciona da mesma maneira que em seus livros anteriores, narra às histórias de quando conheceu Jorge Amado, o exílio europeu, a relação com o marido e o nascimento dos filhos. No entanto, apesar do foco ser a vida do autor, não deixou de falar da tortura sofrida pelo pai durante o Estado Novo e de sua saúde debilitada em

decorrência da violência física e psíquica sofrida. Tratou de falar da infância de Jorge, da relação com a sua mãe dona Eulália, do pai João Amado e dos seus irmãos. Além disso, conta assuntos cotidianos, a relação com os amigos, o acervo FCJA quando foi fundado entre outros assuntos.

João Jorge Amado, também narrou relação com o pai, alguns acontecimentos que o marcou de alguma maneira no período de sua infância e também quando se tornara adulto. Narrou algumas peculiaridades do pai como o hábito de viajar com os amigos e de conhecer novos pontos turísticos: “Saía sempre dos roteiros tradicionais, procurava ver a vida das pessoas que moravam nos locais levava horas nas livrarias, comprava frutas nas barracas, enfim, fazia aquilo que os turistas não costumam fazer” (AMADO, 2002, p. 119).

Na terceira e última parte do livro, Paloma Amado narra a relação de grande afeto e amizade que tinha com o pai, pontuando os valores e os ensinamentos dele enquanto um homem atento e sensível aos problemas sociais, temas que escreveu por toda a sua vida em suas centenas de publicações.

Vale ressaltar, que esse livro além de inúmeras fotografias de Zélia Gattai, também há outras imagens como algumas ilustrações, como uma do artista Carybé para o livro *Gato Malhado e a Andorinha Sinhá* e de Calazans Neto para o livro *Tereza Batista cansada de guerra*. Além disso, também foi publicado um recorte do jornal o Estado de São Paulo com a notícia da incineração dos livros do escritor em 1937.

Algumas capas de seus livros também foram publicadas, como a capa da primeira edição brasileira da biografia de Luís Carlos Prestes *O Cavaleiro da esperança*, a capa da primeira edição do livro *Bahia de todos os santos*, da primeira edição de *Terras dos sem fim* e a capa da edição Russa de *Gabriela, Cravo e Canela feita* por Octavio Araújo.

Além dos documentos relatados acima, o livro é composto por cerca de 180 fotografias, sendo a maioria delas, criadas fotógrafa Zélia Gattai. Trata-se de mais um dos seus trabalhos em que se debruça a divulgar, narrar as suas histórias de vida, contribuindo para que a sua vivência e a dos seus entes queridos não caiam no esquecimento. Nesse sentido, mais uma vez, a escritora/fotógrafa guardiã de memórias, contribuiu a sua maneira para que a sua biografia e a do esposo fosse mostrada, documentada e deixada à posteridade por meio da tessitura de sua narrativa e também de sua arte fotográfica.

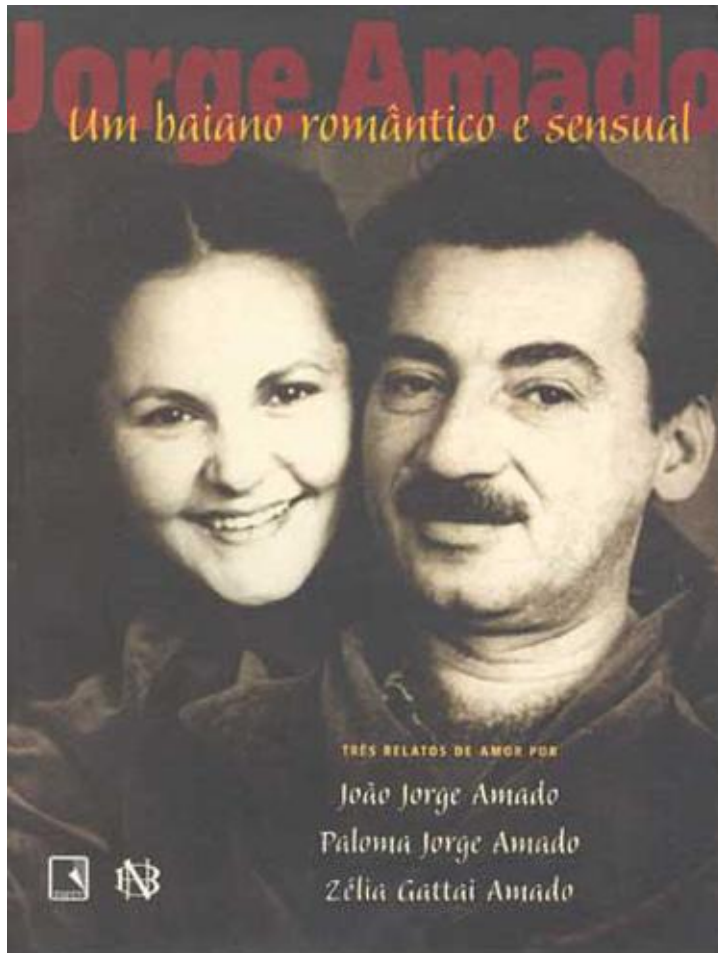


Figura 20: Capa do livro: Jorge Amado – Um baiano romântico e sensual. Disponível: http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=153&lang=pt&obra=1056&start=14#obra> Acesso em: 23.11.2015.

É importante pontuar, que depois da morte da escritora no ano de 2008, foi publicada *Anarquistas graças a Deus*, no ano seguinte. Ao contrário das outras edições desde 1979, foi lançada com inúmeras fotografias, quase as mesmas publicadas em *Città di Roma* no ano de 2000. Essa versão recebeu o posfácio de Lilia Moritz Schwarcz que pontua o adjetivo usado pela mãe Angelina para nomear a filha, extremamente atrevida:

A menina atrevida continuou atrevida, e não parou mais de contar histórias. E mais: todas essas narrativas, hoje em dia vistas de longe, parecem tão próximas quanto distantes. Descrevem um mundo que, apesar de perdido no tempo, continua guardado na memória, agora afetiva. Eternas são as histórias que nasceram para não acabar (Schwarcz, 2009, p. 323).

No ano de 2011 e 2012, foram publicados pela Editora Casa de Palavras e lançados pela Fundação Casa de Jorge Amado dois catálogos fotográficos com as fotografias de Zélia Gattai em comemoração ao centenário do escritor Jorge Amado.

O primeiro foi intitulado *Catálogo Arquivo Fotográfico Zélia Gattai Volume I – A casa do Rio Vermelho – A Família*. O Segundo *Catálogo Arquivo Fotográfico Zélia Gattai, Volume II – A Casa do Rio Vermelho – Os amigos*. Ambos compostos por inúmeras fotos de Zélia Gattai, do esposo, dos amigos e familiares em diversos lugares que estiveram, seja na Casa do Rio Vermelho ou mesmo durante o exílio na Europa. Sendo que no primeiro foram reunidas as fotos familiares, enquanto o volume seguinte contemplou as fotografias dos amigos em comum que o casal manteve durante toda a vida. Desse modo, podemos perceber que os documentos tanto o literário quanto o fotográfico tem sido apropriado e divulgado ainda nos dias de hoje, o que demonstra que o trabalho de Zélia Gattai enquanto memorialista e fotógrafa além de contribuir para com a própria história e do esposo tem sido aproveitado pela Fundação Casa de Jorge Amado. Trata-se de documentos que podem ser mais explorados, estudados e pesquisados por inúmeras áreas que se preocupam com as temáticas relacionadas à trajetória de vida e profissional do escritor baiano e da escritora paulista.

Para além da história de suas vidas, os documentos presentes na Fundação Jorge Amado é um rico material para se discutir temas como a literatura, identidade, memória, a tradição, a cultura baiana, a imigração italiana, sobre o Estado Novo no Brasil, o exílio europeu, as redes de relações internacionais entre escritores, artistas e políticos, sobre o PCB entre outros assuntos.

CONCLUSÃO

A análise da escrita memorialística de Zélia Gattai nos permitiu conhecer aspectos de sua trajetória de vida antes e depois de ter conhecido o escritor Jorge Amado. Desse modo, a sua prática autobiográfica além de representar as lembranças do passado da autora e de seus familiares, fornece dados sobre os acontecimentos que vivenciou no Brasil no contexto do Estado Novo ou mesmo no exílio europeu em finais da década de 1940. Além disso, apesar de falar de si, ler as suas obras é também encontrar inúmeras informações acerca da história pessoal e profissional do seu esposo, tendo em vista que ela se debruçou em várias ocasiões a narrar a sua trajetória de vida, pontuando o lado escritor e também o político, enquanto militante, deputado e homem de luta pela paz no mundo no contexto da guerra fria, como mostrado na presente dissertação.

Foi possível perceber que a autora conseguiu adentrar ao campo editorial tardiamente, num momento em que possuía bagagem cultural e grande experiência de vida, tal como ocorreu com os escritores Gilberto Amado e Pedro Nava, memorialistas, como a escritora em questão.

Evidentemente, como já fora pontuado, que conseguiu tal feito devido ao talento que possuía e também pelo fato de ser cercada de contatos muito importantes que de certo modo contribuiu para que o primeiro livro fosse publicado.

O início de sua carreira não fora fácil tendo em vista que muitas pessoas desconfiaram de seu talento. Nesse sentido em alguns casos, fora vista como uma escritora inferior em relação ao marido, ou mesmo como uma pessoa que queria alcançar o sucesso à custa dele. No entanto, com o passar do tempo foi sendo reconhecida como escritora e, sobretudo como memorialista.

Desse modo, depois de *Anarquistas graças a Deus* escreveu mais 16 livros de gêneros literários distintos, se permitindo também a criar romances e livros infantis, apesar de ser mais reconhecida no mercado e pelo público leitor enquanto memorialista.

O ofício de escritora veio a ser desenvolvido no Brasil no final da década de 1970. No entanto, Zélia já exercia outras duas funções durante o exílio na Europa: era datilógrafa revisora de Jorge Amado e também fotógrafa.

A análise dos periódicos que mostram a representação da escritora nas décadas de 1960-1970 bem como as entrevistas que concedia nos permite trabalhar com a hipótese de

que a autora antes mesmo de se tornar escritora já almejava um espaço para si, ou seja, queria um “lugar ao sol”. Desse modo, pleiteava um nome, uma imagem que não se restringisse tão somente ao papel de esposa de um ilustre escritor. Nesse sentido, objetivava Zélia ter um lugar e o direito de mostrar que também possuía talento e não era somente a esposa exemplar e a eterna “Amélia” de Jorge Amado. Por isso, em inúmeras vezes salientou que fez uso do sobrenome do pai para ser reconhecida por sua capacidade.

Para além das entrevistas que concedia, se permitiu construir uma imagem de si em suas autobiografias, pontuando certas qualidades e a sua ascendência com o intuito de se afirmar e construir uma identidade que estivesse de acordo com as suas aspirações. Nesse sentido, a identidade que defende é a de uma mulher autônoma em relação ao marido, por isso recorre incansavelmente à infância, à ascendência italiana, a herança cultural e política dos pais, marcando certas qualidades como menina atrevida que possuía uma boa estrela e que, portanto, havia nascido para o sucesso, fadada a se realizar de qualquer maneira, pois estava escrito e fora marcado em seu destino desde o princípio.

Isso talvez explique o fato dela ter se tornado escritora, datilógrafa e fotógrafa. Nesse sentido, além de querer estar e ocupar outros espaços queria se sentir útil, ser uma pessoa produtiva e se desvincular da ideia da mãe Angelina de que era despreparada em relação ao esposo. Desse modo, para além de contar/narrar as suas histórias e documentá-las, escreveu para se defender e para criar uma imagem pautada em seu talento próprio. Ou seja, ela seria a única e exclusivamente responsável por sua realização pessoal, fruto de sua luta e não por qualquer outro motivo que se possa acreditar.

Vale pontuar, que Zélia desempenhou um importante papel enquanto memorialista, registrando a história de seus antepassados, bem como a experiência no exílio em que pode travar contato com inúmeras pessoas e culturas, ampliando seu conhecimento e sua rede de relações.

Assim como outros escritores (as) de seu tempo, em seu memorialismo teceu severas críticas aos governos autoritários, denunciando, por exemplo, a tortura sofrida pelo pai durante o Estado Novo, assim como narrou alguns crimes que ocorriam durante o stalinismo.

Nesse sentido, foi uma das escritoras assim como outras, que ocupou um espaço no campo editorial na década de 1970, período do boom autobiográfico e a efervescência dos movimentos feministas e sociais. Não foi feminista e de modo algum se identificou com o movimento, no entanto, a partir de uma reflexão sobre si assim com as mudanças que ocorriam nessas décadas pode modificar a sua condição enquanto mulher que décadas antes,

se restringia ao cuidado e zelo pelo esposo e a maternidade. Desse modo, protagonizou inúmeras mudanças em sua vida, a começar pela separação do primeiro esposo Luís Carlos Veiga, depois conhece e se casa com Jorge Amado e o acompanha até o exílio. Coloca-se à disposição dele para auxiliá-lo em sua produção literária como datilógrafa como já mencionado anteriormente. Torna-se escritora, escrevendo, é reconhecida como memorialista recebendo prêmios e conseguindo o respeito de seus pares e do público leitor.

Em 2001 depois de uma disputa com Joel Silveira, vence a luta e toma posse na Academia Brasileira de Letras (ABL) no ano de 2002, ocupando mais um espaço em que até nos dias de hoje é pouco transitado e aberto às mulheres. Trata-se de Zélia Gattai, a menina que “nasceu com a estrela”, que conquistou espaços, escrevendo memórias, datilografando e fotografando. Eis a menina Atrevida! Graças a Deus.

ANEXOS

OBRAS DE ZÉLIA GATTAI			
Título	Data 1 Edição	Gênero Literário	Editora
Anarquistas graças a Deus	1979	Memórias	Record
Um Chapéu para a Viagem	1982	Memórias	Record
Pássaros noturnos do Abaeté	1983	Romance	Record
Senhora Dona do Baile	1984	Memórias	Record
Reportagem Incompleta	1987	Fotobiografia	Record
Jardim de Inverno	1988	Memórias	Record
Pipistrelo das Mil Cores	1989	Literatura infantojuvenil	Record
O Segredo da Rua 18	1991	Literatura infantojuvenil	Record
Chão de Meninos	1992	Literatura infantojuvenil	Record
Crônica de uma namorada	1995	Romance	Record
A Casa do Rio Vermelho	1999	Memórias	Record
Città di Roma	2000	Memórias	Record
Jonas e a Sereia	2000	Literatura- infantojuvenil	Record
Códigos de Família	2001	Memórias	Record
Jorge Amado: Um baiano romântico e sensual	2002	Memórias	Record
Memorial do Amor	2004	Memórias	Record
Vacina de sapo e outras lembranças	2006	Memórias	Record

TRADUÇÕES DAS OBRAS DE ZÉLIA GATTAI		
Livro: Anarquistas graças a Deus		
Língua	Cidade/Editora	Ano
Alemão	Leipzig. Gustav Kiepenheur	1994
Espanhol	Buenos Aires, Losada	1981
Francês	Paris, Stock	1982
Italiano	Milão, Frassinelli	1983
Italiano	Roma, Spering & Kupfer	2002
Livro: Um Chapéu para a Viagem		
Língua	Cidade/Editora	Ano
Francês	Paris, Stock	1984
Espanhol	Buenos Aires, Emeeé	1985
Italiano	Milão Frassinelli	1985
Russo	Moscou, Almanaque de Literatura	1986
Livro: Jardim de Inverno		
Língua	Cidade/ Editora	Ano
Francês	Paris, Stock	1990
Espanhol	Buenos Aires, Losada	1991
Livro: Chão de Meninos		
Língua	Cidade/Editora	Ano
Francês	Paris, Stock	1985
Livro: Crônica de uma namorada		
Língua	Cidade/Editora	Ano

Italiano	Roma, Cavallo Di Ferro	2005
Livro: Città di Roma		
Língua	Cidade/ Editora	Ano
Italiano	Milano, Sperling & Kupter	2006
Fonte: CASTRO, Lázaro Augusto Gárcia. Zélia e seu acervo documental. (TCC) da Universidade Federal da Bahia, 2008.		

PRÊMIOS E HOMENAGENS RECEBIDOS POR ZÉLIA GATTAI	
	Ano
Premio Dante Alighiere	1980
Prêmio Revelação Literária, concedido pela Associação de Imprensa	1980
Diploma de Sócia Benemerita da Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura de Cordel	1980
Placa “As dez mulheres mais bem sucedidas do Brasil” pela Mac Keen	1980
Título de Sócia Benemerita do Clube Baiano da Trova	1981
Título de Cidadã Honorária da Cidade de Salvador, Bahia (1984)	1984
Título de Cidadã Honorária da Cidade de Mirabeau	1985
Título no grau de Grande Oficial da Ordem do Infante Dom Henrique, concedido pelo governo português	1986
Diploma de Madrinha dos Trovadores, concedido pela Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura de Cordel	1986
Medalha do Mérito Castro Alves, da Secretaria da Educação e Cultura do Estado da Bahia	1987
Diploma de Reconhecimento do Povo Carioca pelos relevantes serviços prestados à Cultura e ao Turismo, da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro	1988
Prêmio Destaque do Ano	1988
Eleita A Mulher do Ano pelo Conselho Nacional da Mulher	1989
Diploma de Magnífica Amiga dos Trovadores Capixabas, Espírito Santo	1991
Comenda das Artes e das Letras dada pela ministra da França, Caterine Trautmann	1998
Comenda Maria Quitéria pela Câmara Municipal de Salvador	1999
Criação da Fundação de Cultura e Turismo Zélia Gattai, pela Prefeitura de Taperoá	2001

FONTES:

GATTAI, Zélia. **Anarquistas graças a Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____ **Città di Roma**. 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____ **Jardim de inverno**. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 1988.

_____ **Senhora dona do baile**. Rio de Janeiro: Record, 1984.

_____ **Um chapéu para viagem**. Rio de Janeiro: Record, 1982.

PERIÓDICOS:

ALCALÁ, Xavier. **Crónica privada do congresso**. Correo Gallego, 1993, Santiago de Compostela, p. 59.

ALMEIDA, Cledes; Gouveia, Nívea. **Zélia, mulher e amiga de um escritor muito amado**. Diário de notícias. Salvador, 1975, p. 13.

ANDRADE, Maria Julieta Drummond. **Zélia Gattai - É incrível a emoção que sinto ao me ver menina, na televisão**. O globo. Rio de Janeiro. 1984, p. 17.

Artur da Távola. **O Ser humano que mora em Zélia Gattai**. 1982, p. 73.

A CONTADORA DE HISTORIAS – Zélia Gattai: a leitura e a fé na parceria homem-mulher, 1985, p. 96.

BALSA, Helena. **Zélia Gattai: “Comecei na hora exacta”**. Jornal de letras, artes e ideias. Lisboa, 1986, p. 02-03.

BONFIM, Beatriz. **Zélia Gattai Amado com a graça de Deus e a benção e Jorge**. Rio de Janeiro: O Globo. 2 dez, p. 04, 1979.

BORGIA, Orietta. **Zélia, talvez anjo para Jorge Amado**. São Paulo: Folha de São Paulo. 5 nov. 1976.

CASTELLO, José. **Objetos de paixão**. Isto É. São Paulo, 1986, p. 57.

CELESTINO. Antônio. **Da fotografia como arte de memória**. A Tarde. Salvador, 1981, p.3.

CHACON. Vamireh. **Os livros de Zélia**. Jornal de letras. Rio de Janeiro, 1984, p. 02.

DIÉGUES, Iára. **Zélia Amado, um exemplo de mulher dedicada**. Gazeta de Alagoas. Alagoas, 1970, p.02.

FONSECA, Albenísio. **Jardim de Inverno – As memórias tchecas de Zélia Gattai**, 1988.

GONÇALVES, Rose. **Zélia e seu jardim**. Tribuna da Bahia. Salvador. Caderno Cultura, 1988, p. 01.

ISENSÉE. Julieta. **Zélia fala de Jorge seu Amado**. A Tarde. Salvador, 1969, p. 2.

JORGE, Franklin. **Zélia Gattai**. O Rio Branco. Caderno Opinião. Rio Branco, out. 1992, p. 2.

MONTELLO, Josué. **A missão de Zélia**. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. 30 ago, 1988.

O OLHAR DA MEMÓRIA DE ZÉLIA GATTAI. Jornal Correio da Bahia, Bahia, 05 jul. 2007.

PACHECO, Fernando Assis. **Zélia Gattai: O exílio em Praga**. Jornal de Letras. Lisboa. 13 set. 1988, p. 18-19.

REIS, Alexandre. **Uma disputa pela imortalidade**. Tribuna da Bahia. Caderno de Lazer. 2001, p. 12.

REPORTAGEM INCOMPLETA – JORGE AMADO VISTO PELA MULHER ZÉLIA GATTAI. Jornal do Brasil. 06 mar. Disponível em: <<http://www.jobim.org/caymmi/bitstream/handle/2010.1/13701/PrJ008-80.jpg?sequence=1>>. Acesso em: 13/11/2015.

SAMPAIO, Antônio. **Memórias de um período difícil**. Correio Braziliense. Brasília. 21 ago. 1988.

SELJAN, Zora. **Zélia Gattai e Virginia Woolf Afinidades literárias**. A tarde. Caderno 2. Salvador, 1995, p. 10.

SENHORA DONA DAS LETRAS. Bahia: Jornal da Bahia. Salvador. Suplemento cultural. 30. Nov. 1984, p. 1.

SENSIBILIDADE, MARCA DA MULHER NA ARTE E CULTURA. A tribuna, Santos, 1995.

TALENTOSA, GRAÇAS A DEUS. Caderno 2. Salvador, 13 mai. 1984, p. 2.

VASCONCELOS, José Carlos de. **A História através das histórias**. A Tarde. Salvador, 18 ago. 1985, p. 6

ZÉLIA GATTAI, A AUTORA, FALA DE “ANARQUISTAS GRAÇAS A DEUS”. A Gazeta, Vitória, 14 de maio de 1984. Caderno 2, p. 1.

ZÉLIA GATTAI, A MULHER AMADO. Jornal Interno Cofap. Coluna Mulher. Março/abril, 1985, p. 06

ZÉLIA AMADO, MUSA, ESPOSA E “AMÉLIA DE UM IMORTAL”. Salvador. Mulher Suplemento. 29 jan. 1977, p. 12.

ZÉLIA E JORGE AMADO NO INVERNO DE PRAGA. Tempo. Lisboa, 15 set, 1988, p. 12.

BIBLIOGRAFIA

- AMADO, Gilberto. História da minha infância. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.
- _____. Minha Formação no Recife. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.
- _____. Mocidade no Rio e Primeira Viagem à Europa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- _____. Presença na política. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958b.
- 120
- _____. Depois da Política. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.
- AMADO, João Jorge. A completa verdade sobre as discutidas aventuras do comandante Jorge Amado, capitão de longo curso. In: GATTAI, Zélia. Jorge Amado – Um baiano romântico e sensual – Três relatos de amor por João Jorge Amado, Paloma Jorge Amado e Zélia Gattai Amado. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- AMADO, Jorge. **Discurso da Academia de Letras**. In: 70 anos Grupo Editorial Record. Uma história contada em livros, 1978. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TbRTVgfIz8I>> Acesso em: 12, Nov, 2014.
- AMADO, Paloma Jorge. Meu melhor amigo. In: GATTAI, Zélia. Jorge Amado – Um baiano romântico e sensual – Três relatos de amor por João Jorge Amado, Paloma Jorge Amado e Zélia Gattai Amado. Rio de Janeiro: Record, 2002
- _____. Depoimento sobre a Fundação Casa de Jorge Amado. Disponível em: <http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=24>. Acesso em: 12, nov, 2015.
- AMARAL, Glaucy Cristina. **A narração memorialística em A casa do Rio Vermelho, de Zélia Gattai: uma meta memória**. 2010. 85f. Dissertação de mestrado. Programa de estudos pós-graduados em literatura e crítica literária. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo. 2010.
- ANDRADE, Patrícia Helena Baialuna. Fronteiras da subjetividade e a representação da realidade em Anna Seguers. Itinerários, v.3 n.39 Araraquara, jul/dez 2014, p. 103-113. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/7591>.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**. v. 8, n. 21. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 9-34.

- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.
- AVELAR, Lúcia. **Mulheres na elite política brasileira**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORI, Mary; BASSANEZI, Carla. [Org.]. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002.
- BIZELLO, Aline Azeredo. Caio Fernando Abreu e a ditadura no Brasil. **Revista eletrônica de críticas e teorias de literaturas** – Dossiê: a literatura em tempos de repressão. vol 1, n. 1 jul/dez, 2005.
- BONFIM, Beatriz. **Zélia Gattai Amado – Com a graça de Deus e a benção de Jorge**. Rio de Janeiro: [s.n.], dez. 1979.
- BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998. p. 183-191.
- BORTULUCCE, Vanessa Beatriz. **A arte dos regimes totalitários do século XX - Rússia e Alemanha**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2008. v. 1. 108p.
- CAPELATO, Maria Helena. **O Estado Novo: o que trouxe de novo?** In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida das Neves. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Memórias de uma jovem anarquista. In: FRAGA, Myrian; MEYER, Marlyse. [Org.] **Seminário Zélia Gattai: gênero e memória**. Salvador: FCJA; Museu Carlos Costa Pinto, 2002. Disponível em: <http://www.usp.br/proin/download/artigo/artigo_zelia_gattai.pdf> Acesso em: 16 jun. 2014.
- CARNEIRO, Vinícius Gonçalves. Uma vi(ra)da no sistema dos anos 60 aos 80: Caio Fernando de Abreu, mercado editorial e cultura de massa. **Darandina Revista Eletrônica**. v. 5, n. 2. Juiz de Fora: UFJF, 2012. Disponível em: <http://www.ufjf.br/darandina/files/2012/12/artigo_ViniciusGon%C3%A7alvesCarneiro.pdf> Acesso em: 16 jun. 2014.
- CASTANHEIRA, Cláudia. Escritoras brasileiras: percursos e percalços de uma árdua trajetória. **Revista Eletrônica Cadernos da Fael**. v. 3, n. 8. Rio de Janeiro, mai./ago. 2010, p. 8. Disponível em: <<http://perseu.unig2001.com.br/cadernosdafael/>> Acesso em: 24 jul. 2014.

CAVALCANTE, Ilane Ferreira. **Mulheres e letras - representações femininas e romances das décadas de 1960 e 1970**. Natal: IFRN, 2011.

CONCEIÇÃO, Gilmar Henrique da. O stalinismo e as suas subfamílias: Confluências e divergências com o Partido político de Tito. *Revista da Educação Educare et Educare*. V 3. Paraná, jan/jun. 2007.

CORTÊS, Iáris Ramalho. A trilha legislativa da mulher. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. [Org.] **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

COSTA, Maria Paula. **Entre o sonho e o consumo: as representações femininas na Revista Claudia (1961-1985)**. 2008. 234f. Tese de doutorado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Programa de pós-graduação em História e Sociedade. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Assis. 2009.

CUNHA, Helena Parente. O desafio da fala feminina ao falo falocêntrico. Aspectos da literatura de autoria feminina na ficção e na poesia dos anos 70 e 80 no Brasil. In: RAMALHO, Christina. [Org.] **Literatura e feminismo**. Propostas teóricas e reflexões teóricas, [s.l.], [s.n.], 1999.

CUNHA, Eneida Leal. Cartas do Mundo. In: FRAGA, Myrian; MEYER, Marlyse. [Org.] **Seminário Zélia Gattai: gênero e memória**. Salvador: FCJA; Museu Carlos Costa Pinto, 2002.

CUNHA, Maria de Fátima da. Homens e mulheres nos anos 1960/1970: um modelo definido? **História: questões & debates** – Gênero e história. v. 18, n. 34. Curitiba: Editora da UFPR, jan./jun. 2001.

DIÈGUES, Iara. Zélia Amado, um exemplo de mulher dedicada. **Caderno 2**. Alagoas, 15 mai. 1970.

DIMAS, Antonio. Jorge Amado e seus editores: Alfred Knopf e Alfredo Machado. **Revista USP**. n. 95. São Paulo: USP, set./out./nov. 2012, p. 72-126. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/52243/56280>> Acesso em: 15 nov. 2014.

.DOSSE, François. **O desafio biográfico – escrever uma vida**. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

EDITORA RECORD. **Histórico da editora**. Disponível em: <http://www.record.com.br/novidades_cada.asp?id_novidade=1186> Acesso em: 20 nov. 2014.

FANINI, Michele Asmar. **Fardos e fardões - mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003)**. 2009. 387f. Tese de doutorado. Programa de pós-graduação em Sociologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2009.

FERREIRA, Marieta de Moraes ; MESQUITA, Claudia. **Os anos JK no acervo da Biblioteca Nacional** .In: BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Brasiliana da Biblioteca Nacional-guia de fontes sobre o Brasil/Organização* Paulo Roberto Pereira. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Nova Fronteira, 2001. il., p.329-368. Disponível em:<http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1283.pdf>

FERREIRA, Muniz Gonçalves. O PCB e a organização do campo intelectual brasileira. In: *Intelectuais partidos: Os comunistas e as mídias no Brasil*. In: ROXO, Marco

FELICI, Isabelle. A verdadeira história da Colônia Cecília de Giovanni Rosi. *Cadernos Ael*, n. 8/9. Campinas, Unicamp, 1998, p. 9-61. Disponível em:

<http://segall.ifch.unicamp.br/publicações_ael/index.php/cadernos_ael/article/viewFile/104/110>. Acesso em 18 agos. 2015.

FRAGA, Myrian; MEYER, Marlyse. [Org.] **Seminário Zélia Gattai: gênero e memória**. Salvador: FCJA; Museu Carlos Costa Pinto, 2002

_____ Depoimento sobre a Fundação Casa de Jorge Amado. Disponível em: http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=24 . Acesso em: 12. Nov 2015.

FRANCO, Elver Sergio Ramirez. **El negocio de la memoria: Escritura y sujeto autobiográfico em la literatura de lengua Española (1970-2015)**. University of Pittsburgh Faculty of Arts and Sciences, 2005.

FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. **Cartas de fãs a Zélia Gattai**. Disponível em: <http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=24> Acesso em: 10 nov. 2014.

FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. **Catálogo arquivo fotográfico Zélia Gattai: volume 1 casa do Rio vermelho - a família**. Salvador: Casa de Palavras, 2011. 312 p., il. color. (Coleção Casa de Palavras. Série Acervo Zélia Gattai. Sub-série Catálogos. Disponível em: < <http://acervo.jorgeamado.org.br/item/207251313121>> Acesso em: 15 nov. 2015.

FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. **Catálogo arquivo fotográfico Zélia Gattai:** volume 2 casa do Rio vermelho - os amigos. Salvador: Casa de Palavras, 2012. 312 p. , il. color. (Coleção Casa de Palavras. Série Acervo Zélia Gattai. Subsérie Catálogos). ISBN 978-85-7278-128-2.

_____, *História*. Lisboa: Verbete da Enciclopédia Einaudi, v. 1 traduzida para o português pela imprensa nacional – Casa da Moeda, 1984, p. 158-260.

_____. Sobre a doação das fotografias para a Fundação Casa de Jorge Amado. Disponível em <

GAGNEBIN, Jeanne Marie . **Lembrar escrever esquecer**. 1. ed. São Paulo: Editora 34 Ltda., 2006.

_____, **Sete Aulas sobre Linguagem, Memória e História**. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GATTAI, Zélia. Discurso de Posse. Rio de Janeiro. 21 de maio de 2002. Disponível em:<<http://www.academia.org.br/academicos/zelia-gattai/discurso-de-posse>>Acesso em: 05 jan, 2015.

GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GRECCO, Priscila. Miraz de. Freitas. **Felizmente existem os restos: Sobras de Geraldo de Barros e a autobiografia através da fotografia**. *Domínios da Imagem*, v. 9, p. 105-116, 2011.

Disponível _____ em:
<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosdaimagem/article/view/23387>>. Acesso em: 03 agos 2015.

HERVOT, Brigitte Monique. Georges Gusdorf e a autobiografia. **Lettres Françaises**. v. 14. Araraquara: UNESP, 2013, p. 95-110.

HOHLFELDT, Antonio. **Seria o texto um auto-retrato da (re) leitura da autobiografia de Fernando de Fernando Gabeira**. In: REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. *Literatura Confessional e ficcionalidade*, 1997.

JOFFILY, Mariana. **O aparato repressivo: da arquitetura ao desmantelamento**. In: REIS, Daniel Araaão, RIDENTE, Marcelo; SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. [Org] *A ditadura que mudou o mundo – 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LACERDA, Lilian de. **Álbum de leitura: memórias de vida, histórias de leitoras**. São Paulo:UNESP, 2003.

LE GOFF, Jacques. Documento e monumento. In: **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990. Disponível em: <http://memorial.trt11.jus.br/wp-content/uploads/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf> Acesso: 07 abr. 2015.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

LUCA, Tania Regina de. **Imprensa feminina – a mulher em revista**. PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. [Org.] **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo, Contexto, 2012.

_____. Mulher em revista. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. [Org.] **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 447-468.

MAUÉS, FLAMARION . **Livros, editoras e oposição à ditadura**. Estudos Avançados (USP. Impresso), v. 28, p. 91-104, 2014.

_____. **Os livros de denúncia da tortura após o golpe militar**. Cadernos Cedem, v. 2, p. 47-59, 2011.

MELLO, Maria Schincariol de. Consagração ou desqualificação: Jorge Amado, Rachel de Queiroz e a Academia de Letras. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**. São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312837174_ARQUIVO_texto_anpuh_2011_08082011.pdf Acesso em: 12 out. 2014.

MUNIZ, Roberto. **Moção de pesar**. 2008, p. 01.

NASCIMENTO, Sandra. **Mulheres em movimento - memória da participação das mulheres nos movimentos pelas transformações das relações de gênero nos anos 1970 a 1980**. São Luís: EDUFMA, 2007.

NAVA, Pedro. **Baú de ossos**. São Paulo: Circulo do Livro, 1983.

_____. **Balão cativo: memórias 2**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

_____. **Beira Mar. 2. ed**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

_____. **Chão de ferro: memórias 3. 2. ed**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

- _____. Galo das trevas: memórias 5. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.
- _____. O círio perfeito: memórias 6. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- NORA, Pierre. "Entre memória e história. A problemática dos lugares". *Prog. História*, São Paulo, PUC-SP, (10): 7-29, 1993.
- OLIVEIRA, Júlia Glaciela da Silva. **União de mulheres de São Paulo: feminismo, violência de gênero e subjetividades**. 2013. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2013.
- OLMI, Alba. **Memória e memórias: dimensões e perspectivas da literatura memorialista**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.
- ORTIZ, Renato. **Revisitando o tempo dos militares**. In: REIS, Daniel Aarão, RIDENTE, Marcelo; SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. [Org] *A ditadura que mudou o mundo – 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- PEDRO, Joana Maria. O feminismo de “segunda onda”. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. [Org.] **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.
- PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de gênero e historia social. *Revista Estudos Feministas*. V. 17, n 1 Jan/ abr. Florianópolis. 2009.
- PIÑON, Nélica. Páginas de um coração inquieto. In: VASSALLO, Márcio. **Nos bastidores do mercado editorial: as entrevistas de maior repercussão no jornal Lector**. Belém: CEJUP, 1997.
- PORTELLA, Eduardo. **Discurso de recepção à acadêmica Zélia Gattai. Rio de Janeiro, 21 mai. 2002**. Disponível em:
<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=14735&sid=273> Acesso em: 16 jun. 2014.
- PRADO, Maria Ligia; FRANCO, Stella Scatena. Participação feminina no debate brasileiro. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. [Org.] **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.
- RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se - feminismos, escritas de si e invenções da subjetividade**. Campinas: [s.n], 2013. Disponível em:
 <http://www.mulheressocialistas.org.br/ent_det.asp?det=14> Acesso em: 15 set. 2013.

RAMALHO, Christina. Literatura e Feminismo. Propostas teóricas e reflexões críticas. In: SCHMIDT, Rita Therezinha [Org]. **Recortes de uma História: a construção de um fazer/saber**. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

RAMOS, Ana Rosa Neves. Zélia Gattai: a transformação da intimidade. In: FRAGA, Myrian; MEYER, Marlyse. [Org.] **Seminário Zélia Gattai: gênero e memória**. Salvador: FCJA; Museu Carlos Costa Pinto, 2002.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François et. al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

_____. **Dois livros censurados: Feliz ano novo e Zero**. . Revista Comunicação & Sociedade, v. 50, p. 149-161, 2008.

REIMÃO, Sandra. **Mercado editorial brasileiro**. São Paulo: ComArte, FAPESP, 1996.

_____. **“Proibo a publicação e circulação...” – Censura a livros na ditadura militar**. Estudos Avançados, vol 28, n. 80. Jan/Apr, 2014.

Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142014000100008>

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. Literatura confessional: espaço autobiográfico. In: _____ **Literatura confessional: autobiografia e ficcionalidade**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1997.

RESENDE, Pamela de Almeida. **Da abertura lenta, gradual e segura à anistia ampla, geral e irrestrita: a lógica do dissenso na transição para a democracia**. Revista Sul-Americana de Ciência Política, v. 2, p. 36, 2014.

_____. **En todas las dictaduras siempre hay espacios de resistencia frente a la opresión-. A atuação dos movimentos pela anistia e o controle e vigilância do regime civil-militar (1975-1983)**. Tempo e Argumento, v. 5, p. 207-233, 2013.

RIBEIRO, Jayme. **Os “combatentes da paz” – a participação dos comunistas brasileiros na campanha pela proibição das armas atômicas**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol 21, n. 42, jul-dez, 2008, p. 261-283.

RIDENTI, M. S. **Jorge Amado e seus camaradas no círculo comunista internacional**. Sociologia e Antropologia. Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ. n. 2. . Sociologia & Antropologia, v. 1, p. 165-194, 2011.

ROSCILLI, Antonella Rita. Zélia de Euá: rodeada de estrelas. Ilustração da capa: reprodução de desenho de Carybé do livro *Iconografia dos Deuses Africanos do Candomblé da Bahia*. Fotos do acervo da Fundação Casa de Jorge Amado. Tradução por Z. Costa. Salvador: Casa de Palavras, 2006. Disponível em:

ROSSINI, Tayza Nogueira. **Brasiliana** – Journal for Brazilian studies. v. 3, n. 1. jul. 2014. Disponível em: <<http://ojs.statsbiblioteket.dk/index.php/bras/article/view/16761/15491>> Acesso em: 23 dez. 2014.

SANTOS, Márcia Pereira. **História e memória: Desafios de uma relação teórica**. OPSIS, vol 7, n. 9, jul/dez, 2007. Disponível em: < <http://memorial.trt11.jus.br/wp-content/uploads/Dra.-M%C3%A1rcia-Santos-HM-desafios.pdf>>.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado, cultura e guinada subjetiva**. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Estudos Feministas**. v. 12, n. 2. Florianópolis. mai./ago. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000200003> Acesso em: 09 ago. 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Histórias que nunca terminam – Posfácio. In: GATTAI, Zélia. *Anarquistas graças a Deus*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SCOTT, Joan Wallach . Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*. Porto Alegre, Vol 20, n. 2, p. 71-99 , jul/dez, 1995.

SILVA, Anazildo Vasconcelos da. A lírica travestida: a voz feminina na poesia de Chico Buarque. In: RAMALHO, Christina. [Org.] **Literatura e feminismo**. Propostas teóricas e reflexões teóricas. [s.l.], [s.n.], 1999.

SILVA, Jacicarla Souza da. **Vozes femininas da poesia latino-americana** - Cecília e as poetisas uruguaias. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

SILVA, Tânia Maria Gomes. Um pouco mais sobre gênero. **NUPEM**. v. 6, n. 11. Campo Mourão: UNESPAR, jul./dez. 2014.

SILVA, Wilton C. L. . **Amélia Beviláqua que era mulher de verdade: a memória construída da esposa de Clóvis Beviláqua**. INTERthesis (Florianópolis), v. 11, p. 138-161, 2014.

_____. **Biografia: espaço de memória**. In: Congresso Brasileiro de Sociologia, 15., 2011, Curitiba. Anais... Curitiba: SBS, 2011. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/183374545/sbs2011-GT11-Wilton-C-L-Silva-pdf>>. Acesso em: 17 de fevereiro de 2015.

_____. **Quando a experiência acadêmica se transforma em experiência de escrita: memoriais acadêmicos como autobiografias**. p. 1-18. 2014.

_____. Rui Barbosa: mito, memória e esquecimento. Diálogos (Maringá. Impresso), v. 16, p. 1111-1135, 2012

_____. **Vida póstuma de um ilustre desconhecido: a construção biográfica de Clóvis Beviláqua (1859-1944)**. 2013, 457 p. Tese (Livre Docência em Métodos da Pesquisa Histórica) Faculdade de Ciências e Letras do Campus de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013.

SOARES, Ana Luiza Timm. **Inventando gênero: feminismo, imprensa e performatividades sociais na Rio Grande dos “Anos Loucos” (1919 a 1932)**. 2010. 161f. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em História. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2010.

SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público. In: DEL PRIORI, Mary; BASSANEZI, Carla. [Org.] **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002.

SOUZA, Licia Soares. Anarquistas, graças a Deus: do livro à minissérie. In: FRAGA, Myrian; MEYER, Marlyse. [Org.] **Seminário Zélia Gattai: gênero e memória**. Salvador: FCJA; Museu Carlos Costa Pinto, 2002.

SOUZA, Luana Soares. O eu (des) construído em Conta- Corrente I, de Vergílio Ferreira. In: REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. [Org]. Literatura Confessional – autobiografia e ficcionalidade. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1997.

TAPAJÓS, Renato. **“Insignificantes, esmagados pela enormidade da floresta, eles continuavam”**. In: FERREIRA, Jorge; Delgado, Lucila de Almeida Neves [Org]. O Brasil Republicano. O tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. 4 ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2010.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. **Entre o ser e o estar: o feminino no discurso literário**. Guarapuava: UNICENTRO, 2009.

_____ **Escrita de mulheres e a desconstrução do cânone literário na pós-modernidade: cenas paranaenses.** Guarapuava: UNICENTRO, 2008.

_____ **Letras transgressoras na escrita de autoria feminina:** Greta Benitz e as palavras em rotação. 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/windows%208/Downloads/8399-26837-1-PB.pdf> Acesso em: 20 out. 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. **Titulação Doutora Honoris Causa.** Disponível em: <<http://www1.uft.edu.br/index.php/component/search/?searchword=Zélia%20Gattai&searchphrase=all&Itemid=101>> Acesso em: 15 out. 2013.

VASSALLO, Márcio. **Nos bastidores do mercado editorial: as entrevistas de maior repercussão no jornal Lector.** Belém: CEJUP, 1997.

VILLAS BOAS, Sergio. **Biografismo Reflexões sobre as escritas da vida.** 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

ZANARDI, May Holmes. **Década de 70: Representação da mulher em três obras de autoria feminina.** 2004. Tese de doutorado. Programa de pós-graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada. Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. UNESP, Assis, 2004.